



Gabriela Gomes da Silva Costa

O que toca essa geração *touch*?
**Uma reflexão hipertextual sobre as novas práticas de
leitura e escrita na era digital**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Literatura, Cultura e
Contemporaneidade da PUC-Rio como
requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre.

Orientador: Prof. Eliana Lucia Madureira Yunes Garcia

Rio de Janeiro
Março de 2014



Gabriela Gomes da Silva Costa

O que toca essa geração *touch*?
**Uma reflexão hipertextual sobre as novas práticas de
leitura e escrita na era digital**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Eliana Lucia Madureira Yunes Garcia

Orientadora
Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Rosana Kohl Bines

Presidente
Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Jackeline Lima Farbiarz

Departamento de Artes Design – PUC-Rio

Profa. Eloiza da Silva Gomes de Oliveira

UERJ

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 28 de março de 2014.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Gabriela Gomes da Silva Costa

Graduou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1998. cursou Pós-graduação em Língua Portuguesa pela mesma universidade, em 1999. Atualmente, é consultora linguística na Fundação Getulio Vargas, FGV Projetos. Possui interesse nos seguintes temas: Políticas Públicas, Educação, Cultura, Literatura, Leitura, Escrita, Novas Tecnologias, Criatividade, Neurociência, Processos Cognitivos e Formação Humana e Autônoma.

Ficha Catalográfica

Costa, Gabriela Gomes da Silva

O que toca essa geração *touch?*: uma reflexão hipertextual sobre as novas práticas de leitura e escrita na era digital / Gabriela Gomes da Silva Costa ; orientadora: Eliana Lucia Madureira Yunes Garcia. – 2014.

259 f.: il. (color); 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2014.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Novas tecnologias da informação e comunicação (NTICs). 3. Geração touch. 4. Novas práticas de leitura e escrita. 5. Hipertexto. 6. Literatura. 7. Convergência das mídias. I. Garcia, Eliana Lucia Madureira Yunes. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 800

Dedico à minha mãe, Lili Gomes, que com
fios de ternura teceu-me a vida; e a minha
filha, Ana Clara, que dará continuidade a essa
história.

Agradecimentos

“A boca fala do que o coração está cheio”. Gratidão é a palavra que transborda em meu coração. Sou grata...

A Deus por ter me ajudado até aqui, um sonho que vivi muitas vezes e que agora ele me inspira a criar. Sem ele, nada do que foi feito se fez.

Aos meus amados pais, Lili Gomes e Carlos Alberto, meu suporte, meu porto seguro.

Ao meu marido, Flavio Costa, e filha, Ana Clara, por sua infinita compreensão pelas horas roubadas, cumplicidade, na alegria e na tristeza, pelo amor em todo tempo.

Aos meus queridos irmãos Andreia Gomes e Daniel Trevenzoli, que mesmo de longe se fizeram presentes.

À minha amada orientadora, Eliana Yunes, cujo exemplo de ética, moral e humanidade imprimiram em mim um conhecimento que vai muito além da aquisição de saberes, uma lição pra toda a vida.

À acolhedora Cátedra Unesco de Leitura, na presença de todos que ali se dedicam.

Às queridas professoras da PUC-Rio, Rosana Kohl Bines e Eneida Leal Cunha, com quem aprendi a repensar o concluído, a abrir janelas, derrubar e levantar paredes, e nesse percurso com tantos acidentes, a mudar de rota, sem medo.

Às companheiras de percurso, alunas do mestrado da PUC-Rio, Alessa Dias, Marcela Carvalho, Maria de Lourdes, Thays Bartolazzi e Vera da Silva, quer pelos fios do texto ou por nós da rede, cada uma de forma especial compõe essa trama.

À secretária da pós-graduação do programa de Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio, Dani, sempre solícita.

Aos amigos do PPFH-UERJ, Renata Gomes, Tatiana Bucowitz e Jane Quelhas, pela amizade e motivação na pesquisa.

Às professoras que compõem a banca, Eliana Yunes, Eloiza Oliveira, Jackeline Farbiarz, Eneida Cunha, pela generosidade de cada uma em acrescentar a este trabalho sua experiência.

Aos amigos da FGV, Melina Bandeira, Manuela Fantinato, Janaína Fernandes, Zulmira Speridião, Letícia Nogueira e Pedro Gangemi, pelas intensas trocas e aprendizado.

Aos adolescentes que participaram da pesquisa, por fazerem parte desta história.

À Estação das Letras, na presença marcante das amigas escritoras, Juliana Cardoso, Ana Letícia Leal, Márcia Cristina e Edna Bueno, pelas gargalhadas e poesia, sempre.

Às queridas amigas, Janaína Nascimento, Eda Henriques, Lúcia Marcatti e Eliane Anderson, pelo incentivo e auxílio na pesquisa.

À Biblioteca Central da PUC-RJ e aos amigos das redes sociais, blogs, comunidades de leitores, que compartilharam experiências, livros, leituras e sonhos.

À PUC-Rio pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

A todas as pessoas e palavras que de uma forma ou de outra iluminaram o meu caminho, toda a minha gratidão.

Cada pessoa que passa em nossa vida, passa sozinha, é porque cada pessoa é única e nenhuma substitui a outra! Cada pessoa que passa em nossa vida passa sozinha e não nos deixa só, porque deixa um pouco de si e leva um pouquinho de nós. Essa é a mais bela responsabilidade da vida e a prova de que as pessoas não se encontram por acaso.
(Charles Chaplin)

Resumo

Costa, Gabriela Gomes da Silva; Garcia, Eliana Lucia M. Yunes (Orientadora). **O que toca essa geração touch?: uma reflexão hipertextual sobre as novas práticas de leitura e escrita na era digital.** Rio de Janeiro, 2014. 259 p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

As Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) estão incorporadas no cotidiano da geração digital Web 2.0, que, segundo especialistas, é a que mais lê e escreve, prática originalmente reconhecida por "escreitura". Esta pesquisa, no esforço de compreender o que *toca essa geração touch*, investiga, por meio de teóricos, filósofos e poetas, como também pela análise dos diários de bordo, pesquisa eletrônica e relatos casuais, como se dão as novas práticas de leitura e escrita de adolescentes situados na faixa etária de 11 a 14 anos, período em que se constata um crescente desinteresse pela leitura literária. Considerando a internet a convergência das mídias e o *locus* destas novas práticas, cujo núcleo é o hipertexto, o desafio se dá em observar o ato comunicativo neste ciberespaço, lugar de múltiplas e quase indistinguíveis falas, e averiguar como se dá a experiência com a literatura nesse contexto. A pluralidade de saberes que circulam fora da escola, que antes era a única legitimadora do saber, constitui um dos maiores desafios do mundo da comunicação à contemporaneidade. O estudo sobre os novos modos de ler e escrever é, sobretudo, uma proposta de reflexão sobre teoria e prática, nos conscientizando continuamente de que a transformação nos modos de circulação do saber é uma das mais profundas transformações que pode sofrer uma sociedade. Como diria o poeta, isso exige *um estudo profundo, uma aprendizagem de desaprender*.

Palavras-Chave

Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs); Geração *Touch*; Novas Práticas de Leitura e Escrita; Hipertexto; Literatura; Convergência das Mídias.

Abstract

Costa, Gabriela Gomes da Silva; Garcia, Eliana Lucia M. Yunes (Advisor). **What touches this generation touch?: an hypertextual reflection on new practices of reading and writing in digital age.** Rio de Janeiro, 2014. 259 p. MSc. Dissertation - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The New Information and Communication Technologies (ICTs) are incorporated into the daily life of digital web 2.0 generation, which, according to experts, is the one that reads and writes more; a practice originally acknowledged as "escrileitura"/ "writereading". In an effort to understand what touches this generation *touch* this research investigates, by means of theoreticians, philosophers and poets, as well as by the analysis of logbooks, electronic survey and casual reports, how the new practices of writing and reading of adolescents in the age range of 11 to 14; a period in which a growing lack of interest for literary reading is evident. If we consider the internet as the convergence of the medias and the *locus* of these new practices whose core is the hypertext, then the challenge is to observe the communicative act in this cyberspace; a place of multiple and almost indistinguishable speeches; and investigate how the experience with the literature happens in that context. The plurality of knowledge that circulates outside school, which was once the only authenticator of knowledge, constitutes one of the greatest challenges of the world of communication to contemporaneity. The study on new ways of reading and writing is, above all, a proposal to reflection on its theory and practice, making us continually conscientious that the transformation in which knowledge circulates is one of the deepest transformation that a society can go through. As the poet would say: this requires *an in-depth study, a learning of unlearning*.

Keywords

New Technology of Information and Communications (NTICs); Generation Touch; New practices of Reading and Writing; Hypertext; Literature and Convergence of Medias.

Imaginemos, numa biblioteca oriental, certa lâmina pintada há séculos. Talvez seja árabe, e nos dizem que nela estão figuradas todas as fábulas das Mil e Uma Noites; talvez seja chinesa, e sabemos que ilustra algum romance com centenas ou milhares de personagens. No tumulto de suas formas, alguma - uma árvore semelhante a um cone invertido, mesquitas de cor avermelhada sobre uma muralha de ferro - desperta-nos a atenção, e dessa passamos a outras. Declina o dia, fatiga-se a luz e, à medida que nos internamos na gravura, compreendemos que não há coisa na terra que não esteja aí. O que foi, o que é e o que será, a história do passado e a do futuro, as coisas que tive e as que terei, tudo isso nos espera em algum lugar desse labirinto tranquilo... Fantasiei uma obra mágica, uma lâmina que também fosse um microcosmo; o poema de Dante é essa lâmina de âmbito universal.

Jorge Luis Borges

Sumário

1. Introdução	12
2. Minha experiência de leitura.....	11
3. O hipertexto e seus labirintos na era digital.....	50
3.1 Seria a hiperleitura uma nova relação com o saber ou superficialização da leitura?	69
3.2 Navegadores-leitores no mar de possibilidades mil	78
3.3. Uma experiência de escrita coletiva digital na Escola	90
4. Facebook - uma leitura de nós	94
4.1 Redes que se cruzam em nós – diferenças e semelhanças	98
4.2 O Reconhecimento: da lógica da reciprocidade à inteligência coletiva	115
5. A literatura no pavilhão de espelhos	122
6. Os cinco sentidos da geração <i>touch</i>	160
6.1 Nas raias da interatividade	1700
7. Considerações sem fim....	175
8. Referências bibliográficas e eletrônicas	207
Anexos	213

1.

INTRODUÇÃO

TRAVESSIAS

É difícil iniciar uma escrita pelo título, como regra deveria mesmo ser o último a entrar no texto. Mas nesse caso específico, em que há uma ligeira pressão para escrever, e um desejo profundo de não decepcionar minha professora, confesso que o título caiu como uma luva.

Nada original, reconheço. Tem cara de letra de música, coletânea de poesias, título de revista acadêmica, quase nome de livraria. Um cola-tudo-sem-fim, a la Bojunga¹, sendo o assunto a tratar o que menos importa, travessias tem sempre o seu lugar.

Mais do que o tema sugere, que a meu ver dá panos pra manga, sempre me encantei com a música, imagens e cores das palavras. Nunca me esqueço dos elogios que recebia das professoras por decorar textos enormes para peças de teatro, jograis e ensaios para o mês dedicado ao folclore brasileiro. Lembro da minha mãe me falando que eu conseguia contar histórias inteiras sem desafinar no ritmo dos pontos. Já ao estudar línguas estrangeiras, os professores frequentemente me falavam: - você tem uma memória auditiva muito boa, e deve aproveitar esse dom!

De alguma maneira, percebia isso na forma como aprendia as coisas, lembrava da música dos textos e podia repeti-los na íntegra depois de passados muitos anos. Bem, o fato é que ao pensar em travessias queria mesmo era falar de viagens e ponto. Mas imediatamente me pego viajando na própria palavra cantada. A análise dos sons que percebo nas partes que formam Travessias ilumina o meu caminho em impressões que se traduzem em sons, imagens e cores. Começando pelo *TRA* me transporto para uma embarcação cinza-chumbo que anseia por entrar em um trajeto, mas que encontra dificuldades nesse primeiro contato, lugar que trepida com um forte atrito que se prolonga no *VERde-capim-aveludado*, momento em que atravesso e sou traspassada. Acredito que todo o conhecimento se dê muito mais pelo impacto, pelo atrito, pela ruptura do que pela continuidade, pela repetição.

SSIIIIII...AS. É nas vozes do *SI*-lêncio onde navego por um longo tempo, este é um lugar de trocas, de ouvir e ser ouvida, de sussurros, porto de encontro. A embarcação prossegue viagem deslizando por um lindo-firme-tapete-azul. Finalmente, estou no mar

¹Muitas pessoas não entendem o porquê desta referência a Lygia Bojunga. Nesta oficina de escrita, realizada na Estação das Letras, eu estava lendo o livro da autora, cujo título é *Feito à Mão*, no qual ela utiliza bastante esse recurso estilístico de hifenizar as palavras, dando um novo ritmo às palavras, produzindo uma nova imagem, um novo sentido.

aberto do AS, ali experimento o deleite da brisa batendo no rosto e o calor suave do sol, uma sensação que ora se traduz em liberdade e satisfação por fechar um ciclo, como se agora ficasse à espera do próximo TRA; ora desvela um quase-pedido-de-socorro, pois, sem rotas e sem rumo, acabo muitas vezes perdida, desistindo da viagem para iniciar outros percursos.

A escrita também se dá assim, o que parece fim é apenas o começo, isso quando o começo não tem cara de fim, é um tira daqui põe ali, corta, costura, conserta, uma busca quase obsessiva pela palavra perfeita. Isso sem contar todos os outros acidentes de percurso, pelos quais inevitavelmente temos que passar. Esta parte aqui, decidi chamá-la de prefácio. Por quê? Achei com cara de prefácio, de introdução, e inspirada nela consegui escrever pelo menos um capítulo. Se haverá mais capítulos? Nunca sei onde essa viagem vai dar. Até aqui, suspirei ASliviada, acho que consegui fechar este ciclo, e partir, quem sabe, para novos desafios. Travessias é, antes de tudo, uma experiência de observar o “mundo”. Minha devoção às palavras vem desta leitura, que para mim só faz sentido na escrita, foi escrevendo que eu me descobri no mundo, e, entre outras descobertas, pude observar que nem sempre as rotas traçam as travessias, mas, na contramão, são traçadas por elas.

Gabriela Costa (Estação das Letras/RJ, setembro de 2012)

Manual de Navegação

Neste trabalho, todas as palavras ou frases sublinhadas são hipertextos. Na versão impressa, estes hipertextos são reproduzidos encabeçando a página seguinte, que sempre terá a cor verde, indicando assim que não faz parte do texto central. Cabe ao leitor decidir se irá ler o hipertexto nas páginas verdes, ou se dará prosseguimento à leitura central, pulando, assim, as páginas verdes que correspondem ao hipertexto.

Na versão digital, o final do hipertexto é indicado pela palavra FIM.

Observe: Na pág. 11, o hipertexto é **A Experiência de Leitura**. O leitor decide se irá lê-lo na pág.12, que inicia com o mesmo hipertexto **A Experiência de Leitura**, ou se dará continuidade à leitura do texto central na página 14.

Todos os títulos apresentam nota de rodapé, em que se apresenta um breve resumo sobre cada capítulo/hiperlink.

Boa leitura!

2. MINHA EXPERIÊNCIA DE LEITURA²



“A mim me parece importante recuperar a categoria de experiência para o pensamento e para a formação. E ainda que seja uma categoria extremamente ampla que não só se refere à leitura, tem na leitura um dos seus lugares paradigmáticos. [...] *Ex-per-ientia* significa sair para fora e passar através de [...] O saber da experiência ensina “a viver humanamente...” e não se confunde com o experimento de verdades objetivas que permaneceram externas ao homem. Jorge Larossa – **A Experiência de Leitura**

Travessias foi escrito no primeiro dia de aula de uma oficina de escrita em meio ao curso de mestrado, quando diante dos trabalhos acadêmicos (que nem sempre se ajustam à pesquisa desenvolvida e, além disso, devem ser entregues nos prazos mais incabíveis para uma produção acadêmica de qualidade), vi-me sem o desejo de escrever.

Para sair da inércia e produzir um esforço³ de escrita que trouxesse como retorno o prazer em ler, fui desafiada naquela oficina a enfrentar a folha em branco, sem sugestões de temas, nem as tais 10 dicas pra se escrever um bom texto. Bem, e agora? Exatamente um ano se passou, e já não são mais os trabalhos que me atormentam, mas a própria dissertação de mestrado. Ei-la diante de mim, vejo-me novamente diante da folha em branco, muitas leituras completas, outras por fazer, muitas que sempre vou achar que deveriam estar presentes no texto, mas não foi possível inseri-las, e ainda aquelas que são atraídas ao texto e ficam a

² Minha experiência de leitura conta a história, utilizando-se de metalinguagem, dos meus percursos antes de chegar a esta dissertação, o que me motivou a desenvolvê-la, a metodologia utilizada, a pesquisa de campo, as questões e objetivos da pesquisa, como também os temas a serem tratados em outros hiperlinks. Trata-se também da importância de se ampliar o conceito de leitura, considerando a hipermídia a representação do mundo. A obra de Ítalo Calvino “Se um viajante numa noite de inverno” que compõe um metatexto, como esta dissertação, vem nos auxiliar na consistência da escrita, trazendo uma inextricável ligação do hipertexto com a literatura.

³ Nesse momento, veio-me à memória aquela frase do poeta francês Paul Valéry “O que é escrito sem esforço, é lido sem prazer”. Às vezes precisamos arar a terra, nem sempre a escrita é fluida, mas o prazer da leitura certamente valerá todo esforço. Vamos em frente!

A Experiência de Leitura

O experimento de verdades objetivas associa constantemente a experiência ao ter e não ao ser, ao viver humanamente. No processo de seleção da Volkswagen do Brasil, os candidatos deveriam responder à seguinte pergunta: 'Você tem experiência'?

A redação abaixo foi desenvolvida por um dos candidatos. Ele foi aprovado e com certeza será sempre lembrado por sua criatividade, sua poesia, e acima de tudo por sua alma.

Já fiz cosquinha na minha irmã pra ela parar de chorar,

Já me queimei brincando com vela.

Eu já fiz bola de chiclete e melequei todo o rosto,

Já conversei com o espelho, e até já brinquei de ser bruxo.

Já quis ser astronauta, violonista, mágico, caçador e trapezista.

Já me escondi atrás da cortina e esqueci os pés pra fora.

Já passei trote por telefone.

Já tomei banho de chuva e acabei me viciando.

Já roubei beijo. Já confundi sentimentos.

Já peguei atalho errado e continuo andando pelo desconhecido.

Já raspei o fundo da panela de arroz carreteiro,

Já me cortei fazendo a barba apressado, já chorei ouvindo música no ônibus.

Já tentei esquecer algumas pessoas, mas descobri que essas são as mais difíceis de se esquecer.

Já subi escondido no telhado pra tentar pegar estrelas,

Já subi em árvore pra roubar fruta. Já caí da escada de bunda.

Já fiz juras eternas,

Já escrevi no muro da escola,
Já chorei sentado no chão do banheiro,
Já fugi de casa pra sempre, e voltei no outro instante.
Já corri pra não deixar alguém chorando.
Já fiquei sozinho no meio de mil pessoas, sentindo falta de uma só.
Já vi pôr-do-sol cor-de-rosa e alaranjado,
Já me joguei na piscina sem vontade de voltar,
Já bebi uísque até sentir dormentes os meus lábios,
Já olhei a cidade de cima e mesmo assim não encontrei meu lugar.
Já senti medo do escuro, já tremi de nervoso,
Já quase morri de amor, mas renasci novamente pra ver o sorriso de alguém especial.
Já acordei no meio da noite e fiquei com medo de levantar.
Já apostei em correr descalço na rua.
Já gritei de felicidade.
Já roubei rosas num enorme jardim.
Já me apaixonei e achei que era para sempre, mas sempre era um 'para sempre' pela metade.
Já deitei na grama de madrugada e vi a Lua virar Sol.
Já chorei por ver amigos partindo, mas descobri que logo chegam novos, e a vida é mesmo um ir e vir sem razão.
Foram tantas coisas feitas, momentos fotografados pelas lentes da emoção, guardados num baú, chamado coração.

E agora um formulário me interroga, me encosta na parede e grita: 'Qual sua experiência?'.

Essa pergunta ecoa no meu cérebro: experiência...experiência...

Será que ser 'plantador de sorrisos' é uma boa experiência?

Sonhos!!! Talvez eles não saibam ainda colher sonhos!

Agora gostaria de indagar uma pequena coisa para quem formulou esta pergunta: Experiência? 'Quem a tem, se a todo o momento tudo se renova?'. (FIM)

me dizer: - você não pode deixar de me incluir, grife aqui⁴, anote mais este trecho, transcreva as referências, você vai precisar de mim mais tarde. Nesse caso, tenho o tema e, certamente, muita coisa a dizer e a ouvir também. No entanto, os fantasmas são outros, qual o melhor começo? Que estrutura darei a esta dissertação? Tenho tanto material de pesquisa interessante, o que devo cortar? O que priorizar? E como é difícil mutilar aquilo que foi escrito com esforço, mas Compagnon já dizia, escrevem-se umas 80 mil páginas para se obter 800. Em suma: na escrita, a prática do desapego também é necessária.

Em 2009, comecei o estudo de temas relacionados à vida digital no grupo de pesquisa de pós-graduação PPFH – Políticas Públicas e Formação Humana da UERJ. No entanto, o interesse pelo assunto é bem anterior à atividade acadêmica de pesquisa, uma das influências certamente deve-se a minha prática docente e discente nos programas de Educação a Distância do CEDERJ e da Fundação Getúlio Vargas, o FGV Online.

Nessas experiências, tive uma vivência intensa com o universo da educação on-line, do e-learning, das novas tecnologias da informação e comunicação e mídias disponíveis nos ambientes virtuais de aprendizagem - AVAS⁵. Nesse percurso, o meu olhar continuamente estava sobre uma prática docente humanista, na relação que estabelecemos com a linguagem e com as novas tecnologias aplicadas à educação, num esforço de compreender tanto as mediações quanto os meios. O fato é que as mudanças aceleradas provocadas pelas tecnologias nos convidam a uma nova realidade social digna de constantes leituras.

Se consideramos a vida composta por fragmentos de textos, uma história que se narra, como diria Guimarães Rosa “A vida também é para ser lida. Não literalmente, mas no seu suprasenso”⁶, acredito que a minha pesquisa não

⁴ “O grifo na leitura é a prova preliminar da citação (e da escrita), uma localização visual, material, que institui o direito do meu olhar sobre o texto. Tal como um reconhecimento militar, o grifo coloca marcas, localizadores sobrecarregados de sentido, ou de valor; ele superpõe ao texto uma nova pontuação, feita ao ritmo da minha leitura: são os pontilhados sobre os quais mais tarde farei recortes.” O trabalho da citação. Antoine Compagnon. Tradução de Cleonice P.B. Mourão. Belo Horizonte: editora UFMG, 1996, p. 19.

⁵ AVAs – Ambientes Virtuais de Aprendizagem: espaços multimídias na internet cujas ferramentas e estratégias visam propiciar um processo de aprendizagem baseado predominantemente na interação entre os participantes, incentivando o trabalho cooperativo.

⁶ Rosa, João Guimarães. Grande Sertão: veredas. 19ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

advenha apenas da prática do magistério, da experiência em ambientes virtuais, mas de questões que precedem estes saberes.

Minha relação com os livros é uma herança dos meus pais: mãe, leitora da vida, e pai, colecionador de livros, tracei o meu próprio caminho. Desde cedo, descobri-me apaixonada pelos livros, e depois da minha casa, a escola era o lugar onde poderia ficar mais tempo com eles, mesmo quando não entendia a relação dos conteúdos ensinados com a vida, ainda assim a escola era onde eu queria estar. Cresci com muitas questões que não foram respondidas, e até o final do ciclo escolar ainda me perguntava: pra que servirá este conhecimento? como vou aplicar isto? O que certamente reflete a necessidade que temos de relacionar a leitura com a vida. Atualmente, encontro alunos que, como eu, ainda se fazem as mesmas perguntas, mas, ao contrário de mim, para estes a escola não é mais a única legitimadora do saber. Por certo, há atualmente uma circulação de saberes que acontece fora da escola de uma forma muito mais evidente.

A devoção às palavras era o que, no entanto, pulsava em mim o desejo de me dedicar à Literatura. Ao ingressar na graduação de Letras, entendi que havia feito a escolha certa, mas a caminhada ainda seria longa, entre os estudos da linguagem, linguística aplicada, análise do discurso, o ensino de português para estrangeiros, área em que atuei por anos, lá estava a literatura, nas entrelinhas, de uma forma ou de outra sempre presente. Foi um caminho árduo, mas valeu à pena a travessia, entendi que o afastamento da literatura se deu pela sobrecarga imposta pelas teorias da literatura que, convertidas em uma literatura da teoria, rejeitavam a teoria presente na vida, nas coisas simples, na própria literatura, onde já não se percebe o lugar do teórico e o lugar do poeta.

Em 2011, após um longo período atuando na educação on-line, imersa em um mundo novo, que me desafiou a rever as relações dos sujeitos da práxis pedagógica, professor e aluno, decidi retornar à sala de aula disposta a compartilhar o prazer pelo texto nas aulas de redação com os alunos do 1º ano do ensino médio. Encontrei uma escola não diferente da minha época, mas com alunos novos, questões antigas e muitas outras que vigoram em uma escola estagnada, fora do seu tempo, com desafios ainda maiores.

Com o objetivo de estabelecer critérios de avaliação para produções textuais daqueles alunos, recém-ingressos no ensino médio, foi solicitado aos docentes da disciplina de redação que desenvolvessem grades de correção com base nos

critérios de avaliação adotados nos exames de ingresso à universidade, a fim de tornar a correção das produções textuais “mais clara” aos alunos. Entre os vários itens elencados para compor a grade, dois deles me chamaram bastante atenção, são eles: originalidade e criatividade. Por entender que, textualmente, esses itens só poderiam ser diferenciados por uma análise dos processos cognitivos, sugeri à equipe reduzi-lo à criatividade. Na análise de 960 redações, apenas duas foram pontuadas no item criatividade.

É evidente que a criatividade está imersa no campo da subjetividade e evoca de forma mais intensa o recurso da intertextualidade, que se associa diretamente ao conhecimento acumulado, o que invariavelmente nos remete à leitura – uma ferramenta que amplia o conhecimento de mundo e o repertório cultural de um indivíduo.

Não desconectado dos aspectos linguísticos e cognitivos, há ainda outro fator que nos chama a atenção: os alunos, cujas redações foram avaliadas, são todos integrantes da geração digital, ávidos por tecnologias, internautas compulsivos, bombardeados por informações diversas e fragmentadas, no entanto sem uma formação que conduza à autonomia do pensamento. É certo que há muito ainda a apreender dessa profusão tecnológica em que estamos imersos, e muitos são os desafios que interferem na navegação, que resulta muitas vezes em um total naufrágio informacional.

As características dessa instituição privada de ensino tradicional, onde tive essa experiência, não diferem das identificadas em tantas outras instituições de ensino brasileiras, que, constatando novas competências de aprendizagem dessa geração digital, tentam migrar de uma **educação 1.0 para uma educação 2.0**. Entretanto, denota-se um esforço sobrecomum de adaptação de conteúdos, dando-lhes “novas” formas, o que na aparência garante o brilho do verniz de modernidade.

No primeiro dia de aula, não foi difícil perceber que os alunos de fato não eram mais os mesmos da minha época escolar, percebi que a atenção seria o ativo de maior valor a conquistar, tecnófilos e certamente muito mais informados e engajados em causas políticas e sociais, ali estava uma geração diferente, precisava lê-los. Nada de expô-los a textos muito longos, recomendar novas

educação 1.0 para uma educação 2.0

Seguem abaixo algumas particularidades quanto à classificação dada à web e à educação. Atualmente, estamos na transição da web 2.0 para a web 3.0. Quanto à educação, tentamos ainda migrar de uma educação 1.0 para a educação 2.0.

Web 1.0 - Anos 90

A grande biblioteca digital. Web 1.0 foi a primeira geração de internet comercial. Seu grande trunfo era a quantidade de informações disponíveis. Contudo, o conteúdo era pouco interativo. O papel do usuário era de espectador da ação que se passava na página que ele visitava. Além disso, o usuário não tinha autorização para alterar seu conteúdo. Os hiperlinks já existiam, contudo era só um espaço de leitura.

Web 2.0

A construção coletiva do conhecimento. A essência da Web 2.0 é permitir que os usuários sejam mais que meros espectadores, mas parte do espetáculo. Os melhores sites são ferramentas para que os internautas gerem conteúdo, criem comunidades e interajam. Alguns, como a Wikipedia, possibilitam a construção coletiva do conhecimento. A internet ficou participativa, contudo é difícil lidar com o excesso de informação inútil.

Web 3.0

Programas interpretam nossas preferências e nos ajudam a navegar. Ainda não é clara a fronteira para a Web 3.0. Mas algumas pessoas a entendem como um conjunto de tecnologias com formas mais eficientes para ajudar os computadores a organizar e analisar a informação disponível na rede. Essas ferramentas podem ajudar as pessoas na hora de decidir por um pacote de viagens ou para avaliar opções de investimento financeiro. É possível analisar muito mais informações com menos trabalho e resultados mais precisos. O cientista inglês Tim Berners-

Lee criou a web em 1991. Agora, ele lidera um grupo de pesquisadores que quer reinventar a internet. O objetivo é criar a web 3.0, ou web semântica.

Educação 1.0

Uma dos conceitos centrais na Educação 1.0 é que ela vê o indivíduo como alguém que precisa ser preenchido com "conhecimento", os professores como pessoas que têm "conteúdo" e que podem encher os alunos com ele.

Educação 2.0

De um lado, a plataforma Web 2.0 com sua diversidade de recursos (colaboração, redes sociais, recursos audiovisuais), de outro alguém que atue, efetivamente, como um agente na construção de conhecimentos.

Pensar 2.0 é acreditar na educação sem distância e no mundo web como possibilidade de total apoio ao aprendizado requerido nesse início de século.

Educação 3.0

Jim Lengel, professor da Universidade de Nova York, cita as principais características de uma Educação 3.0:

Estudantes trabalham em problemas que valem a pena ser resolvidos (problemas que afetam a comunidade onde vivem); Estudantes e professores trabalham de forma colaborativa; Os alunos desenvolvem pesquisas auto direcionadas; Estudantes aprendem a como contar uma boa história; Estudantes aplicam ferramentas adequadas para cada tarefa; Estudantes aprendem a ser curiosos e criativos. (FIM)

leituras?! De jeito nenhum! – Gabriela, a professora de literatura já passou três livros para o ano inteiro! Já não são suficientes?!, deliberavam eles.

Ok. Utilizemos alguns fragmentos de textos para reflexão. As discussões eram sempre acaloradas, que, na minha opinião, é um reflexo da hiperinformação, enfim, de uma sociedade em rede. Contudo, precisava avaliar como estes mesmos adolescentes se saíam na escrita.

O resultado insatisfatório das produções textuais revelou um esvaziamento da forma, mas, sobretudo, do conteúdo. Nessa análise, ficou muito evidente que existia uma lacuna enorme no repertório literário daqueles alunos. A partir de então, minha atenção se voltou para os anos anteriores de formação, quando identifiquei em conversas com alunos, professores e a bibliotecária do colégio que aquele período escolar correspondia à fase crítica de desinteresse pela leitura literária, fato corroborado por pesquisas acadêmicas. Diferentemente do que ocorre no primeiro ciclo do ensino fundamental, período em que ainda se vê o interesse pela contação de histórias, leituras de livros impressos (até mais do que o livro digital), ou seja, há um contato muito mais intenso com a literatura. Neste período, o hábito de leitura está continuamente associado ao prazer. Já entre os alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, verifica-se um desinteresse crescente pela leitura literária, pois a atividade torna-se mecânica, visto que a leitura, antes aliada ao prazer, agora está sempre atrelada a finalidades pedagógicas, como afirma Villardi (1997, p.4):

(...) à medida que os alunos avançam na escolaridade, menor a ligação que têm com a leitura, como se os procedimentos pedagógicos adotados, ao invés de aproximar os estudantes, fossem, aos poucos, afastando-os dos livros, criando entre eles uma relação de enfado e desinteresse.

A meu ver, há um agravante neste cenário que vitimiza aluno, professor e a escola. Convencionou-se que os alunos de ensino médio têm que obrigatoriamente ler os *top ten* da lista de leituras recomendadas na preparação para o Enem, além de ter em mente aquelas dicas imprescindíveis para se escrever uma boa redação. Os professores, por sua vez, tornam-se especialistas em concursos, e exímios técnicos de redação do Enem, respaldados pelas pesquisas que consagram a

redação como responsável pelo maior índice de reprovação em concursos. Quanto a este assunto, um aluno interrompe a aula: – Professora, é verdade que para a redação ser aprovada no Enem bastam 5 linhas escritas? (pergunta de um aluno em sala de aula). E, por fim, a escola massifica as regras, técnicas e leituras obrigatórias para não despencar nos *rankings* do Enem.

Esse ciclo vicioso transforma os elogios que cultivei à escola durante toda a minha vida em elegia. A escola cujo foco está na avaliação, nos resultados em exames nacionais sobrepõe o exercício à experiência, dissociando o saber-fazer do saber-ser. Observe a resposta da aluna Maria Luiza (14 anos, 9º ano) no formulário de pesquisa na questão 13:

13. Quais as atividades realizadas no seu ano escolar que envolvem leitura e escrita de textos? Algumas dessas atividades te incentivaram a ler mais ou a escrever mais?

Texto de resposta, respostas: 16x, Não respondido: 0x

- Em minha escola, temos uma lista de livros de leitura obrigatória. Em geral, os escolhidos não agradam muito aos estudantes, mas eu procuro ser flexível e aprender a gostar de todos os estilos. Tento não pensar neles como obrigação, e sim como curiosidade de conhecer outras realidades da literatura. Mensalmente realizamos produções textuais, com as quais me sinto limitada. Entendo que precisamos ser preparados para as redações de vestibulares, mas é frustrante não poder expor certas opiniões e me contentar com um número máximo de linhas a serem escritas. Perdoe-me a expressão, mas considero uma castração.

Livros de leitura obrigatória. Estas três palavras se repetem em muitas respostas. O modelo pedagógico tradicional com frequência assegura ao livro o conceito de qualidade na educação, e classifica como anátema o mundo audiovisual, atribuindo a este frivolidade, alienação e manipulação. O filósofo Jesus Martín-Barbero (2000, p.128) cita uma pesquisa realizada, na Universidad del Valle, em Cali, na Colômbia, sobre hábitos de leitura e usos sociais da televisão, em que a maioria dos entrevistados, de todas as classes sociais, associa o livro ao dever escolar. Ou seja, terminado o período escolar na vida das pessoas, o livro não teria mais função.

A fala da aluna que se esforça para ler livros que não lhe agradam, e obedecer regras para a escrita que a limitam em sua criatividade, se reproduz na fala do filósofo, que em outras palavras traz o mesmo tom:

Nossas escolas não estão sendo um espaço no qual a leitura seja um meio de criatividade e prazer, mas sim um espaço no qual leitura e escrita se associam à tarefa obrigatória e chata. Castradora, inclusive.
(MARTÍN-BARBERO, 2000, p.128)

Os livros não serão extintos, nunca se publicou tanto, nunca se leu tanto, e livros continuarão sendo produzidos em mídias variadas. O problema está em saber se a escola será capaz de ensinar a ler livros não só como ponto de chegada, mas também como ponto de partida⁷ para outra alfabetização, a das multimídias. Isso significa que a escola está formando o cidadão que não só sabe ler livros, mas noticiários televisivos e hipertextos eletrônicos, de forma que o cidadão perceba mecanismos de manipulação e tenha autonomia para buscar a informação.

Essa dissonância entre escrita e leitura que deflagrou o meu interesse pela investigação das novas práticas de leitura e escrita da geração digital, denominada geração 2.0, a que mais lê e escreve, composta por adolescentes e jovens originalmente reconhecidos por escredutores⁸.

Sabe-se que com a digitalização de conteúdo, primeiramente via internet, depois pelos e-books, a disponibilização da leitura vem mudando continuamente seu formato, e ganha o seu ponto mais alto na atual geração através dos netbooks, tablets, celulares entre outros dispositivos móveis. Os textos, portanto, deixam de ser apenas um conteúdo digitalizado, mas às novas tecnologias integram-se também possibilidades de interatividade.

Tal fato vem promovendo a associação cada vez mais intrínseca da leitura e escrita a tecnologias, sendo a interação e a interatividade, pelo hipertexto, os nós que conduzem essas práticas, alterando continuamente a relação leitor-texto, pela utilização de diversas ferramentas e modos de navegação que viabilizam novas formas de ler e escrever. Nesse contexto, faz-se importante o reconhecimento desse leitor da era da convergência de mídias, e é certo que “essas mudanças têm

⁷ Como diz Bartolomeu Campos de Queirós (1999, p.23), “O livro é passaporte, é bilhete de partida”.

⁸ Termo cunhado pela doutora Ana Cláudia Pelisoli em sua tese de doutorado intitulada *Do hiperleitor ao leitor Invisível. Uma teoria a partir de Harry Potter*. Disponível em: http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3410. Acesso em 12/07/2013.

reconfigurado o sistema literário – autores, textos e leitores já não são mais os mesmos, quando a hipermídia é a forma de representação do mundo” (PELISOLI, 2011, p.6).

Dentre as muitas iniciativas que associam leitura a novas tecnologias, cresce o número de bibliotecas digitais que, além de viabilizarem políticas públicas⁹ de fomento à leitura e ao livro, ultrapassam a ideia já consolidada que temos de uma biblioteca como depósito de livros e arquivos.

Ainda em 2011, recebi o convite para participar do lançamento da biblioteca digital Nuvem de Livros¹⁰, na Bienal do Livro, no Rio de Janeiro. Naquela ocasião, foi anunciado o interesse da prefeitura do Rio de Janeiro em estabelecer uma parceria com a Nuvem de Livros para utilização deste recurso em todas as escolas do município.

Como já havia o interesse no tema, e eu integrava o grupo de pesquisa em Políticas Públicas e Formação Humana – PPFH, na UERJ, encontrei naquele projeto uma boa oportunidade de pesquisa, pela qual poderia avaliar sua implementação, a formação de mediadores, e as novas práticas de leitura e escrita dos alunos da rede pública de ensino. A Nuvem de Livros, certamente, configura uma política pública para leitura, viabilizada por uma parceria público-privada (PPP). No entanto, houve dois fatores que me fizeram repensar o interesse pelo projeto.

⁹ No governo Lula, foi sancionada a Lei nº 12.224, de 24 de maio de 2010, que obriga toda escola pública e privada a ter uma biblioteca até o ano 2020. Para cumprir a meta, os governos terão que fazer cerca de 93 mil bibliotecas apenas para o ensino fundamental, sendo aproximadamente 25 bibliotecas construídas por dia para cumprir o prazo.

¹⁰ A biblioteca digital Nuvem de Livros foi lançada – no dia 1º de setembro de 2011, na Bienal do Livro no Rio de Janeiro, pela empresa Gol editora. A Nuvem de Livros, uma biblioteca virtual construída sob o conceito “Cloud Computing”, consiste em um programa pelo qual é possível oferecer leitura de mais de 10.000 títulos, todos digitalizados, com recursos de anotações, compartilhamento, áudio-books, escolhidos sob a curadoria do escritor Antônio Torres. Pela Nuvem de Livros, o usuário pode ter acesso a 1.500 vídeo-aulas como reforço escolar, ao ensino de idiomas, visitas guiadas a museus do mundo inteiro entre outros conteúdos culturais. A Nuvem de Livros só pode ser acessada por enquanto por usuários da operadora telefônica Vivo, por e-mail, clientes Terra, VALECULTURA, TICKETCULTURA ou matrícula escolar por R\$0,99 por semana. Para instituições privadas, o custo é de R\$2,00 mensais por aluno. Por assumir uma dimensão que vai além da ideia de uma biblioteca, o nome Nuvem de Livros migrará para Nuvem do Conhecimento. Disponível em: <http://www.nuvemdelivros.com.br/>. Acesso em 01/01/2012. Entrevista realizada com o diretor Roberto Bahiense.

O primeiro e mais importante é que ao verificar a utilização da Nuvem de Livros, logo identifiquei que o projeto é muito válido como uma iniciativa de fomento à leitura, mas não para avaliar a relação da leitura e escrita num cenário hipertextual e hipermidiático, visto que o referido projeto consiste em digitalização de conteúdo¹¹ com poucos recursos de interatividade, ponto relevante por se tratar da era digital. O segundo deve-se ao fato de o projeto não ter ido adiante no município do Rio de Janeiro, por condicionantes políticos.

Em 2012, ingressei no mestrado de Literatura, Cultura e Contemporaneidade com o projeto intitulado *Políticas Públicas para Leitura: o desafio de se formar leitores na era digital*. E os desafios já eram muitos, tendo em vista que a Política Pública para o livro digital ainda é restritiva à inclusão de deficientes visuais.

Quanto a mim, eu retornava à Academia com o desafio de elaborar uma nova pesquisa, sendo toda minha inclinação para investigar práticas de leitura e escrita que se utilizassem das novas tecnologias também como forma de democratização de acesso ao livro, à literatura, enfim à formação de leitores. Logo no começo do mestrado, na urgência de redefinição do projeto, apliquei-me a avaliar um banco de dados do PNLL – Plano Nacional do Livro e da Leitura¹², cedido pela Cátedra Unesco de Leitura. Este documento continha 592 programas distribuídos em 4 eixos de atuação. Com a utilização de filtros, foi possível eliminar aqueles que não se encaixavam em minha área de interesse.

Primeiramente, filtrei projetos que trabalhassem de forma conjunta a leitura e a escrita. Então, dos 592 projetos, o leque foi reduzido para 6, o segundo filtro diz respeito ao público-alvo da minha pesquisa, adolescentes entre 11 e 14 anos, diminuiu para 2 projetos, e, por fim, o terceiro filtro, deveria priorizar projetos de leitura e escrita que fossem integrados às novas mídias e tecnologias, e o resultado foi um único projeto.

¹¹ Entendo que o recurso da digitalização do conteúdo esteja relacionado muito mais com a mudança de suporte do que com a hiperleitura. Por isso, ler impresso ou livro digitalizado é mais uma mudança de hábito que não interfere necessariamente na prática de leitura.

¹² O Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) é constituído por projetos e programas que integram 18 linhas de ação agrupadas em quatro eixos estratégicos. Disponível em: <http://www.odai.org/img/producto2s/docs/enlace138.pdf>. Acesso 11/04/2011.

Este projeto de fomento à leitura vinculava um programa de rádio que contava com a participação dos ouvintes acerca de leituras literárias, sendo que os comentários e críticas sobre as obras literárias eram postados no site do projeto na internet. No entanto, nesse projeto, a internet não representava a convergência das mídias, mas a rádio era a principal mídia, um comportamento que já não retrata a geração digital, para quem este veículo de comunicação também já está na web, pois além do acesso à rádio pela internet, há um público, não só composto por adolescentes e jovens, que monta sua programação de rádio na internet com as músicas que gosta de ouvir. A cultura *self-made*¹³ na cibercultura tem a ver com a própria forma de interagir na rede, você mesmo faz e desfaz os seus nós.

Então, finalmente, decidi investigar tais práticas de leitura e escrita *in loco*, ou seja, diretamente em escolas que já utilizam materiais didáticos digitais e interativos, incluindo o uso de tablets e outros suportes digitais com o uso de aplicativos para leitura. Obtive respostas positivas nos primeiros contatos, no entanto quando solicitei o acesso à observação em sala de aula, os contatos silenciaram-se, inviabilizando a pesquisa *in loco*. Por mais que a sociedade tenha avançado na utilização de novas tecnologias, identificamos ainda as reminiscências de um sistema individualista que retém seu capital intelectual com interesses mercadológicos. Não quero dizer que estes não estejam presentes na era digital, não é verdade, o mercado avança a passos largos, no entanto, o conhecimento individual dá lugar ao coletivo, à cooperação, ao compartilhamento, postura esta ainda não muito presente na educação¹⁴, área em que o conhecimento comumente é relativizado.

¹³ Há duas acepções para *self-made*: 1. Feito pela própria pessoa, uma coisa feita pela própria pessoa ao invés de ter sido comprada. 2. Uma pessoa que consegue sucesso através dos próprios esforços. Disponível em: <http://pt.wiktionary.org/wiki/self-made>. Acesso em: 14/09/2013.

¹⁴ Seymour Papert, matemático e educador americano, nascido na África do Sul, tem uma parábola intitulada Viajantes do Tempo na qual traduz a postura atual da Educação.

“Imagine um grupo de viajantes do tempo de um século anterior, entre eles um grupo de cirurgiões e outro de professores, cada qual ansioso para ver o quanto as coisas mudaram em sua profissão, a cem anos ou mais no futuro. Imagine o espanto de os cirurgiões entrando numa sala de operações de um hospital moderno. Embora pudessem entender que algum tipo de operação estava ocorrendo e pudessem até mesmo ser capazes de adivinhar o órgão alvo, na maioria dos casos seriam incapazes de imaginar o que o cirurgião estava tentando fazer ou qual a finalidade dos muitos aparelhos estranhos que ele e sua equipe cirúrgica estavam utilizando.

Além dessas iniciativas de fomento à leitura integradas às novas tecnologias, a indústria cultural também participa ativamente produzindo novidades tecnológicas numa velocidade que mal conseguimos acompanhar. Apesar de todos esses esforços de ações públicas e privadas, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil¹⁵, no quadro Tendências, traz também dados importantes acerca do comportamento dos usuários da internet, revelando que 58% utilizam a internet para recreação ou entretenimento, 40% para trabalho escolar, estudo e pesquisa, 42% para conhecer pessoas e trocar mensagens, 25% para trabalho, 18% para pesquisa cultural, científica, saúde etc., 19% para atualização profissional e 7% para baixar ou ler livros.

Logo de início, observamos que o que há em comum entre esta pesquisa e outras, que avaliam a leitura digital em nosso país, é a indefinição do que é leitura. Há uma tendência a considerar o leitor digital apenas os 7% que baixam livros. Segundo essas pesquisas, a leitura não ocorre para os 58% que utilizam a internet para diversão, e muito menos para os 42% que trocam mensagens (isso se considerarmos aqui as maiores porcentagens). Há, portanto, a necessidade de se ampliar o **conceito de leitura** para esta geração.

E, certamente, esse conceito não é apreendido em teorias, mas, com a vida. O percurso percorrido até chegar ao objeto aqui descrito foi necessário para que houvesse um amadurecimento do que de fato pretendia investigar. Retomo, então, a motivação inicial que me trouxe ao mestrado: descrever e analisar as práticas de escrita e leitura da geração digital, realizadas fora da escola, no cotidiano de adolescentes, entre 11 e 14 anos, que cursam do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, período em que há um crescente desinteresse pela leitura literária.

Os rituais de antisepsia e anestesia, os aparelhos eletrônicos com seus sinais de alarme e orientação e até mesmo as intensas luzes, tão familiares às plateias de televisão, seriam completamente estranhos para eles. Os professores viajantes do tempo responderiam de uma forma muito diferente a uma sala de aula moderna.

Eles poderiam sentir-se intrigados com relação a alguns poucos objetos estranhos. Poderiam perceber que algumas técnicas-padrão mudaram - e provavelmente discordariam entre si o quanto as mudanças que observaram foram para melhor ou para pior, mas perceberiam plenamente a finalidade da maior parte do que se estava tentando fazer e poderiam, com bastante facilidade, assumir a classe”.

¹⁵ Pesquisa realizada em 2011 pelo Ibope Inteligência, encomendada pelo Instituto Pró-Livro. Disponível em <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=2834>. Acesso em 19/07/2012.

conceito de leitura

Quando me refiro à leitura, não restrinjo à prática da leitura, mas quero falar sobre a leitura do mundo que precede a leitura da palavra, como afirma Freire (1997, p.11):

Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

A ampliação do conceito de leitura não se dá somente pela leitura de mundo como sugeriu Freire, mas considerando as novas práticas de ler e escrever, observamos que estas habilidades se compactam em uma, a *escreitura*. A nossa leitura, eletrônica ou não, é sempre hipertextual, o que representa a forma como pensamos. No entanto, a escrita na rede se dá simultaneamente de duas formas, sequencial e linear, pois qualquer texto para ser inteligível tem por princípio a organização das ideias, clareza, coesão, coerência dentre outros fatores, e, além disso, muitos que escrevem na rede não utilizam o recurso de *hiperlinks*; a outra forma é a hipertextual¹⁶, que pode ser realizada pela inserção de *hiperlinks* em um texto, garantindo assim uma navegação fragmentada em muitos outros “textos”.
(FIM)

¹⁶ Marcuschi afirma que mesmo a escrita hipertextual não é totalmente deslinearizada, pois a língua segue uma sequência lógica, sem a qual a informação não será recebida.

A experiência da leitura de textos literários é privilegiada pelo teórico da recepção Wolfgang Iser (1996) como forma de elevar a consciência ativamente, realçando o papel da literatura na investigação de significados. Em sua concepção da Teoria do Efeito, Iser propõe a análise dos efeitos da obra literária provocados no leitor, por meio da leitura. Barthes (1992), em *O Prazer do Texto*, também compartilha dessa tese ao proclamar que o leitor não é apenas um consumidor de textos, mas também um produtor.

Não são apenas os especialistas em geração digital a reconhecer que nunca se leu e escreveu tanto como nos nossos dias. Pais, professores, enfim, quem convive com nativos digitais¹⁷ sabe o quanto isso é verdade.

Lembro-me que, durante a realização de uma pesquisa escolar, ensinava a minha filha, que tinha apenas 6 anos de idade, a buscar na internet a informação mais confiável do assunto indicado para a pesquisa, quando compartilhei que no meu tempo escolar as pesquisas eram feitas na biblioteca do colégio, não tínhamos acesso à internet, à informação em rede, o que confesso facilitou muito a vida acadêmica. Naquele momento, ela me interrompeu com um olhar de perplexidade dizendo: **Como você vivia sem internet?! Existia luz?!**

Achei muito engraçada a relação da internet com a luz, descoberta esta que certamente foi muito importante para toda a humanidade. Colocar a internet no mesmo grau de importância da luz, faz-me pensar o quanto para esta geração estar conectado é igual a estar ligado (aceso = vivo), a tecnologia se respira, pois está no ar. A mesma pergunta eu já me fiz muitas vezes, como vivia sem internet? E nessa resposta há prós e contras, mas pela facilidade que as tecnologias nos trazem, reconheço que estamos em um caminho sem volta, hoje sou totalmente adaptada e dependente em muitos sentidos das novas tecnologias.

Poderia elencar aqui muitas vantagens proporcionadas pelas tecnologias, mas nesse exato momento em que escrevo esta dissertação, é inevitável pensar que as várias leituras realizadas em livro impresso para esta pesquisa (alternativa

¹⁷ Termo cunhado por Mark Prensky, autor de “Mãe não me atrapalhe: estou aprendendo”. Nativos digitais, segundo o autor, seriam aqueles nascidos na era digital com toda a influência das novas tecnologias e que não têm recordações de uma vida analógica.

Como você vivia sem internet?! Existia luz?!

Entre a luz e a internet, há um choque de gerações que ainda hoje se reflete na transição do mundo analógico para o tecnológico, conforme se vê nas discussões na própria Web:

18
Nov

Educação 1.0
 Por **Admin** em **Frases**. Visualizado 48825 vezes desde **18 de novembro de 2011** às 15:19:40

"Respeita seus pais, se formaram na escola sem Google nem Wikipédia."


[LuisãoCS](#)

Compartilhar FB

Seguir o @Admin

48826 vezes

E em resposta a esta provocação, um ótimo texto:


Luna em 18 de novembro de 2011 às 17:37:49»

Não tinha? Que pena. Pena para os criadores do Google que perderam um tanto de dinheiro não existindo antes. Mas para aquela cara da Wiki, a vida era bem melhor, nota-se pela cara de cachorro que caiu da mudança que ele faz, toda vez que tem que implorar ajuda. Ei, Jimmy Wales, não me olhe assim, com esse olhar de quem sonhou a vida inteira em me encontrar...

Vamos ajudar, hein, gente, tá na época.

Esta frase me lembra aquela velha tentando justificar que sua geração mumística se preocupava muito com meio ambiente, usando como exemplo o uso das fraldas de pano.

Antes, pra ficar informado de coisas do mundo, como faziam, hein? Vamos imaginar, ou a galera assistia a Globo, ficava manipuladassa, parecendo um bando de zumbi, todos indo na mesma direção, com painéis de pressão na cabeça. Ou ficava fora da casinha, mandando beijos pra gente que já morreu. Não sei. Quem tinha como desembolsar grana pra comprar revistas legais, tipo Veja, IstoÉ, Super etc etc.... ficava um pouco mais informado. Ler Veja, IstoÉ na sala de espera do aeroporto, era intelectual. E se vc quisesse adquirir conhecimentos, fora do seu campo, como por exemplo, sobre biofísica, vc tinha que ir pra uma biblioteca pesquisar e pesquisar naqueles troços, enciclopédia, é isso, naquelas enciclopédias grossas e pesadas, as coisas até obsoletas, mas só tinha aquilo. Tínhamos que nós conformar com o limitado. Eu usei muito pesquisas em bibliotecas, porque eu não tinha um PC, nem sabia o que era internet. Não quero medalhas, nem palmas. Tá, eu aceito um PC novo, porque eu sou uma guerreira, eu uso uma desgraça de um Vovo Bina Compaq. A internet é maravilhosa pra mim, é um mundo de conhecimentos. Aqui, encontramos e temos acesso a informações que muitos jamais teriam, e tão facilmente. Músicas que as pessoas só poderiam ouvir na rádio, ou se comprassem o CD. Como faziam pra saber a letra e a tradução da músicas? Hoje, temos o Terra letras. A gente pode ver filmes. Recordar um monte de coisas. Com livros, então, nem se fala... Eu leio conteúdos acadêmicos, eu baixo livros. Quero nem saber se é pecado. Onde, fora da internet eu poderia ler cada passo da formulação da gelatina feita a partir do DNA humano? Então garotada, temos algo sensacional, vamos estudar de verdade, nada de enrolar a mãe, aproveitem enquanto isso é livre, e com todos esses privilégios, imediatismo e informação, a gente ainda pode dar e formar opinião, e perder tempo em redes sociais, ou procurando gatinhos camuflados, jogar Abandoned Halls... Como a gente é feliz. A internet deveria ter feito parte de toda a história da humanidade. Seria mais justo pra todos. Pensa em Moisés carregando um notebook ao invés das pesadas tábuas da lei.

(FIM)

que me restou por ainda não existirem em versão digital) não possuem o “localizar”, ferramenta que nos auxilia tremendamente na busca por aquela referência, aquele trecho lido etc. Sendo assim, a informação desejada toma muito mais tempo do pesquisador já habituado à vida digital. Atualmente, posso afirmar sim que a vida sem a rede me remeteria diretamente à Idade das Trevas. Em tempos de aceleração tecnológica, portanto, busco nesta pesquisa uma compreensão deste novo leitor, como se dão as novas práticas de leitura e escrita nesta geração digital, e organizo a investigação em três questões: i) *o que toca essa geração touch*; ii) *como se dá sua experiência literária nas práticas de leitura e escrita, em ambientes virtuais, realizadas fora do contexto escolar*; e iii) *que desafios se impõem do novo contexto comunicacional à educação*.

Apesar dessas práticas serem realizadas fora da escola, não há como dissociá-las da educação, que está em toda parte. No entanto, o desafio para o aprender se assentaria agora, segundo Lévy (2010), em aprender a viver num mundo sem chão, mundo este que não é um lugar, é lugar em si mesmo, mundo virtual, com base nas infinitas possibilidades de associações e operações mentais, que poderiam ser chamadas, de acordo com o filósofo, de conexões hipertextuais. Para o autor, a função da comunicação não se restringe apenas à transmissão de informação, mas é sinônimo de ação, em que o contexto compartilhado entre os sujeitos conectados é, a todo o momento, redefinido, recomposto, rearticulado e transformado.

Para o filósofo espanhol radicado na Colômbia, Jesus Martín-Barbero, essa nova configuração de diversidade e difusão dos saberes, – cujo núcleo é o hipertexto¹⁸, que, ao exigir uma multiplicidade de percursos, transforma a leitura em escrita, – constitui um dos maiores desafios do mundo da comunicação para o sistema educacional.

¹⁸ Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os sites de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (LÉVY, 1993, p.33)

Intrinsecamente relacionados às questões da investigação, destaco os seguintes objetivos da pesquisa: i) *descrever e avaliar as práticas de leitura e escrita integradas pelas Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs)*; ii) *investigar as relações do escritor com o texto literário e as tecnologias imbricadas no ciberespaço*; e iii) *propor práticas de leitura e escrita à Escola inseridas no novo contexto comunicacional*.

É importante salientar que não há a intenção de abarcar os Parâmetros Curriculares Nacionais, nem mesmo as políticas pedagógicas das escolas frequentadas¹⁹ pelos alunos que participaram da pesquisa.

O estudo não é comparativo, de modo a estabelecer analogias entre práticas de leitura/escrita impressa e a digital. Contudo, a pesquisa se propõe a investigar os modos de ler e escrever desse adolescente que, embora seja um nativo digital, situa-se na transição de uma sociedade tecnocrata para a tecnológica. Considerando que migramos, não há muito tempo, de uma cultura de oralidade direto para a audiovisual, é possível imaginar o quanto as práticas de leitura e escrita ganham novos contornos. Um outro ponto relevante na delimitação do tema é que não foram aqui contempladas as políticas nacionais de inclusão digital e acesso às novas tecnologias e expansão da internet, pois estas questões correspondem a macropolíticas que “extrapolam” o objeto deste estudo.

Para a pesquisa, utilizo a consulta aos referenciais teóricos sugeridos na bibliografia, a periódicos atualizados na informação da era digital, entrevistas, artigos científicos, sites, blogs, dissertações e teses que tratam do assunto. Enquanto prosseguia nos estudos, percebi o quanto seria interessante e de grande contribuição a elaboração de uma **pesquisa eletrônica** que contivesse as questões da investigação. Essa tentativa de buscar a minha experiência nesse processo me proporcionou obter dados ainda mais atualizados e singulares, tendo em vista a grande aceleração tecnológica a que estamos expostos, como também direcionados às questões suscitadas na pesquisa.

¹⁹ Do grupo que participou da pesquisa apenas 2 alunos não pertenciam à escola onde se deflagrou a pesquisa, contudo participaram por indicação de colegas. As escolas das quais fazem parte os alunos estão inseridas numa proposta educacional que ainda subsiste com base em resquícios da pedagogia tradicional (a centralização no professor, a passividade do aluno, o reforço no conhecimento enciclopédico, entre outras características) e resistem, num misto de preconceito e cautela, à inserção das novas tecnologias da informação e comunicação.

pesquisa eletrônica

Um pouco mais sobre a Pesquisa eletrônica e o Diário de bordo

De início, pretendia realizar entrevistas presenciais por duas razões: pela proximidade que tenho de alguns adolescentes e pais inseridos na mesma comunidade escolar. E também, porque, no meu entendimento de imigrante digital, ainda acreditava que o “olho no olho” me daria uma melhor percepção das respostas. Ledo engano!

Como o estudo é sobre leitura, literatura, escrita e novas tecnologias, entendi que a internet seria o meio mais apropriado para a realização da pesquisa, ponto. Ao decidir pelo meio digital, nem tudo estava resolvido. E agora? quando enviar a pesquisa? tendo em vista o volume de trabalhos e provas do calendário escolar que me faziam sempre adiar o envio da pesquisa. Ou ainda outra pergunta de ordem mais técnica: por onde enviar a pesquisa? Na minha abordagem pessoal, solicitava aos adolescentes um e-mail para enviar o *link* da pesquisa. - E-mail?! Não tenho e-mail, não lembro do meu e-mail, respondiam quase sempre como algo que lhes soava estranho. Alguns até chegaram a me dar um e-mail que raramente acessavam, o que se confirma a experiência compartilhada por tantos estudiosos sobre comportamento digital.

Autores como Don Tapscott (2010) definem o e-mail como sendo muito ultrapassado, utilizado estritamente para fins profissionais, daí a falta de intimidade dos adolescentes com esta mídia, “Não digo para os meus amigos me mandarem um e-mail mais tarde”, declarou um nativo digital. Para se ter acesso a todas as redes sociais na internet, é necessário fazer uma assinatura (*sign up*), ou seja, um cadastro que precisa ser preenchido com o seu e-mail. Contudo, os usuários dessas redes habilitam o acesso automático às redes, pois as utilizam em dispositivos móveis que salvam o e-mail e senha do usuário, sem a necessidade de se logar na rede a cada acesso. Tal hábito faz com que esqueçam facilmente seu endereço eletrônico.

Os adolescentes que fazem parte da minha rede social do facebook receberam a pesquisa eletrônica por esse meio, que, no momento, julgo ser o ideal para realização de pesquisas eletrônicas. Observei que o fato de estarem na minha

rede social, de alguma forma os ligavam a mim por laços de afetividade, resultando na prontidão das respostas. E assim prosseguiu a pesquisa. De todos os contatos realizados, percebi que havia um maior compromisso na resposta quando a pesquisa era solicitada diretamente por mim (quando os estudantes me conheciam), pelos pais, pelo professor ou pela bibliotecária da escola, que me auxiliou verificando junto aos professores o interesse dos alunos em participar da pesquisa, e distribuindo filipetas, disponibilizadas na biblioteca, que continham o resumo da pesquisa acompanhado do seu *link* eletrônico.

Acredito que a morosidade nas respostas não seja uma particularidade do adolescente. Em outras pesquisas eletrônicas a mim enviadas, da mesma forma senti-me motivada a participar daquelas que tenho algum tipo de afinidade com o pesquisador ou com o tema. E se tratando de adolescentes, qualquer leitura que exija sua opinião ou participação, de alguma forma sempre remeterá à prática dos exercícios escolares, o que torna a aproximação um desafio maior.

Logo de início, o adolescente é informado sobre o objetivo geral da pesquisa, conforme *link* abaixo:

Pesquisa sobre Leitura, Literatura, Escrita e as Novas Tecnologias

Meu nome é Gabriela Costa. Estou finalizando minha pesquisa de mestrado em novas práticas de leitura e escrita na era digital. A questão central da minha investigação é *O que toca essa geração touch?* E aqui o *tocar* tem dois significados, como você certamente já percebeu. O primeiro seria: o que faz essa geração touch? Quais são suas práticas? e o segundo: O que afeta essa geração touch?

A pesquisa é destinada apenas a alunos que frequentam os 6º, 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental, período em que pretendo analisar as relações de adolescentes com a leitura, literatura, escrita e tecnologias. Os dados aqui compartilhados serão utilizados somente para fins desta pesquisa de mestrado, e os nomes serão substituídos por nomes fictícios, a fim de preservar a identidade de todos os participantes. A pesquisa se divide em duas atividades. A primeira é o questionário, cujo link está abaixo. E a segunda atividade é um diário de bordo, que pode ser escrito em word e enviado para o meu e-mail (ggcosta@gmail.com)

Muito obrigada por particip@r!

Um abraço,

Gabriela Costa

(Se houver dúvidas no preenchimento deste questionário, você pode enviar um e-mail para ggcosta@gmail.com)

1ª ATIVIDADE - Para responder a pesquisa acesse o link:
<http://www.survio.com/survey/d/R2K4X8R5G3G2J7T9L>

2ª ATIVIDADE - Após responder ao questionário, vamos à segunda atividade, um DIÁRIO DE BORDO, no qual gostaria que você relatasse apenas meia hora de sua navegação na internet. Além das mudanças de mídias (texto, imagem, som, vídeo etc.), sites, o que é normal na navegação, peço que deixe registrado sua percepção de mundo, demonstrando suas sensações enquanto navega.

Você pode utilizar o arquivo word e enviar para o meu e-mail: ggcosta@gmail.com (não se esqueça de iniciar o seu relato identificando-se com nome, idade, o suporte utilizado e o horário que você iniciou a navegação)

A meta seria alcançar 16 formulários preenchidos, sendo de 4 alunos por série, do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. Dos 30 formulários enviados, 16 retornaram preenchidos distribuídos aleatoriamente. O programa Survio produz automaticamente um relatório final da pesquisa (ANEXO 2), os relatórios individuais não foram inseridos a fim de preservar a identidade dos alunos.

O formulário eletrônico, ou seja, a 1ª atividade, contém 46 perguntas (um desafio e tanto para a geração dos 140 caracteres), divididas entre interesses literários; a relação que têm com a leitura, escrita e as tecnologias; suas afinidades tecnológicas; a relação da Escola com a leitura, escrita e as novas tecnologias; o papel da biblioteca na vida deles; uma autorreflexão sobre leitura e escrita, trazendo a percepção deles quanto ao desenvolvimento dessas competências, bem como suas experiências literárias na rede.

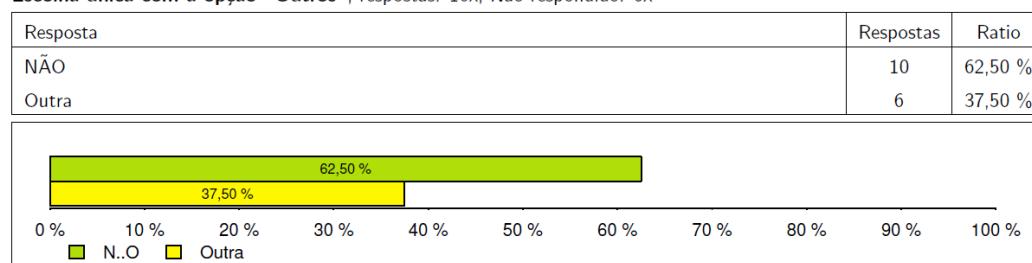
As perguntas se alternam entre discursivas, nas questões em que pretendo obter a opinião deles textualmente expressa, e múltipla escolha, nas questões cujo objetivo é apenas o de pontuar comportamentos. O Survio é um programa que disponibiliza por meio de um *link* a pesquisa eletrônica formulada pelo usuário, e está disponível em três versões, Free (gratuita), que atende aos objetivos desta dissertação, e outras duas pagas (versões Gold e Diamond), que possuem recursos dispensáveis para os fins desta pesquisa, como, por exemplo, o limite de 1.000 a 10.000 respostas por mês, proteção por senha, restrição de IP, dentre outros.

Não foi realizado um pré-teste do formulário, por constituir esta ferramenta o próprio experimento, não havendo o interesse, portanto, de se obter um maior número de respostas. Ao contrário, a análise se dá por meio das não respostas, como também das respostas incompletas.

O Survio possui em todas as versões a lógica da ramificação condicional, que é um recurso aplicado a questões de múltipla escolha, e significa que algumas questões estariam condicionadas à resposta atribuída a uma determinada questão. Por exemplo: À questão 19...

19. Você já leu algum livro em suporte digital?

Escolha única com a opção "Outros", respostas: 16x, Não respondido: 0x

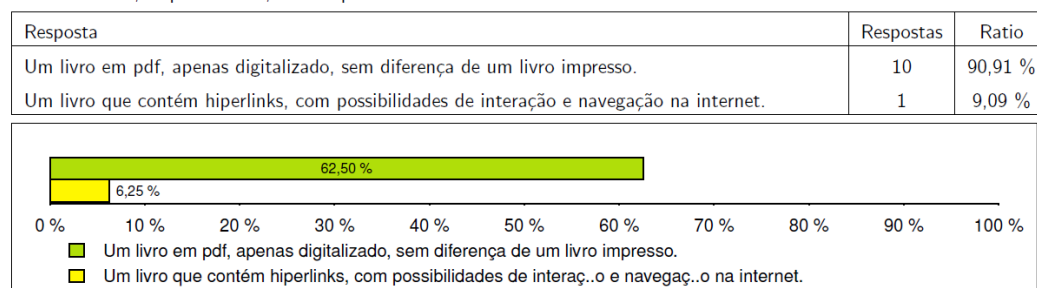


- As vantagens de ser invisível
- O Príncipe da Kiera Cass e O Filho de Sobek do Rick Riordan (eles não foram impressos)
- Em Chamas - Suzanne Collins. Lido em formato pdf no computador.
- Let It Snow
- Vários
- Sussurro

... estão condicionadas as questões 20, 21 e 22, conforme o exposto:

20. Esse livro digital é...

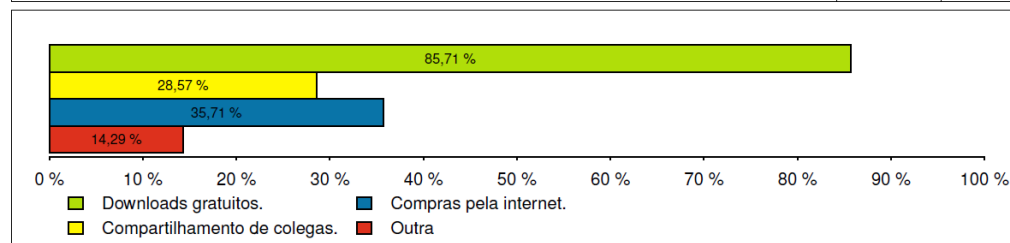
Escolha única, respostas: 11x, Não respondido: 5x



21. Os livros digitais são lidos por meio de...

Múltipla escolha com a opção "Outros", respostas: 14x, Não respondido: 2x

Resposta	Respostas	Ratio
Downloads gratuitos.	12	85,71 %
Compartilhamento de colegas.	4	28,57 %
Compras pela internet.	5	35,71 %
Bibliotecas digitais. Qual ou Quais?	2	14,29 %

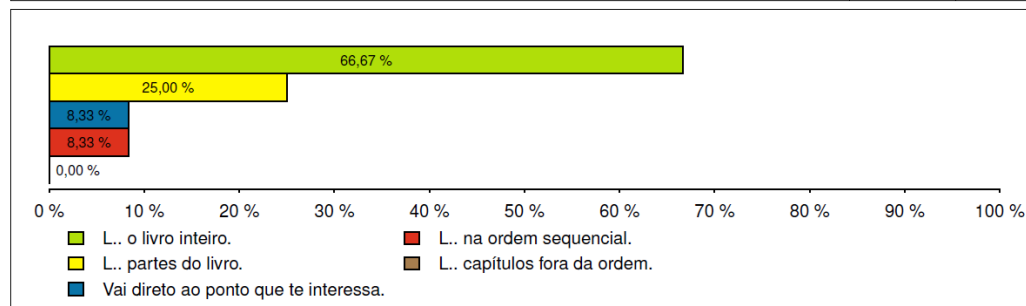


- O site da editora seguinte (foi para um app de ler ebook que não lembro o nome e a saraiva digital)
- não lembro do nome

22. Como se dá sua experiência de leitura digital?

Múltipla escolha, respostas: 12x, Não respondido: 4x

Resposta	Respostas	Ratio
Lê o livro inteiro.	8	66,67 %
Lê partes do livro.	3	25,00 %
Vai direto ao ponto que te interessa.	1	8,33 %
Lê na ordem sequencial.	1	8,33 %
Lê capítulos fora da ordem.	0	0,00 %



Caso eu optasse por acionar o recurso da lógica de ramificação condicional, as respostas 20, 21 e 22 estariam condicionadas à resposta afirmativa conferida à questão 19. No entanto, decidi não utilizar o recurso, a fim de observar o entendimento deles pela coerência ou falta dela em algumas respostas.

Quanto ao recurso de só liberar a próxima questão quando a anterior for respondida, este também não foi acionado, a fim de permitir a livre escolha dos participantes das questões de seu interesse.

Em complemento ao formulário, os informantes são levados, a meu ver, ao limite, ao receberem a proposta de uma 2ª atividade - O instrumento diário de bordo, mais conhecido por diário de aprendizagem, que pode ser descritivo, reflexivo, anedótico, pessoal ou hipercrítico. O seu autor dá características àquilo que ele observa, às informações que ele recolhe e que ele próprio elabora, constituindo assim uma atividade metacognitiva.

Teoricamente, os diários de bordo (ANEXO 1) deveriam retornar na mesma proporção do formulário eletrônico, mas, como já era de se esperar um menor volume, retornaram apenas 5, sob as formas mais variadas: telegráfica, crônica, argumentativa etc. O registro utilizado foi o informal, o que me fez perceber que de fato eles não associaram a atividade ao exercício, mas a um relato mesmo.

Escolhi o e-mail para o envio do diário, por várias razões: 1º) esta segunda atividade em sua formulação requer alguns detalhes da navegação, como suporte digital utilizado, horário, mudanças de mídias, percepção de mundo, que precisam de um distanciamento “físico” da primeira atividade, devendo ser realizada em outro momento; 2º) anexar o diário à primeira atividade prolongaria o processo de preenchimento do formulário, que leva no máximo meia hora para completá-lo; 3º) como o diário requer um esforço maior de escrita, pretendia observar esse retorno; e 4º) o formulário eletrônico não permite ao pesquisador a possibilidade de retornar ao informante (principalmente àquele que não está em minha rede social), ao contrário do e-mail.

Embora o e-mail não seja a ferramenta mais adequada para um nativo digital, arrisquei em utilizá-lo por todos argumentos já aqui expostos e ainda por perceber que o formulário eletrônico impunha uma velocidade às respostas que não cabe a um diário. O formulário eletrônico finaliza com uma mensagem automática de agradecimento pela participação na pesquisa, mas não dá a chance de o informante dar a sua opinião quanto ao preenchimento, a não ser que eu incluísse como uma última questão. No entanto, através do diário enviado por e-mail, obtive um retorno que não esperava, mensagens espontâneas, como:

“Agradeço a oportunidade”; “Acabei de responder o seu questionário. Sinceramente, eu adorei fazê-lo. Bjs, muito prazer ^^ e obrigada” (ANEXO 1); “Boa sorte com a pesquisa”. Entre as mensagens de agradecimento e incentivo, ainda compartilharam sonhos como o da menina que disse: “Eu estou querendo escrever meu próprio livro” (ANEXO 1), e confidências de um menino que relata: “Como eu não posso mexer na internet agora (pois estou de castigo) escreverei aqui (no word) o que faço geralmente” (ANEXO 1).

Para cada e-mail ou mensagem enviada pelo facebook, pude retornar com uma palavra de agradecimento, o que proporcionou um maior *feedback* da pesquisa fora da rede. Os diários de bordo, em sua maioria, foram enviados com uma distância de tempo razoável do envio do formulário eletrônico. Com os adolescentes que tive contato, averigui que o baixo retorno do diário deve-se mais ao esforço da escrita do que pelo não uso de e-mails. (FIM)

Além disso, trouxe a realidade da comunidade escolar onde se deflagrou meu interesse pela investigação, sendo para mim uma grande motivação e oportunidade de continuar os estudos. Parte desta pesquisa, portanto, está atrelada à análise: i) de questionários, realizados por meio de formulários eletrônicos, com alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental²⁰; ii) dos seus respectivos diários de bordos; e iii) relatos casuais²¹, os quais permearão todo o trabalho. Para a análise das entrevistas, diários de bordos e relatos casuais, apoio-me, de um lado, em algumas particularidades²² da **Análise de Conteúdo**, abordagens quantitativa²³ e qualitativa, proposta por Laurence Bardin, e de outro, na Análise do Discurso. A abordagem qualitativa, portanto, insere-se aqui pelo enfoque indutivo (não no sentido de estabelecer uma verdade geral, mas por partir de uma experiência sensível baseada em dados particulares), pelo caráter descritivo da pesquisa, pelo uso do ambiente natural como fonte direta de dados, como também pelo significado que as pessoas atribuem às coisas e à sua vida.

Poderia ainda citar outra inspiração na análise interpretativa: o conceito de rizoma em Deleuze e Guatarri, que se relaciona mais à intensidade da pesquisa, cujo objetivo não é justificar, mas procurar outra sensibilidade.

Para isso, cria, ‘fabrica’ conceitos que rompem com as modalidades dominantes de pensar e representar a subjetividade e que são inseparáveis de novos perceptos (novas maneiras de ver e escutar) e de novos afetos (novas maneiras de sentir). (Deleuze *apud* Santaella, 2004b, p.20)

²⁰A pesquisa foi enviada a 30 alunos entre o 6º e 9º ano do ensino fundamental. Foram obtidas 16 respostas à pesquisa eletrônica, não constando no resultado final a participação de alunos do 6º ano. Deste ano, houve a participação apenas nos relatos casuais. Dentre os 30 participantes, apenas 5 alunos retornaram com seus diários de bordo.

²¹ Os relatos casuais refletem experiências presenciais e virtuais que surgiram de encontros não marcados, perguntas não estruturadas, mas de conversas informais com adolescentes que se inserem na faixa etária pesquisada, com pais e profissionais de educação, participações de amigos nas redes sociais e memórias pessoais.

²³A utilização da abordagem quantitativa se dá apenas nas questões de múltipla escolha quando os indicadores me chamam a atenção para determinada ocorrência.

Análise de conteúdo

A Análise de Conteúdo (AC) surgiu no início do século XX nos Estados Unidos para analisar o material jornalístico. Entre as décadas de 1940 e 1950, a metodologia ganhou maior destaque e começou a ser utilizada por pesquisadores de universidades. Ela existe nas modalidades quantitativa e qualitativa.

Na abordagem quantitativa é traçada uma frequência das características que se repetem no conteúdo do texto. Na abordagem qualitativa se “considera a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou conjunto de características num determinado fragmento da mensagem” (LIMA, 1993, p. 54).

Para Laurence Bardin (1977, p 42), a AC é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (...) destas mensagens”. Na AC o texto é um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades de texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo uma expressão que as representem.

Segundo a autora, a Análise de Conteúdo é composta por três etapas: 1) a pré-análise, fase organizativa que pode envolver a leitura flutuante, a elaboração de hipóteses, de objetivos e de indicadores que fundamentem a interpretação; 2) a exploração do material, em que ele é codificado a partir das unidades de registro; 3) o tratamento dos resultados e interpretação, que envolve a categorização (classificação dos elementos segundo suas semelhanças e diferenças, com posterior reagrupamento, em função de características comuns).

Embora tenha sido feita a categorização do material interpretativo, reconheço na análise qualitativa particularidades presentes na Análise do Discurso (AD), que tem em um de seus fundadores Michel Pêcheux, cuja linha de análise estabelece a relação existente no discurso entre língua/sujeito/história ou língua/ideologia. O processo da análise do discurso tem a pretensão de interrogar os sentidos estabelecidos em diversas formas de produção, que podem ser verbais e não verbais, bastando que sua materialidade produza sentidos para interpretação.

Essa materialidade pode vir entrecruzada com séries textuais (orais e escrita) ou imagens (fotografia, vídeo) ou até linguagem corporal (dança), que se adéqua perfeitamente à proposta de análise de pesquisa eletrônica, diários de bordo, relatos casuais envolvendo conversas, memórias pessoais, participações em redes sociais. Segundo Pêcheux, “todo dizer é ideologicamente marcado”. Nesse contexto, o sujeito não é individual, é assujeitado ao coletivo, ou seja, esse assujeitamento ocorre no nível do inconsciente. Isso ocorre quando o sujeito se filia ou interioriza o conhecimento da construção coletiva, sendo porta-voz daquele discurso e representante daquele sentido.

Na análise quantitativa, acredito ter me aproximado mais da Análise de conteúdo (AC), considerando no texto uma série de significações detectadas por meio de indicadores ligados ao texto. Na análise qualitativa, reconheço uma inclinação à Análise do Discurso (AD), por identificar um esforço em compreender os sentidos que o sujeito manifesta através de seu discurso. Para melhor compreensão das diferenças entre ambas as disciplinas de interpretação, recomendo a leitura do artigo disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>. Acesso em 09/06/2013. (FIM)

A filosofia de Deleuze e Guattari prima pela diversidade das singularidades. Trata-se, portanto, de uma valorização da experiência sensível, daquilo que é vivido individualmente, em que não se enquadram conceitos puros, rígidos. Em

Deleuze, o conceito expressa um acontecimento, e não uma essência. Ele reflete multiplicidades criadas a partir da experiência, e não uma verdade única. E devem ser os conceitos utilizados como ferramenta de reflexão.

A partir desse estudo teórico, pesquisa eletrônica, diário de bordo e relatos casuais foram avaliados os contextos em que se dão as práticas de leitura e escrita, o que leem e em qual/quais suporte/s praticam a “escrileitura”, incluindo nesta investigação a relação texto-leitor, como também a relação com as novas tecnologias.

Considerando a investigação das práticas de leitura e escrita digitais, a escrita destas práticas constitui resposta à leitura que o hiperleitor faz dos percursos do conhecimento, um reconhecimento de si mesmo, sendo de maior importância o processo pelo qual a investigação se desenvolve do que os resultados obtidos.

Esses percursos do conhecimento tecem a identidade deste novo leitor. E nessa empreitada, sinto-me literalmente em um labirinto como Teseu que, para enfrentar o Minotauro que vivia encerrado no Labirinto de Creta, recebe um novelo de Ariadne, a filha do rei Minos, que deveria ser desenrolado por todo percurso do labirinto. O fio de Ariadne fez com que Teseu encontrasse o caminho de volta, trazendo com ele a princesa. Compreender este leitor julgo ser meu desafio neste percurso, já o fio condutor desta trama, que me leva a navegar nas águas da subjetividade, é a literatura, pois como diz o poeta Bartolomeu Campos de Queirós, eu também “percebi que só há dois lugares para se falar da gente. Na literatura ou no divã do analista”. Por ora, fico com a primeira opção, e pretendo aqui não somente trazer um viés literário às questões suscitadas, como também buscar na literatura a compreensão sobre as novas práticas de leitura e escrita na era digital.

Muitas são as obras literárias que trazem o hipertexto à reflexão e nos inspiram. E uma delas é *Os cinco sentidos*²⁴, de Bartolomeu Campos de Queirós, que, ao expressar a inter-relação dos sentidos, nos permite teorizar as relações que se constroem entre textos e o hiperleitor, sendo os sentidos fragmentos de um corpo. *Os cinco sentidos* possui como característica ser uma obra curta, destinada aparentemente àqueles que têm pouco fôlego de leitura, que nada tem a ver com a superficialidade na leitura²⁵, um dos pontos de atenção no que diz respeito à hiperleitura. A própria sensorialidade do texto correlacionando imagens, sensações e experiências imprime um alto nível de intertextualidade, e se situa como uma fotografia da hiperleitura.

Uma outra obra bastante significativa, no que diz respeito à literatura e hipertextualidade, é “**Se um viajante numa noite de inverno**”, de Italo Calvino, que, através de estratégias de aproximação do leitor, desafia o hiperleitor, acostumado à leitura fragmentada, a ler um romance, que tem por característica ser uma obra mais extensa. A obra, escrita em fragmentos, traz em seu título um convite à escrita, e numa rotação de imagens projeta a hiperleitura em movimento. Ambas as obras revelam a interação e hipertextualidade, características muito peculiares à leitura digital. Mas a segunda, a meu ver, não reflete somente a hiperleitura na sua forma, mas se constitui como prática.

Todos os caminhos nos levam ao hipertexto, e, por outro lado, o hipertexto nos leva a todos os caminhos, e, como já disse Borges “compreendemos que não há nada na terra que não esteja aí”. O hipertexto, ao exigir uma multiplicidade de percursos, transforma a leitura em escrita, e nessa trajetória a primeira imagem que me vem à mente é a de um labirinto. A construção intrincada de salas e passagens, que não nos permitem ter a ideia do todo, é também uma característica

²⁴ Na obra *Os Cinco Sentidos*, lemos que os olhos têm raízes pelo corpo inteiro, assim ocorre com os ouvidos, o nariz e a boca, **sendo a pele a própria raiz que cobre o corpo inteiro**. Os órgãos sensores – olhos, ouvidos, nariz, boca e pele – são responsáveis pelos modos de exploração, investigação e orientação, e se caracterizam por serem modos de atenção capazes de isolar a informação pertinente. Eu diria que essa suspeita do mundo pelos sentidos nos ajuda a conceituar o que é leitura de uma forma mais ampla.

²⁵ Leia o hiperlink: Seria a hiperleitura uma nova relação com o saber ou superficialização da leitura? Pág.69

Se um viajante numa noite de inverno

O hipertexto em cena

Uma obra literária que, na minha opinião, traduz com perfeição a fusão do hipertexto e literatura é a obra de Italo Calvino, *Se um viajante numa noite de inverno*. Apesar de não ter sido escrita numa interface eletrônica, o autor dá lugar ao leitor para escrever a obra juntamente com ele, e escreve em movimentos a viagem de um navegador que lê e escreve à medida que navega. O romance aborda o ato de ler e o ato de escrever. Nos papéis principais estão "o narrador e o leitor que perfazem o texto através de um contínuo testar do livro como objeto, como canal, numa fascinante viagem pela função fática da travessia metalinguística": como aponta Samira Chalhub em *A metalinguagem* (1998, p. 68)

A obra é um romance que narra a experiência de dois leitores, angustiados por se depararem com romances que não passam do primeiro capítulo, seja porque o restante se extraviou, seja porque houve uma falha de encadernação, seja porque se tratava de um original que se misturou a outros. A obra consiste numa sucessão infinita de inícios sem fim. Entrecruzando-se nesse romance, há os inícios de romances lidos pelos nossos protagonistas. Pode-se mesmo afirmar que "*Se um viajante numa noite de inverno*" contém dez pequenos contos de alta qualidade, difícil dizer se as abruptas interrupções de cada um desses dez inícios de romances deveriam ter continuidade, ou se a interrupção é apenas uma forma de final, brusca, que transporta o leitor para suas próprias conclusões.

No texto de Italo Calvino, o autor inicia dando dicas ao leitor sobre o que é necessário para se fazer uma boa leitura de forma que ao começar a ler o leitor não pare até o final do livro. Primeiramente, o leitor deve procurar um lugar adequado que seja tranquilo, onde ninguém possa atrapalhar, depois deve relaxar e se concentrar, e principalmente deixar os problemas de lado, encontrar uma posição agradável, a maneira mais confortável para ler, pois tudo isso é fundamental para o leitor desfrutar o melhor possível de um bom livro.

O autor explicita o que fará com que o leitor, ao começar a ler, se interesse cada vez mais pelo livro, tornando-se um verdadeiro "Viajante" da sua história.

Além disso, Calvino expõe possíveis títulos que não estão atrelados necessariamente a um assunto, mas ao interesse do leitor. Ou seja, o autor não despreza a motivação do leitor²⁶ ao procurar um livro, até mesmo aqueles interesses mais estapafúrdios como “Livros que sempre fingiu ter lido e que já seria a hora de decidir-se a lê-los realmente”.

O reflexo do prazer do texto, segundo Barthes, estaria no ritmo dado à leitura²⁷, pois o leitor tem a liberdade para pular, parar, correr e saltar passagens e trechos inteiros de um livro. E nesse ritmo, cada leitor estabelece o prazer do texto, que para alguns pode estar em descobrir o fim da história.

A Escola parece não levar muito em conta essa proposta de Calvino. Na pesquisa eletrônica, ao perguntar quais atividades realizadas no ano escolar envolviam leitura e escrita de textos, e se alguma dessas atividades incentivava o aluno a ler ou a escrever mais, observe algumas respostas:

13. Quais as atividades realizadas no seu ano escolar que envolvem leitura e escrita de textos? Algumas dessas atividades te incentivaram a ler mais ou a escrever mais?

“Em geral, os escolhidos não agradam muito aos estudantes, mas eu procuro ser flexível e aprender a gostar de todos os estilos.” (Maria Luiza, 14 anos, 9º ano)

²⁶ A curiosidade não é um privilégio do leitor literário, do leitor de ficção, mas consiste em uma das principais características do perfil de um navegador-leitor.

Na questão 4 da pesquisa eletrônica, inseri alguns títulos de livros propostos por Ítalo Calvino, em sua obra *Se um viajante numa noite de inverno*, e perguntei com quais deles o entrevistado se identificava. Dentre todos os títulos propostos, 62,50% dos adolescentes que participaram da pesquisa se identificaram com o seguinte título: “Livros que de repente lhe inspiram uma curiosidade frenética e não claramente justificada”.

Perceber o que desperta a curiosidade dessa geração é certamente um caminho a percorrer. Mas o curioso é que **eles também ainda se interessam por uma boa história** (grifo meu), seja impressa ou digital. Mas quando essa boa história chega até eles por meio de mídias que despertam o seu lado detetivesco, o prazer pela leitura ganha status de diversão.

²⁷ Barthes declara que cada literatura demanda um ritmo. Em certos casos, se a leitura encontra-se muito lenta, o leitor tem a liberdade para saltar algumas partes e ir em busca do que lhe interessa. O leitor, enfim, pode correr, parar, saltar, agir como quiser no processo da leitura, pois sua atitude diz somente respeito ao texto e a ele mesmo.

Caracterizada como um ato solitário, a leitura flui e o prazer dos relatos é marcado pelo ritmo “do que se lê e do que não se lê” (BARTHES, 1996, p.18).

Barthes na obra *O Prazer do Texto* leva-nos a perguntar: o que determinado texto é para cada leitor? Por que ele causa prazer? Por que desperta interesse? Qual a razão de seu estranhamento? É interessante realizar esses questionamentos, porque o texto literário tem um caráter plurissignificativo, possibilitando várias leituras. Então, se lemos um texto partindo do princípio do prazer, não podemos julgá-lo bom ou ruim, mas considerá-lo o que ele significa para nós enquanto leitores de uma determinada época.

“As produções textuais e os livros paradidáticos (mas a maioria deles são chatos).” (Andreia, 13 anos, 8º ano)

“As atividades escolares costumam envolver clássicos literários, o que não me influencia a ler mais porque não acho o tipo de livro atrativo para o adolescente.” (Ana Beatriz, 15 anos, 9º ano)

“Seria o projeto de leitura, e ele não me incentivou a ler, pois só indicam livros chatos, mas eu gosto muito de ler.” (Giovana, 14 anos, 9º ano)

“Tem um Desafio de leitura, que incentiva os alunos a lerem determinado número de livros em um bimestre e fazer um resumo de cada um, em troca de pontos no final do bimestre.” (Roberto, 13 anos, 7º ano)

“A cada bimestre é necessário fazer 2 produções textuais na disciplina de português. Nenhuma dessas atividades me incentivaram a escrever mais.” (Leila, 13 anos, 7º ano)

Nesta questão, vê-se que as respostas alternam-se bastante entre “afirmativas” e “negativas”. Quando não afirmativas que são negativas, como a fala da adolescente que diz haver uma atividade chamada “Desafio de Leitura” que “incentiva” a leitura em troca de pontos. Ou o chamado “Projeto de Leitura” que só indica livros chatos.

Nesse ponto, é possível afirmar que a obra de Ítalo Calvino assume um papel pedagógico, ao eleger o Leitor como personagem principal, o autor investe em uma missão: fazer com que seu protagonista leia livros. Só que, estranhamente, todos os livros que ele lê são interrompidos de forma misteriosa por motivos dos mais diversos.

E nessa colagem de textos, nesse emaranhado de romances que começam e não terminam, o leitor sente-se indignado junto com o personagem Leitor, pois também tem interesse em saber o que aconteceria além do que foi lido, ao mesmo tempo que se sente curioso em saber o que vai acontecer com o Leitor, e também em seu envolvimento com a Leitora.

A hiperintertextualidade se dá sob várias formas no texto de Calvino que ficcionaliza, de forma crítica e bem-humorada, muitas das técnicas narrativas modernistas: o uso da repetição, da folha em branco (referência crítica à vanguarda), do pastiche etc.; e superpõe, parodiando talvez, diversos gêneros da literatura: policial; psicológico; revolucionário; de amor; erótico; fantástico;

abstrato; metafísico; exótico. A estratégia de Calvino em convidar o leitor à escrita já está presente no próprio título da obra que inicia com um “Se”, condicionando o leitor a completar a frase. Os dez romances já existem, Calvino apresenta somente partes (resumos) deles e os intercala com a história de um leitor que os lê. Por meio dessa tamanha habilidade de escrita, Calvino escolhe estratégias eficazes à formação de leitores, que muito se assemelham as já utilizadas pelo hiperleitor:

1º) evita escrever romances enormes, laboriosos, de uma única ideia, que poderiam afastar o leitor contemporâneo, familiarizado a imagens e acostumado a obter as informações em poucos minutos; 2º) sua escrita representa uma forma de resistência, uma ironia positiva, e, principalmente, à desorganização e à inconsistência da linguagem, das imagens e do mundo; 3º) a escrita breve é mais produtiva, mais leve, do ponto de vista de formação de um leitor médio, do que romances com “trocentas” páginas. Afinal, o hábito da leitura se adquire lendo, e as narrativas fragmentadas podem funcionar como iscas em busca de fígar leitores.

“Se Um Viajante Numa Noite de Inverno” reproduz este mecanismo - busca e perda do fio da história, dez vezes. Esta estrutura modular, combinatória, mecânica, resulta numa força investigativa incrível, interromper os romances sempre no momento mais interessante, instigando não só o Leitor (protagonista da história), como também os leitores a buscar um fim para as histórias.

É um jogo de combinação que Calvino nos propõe, e o valor do jogo encontra-se na própria busca, no exercício consciente e constante de encontrar uma orientação (o fio da meada) no texto. Dentro do jogo, somos estimulados a criar um final para cada livro interrompido e desafiados a tentar descobrir entre eles uma coerência narrativa; tal como existe nos capítulos que relatam a jornada do Leitor em busca do fim da história.

Neste tipo de literatura, o leitor é transformado também em autor, não se limita apenas a reconstruir a narrativa, ele a cria e a inventa de novo, de forma totalmente imprevisível. A particularidade da literatura está no fato de que ela constitui uma comunicação: o autor não tem como precisar o que ele teve a

intenção de dizer. Feitas estas ressalvas, nos sentimos um pouco mais à vontade para exercer nossa apropriação do texto. (FIM)

muito peculiar do hipertexto que, composto de textos variados, fragmentos de textos, imagens e sons, nos conduz a novas formas de ler e escrever.

Numa proposta metalinguística, exponho a relação imbricada entre forma e conteúdo, utilizando o hipertexto para falar do hipertexto, trago fragmentos da vida, de aulas, palestras, congressos, livros, sites, artigos, redes sociais, conferindo a este estudo uma experiência hipertextual, sendo a rota traçada pela navegação

nos *links*, que são escolhidos segundo o grau de interesse do leitor a determinado tema, dando origem a um novo texto. Caso o leitor prefira imprimir a dissertação, o arquivo estará disponível em PDF sob a forma de ensaios independentes. A ordem aqui disposta segue o percurso da investigação. Ao clicar sobre o *link* selecionado, o leitor acessa um resumo do assunto. Boa viagem!

3.

O HIPERTEXTO E SEUS LABIRINTOS NA ERA DIGITAL²⁸

No universo infinito da literatura sempre se abrem outros caminhos a explorar, novíssimos ou bem antigos, estilos e formas que podem mudar nossa imagem do mundo (...) Mas se a literatura não basta para me assegurar que não estou apenas seguindo sonhos, então busco na ciência alimento para as minhas visões das quais todo pesadume tenha sido excluído (...) (CALVINO, 1990, pp. 20 e 21)

É inegável a infinidade de transformações ocorridas na Sociedade da Informação e do Conhecimento da qual fazemos parte. Certamente, a transição da sociedade analógica para a digital representa a mais radical transformação da história intelectual da humanidade desde a invenção do alfabeto grego. Há mudanças profundas na leitura, na escrita e no modo de pensar. E a maior marca desta geração está sem dúvida na inserção das novas tecnologias, que alteram de forma acelerada as relações interpessoais, com o mundo e com o saber.

Não há escolha: ou assimilamos, e tentamos nos adaptar às constantes mudanças, ou somos devorados por elas e ficamos à margem. Como diz um colega de pesquisa: ou somos nativos digitais, imigrantes ou exilados. Muitas são as pessoas que ainda resistem aos avanços tecnológicos por associarem a existência de muitos males presentes em nossa geração ao advento da internet. O estranhamento é de certa forma uma tentativa de se proteger de todas as “impurezas” que esta tal cibercultura poderia provocar ao *status quo*. Por outro lado, a adesão às NTICs é crescente, seja por fetiche à tecnologia seja por reconhecer nessas ferramentas facilitadoras do cotidiano, que se adéquam com grande similaridade à forma como pensamos, portanto, à dinâmica da nossa mente.

²⁸ Neste hiperlink, há uma retrospectiva da história do hipertexto, trazendo conceitos anteriores à era digital, mas que ainda hoje permanecem. São apresentadas as características fundamentais do hipertexto, temas polêmicos como, por exemplo, seria o hipertexto uma nova relação com o saber ou a superficialidade da leitura? Trata-se, ainda, sobre a nova competência de leitura demandada pelo hipertexto eletrônico, como também os perfis cognitivos dos navegadores-leitores.

Não pretendo aqui discorrer se a tecnologia é boa ou má, isso já é ponto pacífico: ela é ótima! O que nos cabe nesta reflexão é apreender sobre o seu uso, como “manuseá-la”, ou melhor, como tirar proveito dela para uma eficiente formação de leitores.

É certo que a leitura integrada às tecnologias não se constitui também a redentora da educação, ou de uma geração, mas de acordo com Lévy:

Peço apenas que permaneçamos abertos, benevolentes, receptivos à novidade. Que tentemos compreendê-la, pois a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista. (LÉVY, 2008, p.12)

Ou ainda nas palavras de Freire (2011, p.184):

O que me parece fundamental para nós, hoje, mecânicos ou físicos, pedagogos ou pedreiros, marceneiros ou biólogos é a assunção de uma posição crítica, vigilante, indagadora, em face da tecnologia. Nem, de um lado, demonologizá-la, nem, de outro, divinizá-la.

Acredito que a relação entre tecnologia e homem vem sendo inadequadamente interpretada pela constante utilização da metáfora do impacto. Existe uma tradição que insiste em enfatizar que as técnicas viriam de outro planeta, do mundo frio e sem emoção das máquinas, estranho a qualquer valor humano. No entanto, como diz o filósofo Pierre Lèvy (2008, p.21):

Parece-me, pelo contrário, que não somente as técnicas são imaginadas, fabricadas e reinterpretadas durante seu uso pelos homens, como também é o próprio uso intensivo de ferramentas que constitui a humanidade enquanto tal (junto com a linguagem e as instituições sociais complexas).

A técnica em si é inerente ao homem, não vem de fora, sempre esteve lá. É certo que a forma como somos atropelados pela aceleração tecnológica²⁹ e introjetados nela, o que talvez justifique essa sensação de sermos impactados, ou atingidos por um projétil, por vezes, nos enreda a pensar que alguns conceitos nasceram com a introdução das novas tecnologias. Retomá-los, portanto, nos convida a olhar com novos olhos o que já existia, trazendo, assim creio, uma perspectiva mais humanista à inserção tecnológica. É o que acontece com o hipertexto, um conceito antigo que, ao se apropriar das novas tecnologias, resulta em uma ideia totalmente ampliada de intertextualidade, sofrendo adaptações da era digital, metamorfesando-se em *hiperlink*. **Roger Chartier** é um dos teóricos que resgata a historicidade do hipertexto.

De acordo com esse autor, desde o surgimento da escrita, representada por seus hieróglifos, ideogramas e fonemas, já existia a ideia do hipertexto. Uma mensagem, que deveria ser transmitida em várias linhas, poderia ser compreendida por meio de única imagem. Deste período de “origem” que se estende até a revolução da imprensa, há fatos que demonstram de forma gradativa uma ampliação do conceito.

Nos séculos XVI e XVII, o conceito de hipertexto já se fazia presente nas chamadas *marginalias*³⁰, que consistiam em anotações feitas nas margens das páginas dos livros pelos leitores da época. Esses escritos eram índices pessoais, citações de textos, remissões a outras partes ou a outros textos, que posteriormente eram transcritos das margens das páginas para um lugar comum, onde poderiam ser consultados. Ainda no começo da formação do conceito, há também a criação da Roda de Leitura que, similar a uma roda gigante, dispunha vários livros para consulta simultânea.

²⁹ Pierre Lèvy afirma que a aceleração das alterações técnicas explica parcialmente a sensação de impacto, de exterioridade, de estranheza que nos toma sempre que tentamos apreender o movimento contemporâneo das técnicas. Inclui-se ainda nessa perspectiva o indivíduo cujos métodos de trabalho foram subitamente alterados pela revolução tecnológica, tornando seus conhecimentos obsoletos, ou até mesmo extinguindo sua profissão do mercado. O filósofo reforça que a metáfora do impacto se torna mais evidente ainda para as classes sociais e regiões do mundo que não participam da efervescência da criação, produção e apropriação lúdica dos novos instrumentos digitais, para todos esses, segundo Lèvy, a evolução técnica parece ser a manifestação de um “outro” ameaçador. (Cibercultura, 2008, pp.27, 28)

³⁰ Inspirei-me nas *marginálias* para a formatação da dissertação da margem direita maior do que a esquerda, objetivando assim a escrita.

Roger Chartier

Roger Chartier (2002), historiador francês, não é exatamente um pesquisador preocupado com o hipertexto e com os aspectos cognitivos da leitura. É um dos mais conhecidos pesquisadores da história do livro, objeto que foi ressignificado ao longo dos séculos, assim como a história do leitor e das práticas de leitura. Para o autor, enciclopédias e outras organizações textuais já eram hipertextuais, por isso ressalta a importância da perspectiva história na abordagem do hipertexto:

(...) entre as lamentações nostálgicas e os entusiasmos ingênuos suscitados pelas novas tecnologias, a perspectiva histórica pode traçar um caminho mais sensato, por ser mais bem informado” (Chartier, 2002, p. 9).

Chartier certamente não está entre os entusiastas com relação às novas tecnologias, mantendo sempre uma posição de cautela e até nostálgica. O autor evoca conceitos que lhe são muito caros, como: i) leitura intensiva; ii) leitura extensiva; e iii) a ideia de que nenhum texto pode ser abstraído do lugar onde está publicado ou realizado, sob pena de não se poder considerar, com assertividade, os sentidos que meio e mensagem evocam juntos.

Com relação à leitura intensiva, Chartier remete à prática de leitura na qual o leitor se debruçava sobre poucos livros, “apoiada na escuta e na memória, reverencial e respeitosa” (1998, p.23). Como os livros não eram objetos acessíveis, ler intensivamente significava ler os livros possíveis, poucos, mas objetos de estima. Já a leitura extensiva, surgida no século XVIII (alguns séculos depois da invenção da imprensa, que tornou o livro a primeira mídia de massa), implicava a leitura de muitos textos, “passando com desenvoltura de um ao outro, sem conferir qualquer sacralidade à coisa lida”.

O leitor de hipertextos digitais, no entanto, nasceu em um mundo de leituras extensivas, onde os textos existem em profusão, em todos os lugares e suportes.

Chartier em seus estudos se guia pela noção de que textos e suportes são inseparáveis, reforçando que o leitor interage com os objetos de ler, sejam eles

tábuas de cera ou computadores, e exatamente por reconhecer essa relação intrínseca entre textos e suportes, o autor manifesta uma certa preocupação com relação aos novos dispositivos de leitura e escrita, tendo em vista que eles mudam gestos, hábitos e maneiras de compreender textos. Para o historiador, “a transformação das formas e dos dispositivos através dos quais um texto é proposto pode criar novos públicos e novos usos”, ou, “passando do códex à tela, o ‘mesmo’ texto não é mais o mesmo, e isso porque os novos dispositivos formais que o propõe a seu leitor modificam as suas condições de recepção e compreensão” (1998, p. 92).

Não há dúvida de que a leitura hipertextual em ambiente digital traz pela multiplicidade de percursos mudanças na recepção do texto, mas na percepção de um nativo digital as inter-relações entre textos e suportes se traduzem em diferença na aprendizagem: “A tecnologia me fornece os recursos para juntar todas as partes soltas, ligar os pontos e aprender da maneira mais casual e não linear que se pode imaginar”. (TAPSCOTT, 2010, p.147).

A proposição de Chartier, que está relacionada ao terceiro conceito previamente citado, no meu entender, tem mais a ver com a noção de autoridade do que propriamente com a assertividade da mensagem ou com “a sacralidade da coisa lida”.

A noção de autoria, consolidada com o advento da imprensa, fez com que o autor tivesse total domínio sobre seu texto, não sendo permitido ao leitor a interferência ou qualquer tipo de participação na produção textual. Já o espaço destinado à escrita digital altera profundamente essa noção de autoridade, pois o leitor ao decidir o que ler, tece a sua própria escrita, sendo não mais apenas leitor, mas também autor. A mudança da noção de autoridade refere-se tanto à quebra da supremacia do autor, como também à da linearidade do texto.

Em ambientes de escrita colaborativa, como a Wikipedia, a distinção entre texto principal e intervenções posteriores desaparece completamente. Já nos e-books propriamente ditos, as anotações dos leitores são diferenciadas do texto, mas adquirem um caráter diverso, menos individual (até porque o elemento corporal da caligrafia desaparece) – em aparelhos como o Kindle, pode-se escolher ver as anotações de todos os que estão lendo aquele livro ou de uma rede

específica de pessoas, transformando o ambiente da obra num grupo de discussão. Um dos grandes efeitos culturais da palavra impressa – a disseminação de trabalhos escritos por meio de múltiplas cópias, criando uma *comunidade virtual* de leitores do mesmo texto – é potencializado pelo ambiente virtual, no qual estes leitores podem efetivamente conversar entre si. A anotação dos outros não é algo marginal, e sim uma “unidade de leitura” relacionada, um texto independente, algo que inevitavelmente nos leva a repensar nossa noção de autor (e autoridade) dos textos.

Em O Prazer do texto, Barthes nos fala acerca desse divórcio impiedoso fomentado pela instituição literária entre o fabricante e o usuário do texto, seu proprietário e seu cliente, personagens transmutados das figuras do autor e leitor. Em um prognóstico preciso, o autor afirma que “o que está em jogo no trabalho literário (da literatura como trabalho) é fazer do leitor não mais um consumidor, mas um produtor do texto”. (Barthes, 1992, pág.38). E é inegável afirmar que este leitor-produtor, ou melhor, leitor-autor, alcança o seu ápice na era digital.

Pelas colocações de Chartier, vê-se claramente que o autor teme pela hipótese de extinção do livro, chegando até mesmo a declarar que: “apenas preservando a inteligência da cultura do códex poderemos gozar a ‘felicidade extravagante’ prometida pela tela”. (1998a, p. 107). Condicionar os benefícios que a leitura digital possa trazer à preservação da “**inteligência da cultura do códex**” é no mínimo preocupante, pois soa como uma imposição de uma cultura livresca que se pretende soberana, e, por fim, condena ao fracasso as futuras gerações que já não terão como referencial a tal cultura do códex. (FIM)

inteligência da cultura do códex

Essa expressão parece ecoar. Impossível prosseguir o pensamento sem refutá-la. Afinal, o que seria a inteligência da cultura do códex? Se considerarmos cultura todo aquele complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo homem em sociedade, entendo que Chartier quis dizer que o códex supõe um conhecimento adquirido pelo homem e que esse conhecimento pressupõe uma competência, a inteligência.

Não tenho dúvida de que de fato haja inteligência na cultura do códex, o inadequado aqui talvez seja a restrição descrita em “apenas preservando”, sendo esta a condição para se usufruir os benefícios da tela. E se existe uma inteligência a ser preservada, é possível que o autor não reconheça a inteligência coletiva, que segundo Lèvy (2007, p. 28) "está distribuída por toda a parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências".

Ao contrário de Chartier, que ao denominar a inteligência da cultura do códex, acaba fixando-a, para Lévy, "a inteligência culturalmente constituída não é mais fixa ou programada, mas é uma inteligência coletiva que só tem início com a cultura e cresce com ela. Lèvy destaca quatro características que definem a inteligência coletiva:

1ª) Essa inteligência está distribuída por toda parte, o que significa, segundo o autor, que ninguém sabe tudo, todos sabem alguma coisa, todo o saber está na humanidade. "O juízo global de ignorância volta-se contra quem o pronuncia. Se você cometer a fraqueza de pensar que alguém é ignorante, procure em que contexto o que essa pessoa sabe é ouro." (LÈVY, 2010, p. 29); 2ª) Uma inteligência incessantemente valorizada - este é o ponto que está na contramão da sociedade atual, onde podemos assistir uma verdadeira organização da ignorância sobre a inteligência das pessoas; 3ª) As coordenações das inteligências em tempo real - os novos sistemas de comunicação devem oferecer aos membros de uma comunidade os meios de coordenar suas interações no mesmo universo virtual de conhecimentos.; e 4ª) Atingir uma mobilização efetiva das competências - Para mobilizar as competências, é necessário identificá-las.

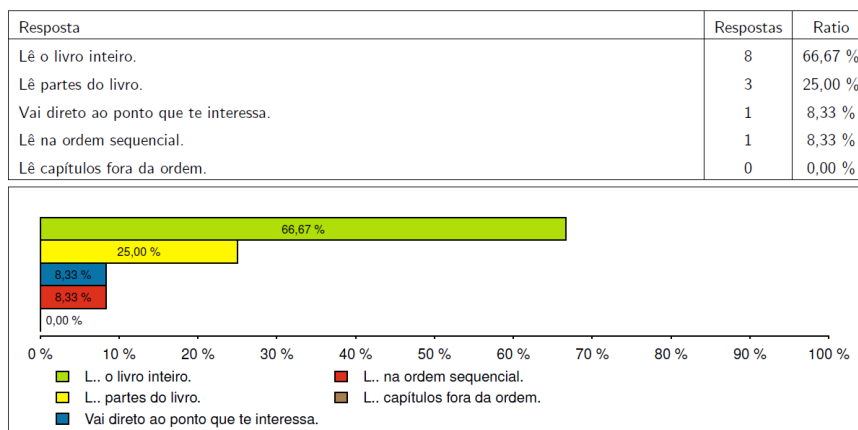
E para isso, é preciso reconhecê-las em toda a sua diversidade. "Na era do conhecimento, deixar de reconhecer o outro em sua inteligência é recusar-lhe a sua verdadeira identidade social, é alimentar seu ressentimento e sua hostilidade, sua humilhação, a frustração de onde surge a violência. Em contrapartida, quando valorizamos o outro de acordo com o leque variado de seus saberes, permitimos que se identifique de um modo novo e positivo, contribuimos para mobilizá-lo para desenvolver nele sentimentos de reconhecimento que facilitarão, conseqüentemente, a implicação subjetiva de outras pessoas em projetos coletivos. (...) Esse projeto convoca um novo humanismo que inclui e amplia o "conhece-te a ti mesmo" para um "aprendamos a nos conhecer para pensar juntos", e que generaliza o "penso, logo existo" em um "formamos uma inteligência coletiva, logo existimos eminentemente como comunidade".

A diferença central entre o hipertexto assim desenhado e o texto linear tal como o encontramos em livros, jornais e revistas impressos é a possibilidade de diferentes escolhas para leituras e interferências *on-line*. No caso de um livro impresso, a sequência do texto está determinada pela linearização e paginação. O mais comum no livro é os leitores fazerem o mesmo caminho desde a primeira página até a última. Isso não impede que cada um faça suas escolhas de leitura diferenciadas, pois nada impede que se leia um livro saltando páginas, ou consultando bibliografias paralelas e assim por diante. Há livros como os dicionários, enciclopédias, obras de consulta e catálogos telefônicos que não são lidos linearmente, mas em múltiplas direções.

A questão 22 que pretende averiguar como é realizada a leitura digital revela um predomínio de respostas de leitores digitais que leem o livro inteiro (66,67%) seguido por aqueles que leem partes do livro (25%).

22. Como se dá sua experiência de leitura digital?

Múltipla escolha, respostas: 12x, Não respondido: 4x



O resultado é que a maioria lê o livro digital inteiro, e, em segundo, o público que apenas lê partes do livro. Veja que tal questão refere-se à leitura de livros digitais, o que me faz crer, que independente do meio, o leitor sempre se encontra diante de uma história que converse com ele. Quando o assunto é leitura na web, vê-se uma mudança radical na leitura, a qual se constrói nos fragmentos.

Quando Chartier (2002, p. 120-121) afirma que o leitor-navegador, acostumado à ordem dos livros e aos gestos do códice, terá que reconfigurar sua ação para ler na tela, e complementa dizendo que esta ação não ocorre de forma autoexplicativa, o historiador está de certa forma relativizando a ideia de que a navegação é intuitiva e familiar. Certamente, Chartier não está falando de nativos digitais, pois, na prática, vivenciamos a tamanha familiaridade que estes têm com os recursos tecnológicos e a navegação intuitiva, que ocorre de modo tão natural que eles se tornaram professores das gerações que os precedem.

Este vídeo³¹ que exibe um bebê interagindo com as novas tecnologias, tendo por suporte um tablet, demonstra que ele sabe exatamente onde quer chegar, ao esboçar reações de contentamento quando alcança seu objetivo, como também de irritação e insatisfação ao ser exposto a uma revista, que embora muito similar a um tablet não responde ao toque, não interage com ele. Essas ações, aparentemente engraçadas, retratam não somente práticas de nativos digitais, tendo em vista que o imigrante, acostumado à comodidade dos recursos, como o de ampliar o objeto, transfere automaticamente esses movimentos ao ler em publicação impressa.

³¹ Disponível em <http://youtu.be/Govj6R-USBM>. Acesso em 12/06/2011.

“Pela primeira vez na história, os estudantes não estão mais limitados pela capacidade e pelo conhecimento de seus professores” (Prensky, 2010, p.199)

E essas gerações (compostas por pais, avós e até mesmo professores), por sua vez, podem até demorar a aprender, mas quando aprendem, a tecnologia passa a ser como ar que respiram. E não é raro encontrarmos exemplos muito próximos a nós. Em casa, tenho uma filha de oito anos que iniciou muito cedo sua carreira de professora, ensina a avó de 70 anos a navegar, baixar aplicativos, que hoje já consegue traçar suas rotas sem a ajuda da neta. Esta simplificação no manuseio deve-se ao avanço da Ciência da Computação, que tem, em uma de suas subáreas conhecida por Usabilidade, a responsabilidade de construir sites e aplicativos nos quais o leitor possa navegar por intuição, sem precisar ser um expert no assunto³².

Interessante é observar que o próprio Chartier ao retomar o hipertexto numa perspectiva histórica, o introduz como uma técnica que sempre existiu, corroborando de certa forma a percepção de Lèvy (2008), para quem o hipertexto eletrônico não constitui uma tecnologia externa ao homem. Chartier parece oscilar entre estranhamento e familiaridade, pois em uma de suas recentes obras, faz uma referência direta ao hipertexto e hiperleitura, sugerindo que ambas as formas de textualidade, eletrônica ou não, são tecidas pelo elo pensado:

O hipertexto e a hiperleitura que ele permite e produz transformam as relações possíveis entre as imagens, os sons e os textos associados de maneira não-linear, mediante conexões eletrônicas, assim como as ligações realizadas entre os textos fluidos em seus contornos e em número virtualmente ilimitado. Nesse mundo textual sem fronteiras, a noção essencial torna-se a do *elo* pensado como a operação que relaciona as unidades textuais recortadas para a leitura. (Chartier, 2002, p. 108-109)

O elo pensado, comum às duas modalidades de leitura, desfaz a ideia do “outro ameaçador”, e representa o fio de Ariadne que nos permite ir e vir sem nos perder no caminho. (FIM)

³² Um exemplo muito atual disso é a empresa Apple³², que foi elevada ao status de modelo de inovação, tecnologia, design e marketing. A criação de seus produtos oferece como diferencial a extrema facilidade no manuseio, dispensando a leitura de manuais. Essa praticidade aliada a outros atributos permitiram à empresa não privilegiar campanhas publicitárias, enquanto outras empresas do setor fazem investimentos milionários em marketing.

Hoje, na era digital, temos a possibilidade de circular em vários tipos de mídias pela abertura de janelas, que podem ser simultaneamente consultadas. Como se pode ver, já naquela época, havia o conceito de compartilhamento da informação, realizado por meio das marginais, e este princípio da coletividade mantém-se presente na concepção atual de hipertexto.

Já no século XVIII, temos um exemplo clássico da evolução do hipertexto pela publicação rapsódica da obra *As mil e uma noites*, que utiliza de forma consistente *links* em um mesmo documento. A obra é composta por 12 volumes e apresenta um encadeamento contínuo de histórias, ou seja, uma história que contém outra história que, por sua vez, contém outra história e assim por diante.

Com a revolução da imprensa, surge o livro da forma como o conhecemos hoje, com toda a padronização que inclui itens como, paginação, sumário, citações, capítulos, títulos, resumos, erratas, índices, palavras-chave, bibliografias entre outros³³. Todos esses elementos são exemplos de hipertextos que, na época, já possibilitaram um nível de interação maior, entre o conteúdo e o leitor, se comparado à época dos manuscritos.

Apesar de todo o avanço, ler com o lápis na mão ainda é uma prática dos nossos dias, não importa se estamos falando de lápis, tecnologia clássica, ou da ferramenta realce, nova tecnologia da era digital. “O grifo na leitura é a prova preliminar da citação (e da escrita)”, diz Compagnon (1996, p.19), e quando grifamos ou fazemos anotações sobre a leitura, estamos nos apropriando do texto, hipertextualizando-o, sendo a citação, portanto, um lugar de reconhecimento na leitura. É neste lugar que o leitor encontra o ponto de acomodação, de onde o texto lhe seja legível, aceitável. Aliás, os elementos citados anteriormente, que de certa forma organizam a escrita no livro, são também pontos de acomodação, pois foi a partir da padronização do livro que o leitor passou a acessar o conteúdo da obra de forma rápida, e, de modo seletivo e não linear, passou a ler partes do livro que mais lhe interessavam, sendo esta prática, portanto, não um privilégio do hipertexto eletrônico.

³³ O recurso nota de rodapé é considerado um hipertexto básico, por ter como característica quebrar a linearidade do texto.

Juntamente com as conquistas tecnológicas ocorridas na era da imprensa e da eletricidade, aumenta a importância de se organizar a informação. No século XVIII, as bibliotecas³⁴ se organizavam de dois modos, por fichas catalográficas em ordem alfabética ou por índices gerais, aperfeiçoando, posteriormente, outras linguagens documentárias. Nos séculos XIX e XX, surgem o código Morse, o telégrafo, a máquina de escrever, telefone, rádio, a famosa Hollerith – a mecanografia de cartão perfurado, entre outros inventos. Depois disso, vem o cinema falado, a televisão, o gravador, fotocopiadora. Enfim, tantos outros suportes que influenciaram a forma de comunicação da sociedade.

Quando finalmente chegamos à era do computador³⁵, a demanda da sociedade, que sempre foi obstinada pela organização da informação, ganha novos contornos. Não bastava organizar a informação, todo conteúdo deveria ser interligado a outros conteúdos, transformado em conhecimento e compartilhado. E com o acúmulo absurdo de informação, surgem muitos desafios³⁶ da era digital, para citar apenas um: como arquivar documentos digitais e sites que são extintos, considerando o tempo médio de vida de 75 dias de uma publicação na internet? No ano de 2013, a Biblioteca Britânica³⁷ recebeu o apoio legal para coletar e armazenar sites, e-books, publicações digitais britânicas, dentre outros arquivos.

³⁴ Veja algumas bibliotecas digitais públicas. Disponível em <http://canaldoensino.com.br/blog/10-bibliotecas-virtuais-gratuitas>. Acesso em 01/01/2014.

³⁵ Assista ao vídeo da história do computador em minutos. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=F3qWg1JBPZg>. Acesso em 4/11/2011.

³⁶ Com a era digital, surgem muitos desafios também para a área do Direito, que incluem desde os direitos autorais aos direitos do consumidor. Por exemplo, pelas políticas de privacidade da Amazon, responsável pela Kindle, o conteúdo digital é licenciado e não vendido, isso significa que a “compra”, ou melhor, a aquisição de um e-book, por exemplo, é associada à conta do usuário, e, além disso, não é permitido o compartilhamento como os livros físicos. Em caso de morte do usuário, a conta é desativada, impossibilitando que a biblioteca digital seja uma herança de pai para filho. Disponível em: http://www.ufpe.br/bibcav/index.php?option=com_content&view=article&id=347: bibliotecas-virtuais-nao-podem-ser-passadas-de-pai-para-filho&catid=33: noticias. Acesso em 17/12/2013.

³⁷ Disponível nos sites: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed742_biblioteca_britanica_ira_armazena_arquivos_digitais_e_sites. Acesso em 17/12/2013.
<http://info.abril.com.br/noticias/internet/biblioteca-britanica-comeca-a-arquivar-paginas-da-internet-05042013-40.shl>. Acesso em 17/12/2013.

Segundo Roly Keating, executivo-chefe da Biblioteca Britânica, os novos poderes são “uma reafirmação do que significa ser uma biblioteca na era digital”³⁸.

Contudo, esta obstinação de organizar a informação não é recente, foi nesta mesma expectativa que a história do hipertexto eletrônico começou a ser escrita, remetendo principalmente a dois norte-americanos: Vannevar Bush e Theodor Nelson. Atualmente, muitos usuários da rede desconhecem que o “texto” e “ambiente” em que navegam recebe o nome hipertexto.

Vannevar Bush³⁹ teria sido o responsável pela concepção do hipertexto. Na década de 1940, Bush escreve um ensaio intitulado “As We May Think”⁴⁰, “Como podemos pensar”, texto de grande circulação na internet, no qual descreve a máquina Memex (Memory + Index), que seria capaz de propiciar leitura e escrita não lineares e armazenar uma biblioteca multimídia de documentos. Segundo Bush, a Memex possibilitaria a uma pessoa guardar todos os seus livros, fotos, jornais, revistas e correspondências, podendo consultá-los de forma rápida e eficiente, ou seja, seria uma extensão de sua memória.

³⁸ Desde 1662, a lei britânica requer que editores deem a autoridades uma cópia de cada trabalho impresso que produzem. Até agora, as publicações digitais não tinham um requerimento legal equivalente. Uma grande quantidade de material ficou perdida desde o surgimento da edição de livros digitais nos anos 90. Como a vida média de uma página é de apenas 75 dias, futuros historiadores confrontarão um “buraco negro digital” quando analisarem o final do século 20. “Na medida em que os anos passam, isso se tornará o único registro que sobreviverá em grande âmbito de conteúdo”, diz o executivo-chefe da Biblioteca Britânica. “O âmbito completo de como os britânicos estão usando a web no século 21 estará arquivado para acadêmicos, pesquisadores, historiadores, cineastas e escritores explorarem”. Acredito ser este um projeto importante e bastante ambicioso, tendo em vista o “buraco negro digital” já aqui mencionado. No entanto, não concordo com a declaração de que se trata de uma reafirmação do que deve ser uma biblioteca digital, tendo em vista que uma de suas principais características é a interatividade com a web. Considerando que muitas dessas publicações arquivadas pela Biblioteca Britânica não possuem mais seus *hiperlinks* ativos na rede, já não é possível a interatividade tão peculiar a uma biblioteca digital. Acredito, portanto, que o projeto desta biblioteca digital não difere do que o senso comum convencionou chamar de biblioteca, ou seja, um depósito de arquivos, até mesmo porque os sistemas avançados de busca já estão presentes nas bibliotecas convencionais.

³⁹ Na década de 1940, Vannevar Bush era diretor de uma agência civil conhecida como *Office of Scientific Research and Development* (OSDR), cuja missão era firmar contratos de pesquisa e inovação com empresas privadas e universidades (MOWERY & ROSENBERG, 2005). Não apenas por isso, ele era autoridade importante na política científica dos EUA e redigiu relatórios que deram conta do investimento milionário que aquele país fez em desenvolvimento e pesquisa no século XX.

⁴⁰ Nesse trabalho, publicado na revista *The Atlantic Monthly*, em julho de 1945, Vannevar Bush faz um longo apanhado das invenções científicas originadas no esforço de guerra dos Estados Unidos e nas invenções que poderiam ajudar o homem do pós-guerra a viver melhor. Nesse contexto, Bush publicou o artigo seminal da máquina de arquivar memória. Na verdade, uma espécie de microfilme extensor de memória (Memex), que não serviria apenas para guardar, mas que teria uma maneira inteligente de indexar e buscar, caso necessário, a informação solicitada.

Bush acreditava que o pensamento humano organizava as informações e as utilizava por meio de “trilhas associativas” de forma não linear. Essas trilhas seriam os elos de ligação, hoje conhecidos por *links* hipertextuais que conectariam as informações umas às outras por meio dos dados armazenados. E assim se inicia a era digital, ou poderíamos até chamar “era hipertextual”, visto que o hipertexto para a sociedade em rede é sujeito e objeto, a própria arquitetura da rede.

Nos anos 60, um outro precursor da filosofia da informação, o americano Theodor Nelson, inspirado na obra *S/Z* de Roland Barthes, na qual ele trata o conceito de Lexia, de ligar textos com outros textos, deu nome ao objeto descrito por Bush. O nome *hipertexto* teria sido cunhado para batizar um sistema mecânico em que as informações se ligassem por meio de *links* navegáveis, ou seja, uma espécie de mapa com percursos variados conectados por pontos acessáveis. Navegando, portanto, entre diferentes “lexias”, o leitor, tornado autor, tem a possibilidade de participar de uma experiência coletiva, nas redes ilimitadas da linguagem.

Em 1965, Theodor Nelson ainda era estudante de graduação em Harvard quando apresentou, em uma conferência nacional da *Association for Computing Machinery*, um projeto chamado Xanadu⁴¹. Segundo Nelson, a inspiração que o levou a desenvolver o hipertexto partiu da necessidade que ele mesmo sentia de trabalhar, lendo e escrevendo, em uma máquina capaz de apresentar os blocos de texto produzidos de forma não-linear, também de maneira que o autor pudesse mover as partes do texto e editá-las sem tanto trabalho quanto na escrita linear impressa ou manuscrita. Para ele, se os pensamentos eram estruturados de maneira não-sequencial, não haveria motivos para fixá-los de maneira que parecessem lineares. Nelson declara, sobre a inspiração para Xanadu, que “o leitor

⁴¹ Theodor Nelson começou a implementar o sistema que continha o delineio básico do que se tornaria o Projeto Xanadu: um processador de textos capaz de lidar com versões múltiplas, e mostrar as diferenças entre essas versões. Embora ele não tenha chegado a completar essa implementação, um ‘modelo’ do sistema se provou suficiente para interessar a outros. No topo dessa ideia básica, Nelson quis facilitar a escrita não-sequencial, na qual o leitor poderia escolher seu próprio caminho através de um documento eletrônico. Ele edificou essa sua ideia em um documento para a ACM (Association for Computing Machinery), em 1965, denominando a nova ideia de “listas entrelaçadas como zíper” (zippered lists). Essas listas permitiriam compor documentos de modo que fossem formados de pedaços de outros documentos, um conceito chamado transclusão. Em 1967, enquanto trabalhava para Harcourt, Brace (que publicaram o Guia Harbrace de itens relacionados ao comércio) ele nomeou seu projeto de Xanadu, nome dado em homenagem à cidade mítica onde ficava o palácio do imperador mongol Kubla Khan.

tem que tomar essa estrutura linear e fazer a recomposição, colocando-a, de novo, na estrutura não sequencial”.

Theodor Nelson tinha em mente um certo modelo de como a leitura e a escrita se davam, e Xanadu mostrava-se uma maneira de realizar tais processos, ou uma forma de simular o que ocorre em nossa mente enquanto formulamos textos, seja lendo ou escrevendo.

É importante ressaltar, no entanto, que Nelson trazia entre as premissas de seu trabalho de engenharia de computadores que os textos não realizam o que a mente de fato faz; que os textos, de alguma maneira, sob a arquitetura do hipertexto, poderiam ser uma espécie de simulação do que se passa na mente humana ao escrever e ler; que essa “animação” dos processos mentais encontraria meios de se tornar um mecanismo externo e, portanto, extensor das capacidades mentais humanas, como queria Vannevar Bush no pós-guerra.

Finalizado o projeto Xanadu, o leitor ou o usuário poderia acessar partes do sistema em qualquer ordem, ou seja, em uma ordem que refletisse uma organização mais “pessoal” e menos engessada do que em outros ambientes de texto. De certa maneira, Nelson idealizava uma maneira “customizada” de ler e escrever e tinha no sistema Xanadu a oportunidade de viabilizar isso. O grande objetivo de Nelson era tornar os computadores acessíveis para pessoas comuns, e seu lema era: “Uma interface para um usuário deve ser tão simples que um iniciante, numa emergência, deve entendê-la em 10 segundos.”

Certamente, a Web deve muito de sua inspiração ao projeto Xanadu, mas Nelson não aprova tanto a World Wide Web⁴² quanto o XML⁴³, que conforme o filósofo ainda seriam piores do que a Web, como também todos os sistemas relacionados ao protocolo de Berners-Lee⁴⁴. Para Nelson, a Web seria uma simplificação grosseira das ideias contidas no Xanadu:

⁴² Disponível em <http://www.significados.com.br/world-wide-web/>. Acesso em 20/01/2014.

⁴³ Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/XML#Vantagens_e_desvantagens. Acesso em 20/01/2014.

⁴⁴ Inglês, nascido em 1955, é o criador da World Wide Web (Rede Mundial de Computadores - Internet), tendo feito a primeira proposta para sua criação em março de 1989.

HTML é precisamente o que tentávamos evitar; links quebrados, links unidirecionais, citações sem ligação com sua fonte, nenhum controle de versões publicadas, nenhum controle de direitos autorais.⁴⁵

Segundo o autor, portanto, o conceito hipertexto estaria, tecnicamente, sendo utilizado de forma reduzida. Os recursos originalmente idealizados no projeto Xanadu não foram implementados por inviabilidade técnica que, talvez, demandaria maior aceleração tecnológica, provavelmente incompatível com a época de sua elaboração.

O hipertexto possui características conceituais que lhe são fundamentais, sendo estas muito bem descritas por Mielniczuk e Palácios (2002) e Landow (1997), são elas: a 1. intertextualidade, a 2. descentralização e a 3. intratextualidade. Em relação a 1, um hipertexto potencializa o que, nos livros, fica limitado ao espaço de papel que o leitor tem em mãos. Em meio digital, é possível acessar e acionar a intertextualidade ao infinito, pela navegação em um grande banco de dados. O item 2, descentralização, refere-se à possibilidade de movimentação do leitor pela “malha de blocos de textos interconectados”. Não haveria mais centro fixo, mas um fluxo de recentramentos produzidos pelos movimentos do leitor. Já o item 3, a intratextualidade, diz respeito às ligações dentro do mesmo texto. Considerando um site, essa ideia fica mais fácil de visualizar, ou até mesmo os hiperlinks desta dissertação que nos levam tanto a “textos” externos, existentes na rede, quanto a “textos” internos, presentes na própria dissertação.

Para estes mesmos autores, há ainda mais três características técnicas que sustentam uma “dinâmica particular de funcionamento do hipertexto, no que diz respeito à organização das informações (escrita) e ao acesso a elas (leitura)” (Mielniczuk e Palácios, 2002, p. 133), a saber: 1. os blocos de textos; 2. ligados por *links*; 3. em meio digital. Os brasileiros Mielniczuk, Palácios e Marcuschi e os norte-americanos Landow, Bolter e Grusin dentre outros empreenderam pesquisas sobre o hipertexto e as novas tecnologias, sendo Bolter o responsável pelo

⁴⁵ Disponível em <http://xanadu.com.au/ted/TN/WRITINGS/TCOMPARADIGM/tedCompOneLiners.html>
Acesso em 01/01/2014.

conceito de espaços de escrita (*writing spaces*), que caracterizaria o hipertexto como um “lugar” de escrita em ambiente digital⁴⁶.

Bolter e Grusin (2004) propõem a reflexão sobre as mídias, redefinindo o objeto de seus estudos. Tratam não da “origem” das novas tecnologias, mas de sua “genealogia” ou de suas “afiliações históricas”. Dessa maneira, partindo para uma metáfora emprestada do campo das ciências biológicas, os autores evitam que as tecnologias sejam tratadas de maneira isolada, por isso o interesse em fazer com que passem a ser vistas e revisitadas como seções de um processo histórico, em que umas mídias herdaram características de suas predecessoras, de certa forma à maneira da genética.

Pela concepção filológica, o dicionário Houaiss introduz duas acepções para hipertexto, uma proveniente da área de editoração e outra proveniente da informática, o que remete a dois modos de leitura, um convencional (leitura impressa) e o outro digital (leitura eletrônica). O que identificamos logo de início é que ambos os modos têm o mesmo princípio: a apresentação de informações organizadas de tal forma que o leitor tenha a liberdade de escolher vários caminhos, a partir de sequências associativas possíveis entre blocos vinculados por remissões, sem estar preso a um encadeamento linear único.

Na leitura impressa, somos guiados pelas “pistas” intertextuais, explícitas ou não no texto, inseridas pelo autor ou por nosso próprio repertório pessoal. Já na leitura digital, geralmente a intertextualidade é mais explícita, sendo os *hyperlinks* responsáveis por esse papel. Além disso, a leitura digital tem como característica, muito peculiar da *web*, a interatividade⁴⁷. Ou seja, na leitura digital, além de recorrermos ao nosso repertório, que é o nosso “conhecimento de mundo”, temos ainda os hipertextos, sob a forma de hipermídias, que são *links* de informações que reportam ao(s) texto(s) e a novos hipertextos, gerando uma cadeia textual

⁴⁶ Segundo Marcuschi, o hipertexto não constitui um novo espaço de escrita, e muito menos um novo paradigma na produção textual, visto que o conceito hipertexto existe desde sempre. A novidade está sim na tecnologia que permite uma nova forma de textualidade. O hipertexto, aliado às vantagens da hipermídia, consegue integrar notas, citações, bibliografias, referências, imagens, vídeos, áudios, dentre outros elementos de modo eficaz e sem a sensação de que sejam notas, citações etc.

⁴⁷ Leia Nas raias da interatividade, pág.170

infinita, o que Xavier⁴⁸ (2000) chama de hiperintertextualidade. Para Lèvy, esta quantidade infinita de *links* seria a característica principal do hipertexto:

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os sites de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira. (LÈVY, 1993, p.33)

Navegar, desenhar um percurso, nó-rede inteira. Tais palavras nos chamam à atenção para o que deve ser o início de uma reflexão sobre o uso das tecnologias para a leitura. Por meio das ações de um navegante, é possível perceber que a autonomia desenvolvida pela prática da navegação assemelha-se em muito à de um leitor literário. Além da autonomia, a leitura literária evoca um maior grau de hiperintertextualidade.

Tanto a hipertextualidade quanto a autonomia traduzem com exatidão a obra de Theodor Nelson, “Literary Machines”⁴⁹, Máquinas Literárias, publicada em 1981, onde o autor define o hipertexto como “escrita não-sequencial, rede interligada de nós que os leitores podem percorrer de forma não-linear” E se compararmos, é possível observar que tanto na navegação quanto na leitura literária, hipertextos são acessados a todo tempo, sendo que na literatura, há um fio da trama, estabelecido pelo autor, que conduz o leitor; na leitura digital, por sua vez, este fio é estabelecido pelo leitor. Ocorre, por vezes, que o excesso de hipertextos explícitos, ou seja, os *hyperlinks*, pode facilmente dispersar sua atenção pelo caminho, resultando, como sugere Marcuschi, em um *stress cognitivo*.

⁴⁸ Professor Titular em Linguística do Departamento de Letras da UFPE. Pós-doutor em hipertexto, linguagem e retórica digital pela Universidade de Paris-VIII, França. Atua nas áreas de Linguagem-Educação-Tecnologia, Semântica, Pragmática, Filosofia da Linguagem e Linguística de Texto, e autor de artigos científicos, de opinião e de livros sobre o hipertexto.

⁴⁹ Bibliografia completa de Theodor Nelson. Disponível em: <http://www.mprove.de/diplom/referencesNelson.html>. Acesso em 01/01/2014.

Nesse contexto, a leitura literária pode surgir como uma possível “mediadora” das novas tecnologias. As novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs) constituem instrumento de emancipação⁵⁰ para a formação humana, e uma das contribuições é a autonomia que advém das novas relações com o saber. Contudo, as NTICs não desenvolvem no leitor-navegador a maturidade necessária para navegar na web, traçar suas rotas, desfazer nós, ligar nós e estabelecer a sua própria rede, uma rede inteira, correndo um grande risco de perder-se totalmente em arquipélagos textuais, como bem declarou Chartier (2002, 120-121).

Considerando a literatura e as novas tecnologias instrumentos de emancipação do sujeito, é relevante analisar os preconceitos ainda existentes quando se associa literatura às novas tecnologias⁵¹. E estes preconceitos vão desde o conteúdo, ou seja, do que venha a ser ou não literatura, até às novas formas de leitura. Aqui, talvez, seja o começo da minha reflexão sobre as novas práticas de ler e escrever na era digital:

⁵⁰ A relação entre as tecnologias da comunicação e a emancipação humana é tratada aqui sob a ótica de se utilizar a técnica como facilitador do combate à causa essencial da desagregação dos seres humanos.

⁵¹ A associação da literatura às NTICs ainda revela preconceitos e muitos desafios a serem superados. E isso não é um privilégio da literatura. Antigamente, a música era propagada para milhões de pessoas pelo preço de algumas pilhas, enquanto a literatura fazia com que o leitor tivesse que procurar o livro. Considerando o processo editorial, é fato que o livro só circulava se fosse impresso, distribuído e vendido. No entanto, hoje a distribuição literária está numa velocidade cada vez maior. Criam-se quebras de protocolos rígidos que foram impostos por séculos de preconceitos.

A literatura não é para qualquer um, diria um escritor de então. Assim também diziam os músicos eruditos ao ouvirem brancos que tocavam jazz, negros que pululavam no blues ou enclausurados intelectuais ao escutarem populares em uma roda de samba. A música também era restrita a poucos até surgirem aparelhos que a reproduzissem para as massas. Escravos que colhiam algodão puderam propagar seus lamentos para lugares que jamais imaginariam ter suas músicas ouvidas. Quando a distribuição se alterou, o que antes nem se sabia que existia, agora era música. Com a literatura não seria, e nem será, diferente.

3.1

Seria a hiperleitura uma nova relação com o saber ou superficialização da leitura?

No meio acadêmico, observo uma tendência pessimista no que diz respeito à hiperleitura, por parte de professores de ensino fundamental, médio e superior. Matérias de jornais e revistas, incluindo livros de especialistas em vida digital, trazem opiniões divididas quanto à utilização das novas tecnologias. No entanto, há um número considerável de argumentos que reforçam a tese de que os recursos tecnológicos, ao disputarem a sua atenção, imprimem a tão temida superficialidade na leitura.



A revista Época intitulada *A internet faz mal ao cérebro?*⁵² traz a opinião de especialistas sobre influência da tecnologia sobre o cérebro humano, e como as mídias digitais têm afetado as relações com o saber. As opiniões se dividem entre os pessimistas, os cautelosos e os otimistas. O escritor americano Nicholas Carr em seu livro, *The shallows – what the internet is doing to our brains* (Os Superficiais – o que a internet está fazendo como os nossos cérebros), afirma que a

constante exposição às novas mídias digitais está mudando para pior a forma como pensamos. Nicholas, leitor insaciável, percebeu há uns cinco anos que já não era capaz de se concentrar na leitura como antes. O autor relata que sua ansiedade disparava diante de qualquer tarefa que exigisse concentração – seus olhos estavam sempre procurando a tela do computador ou do celular. E segundo Nicholas, o impulso de espiar na internet era quase incontrolável: “sentia que estava forçando meu cérebro a voltar para o texto (...) a leitura profunda, antes tão natural para mim, tinha se transformado numa luta”.

Mark Bauerlein, autor de *The dumbest generation* (A geração mais estúpida), antecipa uma nova Idade das Trevas, que, segundo o autor, alcançará

⁵² Revista Época. 21 de outubro de 2011. Nº702

seu auge quando os indivíduos que hoje são crianças e adolescentes chegarem à maturidade. Bauerlein é professor na Universidade Emory, na Geórgia, supervisiona estudos sobre a vida cultural americana. Ele acredita que as novas gerações, educadas sob a influência das mídias digitais, são formadas por narcisistas, despreparados para pensar em profundidade sobre qualquer assunto. O autor cita uma pesquisa realizada em 2006, com mais de 81 mil estudantes americanos de ensino médio, quando detectou que 90% deles “leem ou estudam” menos de cinco horas por semana – embora passem “pelo menos” seis horas navegando na internet e um período equivalente assistindo TV ou jogando videogame.

A jornalista americana Maggie Jackson faz coro a Carr e Bauerlein. Ela sugere que os mais jovens estão acostumados, por culpa da internet e do uso de celulares, à leitura desatenta de textos cada dia mais breves e estilisticamente mais pobres. Os 140 caracteres que se podem escrever no Twitter, segundo a autora, geram pensamentos máximos de 140 caracteres. Além disso, há recursos nas redes sociais, como o “curtir”, ou o uso de “emoticons”⁵³ que de certa forma têm esvaziado os debates. A “curtida” seria uma forma abreviada de dizer “estou de acordo”, “gostei”, “parabéns”, “é isso aí”, e o uso dos emoticons, ainda dá margens para deduzirmos o “tom” da fala, como se pode observar no post abaixo em que a escritora e blogueira Norma Braga, que faz parte da minha rede de amigos do facebook, desabafa sobre a diminuição de comentários em seu blog.

⁵³ Um dos recursos mais utilizados na educação a distância é a linguagem escrita com o tom de oralidade, que, segundo pesquisas e relatos de alunos, promove maior aproximação e interação entre docentes e alunos, sendo uma das estratégias de se evitar a evasão nos cursos. O recurso dos emoticons, igualmente, traduz em imagens sentimentos que só a língua oral permitiria.

Halliday (1996), ao analisar as relações entre língua falada e escrita, defende a teoria de que uma das diferenças entre ambas está na nominalização mais intensa na escrita, o que acarretaria grupos nominais mais longos e orações maiores. Já a fala, por ser mais segmentada, produz uma sintaxe mais intrincada que a da escrita (Halliday 1996, p.348), muito similar ao que ocorre à linguagem da rede. Para o autor, as tecnologias computacionais imbricadas na escrita estariam desconstruindo toda a oposição entre fala e escrita.

A consciência das barreiras entre fala e escrita vão desaparecendo, e tudo indica que as novas gerações digitais finalmente irão atingir o que Anderson (1985, *apud* Halliday, 1996, p. 355) declarava: “Crianças que aprendem a escrever usando o processador de palavras tendem a compor seu discurso escrito numa maneira que é mais parecida com a fala do que com os tradicionais exercícios da escrita.”. Como bem afirma a aluna Sofia Suarez (13 anos, 8ºano), “Na internet você pode ser mais informal”.



Inspirada nos 140 caracteres e considerando o vasto leque de ações que podem ser realizadas em 1 hora de navegação, solicitei para os informantes da pesquisa eletrônica que relatassem em seus diários de bordo apenas meia hora de sua navegação e que, então, compartilhassem sua percepção, emoções, trocas de mídias, tecnologias utilizadas. Embora os fins acadêmicos tenham sido explicitados no texto da pesquisa eletrônica, observei que o registro linguístico escolhido era o informal, bem condizente a um diário e à linguagem utilizada na rede, porém não havia um rigor com a norma culta e quanto à quantidade de caracteres, devo falar que alguns não chegaram nem mesmo a 100.

A reportagem exibida na Revista Época cita a consultoria Genera, que divulgou um estudo sobre os efeitos do uso da internet entre os jovens. A empresa entrevistou 6 mil pessoas da geração que cresceu usando a internet e concluiu que a “imersão digital afetou até mesmo a forma como eles absorvem informação”. Segundo os pesquisadores, “eles não leem uma página necessariamente da esquerda para a direita e de cima para baixo. Pulam de uma palavra para outra, atrás da informação pertinente”. Corroborando as pesquisas, a matéria expõe a opinião de um professor da Universidade Duke que diz não mais conseguir que seus alunos leiam um único livro do começo ao fim, mesmo nos cursos de literatura.

Além desses, um dos argumentos mais difíceis de rechaçar, segundo a matéria, vem do professor de comunicação, Clifford Nass, da Universidade Stanford, que sugere que pessoas acostumadas ao funcionamento multitarefa do computador – que permite fazer várias coisas ao mesmo tempo – tendem a imitar a máquina, tocando várias atividades ao mesmo tempo. Escrevem, falam ao telefone, consultam a internet, ouvem música, tudo, ou quase tudo, simultaneamente. Clifford diz que tais pessoas são atraídas por irrelevâncias e qualquer coisa as distrai. Sua pesquisa mostra que, quanto mais a pessoa se julga eficiente fazendo várias coisas ao mesmo tempo, pior ela as faz, pois segunda a pesquisa os multitarefas não conseguem manter as coisas separadas no interior da mente. Então, quando precisam se concentrar em uma única atividade por um longo tempo, o esforço é muito maior.

A Associação Americana de Psicologia⁵⁴ diz que o hábito de se fazer várias coisas ao mesmo tempo, promovido pelas novas tecnologias, tornou-se um problema pelo simples fato de nossa capacidade de atenção ser limitada. Ou seja, quanto mais ela é fracionada, menos funciona.⁵⁵

O fato é que as declarações vindas desses renomados especialistas, ainda que pessimistas, não são infundadas, e reconheço meus alunos e alguns informantes desta pesquisa em muitas delas.

Contudo, esta mesma matéria traz a opinião de outros especialistas, que não reconhecem a tecnologia como a causadora de todos os males e nem como a solucionadora de todos os problemas. Antes, posicionam-se entre os cautelosos.

Antônio Damásio, neurocientista português, professor na Universidade do Sul da Califórnia, em Los Angeles, afirma que a adaptação do cérebro a um acelerado mundo multitarefa é tão mais fácil e mais rápida quanto mais jovens

⁵⁴ A Associação Americana de Psicologia define multitarefa como “a tendência a fazer mais de um trabalho que precise de atenção ao mesmo tempo, como falar ao telefone e escrever uma mensagem eletrônica”.

⁵⁵ Os testes de atenção realizados pela equipe de Clifford Nass, na Universidade Stanford, nos quais se mede a capacidade de separar e filtrar informação, ressaltam que os tipos multitarefa se deram muito pior do que quem usa tecnologia com moderação. No teste de memória, eles também tiveram desempenho relativamente insatisfatório. Quanto mais elementos para memorizar, pior o resultado. Então, os cientistas elaboraram um terceiro teste para descobrir se os nerds eram bons pelo menos em saltar rapidamente de uma atividade para outra.

somos. Porém, há um custo para o cérebro das crianças e adolescentes desenvolver a capacidade de se adaptar às múltiplas tarefas, e a esse efeito, Damásio chama de: dificuldade de concentração.

É muito comum ver adolescentes que conseguem realizar três, quatro, cinco tarefas ao mesmo tempo, como responder a e-mail, enviar mensagens de texto e falar ao celular, mas apresentam dificuldade de concentração quando executam uma única tarefa, que exige maior grau de atenção, compreensão e reflexão, como ler um livro e interpretar um texto. (Revista Época, 31 de outubro de 2011, p. 81)

Segundo Damásio, há estudiosos que se apressam em declarar guerra contra a era da informação com base em uma das evidências de seus malefícios, que seria a dificuldade de concentração. Conforme o neurocientista, a dificuldade de concentração dos nativos digitais não é irreversível. Qualquer criança e adolescente é capaz de aprender a desenvolver um padrão normal de atenção e concentração. O autor ainda afirma que “desde a evolução de nossa espécie, o cérebro vem sendo cada vez mais exigido e moldado para responder às mudanças ambientais e sociais”. Isso significa que o ser humano nunca foi mais inteligente e criativo do que hoje, pois vivemos o auge de um longo processo de desenvolvimento cognitivo.

Portanto, a atividade geral on-line – procurar informações, ler e reagir – está longe de ser vazia. A leitura on-line exige muitas das mesmas habilidades mentais necessárias para se ler um livro, e ainda inclui outras. Como o navegador-leitor não é levado pela mão o tempo todo, ele à medida que navega tem que construir suas próprias narrativas e cenários, e precisa durante o percurso ir criticando o que quer que esteja lendo. Precisa ter a pergunta em mente e não se deixar distrair por todos os factoides interessantes que existem por aí.

Atrelar a hiperleitura à superficialidade talvez decorra de um pensamento herdado do estruturalismo, em que o conhecimento é representado por uma estrutura arborescente, sugerindo que existe uma hierarquização de todo o conteúdo acumulado, que se origina a partir de um único e robusto tronco, de forma a revelar a grande árvore do conhecimento.

Esse modo sistemático de produção de conhecimento representa uma forma mecânica de apreensão da realidade, e está ainda impregnado nas bases de grande parte das entidades científicas que ainda hoje dominam os veículos de produção e circulação de saberes. O paradigma, que surgiu na modernidade clássica com René Descartes, promoveu o que entendemos hoje por compartimentalização do conhecimento, em que o conteúdo é tratado em sua forma fragmentada, dividida e separada da complexidade da realidade. Isso deu origem à especialização do conhecimento e, conseqüentemente, ao formato disciplinar da educação que conhecemos.

Deleuze e Guattari concebem diferentemente o processo de produção de saberes. Para eles, não existe um pressuposto último que sustenta todo o conhecimento, e que se ramifica infinitamente em direção à verdade. A estrutura do conhecimento assume forma fascicular, em que não há ramificações, e sim pontos que se originam de qualquer parte, e se dirigem para quaisquer pontos. O conceito de rizoma surge, assim, em Deleuze e Guattari, em oposição à forma segmentada de se conceber a realidade, bem como ao modo positivista de se construir conhecimento.

A visão rizomática da estrutura do conhecimento não estabelece começo nem fim para o saber. A multiplicidade surge como linhas independentes que representam dimensões, territórios do real, modos inventados e reinventados de se construir realidades, que podem ser desconstruídos, desterritorializados.

O conceito do rizoma traduz com exatidão o núcleo dessas novas configurações do saber, o hipertexto, que, segundo Pierre Lévy, filósofo da informação, constitui um modelo de organização da informação e da produção textual que não existe só na internet, mas a internet favorecerá ao máximo a hipertextualidade, pois o hipertexto na web seria um texto em formato digital, que agrega outros conjuntos de informação na forma de blocos de textos, palavras, imagens ou sons, cujo acesso se dá através de referências específicas denominadas hiperlinks, ou simplesmente links. Esse núcleo, ao exigir uma multiplicidade de percursos, transforma a leitura em escrita, e faz com que essa nova configuração do saber como diz Jesus Martín-Barbero seja um dos maiores desafios que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educacional.

A partir do uso do hipertexto, surgem contemporâneas formas de escrever e veicular textos, provocando transformações estruturais nas narrativas literárias, tanto do ponto de vista da sua criação, quanto das formas de leitura e interação com o leitor. Ana Cláudia Pelisoli, que defendeu sua tese de doutorado na PUC-RS, em 2011, intitulada do leitor invisível ao hiperleitor – uma teoria a partir de Harry Potter, diz que o reconhecimento desse leitor da era da convergência de mídias envolve, certamente, a reconfiguração do próprio sistema literário⁵⁶, e por que não de novas teorias da recepção que também deem conta desse hipertexto eletrônico.

David Pearson, teórico da compreensão da Universidade de Illinois, indicou as habilidades que um bom leitor, independente do meio, deve ter para entender um texto, são elas:

- Ativar o conhecimento prévio;
- Certificar-se de que entende o que está lendo;
- Relê se necessário;
- Fazer inferências; e
- Sintetizar ou resumir o que aprendeu.

Além dessas habilidades de leitura, o leitor digital, ao buscar por informações na internet, obviamente desenvolve outras capacidades, como:

- Rastrear a informação;
- Navegar (que além da atenção, maturidade, inclui o conhecimento de recursos de busca avançada);

⁵⁶ Além da reconfiguração do sistema literário, uma questão pouco tratada com relação ao hipertexto é a coerência. Na organização de ideias e ordenação de conteúdos, a coerência desempenha um papel fundamental. Pesquisas revelam que estudantes que leram o mesmo texto uns na ordem hipertextual e outros na ordem básica impressa, estes tiveram melhor rendimento na compreensão do texto e memorização informacional.

A fragilidade do hipertexto reconhecida nas sugestões de conexões para a continuidade é uma das causas de maior problema para a compreensão e implicações cognitivas. Além disso, essa falta de uma predefinição clara de continuidade cria problemas sérios de relevância informacional.

Manter a coerência em um texto linear ficará sempre a cargo primeiro do autor, depois do leitor. No caso do hipertexto, o leitor tem a sua disposição um número ilimitado de possibilidades continuativas, sendo que nem todas as sugestões são dadas pelo autor. A questão da macrocoerência deve estar presente para um produtor de hipertexto, pois é ele que tomará a decisão quanto às sugestões a serem dadas ao navegador-leitor. A exigência cognitiva de um navegador-leitor é sensivelmente maior tendo em vista a multiplicidade de textos acessados e o desafio de relacioná-los.

- Analisar se a informação é pertinente;
- Sintetizar (uma importante tarefa intelectual independente do suporte); e
- Lembrar qual é a pergunta à qual você está tentando responder ao clicar nos links (o fio condutor da navegação).

A hiperleitura, segundo Xavier (2000), estaria em nível de exigência de uma participação intensa por parte do sujeito leitor, o qual construiria “seu próprio conhecimento amparado por parceiros e ferramentas cognitivas e sociais diversas”. Tal afirmação reforça uma nova postura a ser adotada pelo leitor digital, a de (re)construção do saber, fazendo com que possua uma posição crítica da informação. Para o autor, o hiperleitor seria dotado de: “autonomia de aprendizagem; criticidade sobre conceitos e definições a ser aprendidos; criatividade para usar os conceitos e definições e situações não previstas.”

Especialistas em geração digital afirmam que a Internet 2.0, como denominam a rede atual, é a “internet para ler-escrever”. As pesquisas neurocientíficas que tratam a cognição, a remodelação cerebral pela aceleração das sinapses neuronais, atestam que o usuário da web lê e escreve à medida que avança. Quanto a esta área específica do conhecimento, Xavier (2000) dá a seguinte contribuição:

Os *hiperlinks* aceleram o processamento da cognição humana que, pela faculdade da linguagem, faz associações imediatas de palavras por campos semânticos (sinônimos, hiperônimos, hipônimos, homônimos etc.), recorre a protótipos, aciona frames, quadros e planos de ação que entram em funcionamento quando se inicia a percepção sensorial de uma dada situação ou absorção de enunciados verbais. Os *hiperlinks* buscam auxiliar os nexos que devem ser feitos pelos leitores para ampliar seu horizonte de compreensão sobre o que está sendo focalizado na página Web, sem, no entanto, impor o caminho “linkado” como o único a ser seguido. Eles atuam como as sinapses em nosso cérebro, promovendo as ligações necessárias entre as informações disponíveis até que se formem as primeiras inferências que possam nos levar à compreensão mais ampla de um acontecimento.

Podemos afirmar então que toda conexão eletrônica é uma intertextualidade explícita e infinita, a hiperintertextualidade. Os *hiperlinks*, ao conduzirem o leitor a outros hipertextos indexados à rede, criam “pontes virtuais”

que possibilitam de forma instantânea vínculos intertextuais sem fim. Esta prática é semelhante a memórias privilegiadas de leitores de impresso que já são capitães, com horas de navegação.

A tese de Xavier é corroborada por Tapscott (2010) ao afirmar este autor que para esta geração será demandada uma nova competência de leitura⁵⁷ que pode até exigir mais do que a antiga. O mundo de informações disponível na web, segundo estudiosos, exigirá dos jovens um esforço maior para entendê-las e sintetizá-las, sendo, portanto, este um grande exercício intelectual.

Marcuschi afirma que uma leitura proveitosa do hipertexto exige um maior grau de conhecimentos prévios e maior consciência quanto ao que se busca, já que a leitura hipertextual é um permanente convite a escolhas muitas vezes inconsequentes. Além disso, o hipertexto é para proveito imediato, não é para ser pesquisado como se fosse um banco de dados, mas para ser lido. O hipertexto ao delegar ao leitor a decisão da integração de conhecimento, faz exigências cognitivas muito fortes e difíceis. O autor chama essa sobrecarga de stress cognitivo, e afirma que o hipertexto, ao ser introduzido em sala de aula como instrumento de ensino, exigirá muito mais do aluno do que o livro impresso.

Esta é a geração para a qual a televisão tornou-se a música de fundo, os jovens passam de um fluxo de informações a outro, executando várias tarefas ao mesmo tempo. Entretanto, para as tarefas mais complexas que exigem concentração, a navegação demasiada por *hyperlinks* pode distrair o hiperleitor para questões periféricas. Embora teóricos afirmem que o mesmo sucede à leitura de texto impresso, acredito que o apelo imagético, sonoro, como também a interatividade que fascina o internauta, gere no leitor imaturo, “marinheiros de primeira viagem”, o desvio de rota.

⁵⁷ Da mesma forma que há variação nos perfis dos internautas, Primo (2000) estabelece três formatos de hipertextos com base em seu caráter interativo. Para o autor, o critério dessa classificação se dá pelo tipo de interação, que pode ser mútua ou reativa. O primeiro formato seria o hipertexto potencial, no qual as trilhas associativas estariam predeterminadas pelo programador da página, e o usuário, por sua vez, impedido de incluir novas associações. Para Primo, este seria um tipo de interação reativa, fraca e limitada. O segundo seria o hipertexto colagem, que permite ao usuário inserir modificações previstas pelo programador, o que confere ao internauta uma interação mais ativa, porém unilateral. O terceiro formato é o hipertexto cooperativo, que é construído através de debate entre autor e usuário da página, sendo, portanto, uma interação mútua, pois remete à questão da coletividade.

Neste caso, a hiperintertextualidade pode fazer com que o navegador abandone o fio condutor da leitura iniciada. Entendo que a superficialização da leitura, portanto, não se dê pelo exercício da leitura fragmentada. Se pela navegação, o internauta ordenar os fragmentos de textos, a leitura não sofrerá danos. No entanto, se o percurso for desorientado, a leitura certamente será prejudicada, resultando em sua superficialização, ou seja, um excesso de informações que, sem o fio condutor, deixa a leitura na superfície, sem aprofundá-la, sem gerar conhecimento. Portanto, aviso aos navegadores-leitores: mais do que nunca, navegar é preciso!

3.2

Navegadores-leitores no mar de possibilidades mil

Navegar no ciberespaço, lugar de contato hipermidial, expõe o navegador à necessidade de novas competências que o auxiliem a transitar em interfaces cada vez mais complexas. Com base em estudos de neurociências, Lucia Santaella estabelece três tipos de navegadores: o errante, o detetive e o previdente. Ao traçar seus perfis cognitivos, a autora apresenta as diferenças entre eles na navegação, sendo o raciocínio pautado em três tipos elementares de raciocínio, abdução, indução e dedução, sendo mais comum o funcionamento simultâneo dos três.

O internauta errante seria aquele dotado de um raciocínio abduutivo, que é peculiar ao novato. Sua postura exploratória faz com que se utilize da adivinhação para traçar o seu percurso, em uma constante tentativa de ensaio e erro. É Pierce (*apud* Santaella, 2004, p.95) que diz que a abdução é um instinto racional, sendo instintiva e racional ao mesmo tempo. Pierce considera a abdução o tipo de raciocínio que corresponde ao ato criativo de se levantar uma hipótese explicativa para um fato surpreendente, sendo essa criatividade manifesta não somente na ciência e na arte, mas na vida cotidiana, na resolução de problemas diários. O novo é apreendido por nós mediante a adivinhação, que, segundo o autor, seria o *insight* natural, inerente ao ser humano.

No entanto, não é a adivinhação nem a hipótese que ela engendra que são instintivas, mas a capacidade humana de adivinhar a hipótese correta. A abdução segue alguns passos: a) a observação criativa de um fato; b) uma inferência que tem a natureza de uma adivinhação; e c) a avaliação da inferência reconstruída.

Para Pierce, a abdução e o juízo perceptivo se constituem de processos muito similares até certo ponto. O juízo perceptivo é uma espécie de proposição rudimentar que nos informa sobre aquilo que está sendo percebido. Nesse processo, tem-se primeiramente o percepto, o objeto de percepção. Em segundo o *percipuum*, que se refere a como os nossos órgãos sensoriais traduzem o objeto. Essa tradução é imediatamente interpretada em um juízo perceptivo, que é involuntário, e constitui uma inferência. A diferença deste para a inferência abdutiva, é que no juízo perceptivo não há o aspecto da dúvida.

A hipótese que resulta da abdução reclama por uma aceitação crítica ou confirmação indutiva.

Um bom exemplo de operação abdutiva na navegação é a configuração do Iphone ou do videogame X-Box⁵⁸, por exemplo. Ao manusear aleatoriamente ambos os dispositivos, surgem ícones na tela que o usuário presume que devam ser clicados. Esse exemplo é uma característica peculiar do modo errante de navegar, em que o usuário vai adivinhando o que deve fazer, por tentativa e erro.

A capacidade de navegar não se assemelha às habilidades de ler ou de escrever, mas refere-se mais a uma habilidade semiótica. É muito comum a frustração entre os imigrantes digitais, novatos na navegação, que ainda não estão familiarizados com a ação dos signos no ciberespaço. Já o usuário novato que não se prostra com os erros e desorientação, transforma essa experiência, de navegar sem rumo em um campo de possibilidades abertas, em exploração, onde a navegação em si lhe dá mais prazer do que a chegada a um alvo pretendido. O campo associativo da mente desse internauta assemelha-se ao de um *brainstorm*.

O diário de bordo da Larissa Borges (14 anos, 8º ano) demonstra bem esse descompromisso na navegação:

⁵⁸ O X-Box pode ser manuseado pelo joystick ou pelo kinect, um sensor de movimentos que habilita o usuário a controlar e interagir com o Xbox 360 sem a necessidade de um comando por um joystick. Ao invés disso, são usados gestos, sinais de voz e/ou objetos e imagens.

Bom, em meia hora de internet no ipod entro no facebook, instagram, viber, snapchat, no Google para ver novidades de unhas decoradas, no youtube para ver vídeos da Zoela, Alfie...No computador acesso menos coisas como o facebook, instagram bem raramente, Google, vagalume...Eu gosto bastante de entrar na internet, ficar sabendo das novidades e das fofocas (risos)!

Um estudo sobre o comportamento de nativos digitais⁵⁹ constata que jovens consumidores trocam de mídia 27 vezes por hora. Conforme o relato de meia hora de navegação da Larissa Borges, o “entrar na internet” traz nitidamente a ideia de um lugar de exploração, e enfatiza não somente a troca de mídia, mas também de suporte, que a usuária faz questão de demonstrar que a sua ação varia de acordo com o suporte utilizado.

Em uma navegação errante em que o navegador vai clicando sem rumo, onde não há começo, meio e fim claramente definidos, é na ação de navegar que está o seu prazer, e não necessariamente em atingir um objetivo final. Ainda assim, nessa navegação descomprometida, o navegador dá saltos aleatórios que se convertem em hipóteses de acertos. Quando estas adivinhações são bem-sucedidas, funcionam como estímulo para continuar, e, aos poucos, com a prática da navegação, incorpora características presentes no segundo tipo de leitor imersivo, as de um detetive.

O detetive possui um raciocínio indutivo. Este tipo de raciocínio inclui o primeiro, pois a errância não deixa de ser praticada. Ele busca sempre o sentido em suas experimentações, que são conduzidas pela coerência organizativa de sua busca. Ele desvenda estratégias, constrói regras no ato da busca, está sempre alerta às pistas e tem o faro apurado para os indícios, por isso este tipo de raciocínio caracteriza-se também pelo argumento estatístico.

Segundo Santaella, “a indução não contribui em nada para o aumento do nosso conhecimento, exceto para nos dizer aproximadamente com que frequência, no curso de tal experiência, a qual nossos experimentos caminham para constituir, uma dada espécie de evento ocorre” (2004, p.107). Portanto, ela simplesmente

⁵⁹ Disponível em: <http://volneyfaustini.wordpress.com/page/3/>. Acesso em 03/01/2014.

avalia uma probabilidade objetiva. O detetive aprende com a experiência, que vai transformando a dificuldade em estratégia e adaptação, como vemos no relato do diário de bordo de Mônica Tavares (12 anos, 7º ano) (Anexo 1), que alterna sua navegação entre entretenimento e saberes conduzidos pelo foco descrito no segundo trecho extraído do diário:

(...) Fiz também algumas pesquisas sobre ecologia, que é um assunto que me interessa bastante e visitei o site da Globo para fazer isso.

(...) Eu estou querendo escrever meu próprio livro e ao ler sobre variados assuntos em deixa mais segura para escrever, ler bastante em minha opinião, faz com que os jovens de hoje fiquem por dentro de tudo para melhor se prepararem para o futuro.

O detetive é aquele que não pode se distrair do alvo de sua busca. Sua palavra de ordem é: “Onde estou e para onde quero ir?”. Para Mônica, conforme o seu relato, ecologia é um assunto de seu interesse, e, para realizar essa pesquisa, a “detetive” sabe muito bem em que site buscar a informação. Por isso mesmo, o internauta detetive é aquele que faz experimentações tendo em vista a coerência organizativa de sua busca, que sempre tem um alvo, que, no caso da Mônica, é escrever o seu próprio livro. Este tipo de raciocínio detetivesco, conforme Santaella, “está fundamentalmente alicerçado em inferências indutivas”. No início do relato de Mônica, parece haver uma necessidade de vaguear nos prazeres da deriva, para depois, quase que pela persistência, seu método de farejar pistas acaba levando-a, inevitavelmente, à habilidade de uma navegadora previdente.

(...) a metáfora da hipermídia como texto em movimento, volátil, cabe com justeza, pois, ao saltar do fluxo provável, para uma saída lateral, o internauta promove aquilo que é chamado de efeito centrífugo da estrutura do *link*, efeito esse que é descrito por Umberto Eco (apud Wirth, 1998:100), com o humor sagaz que lhe é característico:

O emaranhado de ligações oblíquas internas e de *links* remissivos corresponde a um jogo em que por associação, com cinco passos apenas, se passa de Platão à salsicha. Estabelecem-se relações contíguas e associativas descontínuas, saltando de “salsicha” para “porco”, de “porco” para “cerda”, de “cerda” para “pincel”, de “pincel” para “Maneirismo”, de “Maneirismo” para “ideia”, de “ideia” para “Platão”. (SANTAELLA, 2004, p.112)

Quando durante a navegação uma pista leva o navegador-leitor a um resultado bem-sucedido, este hábito é imediatamente convertido em regra para ser aplicada quando surgirem situações similares.

Por fim, a autora cita o internauta previdente, aquele que tem sua navegação sustentada por regras. Esse internauta está à beira da automatização, e segue um percurso previsível, pois se baseia em resultados previstos. Contrabalanceando os três perfis, e longe de hierarquizá-los, Santaella (2004, p.180) complementa:

A figura ideal do leitor imersivo deveria ser aquela capaz de misturar de modo equilibrado os três níveis de leitura imersiva: o errante, o detetivesco e o previdente. O ideal é que esse leitor não se entregue às rotinas sem imaginação do previdente, mas se abra para as surpresas, entregue-se às errâncias para poder voltar a vestir a roupagem de detetive, farejando pistas.

Da mesma forma que há variação nos perfis dos internautas⁶⁰, Primo (2000) estabelece três **formatos de hipertextos** com base em seu caráter interativo. Para o autor, o critério dessa classificação se dá pelo tipo de interação, que pode ser mútua ou reativa. O primeiro formato seria o hipertexto potencial, no qual as trilhas associativas estariam predeterminadas pelo programador da página, e o usuário, por sua vez, impedido de incluir novas associações. Para Primo, este seria um tipo de interação reativa, fraca e limitada. O segundo seria o hipertexto colagem, que permite ao usuário inserir modificações previstas pelo programador, o que confere ao internauta uma interação mais ativa, porém unilateral. O terceiro formato é o hipertexto cooperativo, que é construído através de debate entre autor e usuário da página, sendo, portanto, uma interação mútua, pois remete à questão da coletividade.⁶¹

A construção do conhecimento de forma coletiva traz intrinsecamente um dos maiores preceitos anunciados por Lèvy. O autor diz que através da Internet,

⁶⁰ Leia Navegadores-leitores no mar de possibilidades mil, pág. 78

⁶¹ Disponível em: <http://200.144.189.42/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/233/177>. Acesso em 04/01/2014.

formatos de hipertextos

Há propriedades que dizem respeito à natureza do hipertexto, e o tornam um fenômeno essencialmente virtual e descentrado, que se determina pelo desmembramento de um tópico, mas pelo deslocamento indefinido por tópicos.

São elas:

O hipertexto é um texto não-linear – segundo Theodor Nelson, a flexibilidade desenvolvida sob a forma de ligações permitidas/sugeridas entre nós que constituem redes que permitem a elaboração de vias navegáveis;

O hipertexto é um texto volátil – tanto as escolhas quanto as conexões estabelecidas por seus navegadores-leitores são passageiras, diferentemente da estabilidade dos textos de livros impressos;

O hipertexto é um texto topográfico – um espaço de escrita e leitura não tem limites definidos para se desenvolver. Por isso, o hipertexto não se define nem como hierárquico nem como tópico;

O hipertexto é um texto fragmentário – constantes ligações de porções, em geral breves, com possíveis retornos ou fugas;

O hipertexto é um texto de acessibilidade ilimitada – acessa todo o tipo de fontes, enciclopédias, museus, obras científicas, literárias etc. e não há limites quanto às ligações que permite estabelecer;

O hipertexto é um texto multissemiótico – possibilidade de interconectar simultaneamente a linguagem verbal com a não-verbal de forma integrada, o que seria impossível no livro impresso; e

O hipertexto é um texto interativo – a interatividade é propiciada de um lado pela multissemiose e pela acessibilidade ilimitada, e de outro pela interação de um navegador-leitor com múltiplos autores, quase em sobreposição em tempo real.

A fim de definir melhor as distinções entre autor/leitor de textos impressos e autor/leitor de hipertextos, Michael Joyce (1995, p. 41-42, *apud* Snyder, 1997, p. 30-31) identifica duas categorias de hipertexto: o exploratório e o construtivo. O hipertexto exploratório mantém a autoria original, mas encoraja e permite aos

navegadores-leitores controlar a transformação de um corpo de informações para suprir suas necessidades e interesses criando sequências próprias. Essa alternativa hipertextual de fazer suas escolhas como se estivessem numa ação linear mantém muito da “passividade do texto escrito”. O hipertexto exploratório volta-se para os navegadores-leitores que são exploradores de conhecimento.

O hipertexto construtivo evapora a autoridade do autor original e requer a capacidade de agir, recriar, recobrir encontros particulares com o desenvolvimento de um corpo de conhecimentos. O hipertexto construtivo requer representações visuais e pessoais do conhecimento que desenvolve. No caso de uma narrativa, por exemplo, podem ser acrescentados novos personagens, novas tramas e orientações. Neste tipo de hipertexto, o texto original deve ser tão aberto que possibilite interconexões e controle do usuário, permitindo ao navegador-leitor adicionar notas ou produzir novas ligações.

O hipertexto exploratório está para leitores e exploradores de conhecimentos, assim como o hipertexto construtivo está para operadores-escritores, sendo que o operador de um hipertexto construtivo tem maior grau de liberdade e acaba por produzir seu próprio corpo de conhecimentos.

Conforme Snyder (1997, pág.10), “o hipertexto obscurece os limites entre leitores e escritores”, já que é construído parcialmente pelos escritores que criam as ligações, e parcialmente pelos leitores que decidem os caminhos a seguir. (FIM)

cria-se o *hipercórtex*, que seria a construção de um imaginário coletivo. Ou seja, o que as pessoas construíam separadamente, agora através da rede podem construir em conjunto, e um exemplo disso pode se observar no **relato do menino Tyler**.

Por isso, não é difícil entender o quanto o hipertexto afeta significativamente uma geração que lê e escreve à medida que avança. Neste sentido, é certo pensar que ocorrem modificações na leitura e escrita, e a relação texto-navegador (que é leitor e autor ao mesmo tempo) também se altera. A possibilidade de uma escrita hipertextual de forma coletiva está atrelada à possibilidade de um hipertexto colaborativo, que só se faz possível por uma interação mútua.

Na pesquisa eletrônica, quando pergunto na questão 17 se o adolescente de alguma comunidade virtual, blog, site, fórum em que escreve regularmente. Todas as experiências relatadas, seja facebook, fanfictions, blogs literários, dentre outros, todos, sem exceção, aplicam o princípio da coletividade na escrita.

Ao perguntar na pesquisa eletrônica o que muda na escrita e leitura com os novos suportes digitais, alguns adolescentes apontam para a internet como um novo espaço para um novo tipo de escrita:

Juliana Chagas (13 anos, 8ºano), que é escritora de fanfictions, responde: “Para o leitor, os suportes digitais são um meio de comunicação com o autor, e com outros leitores. Novas ideias aparecem, outras pessoas se interessam, e assim, a leitura vai se expandindo”.

E nessa troca entre leitor e autor, ou entre leitor-autor e autor-leitor é que a construção coletiva acontece. Ao considerarmos a intensidade das acelerações tecnológicas em nossos dias, constataremos que é impossível acompanhá-las, e de certa forma ficamos paralisados. Não conseguimos processar todas as informações técnicas para o uso das NTICs, então acabamos subutilizando-as.

A Web 2.0 ainda é muito reativa, e se aproxima mais do hipertexto colagem e do potencial do que do cooperativo, pois ainda existe a unilateralidade na criação de *links*, não permitindo aos usuários da Rede a inclusão de outros *links*. Entretanto, essa mesma web sofre mutações constantes e tem como objetivo a

relato do menino Tyler

O processo de resolução de problemas poderia ser analisado pela Psicologia Cognitiva que identifica nesse processo um ciclo de diferentes estágios, como: identificação do problema; definição e representação do problema; formulação da estratégia; organização da informação; alocação de recursos; monitoramento (ou acompanhamento); avaliação (ou *Feedback*); e avaliação crítica (Morris & Maisto, 2004; Sternberg, 2000), mas acredito que utilizar um exemplo será muito mais proveitoso ao aprendizado. Por isso, cito na íntegra o capítulo 12 – Lições de economia e negócios em um game de computador para crianças de dez anos, do livro “Não me atrapalhe, mãe – estou aprendendo!”, do autor Marc Prensky, no qual podemos identificar todos os estágios acima descritos.

“Eu precisei eliminar um cara da equipe” – Tyler, 10 anos

Fiquei surpreso ao ouvir Tyler, de dez anos, contando a seu irmão de 13 que havia eliminado alguém. “O que está acontecendo”, perguntei. Felizmente, tudo foi esclarecido.

Tyler descobriu o game coletivo *multiplayer on-line RuneScape* (www.runescape.com) e começou a jogá-lo. Como muitos outros games do gênero. *RuneScape* é um universo *on-line* fictício no qual jogadores lutam, buscam, trocam e ganham tesouros. Eles o fazem dominando uma variedade de habilidades, que incluem mineração, fundição, feitiçaria e construção de artigos, como espadas, capacetes e feitiços. Minério e objetos podem ser vendidos e trocados, e artigos prontos podem ser utilizados em buscas, que podem trazer tesouros adicionais. O game possui uma típica minieconomia interna.

Tyler queria se tornar “muito rico” no universo de *RuneScape*. Mas, após jogar sozinho de maneira árdua por algum tempo, ele percebeu que, para ter sucesso, precisaria de parceiros. “Leva muito tempo para ficarmos bons em tudo – mineração, fundição, artesanato, feitiçaria e buscas”, ele me disse. “Então, chamei meus amigos para jogar também. Eu fundia e construía, e cada um de meus companheiros fazia uma das outras coisas”. Hummm... Parece uma lição de economia sobre cadeia de suprimentos e divisão do trabalho... Tyler conhece esses termos? Não. Mas ele certamente entende os conceitos!

Como resultado da experiência com o *game*, esse jovem do 5º ano também entende outros conceitos-chave da economia. Ele pacientemente me explicou que o minério vende mais se estiver fundido em barras e ainda mais se estiver na forma de um artigo pronto. *Por que isso acontece... valor agregado!*

“Eu cometi um grande erro nos negócios certa vez”, admitiu sinceramente o garoto durante nossa entrevista (para a qual ele, de alguma forma, arranhou tempo entre seus compromissos de escola, games, futebol, xadrez, basquete e lições de casa). “Eu decidi fazer capacetes de aço para vender”, disse ele, “mas não procurei saber se o comprador já possuía uma grande quantidade desse artigo. Descobri que quanto maior o estoque, menor o valor do artigo”. Lei da oferta e da procura. Novamente, Tyler passou a dominar um conceito sem entender o termo – exatamente o oposto do que ocorre na escola.

“Nossa equipe queria fazer muito dinheiro e avançar de verdade”, continuou Tyler. “Todos tinham uma tarefa.” Estrutura de negócios! “Uma pessoa detém o dinheiro e todos são pagos.” Controle! “Eu precisei encontrar empregos para pessoas, em mineração, fundição, vendas e compras.” Pleno emprego! Integração vertical!

“E por que houve a tal eliminação?”, perguntei. “Bem”, disse Tyler, esse membro da equipe era encarregado de pegar todas as armas e armaduras que fazíamos, sair em buscas e retornar com tesouros a serem colocados no pote comunitário - nós todos estávamos economizando nossos ganhos”. Acumulação de bens! Construção de capital!

“Mas esse cara saiu para suas tarefas e ficou com o tesouro todo para ele.” Corrupção! “Ele não estava nos ajudando, nem cumprindo sua função. Então, eu tive de demiti-lo.” Gerenciamento!

“Como você fez isso?”, perguntei, “Eu disse a ele: ‘Você parece estar bem sozinho, então você deve ficar sozinho’”, explicou Tyler. Ele também revelou que agonizou por dias antes e ter a conversa, pensando na melhor maneira de fazê-lo e como dizer tudo. *Tomada de decisões difíceis. Comportamento ético. Comunicação. A solidão da autoridade!*

"E como ele reagiu?", indaguei. "Ele ficou chocado e chateado. Mas eu me senti muito mal e o admiti de volta." *Compaixão!*

"Em algum momento você pensou em dar-lhe um aviso?", perguntei, "Não daquela vez - mas eu deveria. Da próxima vez, eu o farei." Treinamento em administração!

Assim, por meio de seu divertido jogo de computador, o jovem Tyler aprendeu (sem sequer perceber) os conceitos de cadeia de suprimentos, divisão do trabalho, valor agregado, oferta e procura, estrutura de negócios, controle, pleno emprego, integração vertical, acumulação de bens, construção de capital, corrupção, decisões difíceis, comportamento ético, boa comunicação, solidão da autoridade e compaixão. Ele acumulou, ainda, um útil treinamento em administração, durante o percurso.

Essas são lições de economia e negócios, para crianças de dez anos, que vão além da "velha barraca de limonada"!

E, apesar de todo o seu valor, tais lições ainda não são a coisa mais importante que Tyler aprendeu em RuneScape. Ele e seus amigos jogam a versão gratuita do game, que não possui todos os níveis adicionais, sutilezas e ferramentas da versão US\$10 mensais.

Quando lhe perguntei por que não assinava a versão mais avançada, já que gostava tanto do game, ele disse: "Seria muito viciante, e minha mãe ficaria brava. Não valeria o meu dinheiro.." A maior lição de economia de todas! (FIM)

coletividade, critério já presente nas *marginalias*. Para o alcance desse objetivo, a escrita hipertextual surge como principal protagonista.

De todos os tipos de representação coletiva na Internet, por ora pretendo abordar dois que de forma específica traduzem plenamente o que foi tratado até agora. São os blogs e a wikipedia⁶². Qualquer pessoa que se loga na rede pode ter o seu próprio blog. Os leitores de um blog, além de inserirem comentários e *hiperlinks* no espaço virtual, podem também clicar nos outros blogs listados no blog inicial, formando uma grande rede hipertextual. O dono do blog responde aos comentários, e influenciado por eles escreve os próximos *posts*. Tanto o acesso a outros *links* e blogs quanto a participação nos comentários reforça a coletividade dos blogs, nos quais os usuários são leitores e escritores com a mesma intensidade, e, pela interação, formam uma comunidade de blogueiros, estabelecem uma rede social.

A Wikipedia, que é uma enciclopédia online organizada em verbetes, constitui uma outra possibilidade de participação dos internautas na tessitura da teia de nós da Internet. O sistema wiki, desenvolvido em 1995, por Ward Cunningham, permite que qualquer usuário da Internet altere/edite o conteúdo das páginas do sistema. Como essas alterações não precisam de prévia autorização do autor da página, todos que alteram o texto são autores. O texto, portanto, nunca tem uma versão definitiva, pois está em constante modificação, consiste em um tipo claro de hipertexto construtivo.

Como o blog, a Wikipedia é pautada na coletividade e cooperação. Qualquer internauta pode criar um novo verbete, alterá-lo, incluir e/ou excluir *links* e, dessa forma, o texto é efetivamente coletivo, e sem dono.

Sendo a internet um ambiente altamente propício à leitura e escrita, e de fato ferramentas como blogs e wikipedia promovem a construção de um conhecimento

⁶² Um outro tipo de escrita coletiva originada na web são as fanfics (que trataremos no link Literatura no Pavilhão de Espelhos). *Fanfic* é a abreviação do termo em inglês *fan fiction*, ou seja, "ficção criada por fãs", mas que também pode ser chamada de *Fic*. Trata-se de contos ou romances escritos por terceiros, não fazendo parte do enredo oficial dos animes, séries, mangás, livros, filmes ou história em quadrinhos a que faz referência, ou uma história inventada por eles. Os autores dessas *Fics* são chamados de *Ficwriters*. No blog Coisas do Tipo, sua autora, que é uma adolescente de 14 anos, escreve sobre o vasto universo das fanfictions. Disponível em <http://coisas-do-tipo.blogspot.com.br/2013/02/euamo-fanfics.html>. Acesso em 04/01/2014.

coletivo, por que ainda se mantêm tabus da literatura com relação à mediação de tecnologias?

Palacios é um dos autores que em uma postura crítica trata do coma que a literatura vive em resistência às novas tecnologias:

A maior parte dos sites encontrados pelas buscas, usando-se palavras chaves similares, leva a uma constatação inevitável: há um maior número de trabalhos de crítica à produção hipertextual e suas potencialidades do que propriamente um corpus vivo e em transformação de obras literárias hipertextuais para consumo na Internet. A vasta maioria das obras de ficção hipertextual disponibilizada na Internet tem data de produção situada no período 1994/2000. De lá para cá não parece haver ocorrido muito movimento ou desenvolvimento nesse setor. (PALACIOS, 2006).

São muitos os literatos que sacralizam a literatura associando-a a grandes brochuras e à cultura livresca, e ignoram a possibilidade de construção literária sob uma nova possibilidade textual, o hipertexto. Já há alguns experimentos neste sentido principalmente em blogs, fanfictions, que incluem também a elaboração de textos curtos, microtextos ou microcontos. Entretanto, ainda impera a literatura no formato, milenarmente concebido, primeiramente oral, depois verbal, e neste quadro evolutivo vemos o quanto ainda há resistências de vincular a literatura⁶³ a mídias digitais.

3.3.

Uma experiência de escrita coletiva digital na Escola

A professora Melina Aparecida Custódio, – professora de língua portuguesa do 8º ano do ensino fundamental de uma escola privada em Campinas, São Paulo, – após diagnosticar o que seus alunos faziam na internet, propõe a seus alunos

⁶³Entre os gêneros literários, a literatura infanto-juvenil, embora muitas vezes menosprezada como uma sublitteratura, pela coexistência dinâmica entre palavras e imagens, modificou a concepção de leitura literária, que até então era exclusividade de signos verbais. E essa integração se deu antes mesmo do advento da internet e da Web 2.0.

trazer essas vivências do cotidiano deles para a sala de aula. A proposta da atividade que tinha por objetivo desenvolver nos alunos o prazer pela escrita do que o exercício, era uma produção colaborativa digital do gênero tragédia. A turma dividida em grupos com 5 alunos e a ferramenta digital foi o Google docs, conectada à internet, que não exige que os participantes precisem trabalhar ao mesmo tempo e no mesmo lugar.

Basta que um dos componentes do grupo inicie o processo para que todos os demais participantes entrem e comentem, modifiquem, sugiram alterações e melhoras. Resulta em um trabalho conjunto à distância, em que as várias etapas do procedimento, do início à conclusão, possam ser acompanhadas pelo professor.

A tarefa proposta assentou-se sobre uma abordagem prevista no planejamento da escola, baseada na leitura de texto que faz parte da cultura valorizada, a tragédia de Hamlet, em Rei Lear, de Shakespeare, sobre o qual rotineiramente deveria ser produzido um texto em sala. Procedida a apresentação e discussão de trechos dessa tragédia, a professora propôs que cada grupo produzisse livremente outra tragédia, mas ligada às suas vidas, às realidades que estavam vivendo, mobilizando para tanto elementos provenientes de suas culturas.

Com efeito, nas orientações impressas entregues aos alunos lê-se: “A tragédia a ser produzida deverá abordar um tema de interesse do seu grupo, explorar recursos e assuntos com os quais nem os gregos (referência à tragédia grega também estudada) nem Shakespeare sonharam”.

Portanto, os alunos podiam produzir a tragédia não só a partir dos conhecimentos adquiridos na escola, mas foram instigados a utilizar repertórios, não valorizados pela escola, mas que fazem parte dos seus universos: letras de música, videogames, histórias em quadrinhos de estilo japonês, os mangás, animações produzidas no Japão, os animês.

Ao final de um bimestre, resultou um trabalho muito rico, com participações e envolvimento dos alunos, como se pode depreender da leitura dos textos reproduzidos nos anexos da dissertação. O resultado obtido não encontra paralelo nos trabalhos realizados rotineira e individualmente na sala de aula, em que o

aluno dispõe de tempo limitado para elaborar um texto em que suas vivências culturais não são solicitadas.

Disponível em <http://www.unicamp.br/unicamp/ju/583/novas-tecnologias-rendem-textos-e-interacao-em-escola>. Acesso em 21/01/2014.

A experiência de escrita coletiva digital na escola, vivenciada pela professora Melina Custódio, remeteu-me diretamente a uma experiência que tive ainda no estágio, no ensino de língua portuguesa, em uma escola municipal no Rio de Janeiro, com alunos da antiga 8ª série, que além de estarem atrasados pela faixa etária, pois muitos já tinham 16, 17 anos, os alunos apresentavam um grande atraso na aprendizagem, não conseguiam se expressar nem em 5 linhas, e isso foi muito anterior ao “boom” tecnológico que vivemos hoje. É evidente que as dificuldades na aprendizagem não eram responsabilidade apenas da Escola, o “fracasso” tinha origem em outros contextos, social, econômico, cultural, em que estavam inseridos.

Naquela época, eu sequer tinha conhecimentos teóricos sobre a inteligência coletiva em Lèyy e todas as pedagogias do nosso querido Paulo Freire, mas havia em mim um desejo profundo de mudar aquela realidade. Pus-me, então, a observar as práticas, as conversas, as preferências daqueles alunos. Quando decidi partir para a ação, vi que precisava me aproximar da linguagem deles. Elaborei um “formulário” nos moldes das revistas voltadas para o público adolescente, como a “Capricho”, em que celebridades respondem perguntas, completam frases. Sem compartilhar o fim da atividade, observei que todos participaram demonstrando muita empolgação nas respostas.

Após análise detalhada dos formulários, dividi a turma em várias redações de jornais, que incluía colunas sobre moda, música, publicidade, culinária, esportes, relatos de vida dentre outras. Enfim, eles inicialmente participaram de uma votação para a escolha do nome do jornal, que ficou sendo NOVA GERAÇÃO, e, a partir de então, começamos os trabalhos do maior desafio para mim e para eles: fazê-los escrever.

Tudo girava em torno de suas vivências, de seus interesses. Todas as aulas nos dividíamos em grupo por redação, eles traziam de casa suas pesquisas sobre

os temas, suas experiências, seus recortes de jornais e revistas, e aos poucos o jornal ia tomando forma. Curiosamente, os próprios alunos assumem o papel do professor manifestando irritação por erros dos colegas, como os relacionados à norma culta da língua. Nesse cuidado mútuo em relação às suas escritas, os alunos retomavam regras que pareciam ter sido ensinadas em vão na sala de aula e que sequer eram percebidas anteriormente, da mesma forma como ocorreu na experiência da professora Melina.

Naquele tempo, a tecnologia utilizada foi o jornal, um recurso que fiz manualmente em sala de aula, mas como eu já possuía um computador, uma tecnologia que nem todos tinham acesso na época, fiz uma diagramação de jornal incluindo manchete, colunas, box, propagandas, utilizando a ferramenta *pagemaker*, que nem mais existe (risos). O resultado final ficou belíssimo, mas não tanto quanto o brilho nos olhos daqueles alunos ao verem sua autoestima descoberta. Em toda trajetória em que se ecoavam mantras que insistiam em dizer: não consigo, não consigo, não consigo, e ainda prevaleciam os relatos de fracasso escolar, tinham finalmente do que se orgulhar.

4. FACEBOOK - UMA LEITURA DE NÓS⁶⁴



Dia nublado, segunda-feira, 12:40 – hora da saída do turno da manhã. Alguns adolescentes saem abraçados, outros de mãos dadas, uns conversam em pequenos círculos, já estes ficam sentados nos arredores do colégio esperando sua carona. Entre buzinas e gargalhadas, uns

desfilam, outros apertam o passo, cada um em uma vibe⁶⁵, lá estão eles munidos com seus celulares, conversam, trocam SMS, fones nos ouvidos, ponto de encontros, aquela espiada pra acompanhar as últimas notícias, e se possível postar. Retuitam, clicam fotos para o Instagram, um grita para o outro: entra lá, já poste. Esse é o lugar onde tudo acontece, o FB, o face, o facebook - a convergência das mídias sociais.

Thaís Fontes tem 14 anos e estuda no 9º ano do ensino fundamental. A adolescente faz parte do grupo da mesma instituição em que desenvolvi a pesquisa eletrônica, e também está na minha rede de amigos do facebook. Quando disse a ela, via mensagem privada no facebook, que estava realizando uma pesquisa a fim de avaliar práticas sociais de nativos digitais, e que gostaria, portanto, de fazer algumas perguntas sobre essas práticas realizadas no facebook, Thaís prontamente se dispôs, via facebook também (naquele momento, pela prontidão na resposta, tive a certeza de ter entrado em contato pela mídia correta, pois como imigrante

⁶⁴ Facebook: uma leitura de nós traz as três redes sociais da internet de grande ascensão entre os adolescentes – Instagram, Twitter e Facebook, sendo esta a rede de convergência das demais. Neste hiperlink, são apresentadas as particularidades das redes que se entrelaçam à identidade dos navegadores-leitores, que as utilizam para compartilhar momentos, expressarem-se e para estarem conectados entre si. Dessas relações, identifica-se a possibilidade do reconhecimento de si, dos outros e do mundo, o que pode constituir, além de entretenimento, uma oportunidade de aprendizagem pela formação de uma inteligência coletiva proporcionada pela rede.

⁶⁵ **Vibe** significa **vibração**, em português, e é um termo em inglês. A palavra é utilizada em vários momentos, geralmente por pessoas mais jovens, como adolescentes. Inicialmente, o termo surgiu através de pessoas que iam a **festas de música eletrônica**, e diziam que iam para aproveitar a vibe. Vibe é a diminuição de *vibration*, que, antes das músicas eletrônicas, eram utilizadas por pessoas que gostavam de reggae, onde grupos jamaicanos criaram um tipo de música com uma mistura de reggae, ska, salsa e merengue, e as pessoas acabavam contagiadas pela música, dançando e resultando em “vibrações positivas” ou “vibe positiva”. Disponível em <http://www.significados.com.br/vibe/>. Acesso em 30/06/2013.

digital cheguei a cogitar em contatá-la via e-mail), e logo iniciou sua participação na pesquisa relatando sua atuação na rede:

Entro no facebook e a primeira coisa que eu faço é ver as notificações, às vezes comento, depois ou puxo assunto com alguém ou falo com uma pessoa coisas importantes como deveres, trabalhos... Quase sempre entro quando não tenho muitas coisas para fazer e mesmo assim é muito rápido, quando estou com uma pessoa amiga ou quem eu gosto muito, na maioria das vezes posto no facebook fotos, mais nunca no status, pois acho besteira. Não aguento ficar no facebook direto, mais quando entro vejo o que me interessa e logo depois saio, mas volto a entrar para ver outras coisas minutos depois. O meu facebook fica ativo 24 horas por dia via celular, utilizo o facebook para coisas uteis e não para besteira, entro mais para ver matéria de prova ou deveres de casa, trabalhos...
(depoimento escrito por Thaís Fontes, 14 anos)

Logo na cena inicial em que descrevo uma parte da rotina de adolescentes, identifico três redes sociais, o Twitter, o Instagram e o Facebook⁶⁶, sendo esta a responsável pela convergência das duas primeiras, como também de outras mídias e redes sociais⁶⁷.

Através das relações que os adolescentes constroem nessas redes, é possível traçar algumas características que podem nos auxiliar na leitura dessa geração de nativos digitais. No livro *A Cultura da Convergência*, Henry Jenkins propõe um conceito para definir as transformações percebidas neste novo cenário dos meios de comunicação. O autor analisa o fluxo de conteúdo e o comportamento do público, que se movimenta entre diversos canais em busca de novas experiências de entretenimento.

No mundo da convergência, a circulação de conteúdos, por meio de diferentes canais, depende fortemente da participação ativa dos usuários. A convergência representa uma transformação cultural, à medida que os usuários são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos

⁶⁶ Leia Redes que se cruzam em nós – diferenças e semelhanças

⁶⁷ A diferença entre rede social e mídia social se dá pelo fato de uma rede social ser constituída por um grupo de pessoas que têm algum tipo de relacionamento ou interesse em comum. Sendo assim, se uma ferramenta é utilizada apenas para divulgar conteúdo, esta ferramenta será uma mídia social, caso haja interação, passa a ser uma rede social também.

depoimento escrito por Thaís Fontes, 14 anos**Diário sobre o uso do Facebook – Thaís Fontes**

Entro no facebook e a primeira coisa que eu faço é ver as notificações, às vezes comento, depois ou puxo assunto com alguém ou falo com uma pessoa coisas importantes como deveres, trabalhos... Quase sempre entro quando não tenho muitas coisas para fazer e mesmo assim é muito rápido, quando estou com uma pessoa amiga ou quem eu gosto muito, na maioria das vezes posto no facebook fotos, mais nunca no status, pois acho besteira. Não aguento ficar no facebook direto, mais quando entro vejo o que me interessa e logo depois saio, mas volto a entrar para ver outras coisas minutos depois. O meu facebook fica ativo 24 horas por dia via celular, utilizo o facebook para coisas uteis e não para besteira, entro mais para ver matéria de prova ou deveres de casa, trabalhos... (FIM)

mediáticos dispersos. A cultura participativa contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação.

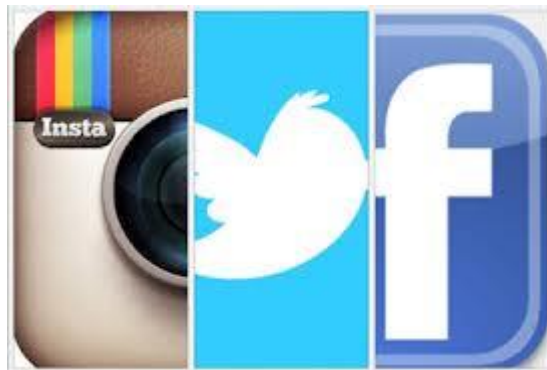
A convergência, que ocorre nas mentes dos usuários e em suas interações sociais com outros, envolve uma transformação tanto na forma de produzir conteúdo quanto na forma de utilizar os meios de comunicação. Presumia-se que as novas mídias substituiriam as antigas, porém o que se percebe é que novas e antigas mídias irão interagir de formas cada vez mais complexas. Ao perguntar a Thaís qual era o meio digital mais utilizado para se comunicar com os amigos, ela responde da seguinte forma: “até uso outras mídias, mas principalmente o facebook”.

De fato, existem características que fazem do facebook um potencial conversor de mídias. A começar por sua plataforma que é constituída por um conjunto de APIs⁶⁸ e ferramentas que possibilitam a integração com outros sites, aplicativos e dispositivos. Além dessa tecnologia, não podemos deixar de levar em conta a popularidade e consequente visibilidade do face. Hoje, todos os movimentos realizados no Twitter e no Instagram (só para citar as duas outras mídias mais utilizadas pelos adolescentes) podem ser sincronizados no facebook. Ou seja, como o FB possui a maior rede de usuários, o compartilhamento de outras mídias sociais em sua plataforma permite uma margem maior de visualizações. Enfim, essa é uma geração que gosta de compartilhar informação. Eles querem estar conectados com amigos e parentes o tempo todo, e usam a tecnologia – de *smartphones* a redes sociais – para fazer isso.

⁶⁸ API - Application Programming Interface (Interface de Programação de Aplicativos) - é um conjunto de funções prontas que definem padrões para a programação de um *software* ou site.

4.1

Redes que se cruzam em nós – diferenças e semelhanças



O **facebook** foi desenvolvido em 2004, mas foi somente a partir de setembro de 2006 que qualquer pessoa com idade superior a 13 anos, com um endereço de e-mail válido (e não residente em um dos países onde é proibido) pode se tornar um usuário do facebook. A questão da mobilidade favoreceu muito o crescimento da rede, tendo em vista que 56% dos usuários do facebook acessam a rede social pela versão móvel⁶⁹.

As pessoas podem criar um perfil pessoal no facebook, ou criar uma página de fãs, mais conhecida por *Fan Page*. São 56 milhões de usuários no Brasil. Os brasileiros têm, em média, 206 amigos. O Brasil é o segundo país em número de usuários no facebook.

Já a rede social **Twitter**, lançada em 2006, é considerada a mais inovadora no que se refere à velocidade da informação. A rede conta com 517 milhões de usuários registrados, sendo apenas 170 milhões de perfis ativos e cerca de 40 milhões desses 517 são brasileiros.

Com características bem diferentes das demais redes sociais, o Twitter é uma rede livre com serviço de microblogging que permite aos seus usuários enviar e ler mensagens conhecidas como *tweets*, que são *posts* baseados em texto

⁶⁹ Se o facebook representa a convergência das mídias, pode-se afirmar que o *smartphone* é a convergência dos suportes digitais (os *smartphones* são pequenos e poderosos computadores que, além da função de telefonia celular, acumulam outros recursos como iPods, navegadores de internet, centrais de mensagens de texto, máquinas fotográficas digitais, câmeras de vídeo, gravadores de voz e receptores GPS).

de até 140 caracteres exibidos na página do autor do perfil e entregue aos assinantes do autor que são conhecidos como seguidores.



Muitas pessoas têm utilizado o Twitter para fazer reclamações dos serviços prestados pelas empresas. Essa prática tem crescido na sociedade e obtido bons resultados! As empresas têm respondido com rapidez e procurado resolver os problemas antes que virem caso de justiça. Já, outros utilizam o Twitter a fim de se manter atualizados com os estudos mais recentes de um expoente da tecnologia da informação, por exemplo, como Pierre Lèvy.

A fim de obter o máximo proveito do Twitter, os usuários devem se envolver com outros usuários e postar regularmente.

A busca no Twitter permite encontrar usuários com interesses em comum, pois é feita pelo perfil da pessoa ou empresa. O Twitter é altamente viral, tornando-se uma ferramenta de *broadcast*⁷⁰, onde normalmente você segue e é seguido por pessoas que desconhece. Os nativos digitais, para se relacionarem com pessoas *on-line* que nunca tiveram contato pessoalmente, têm criado novos meios para avaliar a confiança nas pessoas – os chamados sistemas de reputação *on-line*. Para compras, já é comum tanto o comprador quanto o vendedor avaliar um ao outro quanto à pontualidade, honestidade e eficiência.

⁷⁰ *Broadcast* (do Inglês, "transmitir") ou Radiodifusão é o processo pelo qual se transmite ou difunde determinada informação.

Alguns blogs feitos por adolescentes, como o Blog de uma garota adolescente⁷¹, utilizam critérios de avaliação para cada publicação postada. Há ainda outros sites de informações sobre produtos em que as publicações dos usuários são classificadas pela comunidade em uma escala de 1 (inútil) a 5 (perspicaz). Um leitor pode estabelecer filtros para ver apenas comentários com certa importância, ou apenas comentários de pessoas com certa reputação.

Existem blogs sobre todos os assuntos, e os nativos digitais buscam meios de informar mais rapidamente seus pares. Se estão no cinema assistindo a um filme que o classificam como fraco, essa crítica imediatamente circula pelo Twitter ou blog antes mesmo que a projeção acabe. Compartilhar imediatamente a informação é uma das características bem peculiar da geração digital.

Enquanto no Twitter as pessoas se relacionam por afinidades de temas e até sem se conhecer, no facebook, em geral, o critério para adicionar alguém em sua lista de amigos é conhecê-lo ou ser sugerido por algum outro amigo. Ao perguntar a Thaís como ela havia preenchido seu perfil no FB, ela respondeu:

Preenchi normalmente com a maioria dos dados verdadeiros menos a idade e deixei de preencher dados que eu não queria expor e não eram obrigatórios o preenchimento. (**entrevista sobre o uso do facebook - Thaís Fontes**)

Enquanto no facebook, normalmente, as pessoas criam perfis reais, com nome e dados pessoais verdadeiros, no Twitter há um número maior de perfis fictícios. No Twitter, as pessoas podem colocar qualquer nome que julgar interessante. Assim, existem muitos problemas com questões de segurança e *bullying*.

Os perfis pessoais em sites de rede social são “demonstrações públicas de identidade”. Em espaços virtuais, os adolescentes estão cada vez mais livres para moldar suas próprias identidades e administrar suas redes. Ao questionar a minha

⁷¹Este blog possui 3.250 membros e está disponível em <http://blogdeumagarotaadolescente.blogspot.com.br/>. Acesso em 3/07/2013. Os critérios de classificação para as publicações da autora são interessante, bom e ótimo.

entrevista sobre uso do facebook – Thaís Fontes

- 1) Seu nome e idade: Thaís Fontes, idade: 14 anos.
- 2) Ano escolar: 9ª ano
- 3) Como você preencheu o seu perfil do face? Com dados verídicos ou fictícios?
Preenchi normalmente com a maioria dos dados verdadeiros menos a idade e deixei de preencher dados que eu não queria expor e não eram obrigatórios o preenchimento.
- 4) Quantas vezes por dia você entra no facebook?
Estou sempre entrando no facebook via celular, então estou sempre on-line, mas nunca parei para contar quantas vezes entro por dia.
- 5) Você entra mais para postar ou para acompanhar o feed de notícias?
Para acompanhar o feed de notícias.
- 6) De onde você acessa? Computador pessoal, tablet ou celular?
Pelo celular.
- 7) Seus pais acompanham suas atividades no facebook?
Não muito.
- 8) O facebook te incentiva a escrever mais? Você já recebeu alguma dica de leitura pelo facebook?
Não.
- 9) Qual a sua atividade principal no facebook? Jogos, postar fotos, mensagens de autoajuda, política, literatura, reflexão crítica sobre algum acontecimento etc.?
Minha principal atividade é de estar sempre atenta nos acontecimentos que são atualizados de segundo em segundo.
- 10) Você participa de alguma comunidade no facebook? Qual ou quais?
Sim. A mocidade espírita Deolindo Almorim e um grupo da 192 que é a minha turma na escola, para saber dos deveres trabalhos ou atividades .
- 11) Seus amigos da escola estão todos na sua rede de amigos no facebook?
Sim.
- 12) Você se lembra de algum post seu que tenha tido muitos comentários? Foi sobre o quê?
Sim. Uma foto que tirei com um amigo e outra com a minha Mãe.
- 13) Quando você recebe muitos comentários, isso te incentiva a escrever novos posts?
Não.
- 14) Quando você posta uma mensagem, você fica conferindo quantas pessoas curtiram e quem foram as pessoas?
Sim.
- 15) Você já foi influenciada por alguma mensagem que você leu no facebook?
Sim.
- 16) Você acha que as suas participações influenciam outras pessoas?
Sinceramente não sei.
- 17) Você já curtiu o post de alguém por ela ter curtido o seu?

Não, mas curto o de amigas muito próximas quando pedem ou não.

- 18) Você tem conhecimento de algum post seu ou de amigos que tenha tido um bom resultado? Desde campanhas de conscientização, de denúncia ou para ajudar alguém?

Sim. Sim.

- 19) Você já tomou conhecimento de alguma informação, evento, aniversários com a ajuda do facebook?

Muitos.

- 20) Você se comunica mais pelo facebook com seus amigos ou utiliza outros meios eletrônicos, como e-mails, ou outras mídias sociais?

Mais por outras mídias sociais, mas muitas vezes também pelo facebook.

- 21) Há algo que você não goste no facebook?

Sim.

- 22) Na sua opinião, existem regras sociais no facebook? Quais seriam as suas?

Fique à vontade para comentar o que achar importante e que não está incluído neste questionário.

Não. Não usar facebook para mandar indiretas, postar coisas que são inúteis e ridículas e não vão acrescentar nada na vida de ninguém.

Grata!

Gabriela Costa

ggcosta@gmail.com

(FIM)

entrevistada sobre que regras sociais funcionam para ela no facebook, ela responde: “Não usar facebook para mandar indiretas, postar coisas que são inúteis e ridículas e não vão acrescentar nada na vida de ninguém.”

Os comentários de amigos criam um canal de *feedback* e demonstrações de afeto⁷². Embora muitos desses relacionamentos sejam superficiais, esse processo desempenha um papel importante na maneira como os adolescentes aprendem as regras da vida social e enfrentam questões como status, respeito, confiança e fofoca.

Os nativos digitais estão tanto se socializando quanto sendo socializados (isto é, sendo introduzidos às normas e regras da sociedade) via internet. Para eles, seu contato *on-line* com as pessoas é tão real quanto o face a face, e, na internet, todos são julgados apenas pelo que dizem e produzem. Tal comportamento cria uma nova questão, as pessoas são julgadas não pelo que elas aparentam, mas pelo que sua produção aparenta. Por exemplo, os seus comentários e posts são escritos de forma apresentável ou estão cheios de erros de ortografia e gramática? Observando comentários trocados entre alguns adolescentes, é muito recorrente a crítica à escrita, o que pode gerar uma nova discussão dentro de outra já iniciada.

No Twitter, pode-se dizer que os erros são mais “perdoáveis”, devido a algumas convenções⁷³ utilizadas para resumir uma ação ou uma intenção, e a velocidade com que se veicula a informação faz com que alguns erros sejam inevitáveis. Outra característica da rede diz respeito a sua facilidade e rapidez de leitura, é simples de usar no celular e mais fácil de difundir as informações.

O Twitter possui dois principais usos, conversação e informação. Os mais jovens utilizam o Twitter como um programa de mensagens instantâneas, para marcar encontros, por exemplo. Porém, o uso mais comum é para obter

⁷² Ler O Reconhecimento: da lógica da reciprocidade à inteligência coletiva.

⁷³ O @ é utilizado antes do nome de usuário para que seja criado um link no que se deseja enviar e dá mesmo forma que se faz a referência da pessoa, você pode chamar atenção dela para o que foi dito sobre ela ou para ela; O RT é a abreviação de *retweet*, que significa reenviar o que outro usuário postou na rede social; As *Hashtags* são palavras iniciadas pelo sinal #, isso agrupa seus tweets (posts no Twitter) com os de outras pessoas que utilizaram a mesma *hashtag*. Um estudo revelou que os *tweets* com *hashtags* têm um engajamento 200% maior do que aqueles sem *hashtags*; A DM é uma abreviação para Direct Message, que são as mensagens enviadas de forma privada apenas para um determinado usuário; Outra abreviação muito utilizada no Twitter é TT, que significa Trending Topics, são os assuntos mais quentes no momento.

informações, as últimas notícias, ou saber quais os assuntos mais comentados no momento, por meio dos *Trending Topics*⁷⁴.

Na pesquisa eletrônica, a questão 8 que traz as opções dos aplicativos mais utilizados para se comunicar⁷⁵, o facebook ganha de todas as outras opções.

A preferência pela comunicação no face se dá, segundo a pesquisa eletrônica, pela praticidade. Além de o ato comunicativo alcançar maior visibilidade na rede, acredito haver uma maior proximidade da linguagem utilizada fora da rede, pois há uma alternância entre o registro oral nos comentários, e, dependendo do assunto, o registro formal da escrita, que pode ser identificado em alguns *posts*, ou em textos compartilhados. O equilíbrio entre oralidade e escrita não é uma característica da vida *on-line*. Esse comportamento de transitar em registros variados já existe *off-line*.

Ainda em observação ao comportamento social nas redes, é notório que tanto no facebook quanto no Twitter, as pessoas estão muito preocupadas com sua popularidade, mais da metade de seus usuários acompanha quantos seguidores possuem (no Twitter), ou quantos amigos possuem (no face), comparando com outros usuários. No Twitter, quando alguém recebe RT (*retweet*), ganha ao mesmo tempo mais visibilidade na rede, o mesmo ocorre no face, quanto mais curtidas você ganha ou um *post* seu é compartilhado, como se estivesse sendo referendado por alguém. Ao mesmo tempo, a quantidade de RTs ou de compartilhamentos que alguém recebe, também o torna uma autoridade.

Com isso, podemos dizer que, no Twitter, os usuários buscam a construção de reputação e autoridade, através da visibilidade e popularidade. Apesar de

⁷⁴ Os *Trending Topics* ou TTs são uma lista em tempo real das frases mais publicadas no Twitter pelo mundo todo. Valem para essa lista as hashtags (#) e nomes próprios. O recurso de Trending Topics usa por padrão a abrangência total (worldwide), mas também é possível filtrar por países como Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, Estados Unidos, Itália, Alemanha, Espanha, Reino Unido e outros, ou cidades como Boston, Londres, Los Angeles, Miami, Nova York, Rio de Janeiro, São Paulo e outras.

⁷⁵ Nas questões 11 e 12, nas quais os adolescentes definem o que é ler e escrever para eles, a leitura associa-se a adquirir saberes, diversão, entretenimento, e a escrita à expressão e comunicação. Tanto a expressão quanto a diversão estão presentes no facebook. No entanto, são poucos os que associam a aquisição de saberes à comunicação estabelecida no face.

identificarmos essa mesma construção no facebook, é possível afirmar que o foco é diferente, pois os componentes reputação, autoridade, visibilidade e popularidade são construídos por laços de afetividade restritos a sua rede, diferentemente do Twitter por onde circulam também pessoas desconhecidas, os seguidores.

Um estudo mostrou que os *tweets* entre 8:00 e 19:00 têm um engajamento 30% maior. Algumas pessoas acabam usando todo o espaço disponível dos 140 caracteres. No entanto, o ideal é usar *tweets* curtos, para dar às pessoas espaço para adicionar seus próprios comentários e outras *hashtags*. *Tweets* que contenham menos de 100 caracteres têm um engajamento 17% maior do que os *tweets* mais longos. *Tweets* com *links* são retuitados 86% mais do que os sem. Os *tweets* com *hashtags* têm um engajamento 200% maior do que aqueles sem *hashtags*.

Não existe uma quantidade determinada de *tweets* que deve ser enviada por dia, porém deve-se ter em mente que o tempo de vida de um *tweet* é curto, por isso é importante utilizar bem os horários em que as pessoas mais acessam a rede, e também ter o domínio das técnicas que aumentam a interação com os *posts*, pois com isso poderá aumentar o tempo de vida do *post*. Ou seja, o uso das convenções acaba interferindo na produção do conteúdo como também em sua projeção.

Por fim, o **Instagram**⁷⁶, a terceira rede selecionada para este estudo, surgiu em 2010, e logo após o lançamento já obteve sucesso imediato. Em 2012, essa rede foi adquirida por Mark Zuckerberg, criador do facebook, por um milhão de dólares. O Instagram traduz da melhor forma a leitura de imagens, habilidade em que a geração digital é perita. É uma rede social considerada o Twitter de fotos, por meio da qual você pode compartilhar fotos, aplicar efeitos e filtros que dão um caráter profissional à imagem, sem a necessidade de ter conhecimento de

⁷⁶ A revista Veja Rio publicou, em 24 de outubro de 2013, a matéria intitulada Instachatos. A matéria alegava ser esta a rede que consiste numa profusão “viral” de narcisistas. Interessante é observar como a comunidade no facebook se posiciona contrariamente à repórter da matéria, o que reforça a crítica e liberdade de expressão tão presente na geração digital. Disponível em: <http://vejario.abril.com.br/edicao-da-semana/instachatos-os-chatos-do-instagram-757551.shtml>. Acesso em: 21/01/2013.

*photoshop*⁷⁷, por exemplo. Como no Twitter, você pode seguir outras pessoas, e, como no facebook, curtir as fotos e comentá-las. Além disso, há um recurso que permite acompanhar o *feed* de fotos postadas, igualmente como os usuários do face já o fazem com as notícias.

O Instagram deixou de ser apenas um aplicativo e se transformou em uma comunidade, reunindo diversos fotógrafos amadores. Dessa forma, conseguiu levar pessoas do anonimato ao sucesso, algumas delas são: Allison Anderson, Kyle Steed e Brenton Little, que possuem umas das maiores contas do app, apresentando enorme engajamento e número de seguidores. Eles contam sua experiência com a rede no documentário “Instagram is” (“O Instagram é”), um curta-metragem de 25 minutos, dirigido pelo norte-americano Paul Tellefsen. O filme mostra a rede social além de sua plataforma digital, com foco nas relações que seus usuários criaram fora dos computadores, confirmando o provérbio chinês que uma imagem vale mais do que mil palavras.



Don Tapscott, autor de A hora da geração digital, afirma que a geração internet está conduzindo a democratização da criação de conteúdo à medida que os jovens geram fotos, música e texto *on-line*, desde resenhas cinematográficas

⁷⁷Adobe Photoshop é um *software* caracterizado como editor de imagens bidimensionais do tipo *raster* (possuindo ainda algumas capacidades de edição típicas dos editores vectoriais) desenvolvido pela Adobe Systems. É considerado o líder no mercado dos editores de imagem profissionais, assim como o programa *de facto* para edição profissional de imagens digitais e trabalhos de pré-impressão. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Adobe_Photoshop. Acesso em 05/07/2013.

até comentários sobre qualquer coisa, desde produtos até políticos. Isso está acarretando, segundo o autor, um deslocamento do poder das autoridades para os indivíduos comuns. Hoje, as pessoas podem participar da economia de maneiras antes impensáveis.

As últimas manifestações ocorridas no Brasil, que tiveram início com o movimento tarifa zero e depois passaram a abranger outras causas como a educação, saúde e a corrupção, foram organizadas por meio das redes sociais. Foram muitos os cartazes de protestos compartilhados na rede, entre eles estava um que me chamou a atenção, ele dizia: Eu saí do facebook! O que só confirma que auto-organização das redes sociais chegava às ruas. Muitos adolescentes participaram massivamente das manifestações, via facebook, com textos, opiniões e muitas fotos de protesto, denúncias e conscientização. Thaís teve uma participação muito significativa com fotos das manifestações que ocorriam em várias partes do país, sendo muitas dessas fotos compartilhadas por sua rede de amigos.

A evolução das redes sociais torna cada dia mais criativo e versátil o relacionamento entre as pessoas no que diz respeito à conversação e à colaboração, por exemplo, devido a algumas características:

- Publicação e compartilhamento de conteúdo de forma rápida e simples.
- É um sistema vivo, pois existem mudanças constantes para atender à demanda dos usuários.

É certo que o sistema é retroalimentar, os usuários são influenciados pelas novas tecnologias em seu comportamento, e, numa via de mão dupla, as novas tecnologias são igualmente influenciadas por seus usuários, pois, por se tratar de uma sistema vivo, técnicas são aprimoradas e tantas outras desenvolvidas a fim de suprir novas demandas da era digital. Um exemplo clássico é o uso do e-mail. Para os nativos digitais, o e-mail é destinado para assuntos profissionais⁷⁸, a

⁷⁸ Na minha abordagem pessoal, solicitava aos adolescentes um e-mail para enviar o *link* da pesquisa. - E-mail?! Não tenho e-mail, não lembro do meu e-mail, respondiam quase sempre como algo que lhes soava estranho. Alguns até chegaram a me dar um e-mail que raramente acessavam, o que se confirma a experiência compartilhada por tantos estudiosos sobre comportamento digital. Autores como Don Tapscott (2010) definem o e-mail como sendo muito ultrapassado, utilizado estritamente para fins profissionais, daí a falta de intimidade dos adolescentes com esta mídia, “Não digo para os meus amigos me mandarem um e-mail mais tarde”, declarou um nativo digital.

conversação e a informação necessariamente deve estar veiculada em um formato mais instantâneo da mensagem, tecnologia presente nas redes sociais.

Enquanto realizava a pesquisa eletrônica, ainda no começo da investigação, conversava com a adolescente Raquel Rocha, que também respondeu ao questionário, e perguntei sobre a rede social de sua preferência. Para minha surpresa, ela me sinalizou o Twitter, pela brevidade dos posts e por sua potência de viralização. **Essa mesma adolescente me disse que havia desinstalado o face do seu smartphone e instalado apenas o Messenger do facebook**, um aplicativo de mensagens instantâneas que pode veicular textos, áudio, vídeo e imagens. Cheguei a cogitar, pela aceleração tecnológica em que vivemos, numa possível desatualização do facebook⁷⁹ como a convergência das redes, no entanto, enquanto pensava sobre isso ouço uma adolescente falar na porta do colégio com uma amiga: - Não fica assim, vai dar tudo certo! A gente conversa mais tarde no face. É lógico que este fato isolado não é suficiente para respaldar o facebook como a preferência das redes sociais.

Mudanças são passíveis de ocorrer, e algumas delas começam a dar os primeiros sinais, mas é inevitável pensar, ao ler matérias e artigos que trazem as novidades de comportamento digital, nas estratégias de marketing deste setor tão promissor. O que é necessário observar é que por mais que a mídia tente colocar a geração em um só pacote, há singularidades, e, além disso, deve-se analisar, sobretudo, a razão das mudanças, que nem sempre são fomentadas pelo modismo.

Em tempos de tantos estudos e questionamento sobre comportamento de nativos digitais, a frase de solidariedade de uma adolescente para a outra me fez relembrar um trecho do livro *A hora da Geração Digital*, em que o seu autor Don Tapscott fez uma breve entrevista a Eric Schmidt, executivo-chefe da Google,

Para se ter acesso a todas as redes sociais na internet, é necessário fazer uma assinatura (*sign up*), ou seja, um cadastro que precisa ser preenchido com o seu e-mail. Contudo, os usuários dessas redes habilitam acesso. Tal hábito faz com que esqueçam facilmente seu endereço eletrônico.

⁷⁹ A pesquisa eletrônica aponta a preferência entre redes e aplicativos para a comunicação na seguinte ordem: facebook (75%); what'sapp (62,50%); instagram (50%); SMS e snapchat empatados (37,50%); e twitter (31,25%). A preferência pelo face deve-se, de acordo com a pergunta seguinte do formulário, à praticidade, o que reafirma a característica de convergência da rede.

Essa mesma adolescente me disse que havia desinstalado o face do seu smartphone e instalado apenas o Messenger do facebook

A revista Época, de 27 de janeiro de 2014, traz a matéria “Elas largaram o facebook”, na qual expõe, pela rotina de 3 meninas de 13 anos, uma tendência entre os adolescentes que estão migrando da rede facebook para outras redes e aplicativos. Atividades que antes eram realizadas no facebook como ver e compartilhar fotos, postar opiniões, segundo a matéria, tudo isso agora é feito longe do facebook. Segundo as adolescentes da matéria, a mudança deve-se à chegada dos adultos na rede. Os jovens se sentem “espionados” pelos pais e demais familiares, e visam outras redes principalmente para conversa e troca de fotos tranquilamente. E segundo o psicólogo Aurêlio Melo, o jovem não consegue construir sua identidade se frequentar os mesmos espaços que seus pais. Ele precisa se diferenciar’. “Os pais, pelo contrário, sempre tentam frequentar os mesmos lugares que os jovens, para controlá-los ou para se sentirem na moda.” Diante desse dilema, só restaria aos adolescentes a migração – por mais que o Facebook quisesse mantê-los.

Segundo pesquisa realizada pelo site iStrategy Labs, 3 milhões de jovens americanos entre 13 e 17 anos abandonaram o Facebook nos últimos três anos. O número corresponde a mais de 25% do total de usuários nessa faixa etária. E vem a pergunta: para onde foram os adolescentes? E a matéria então cita os sites e os aplicativos que fazem sucesso com essa faixa etária, são eles:

- Snapchat: é usado para mandar imagens e vídeos que desaparecem segundos depois de serem vistos;
- What'sApp: o aplicativo de troca mensagens que permite a criação de grupos e o envio de imagens e vídeos;
- Instagram: comprada pelo Facebook em 2012, a rede divulga fotos e vídeos curtos enviados pelos usuários;
- Vine: o aplicativo permite o envio de vídeos de até seis segundos. Foi comprado pelo Twitter.

A matéria prossegue mostrando os indicadores de pesquisadores renomados que preveem a debandada do facebook de 80% dos usuários entre 2015 e 2017.

Apesar dessas previsões desastrosas para a maior rede social, especialistas mostram que o desinteresse dos adolescentes pelo site é algo natural no ciclo de vida das redes sociais. “Esse público não permanece nos mesmos sites por muito tempo. Prefere migrar para outros ambientes e experimentar novidades”, diz Elizabeth Saad, especialista em mercado digital.

Mark Zuckerberg responde às tenebrosas previsões de evasão total do facebook, numa revista americana The Atlantic, com a seguinte declaração:

“Talvez a eletricidade fosse legal quando foi descoberta, mas as pessoas logo pararam de falar dela porque deixou de ser nova. (...) A verdadeira pergunta que você precisa fazer é: há menos pessoas acendendo a luz porque deixou de ser bacana?”

Entre a analogia feita por Zuckerberg e àquela, por minha filha, “Como você vivia sem internet, existia luz?”, fico com esta, pois por mais popular que o Facebook seja, está longe de ser uma invenção tão revolucionária quanto à luz elétrica. Um raciocínio mais próximo da realidade seria comparar o Facebook ao Windows, da Microsoft, ou às patentes de tecnologia da IBM: produtos que rendem lucros bilionários até hoje, apesar de não estarem mais no topo das preferências.

Uma coisa é certa, o facebook completa neste ano 10 anos de existência, e nenhuma rede social permaneceu “viva” por tanto tempo. Com esse evento, começo a perceber por parte da imprensa uma série de matérias que especulam o fim do face, como também relatam as últimas compras de redes sociais e aplicativos feitas por Mark Zuckerberg, numa tentativa de manter o monopólio.

Quando pensamos que quase tudo é mercado, quase não percebemos que o mercado também manipula a imprensa com notícias não verídicas ou de meias verdades. Ao ler reportagens que principalmente envolvem o célebre Sr. Zuckerberg, é comum a exposição de suas últimas aquisições e àquelas que pelo

crescente número de usuários obtêm valor de mercado e se tornam aquisições em potencial.

Aqui está um dos desafios à escola frisado por Jesus Martín-Barbero, ou seja, formar leitores que saibam ler não somente livros, mas noticiários em revistas, televisão e inclusive hipertextos eletrônicos, de forma que o cidadão perceba mecanismos de manipulação e tenha autonomia para buscar a informação. (FIM)

considerando o fato de milhões de jovens da geração internet serem seus clientes e quase 20 mil deles estarem em sua folha de pagamento:

Na primavera de 2008, logo após a publicação de *The Dumbest Generation* (A Geração mais burra), perguntei a ele a respeito dos jovens da Geração Internet que ele contrata na Google. “Eles são a geração mais burra? Você tem alguma outra ideia de como essa geração é diferente?” Schmidt me mandou um e-mail em menos de uma hora. “Essa geração é a mais inteligente, e não a mais burra”, escreveu. “Eles são mais rápidos, globais, safos e têm mais instrução. O simples fato de estarem ligados entre si desde quase o nascimento por meio de telefones celulares, ferramentas de bate-papo e redes sociais significa que eles são a geração mais conectada; eles se importam mais profundamente uns com os outros do que nós jamais fizemos. (TAPSCOTT, 2010, p.350-351)

A rapidez com que essa geração evolui na geração de saberes é um desafio até mesmo para Don Tapscott, autor da Hora da geração digital, que faz a seguinte afirmação:

“Na verdade, os jovens leem, mas leem menos livros de literatura e mais textos não-ficcionais on-line”⁸⁰. (TAPSCOTT, 2010, p.349)⁸¹

Acredito que essa afirmação, em algum momento, representou um alto grau de assertividade. Mas, atualmente, o fenômeno literário é crescente entre os navegadores-leitores. Prova disso são algumas das respostas obtidas no formulário de pesquisa eletrônico na seguinte pergunta:

17. Você participa de alguma comunidade virtual, blog, site, fórum de discussão em que escreve regularmente? Qual/Quais?

“Eu tenho cadastro no Nyah! Fanfiction e posto em duas fanfics atualmente”. (Andreia, 13 anos, 8º ano)

⁸⁰ A matéria publicada pela revista Veja, em 18 de maio de 2011, intitulada “Uma geração descobre o prazer de ler”⁸⁰ traz relatos interessantíssimos sobre jovens leitores que se iniciaram na leitura pelos famosos best-sellers até chegarem aos clássicos.

⁸¹ Esta declaração foi extraída do relatório intitulado A leitura em risco, realizado em 2007, e divulgado pelo Fundo Nacional para as Artes nos Estados Unidos, mostrava que apenas um terço das crianças com 13 anos de idade nos Estados Unidos lê diariamente literatura, o que corresponde a uma queda de 14% em relação a duas décadas atrás. O autor ainda complementa dizendo que a pesquisa enfatiza que um em cada cinco jovens de 17 anos não lê literatura de forma alguma. Entretanto, a pesquisa não mostra que os jovens estão lendo menos, mas que leem mais on-line do que off-line, e que geralmente se trata de não ficção.

“Eu tenho um blog com uma amiga, está bem no início ainda não escrevemos muito, porém eu estou escrevendo meu livro com ajuda da minha professora e a mesma amiga”. (Mônica Tavares, 12 anos, 7º ano)

“GRUPOS NO FACEBOOK QUE DISCUTEM SOBRE LIVROS QUE ESTAMOS LENDO OU JÁ LEMOS. <https://www.facebook.com/groups/106450312863294/>” (Leila, 13 anos, 7º ano)

“Nyah! Fanfiction, onde eu escrevo fanfictions. Também no Twitter (em apenas 140 caracteres)”. (Juliana, 13 anos, 8º ano)

“O site Skoob e grupos no Facebook”. (Marcelo, 14 anos, 9º ano)

“Sim, eu e minha melhor amiga criamos um blog, por diversão. Postamos regularmente e fazemos vídeos também. www.ultimatesecret13.blogspot.com” (Brenda, 13 anos, 7º ano)

“Sim, eu participo de dois sites chamados \Amantes da Literatura Romântica" e \Central de Mangás". No primeiro site, eu baixo pequenos livrinhos de antigos romances. Já no segundo, eu apenas leio as histórias que gosto”. (Paula, 15 anos, 9º ano)

“sim, facebook” (Sofia, 13 anos, 8º ano)

“Sim, o Skoob (rede social citada anteriormente): <http://www.skoob.com.br/> Site de fanfictions: <http://fanfiction.com.br/>” (Maria Luiza, 14 anos, 9º ano)

“Sim, um blog literário chamado Imaginário Literário”. (Ana Beatriz, 15 anos, 9º ano)

Observe que a pergunta não estava atrelada à leitura literária, e as respostas, quase em sua unanimidade, remetiam a uma experiência on-line que envolve não apenas a literatura, como também a leitura de textos ficcionais, o que de imediato aponta para um novo cenário, diferente do que fora registrado por Don Tapscott.

Desde os anos 90, as pessoas produzem textos e compartilham em sites pessoais e blogs. Porém, foi com o surgimento das redes sociais que esse compartilhamento tomou uma proporção maior. Antes, o conteúdo ficava restrito àquele que acessasse o site ou o blog em questão. Com o advento das redes sociais, os usuários passaram a compartilhar o conteúdo que criavam em seus blogs, sem contar os *posts* publicados diretamente nas redes.

O termo Web 2.0, como também geração 2.0, a que mais lê e escreve, surgiu em 2004 para representar a nova geração de ferramentas na Internet que possibilitavam a interação, colaboração, participação, criação e o compartilhamento de conteúdo.

Para muitas pessoas, as redes sociais se tornaram uma parte fundamental de suas vidas, seja postando no Twitter, atualizando seu status no facebook, ou

mostrando pelo Instagram fotos que traduzem a sua visão de mundo. Novas redes surgem todos os dias, e outras são abandonadas ou extintas.

O que podemos afirmar é que a característica agregadora do ser humano atrai as pessoas para as redes sociais abertas, onde buscam entretenimento, informação e amizades. Estas necessidades podem agir independentemente e serem influenciadas por vários outros fatores: cultura, variáveis sociodemográficas e traços de personalidade (introversão, extroversão, timidez, narcisismo, autoestima e autoconfiança).

Quando uma psicanalista me disse que o facebook poderia ser um grande observatório humano, pensei por que não avaliar comportamentos de nativos digitais nas redes sociais. Todas as esferas da vida humana encontram-se, em maior ou menor grau, articuladas pelas mídias digitais. Política, economia e cultura estão irreversivelmente atreladas ao *modus operandi* mediático, que, gradualmente, tem seu eixo deslocado dos meios massivos para os interativos.

E tratando-se de navegação nas redes sociais, é inegável que esta atividade toma boa parte do tempo diário dos adolescentes. Observar, portanto, como se dão as práticas sociais em redes, analisando a construção de identidades que se firmam sob algumas regras de boa convivência, e algumas delas até compartilhadas na rede, entre elas a lógica da reciprocidade, nos faz refletir o quanto as redes podem configurar potenciais ambientes de aprendizagem nos dois sentidos, para usuários e para quem se utiliza da rede como observatório humano. Neste estudo, a palavra reconhecimento pode significar “identificar”, “re-conhecer”, ou seja: conhecer de novo, ou mais precisamente: chamar à memória uma imagem novamente, além de evocar o reconhecimento mútuo, marcado por um relacionamento intersubjetivo.

As necessidades básicas do usuário das redes sociais passam necessariamente pela tríade do reconhecimento sugerida por Paul Ricoeur, e nos levam a conhecer que é possível surgir dessas mediações uma geração solidária e autônoma. Acredito que os estudos que envolvam a análise de práticas integradas às novas tecnologias devem prescindir de teorias que tratem o reconhecimento nas relações interpessoais como uma leitura de nós, o que talvez seja o começo de tudo.

4.2

O Reconhecimento: da lógica da reciprocidade à inteligência coletiva

“(...) Entro no facebook e a primeira coisa que eu faço é ver as notificações, às vezes comento, depois ou puxo assunto com alguém ou falo com uma pessoa coisas importantes como deveres, trabalhos (...) utilizo o facebook para coisas uteis e não para besteira, entro mais para ver matéria de prova ou deveres de casa, trabalhos (...)”
(Thaís Fontes, 14 anos, 9º ano)

Os usuários do facebook podem adicionar amigos e enviar mensagens, atualizar seus perfis pessoais para notificar os amigos sobre eles mesmos. Além disso, os usuários podem entrar em grupos dos mais variados temas, grupos de trabalho, da escola ou faculdade, por exemplo. Thaís, na entrevista, diz fazer parte de duas comunidades no facebook, uma é a comunidade da mocidade espírita Deolindo Almorim e a outra é o grupo 192, que corresponde à sua turma na escola, e reitera na entrevista sua afirmação inicial ao dizer que sua adesão ao grupo é “para saber dos deveres trabalhos ou atividades”.

Um estudo da Harvard Business School mapeou as principais atividades das pessoas no facebook, conforme o gráfico abaixo.



Os usuários do Facebook tendem a ser mais extrovertidos e narcisistas, mas também possuem fortes sentimentos de solidão familiar. Os extrovertidos usam mais a *Timeline* e o *Chat*. Os narcisistas usam mais Fotos e *Status Updates*. (Ryan & Xenos, 2011)

No relato de Thaís, há uma ênfase na utilidade da rede que decorre de um esforço da entrevistada em não rotular suas navegações ao simples entretenimento. Sua principal atividade é definida por ela mesma como “estar sempre atenta nos acontecimentos que são atualizados de segundo em segundo”, o que se aproxima mais uma vez da utilidade que a rede fornece. No entanto, quando pergunto se houve algum *post* que tenha tido um número considerável de comentários em seu perfil, ela comenta que os dois *posts* mais comentados foram uma foto que ela tirou com um amigo e outra com a sua mãe, uma atividade da ordem do entretenimento. Esse *feedback* às fotos postadas significa muito para esta adolescente, cuja personalidade é narcisista, característica presente nesta geração *selfie*⁸², uma menina que não foge à regra das outras meninas de sua idade, é extremamente vaidosa. Numa conversa informal com sua mãe, ela disse reconhecer o quanto tais comentários *on-line* aumentam a autoestima da filha, que vive um momento de transformações no corpo e na mente.

Retornando às duas comunidades das quais Thaís faz parte, observa-se que uma associa-se à religião e outra à escola. O que fica evidente é que não há, portanto, discursos neutros, as práticas de leitura e escrita na rede são determinadas pelas instituições às quais o usuário pertence.

(...) o que somos ou, melhor ainda, o sentido de quem somos, depende das histórias que contamos e das que contamos a nós mesmos em particular, das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal. Por outro lado, essas histórias estão construídas em relação às histórias que escutamos, que lemos e que, de alguma maneira, nos dizem respeito na

⁸² *Selfie* é uma palavra em inglês, um neologismo com origem no termo *self-portrait*, que significa autorretrato, e é uma foto tirada e compartilhada na internet.

Normalmente uma *selfie* é tirada pela própria pessoa que aparece na foto, com um celular que possui uma câmera incorporada, com um *smartphone*, por exemplo. Também pode ser tirada com uma câmera digital ou *webcam*. A particularidade de uma *selfie* é que ela é tirada com o objetivo de ser compartilhada em uma rede social como Facebook, Orkut ou Myspace, por exemplo. Uma *selfie* pode ser tirada com apenas uma pessoa, com um grupo de amigos ou mesmo com celebridades.

Em 2013, os responsáveis pelos dicionários da Oxford escolheram *selfie* como a palavra do ano. Um dos motivos para esta escolha foi o fato de esta palavra ter crescido 17000% em 2013, o que confirma o seu estatuto de uma das palavras mais procuradas em um ano.

Algumas *selfies* que são compartilhadas acabam aparecendo em sites de humor, porque as pessoas fazem caras engraçadas (mandando beijinho, também conhecida como “*duck face*” ou cara de pato) ou porque alguma coisa estranha ou hilariante aparece em segundo plano. Disponível em <http://www.significados.com.br/selfie/>. Acesso em 04/01/2014.

medida em que estamos compelidos a produzir nossa história em relação a elas. Por último, essas histórias pessoais que nos constituem estão produzidas e mediadas no interior de práticas sociais mais ou menos institucionalizadas. (LARROSA, 1994, p. 47).

A comunicação estabelecida nas redes sociais, as “histórias que contamos aos outros e a que contamos a nós mesmos” nos revelam um conceito que se tornou central na teoria social contemporânea, o reconhecimento. Reconhecer-se não é somente reconhecer-se por meio de algo, por meio de um texto, como queria Proust, ao dizer que o escritor apenas fornece o material imaginário que permite ao leitor descobrir em si mesmo novas facetas que não conhecia, antes de ler o texto, e às quais não teria acesso sem ele. O reconhecimento de si possibilita uma sabedoria prática, na qual o homem que se conhece pode recorrer a qualquer momento, fazendo-se capaz. Segundo Saldanha (2009), a existência de um homem capaz não pressupõe, porém, a existência de um homem incapaz, mas, sim, a existência de quem é capaz e para que ele é capaz. Percebe-se, ainda, que o homem afirma-se e atesta-se como sujeito capaz de se designar, de agir, de narrar sua própria história e de se apresentar e assumir como autor responsável pelos seus atos. E é nesse ponto, ao atingir o conhecimento de nós mesmos, que somos levados ao reconhecimento do outro.

Um estudo realizado por dois professores da Boston University identificou os principais motivos pelos quais pessoas usam o facebook, e sua conclusão mostrou que os usuários procuram atender a duas necessidades básicas do ser humano:

- Necessidade de pertencer a um grupo; e
- Necessidade de autoapresentação (criação de um perfil, onde tem uma imagem idealizada).

Essas duas necessidades básicas podem ser analisadas pelas ordens do reconhecimento muito bem abordadas pelo filósofo Paul Ricouer (2006), que vão desde o reconhecimento como identificação, o reconhecer a si mesmo até o reconhecimento mútuo. Este percurso do reconhecimento traz à discussão a tríplice partida de Marcel Mauss, para quem o dar, receber e retribuir, práticas

analisadas pelo antropólogo em sociedades arcaicas, constitui uma teoria universalizante e presente na sociedade contemporânea.

O aspecto essencial da troca de presentes nas sociedades estudadas por Mauss envolvia o estabelecimento de um vínculo social que ligava as pessoas acima e além de qualquer valor material dos objetos trocados. A dádiva, e especialmente a obrigação de retribuir, era uma característica visível entre os clãs, tribos e famílias, e representava uma dimensão simbólica em que as noções de honra e prestígio estavam ligadas ao que era dado e retribuído, não diferente das práticas já descritas aqui, como aquelas que resultam na reputação e autoridade no Twitter, bem como as curtidas e o compartilhamento que retratam as relações afetivas de reciprocidade no facebook.

Ricouer, no entanto, ao tratar como ápice do percurso o reconhecimento mútuo, o considera pela lógica da reciprocidade do dom, marcada pelo relacionamento intersubjetivo, e nessa retomada que faz da obra de Mauss, não é tão relevante que aquele que recebeu o dom esteja obrigado a restituí-lo. Antes de tudo, o que importa é que na atitude de dar o dom, aquele que dá reconheça quem o recebe. E mesmo que o donatário venha a dar em troca, ou seja, venha a restituir o dom ao doador, esse ato será como o primeiro ato de doação e não como o segundo ato, ou seja, não se trata de restituição do dom. Não importará o que é dado àquele que é reconhecido. Na verdade, o que tem de ser frisado é que o doador se dá ele próprio quando oferece um presente, um regalo.

A hipótese levantada por Ricoeur é que o ato mútuo de reconhecer o outro por meio da gestualidade do dom é que gera um reconhecimento simbólico através da coisa dada, assim, não há tensões, e essa não obrigatoriedade da retribuição é o que de fato tem sido demonstrada nas relações estabelecidas nas redes sociais. Portanto, o reconhecimento mútuo é simbólico, pois o “dom” simboliza o doador e o destinatário dele. O “dom” nas redes sociais se traduz de muitas formas, desde a lembrança de um amigo do seu aniversário, a curtida a um post seu ou um comentário ou compartilhamento na rede de algo que você postou. Ao perguntar a Thaís se ela já havia curtido o *post* de alguém em retribuição a uma curtida a algum *post* seu, ela disse enfaticamente que não, mas que curtiu os *posts* de amigas muito próximas, quando estas pedem ou não.

A ideia segundo a qual o dom deve ser retribuído supõe que outrem é um outro eu que deve agir como eu; e esse gesto retribuído deve confirmar para mim a verdade de meu próprio gesto, isto é, minha subjetividade [...], os homens confirmando uns aos outros que eles não são coisas. (RICOEUR, 2006, pp.240-241)

Por meio do reconhecimento mútuo, é possível estabelecer uma relação despreocupada, desinteressada, isto é, não marcada pelo viés da preocupação em dar para esperar a retribuição, mas firmada pela característica de abundância do coração, ou seja, dar sem a preocupação de ser retribuído, do reconhecer não pelas categorias que “eu” estabeleço, mas pelo que o outro se apresenta.

Estudos desenvolvidos para testar os efeitos da exposição no facebook demonstram que o aumento da autoestima, mediante a exposição da informação apresentada no perfil, ocorre especialmente quando a pessoa edita informações sobre ela, sugerindo que sua autoapresentação digital possa alterar a forma como a própria pessoa se vê.

No texto A política do reconhecimento, Charles Taylor (2000) descreve a identidade como a compreensão de quem se é, descoberta de sua própria diferença ou autenticidade. Essa identidade individualizada vem, segundo o autor, conjugada ao ideal de ser fiel ao modo próprio de ser de cada indivíduo ou coletividade, por ele designado como ideal de autenticidade. Para o autor, a identidade seria moldada em boa medida pelo reconhecimento por parte de outros, em relações dialógicas. A ausência do reconhecimento ou um reconhecimento errôneo, quando internalizado, por sua vez, pode oprimir e aprisionar em modalidades falsas ou redutoras de identidade, tornando as pessoas inautênticas.

Taylor ao considerar que a identidade seria moldada também pelo reconhecimento por parte de outros, impõe a exigência de que tanto os indivíduos quanto os povos fossem reconhecidos em sua originalidade e tivessem asseguradas condições de permanecerem autênticos, fiéis a sua própria cultura. Para descrever a relação entre formação da originalidade e o reconhecimento,

Taylor recorre à figura do outro significativo, desenvolvida por Mead⁸³. Segundo essa concepção, as pessoas estabeleceriam ao longo de toda sua vida interações que levam à reformulação de sentidos, objetivos e cursos de ações.

Dessa forma, a identidade do indivíduo ou de um grupo seria formada em diálogo com aquilo que os outros significativos desejam ver neles – uma negociação constante feita com o outro ao longo de toda a vida. Além do reconhecimento de si na rede passar por relações que nem sempre são explícitas, mas que numa leitura mais atenta podem ser identificadas, parece que as redes sociais entenderam que o reconhecimento de si passa pelo reconhecimento do outro, e lançaram, então, um aplicativo de enquetes com perguntas sobre as pessoas que fazem parte da sua rede, sendo a resposta direcionada à pessoa sobre quem o aplicativo formula a pergunta. Alguns desses aplicativos são automáticos, outros podem ser desenvolvidos pelo próprio usuário.

Na rede social, existe a preocupação de se construir uma imagem, seja uma pessoa que só quer curtir a vida ou uma pessoa engajada em causas sociais, por exemplo. Thaís já definiu como gostaria de ser vista pelos outros, uma pessoa que além de ter um engajamento político, religioso e social, preocupa-se também com a dedicação aos estudos.

O discurso utilitarista tão presente na fala de Thaís pode ser verificado nos *posts* de conteúdo social, político, religioso e no compartilhamento de trabalhos relacionados às atividades escolares. Ao perguntar se ela já teve sua vida influenciada por algum *post*, ela respondeu afirmativamente que sim, mas não poderia afirmar se algum *post* dela já teria influenciado outras pessoas. Por verificar em suas colaborações uma participação bem ativa em questões sociais, insisto na questão, formulando de outro modo, se ela tem conhecimento de êxito em alguma campanha de conscientização ou ajuda a alguém iniciada no facebook por ela ou por amigos, e ela responde de forma enfática: sim, sim.

⁸³ Georg Herbert Mead (South Hadley, Condado de Hampshire, Massachusetts, 27 de fevereiro de 1863 - Chicago, 26 de abril de 1931) foi um filósofo americano de importância capital para a sociologia e a psicologia social, pertencente à Escola de Chicago (sociologia). Juntamente com William James, Pierce e Dewey, Mead faz parte de uma corrente teórica da filosofia americana denominada de pragmatismo. Em 1937, Herbert Blumer, sucessor de Mead na Universidade de Chicago, nomeou a abordagem de Mead e de vários outros filósofos e sociólogos, de interacionismo simbólico. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/George_Herbert_Mead. Acesso em 05/07/2013.

O que ainda não está muito definido para a adolescente é que há espaço na rede para várias ações que não sejam necessariamente utilitárias. Thaís com frequência compartilha momentos de sua vida com a família e amigos pelo seu Instagram, via facebook, e ainda atende a convites para participar dos games disponíveis na rede. Por outro lado, mantém uma frequência ativa de *posts* de discussões atualizadas na rede. Entretanto, quando pergunto se as redes sociais, especialmente o facebook, a incentiva nas práticas de leitura e escrita, a adolescente responde que não.

O que se percebe é que tais práticas ainda são muito circunscritas à escola, e Thaís parece não ter consciência do ambiente de aprendizagem no qual está imersa, mesmo participando de uma comunidade colaborativa de estudos com colegas de sala de aula. Ainda há uma sobreposição do exercício à experiência, anulando talvez por preconceitos, ou conceitos institucionalizados, a circulação de saberes que acontece fora da escola.

Para ilustrar, cabe trazer à tona a origem do próprio facebook. A criação da rede social por Mark Zuckerberg se deu em um momento crítico de sua vida acadêmica, quando realizava a primeira série de provas em Harvard. Como o estudante se dedicava em tempo quase que integral ao desenvolvimento do programa de computador que resultou na rede, Mark não havia estudado nada para as provas do curso de história da arte e nem frequentado as aulas. Ele que era calouro na universidade teve a ideia de criar o facebook exatamente para integrar os alunos novos e compartilhar informações.

Então, a rede foi criada, ele inseriu fotos do curso com uma pequena discussão ao lado de cada uma das imagens, a fim de que os outros alunos o ajudassem preenchendo as lacunas. Em 24 horas, os colegas de classe de Zuckerberg o ajudaram com anotações tão incisivas, que todos, inclusive ele, passaram na prova com louvor.

Pensando nos desafios que se impõem à escola nesta era digital, penso o quanto é fundamental a escola traçar um percurso de reconhecimento deste novo leitor, o que certamente auxiliará a promover com mais assertividade a formação de educadores que se alternam no lugar de aprendiz e mediadores.

5. A LITERATURA NO PAVILHÃO DE ESPELHOS⁸⁴



(...) Como num pavilhão de espelhos,
Eu te vejo multiplicada em mil
Eu vim aqui pra ver você
Solta, vestida de lua na nuvem
Dança como se dançasse pra ninguém
Ou só pra mim
Ainda bem (...)
(Letra: Lula Queiroga/ Interpretação: Roberta Sá)

O meu labirinto é um pouco diferente dos convencionais, como se não bastassem os percursos que mais parecem projetados para que a pessoa que adentra dificilmente encontre a saída, suas paredes têm espelhos e, ao criarem múltiplos caminhos sinuosos, levam a um remoinho, cujo centro é a Literatura. É certo que toda leitura por si só é labiríntica, hipertextual, pois o leitor recorre a elementos do seu repertório de vida. Mas um labirinto com espelhos é diferente! Parafraseando Borges, basta um espelho diante do outro para se ter um labirinto, uma infinidade de imagens projetadas. Os espelhos, aqui, nos remetem às novas tecnologias que, por meio do hipertexto eletrônico, potencializam a leitura hipertextual, e como num pavilhão de espelhos projeta-se um número sem fim de imagens, o que certamente representa uma leitura digital, um texto que remete a outro, ou seja, que faz surgir a hiperintertextualidade.

⁸⁴ A literatura no pavilhão de espelhos trata sobre temas, como: a resistência em associar a literatura às NTICs, fato que se perpetua pela tradição livresca; a relação polissensorial do livro impresso e do livro digital; A ênfase na motivação para ler, que se sobrepõe ao modo ler; As mudanças na noção de autoridade na era hipertextual: O lugar da escrita; A importância da mediação da literatura para o pensamento crítico e autônomo, para a construção do mundo e, sobretudo, para a formação humana. O fenômeno literário, bem como a experiência literária na rede.

A associação da literatura às NTICs ainda revela preconceitos e muitos desafios a serem superados. E isso não é um privilégio da literatura. Antigamente, a música era propagada para milhões de pessoas pelo preço de algumas pilhas, enquanto a literatura fazia com que o leitor tivesse que procurar o livro. Considerando o processo editorial, é fato que o livro só circulava se fosse impresso, distribuído e vendido. No entanto, hoje a distribuição literária está numa velocidade cada vez maior. Criam-se quebras de protocolos rígidos que foram impostos por séculos de preconceitos.

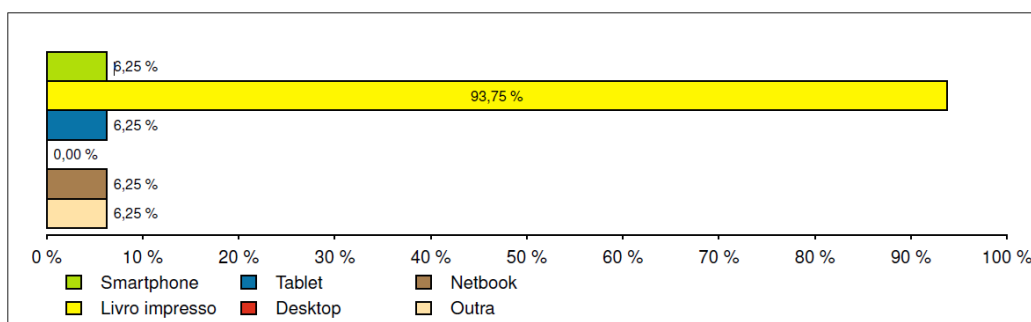
A literatura não é para qualquer um, diria um escritor de então. Assim também diziam os músicos eruditos ao ouvirem brancos que tocavam jazz, negros que pululavam no blues ou enclausurados intelectuais ao escutarem populares em uma roda de samba. A música também era restrita a poucos até surgirem aparelhos que a reproduzissem para as massas. Escravos que colhiam algodão puderam propagar seus lamentos para lugares que jamais imaginariam ter suas músicas ouvidas. Quando a distribuição se alterou, o que antes nem se sabia que existia, agora era música. Com a literatura não seria, e nem será, diferente.

Na pesquisa eletrônica (ANEXO 2), até chegar a uma relação mais intrínseca entre tecnologias e literatura, algumas perguntas foram formuladas com um enfoque maior na relação dos informantes com as tecnologias. Por mais que a pesquisa não se apoie em dados quantitativos, há respostas que representam uma unanimidade tão esmagadora que nos chamam a atenção. Na questão 7, por exemplo:

7. Qualquer maneira de ler vale à pena! Prefiro ler no...

Múltipla escolha com a opção "Outros", respostas: 16x, Não respondido: 0x

Resposta	Respostas	Ratio
Smartphone	1	6,25 %
Livro impresso	15	93,75 %
Tablet	1	6,25 %
Desktop	0	0,00 %
Netbook	1	6,25 %
Outros	1	6,25 %



- poesia em postes e muros nas ruas, seja em cartazes, grafites ou panfletos pendurados

Há uma preferência imperiosa pelo livro impresso, o que é reforçado nas respostas à questão 10, nas quais há tanto argumentos desfavoráveis às tecnologias, como os que evocam cuidados à saúde e proteção ao meio ambiente, adicionando em alguns deles um tom nostálgico e até um certo fetiche com relação ao papel, quanto argumentos favoráveis, evocando, sobretudo, a praticidade, o baixo custo, o incentivo à leitura e escrita, bem como a sua difusão, como se pode ver em 5 respostas selecionadas das 14 registradas:

10. THE E-BOOK IS ON THE TABLET Nos dias atuais, são muitas as formas de ler e interagir com os textos. Na sua opinião, o que muda na leitura e escrita com os novos suportes digitais? Quais são os principais atrativos das novas tecnologias no incentivo da leitura e da escrita?

“Os e-books, além de mais baratos, são mais práticos pra levar para os lugares” (Ana Beatriz, 15 anos, 9º ano)

“O que muda é a facilidade com que o leitor/escritor pode se informar e escrever/ler melhor. A praticidade, mais informação e a facilidade em que os livros são dispostos”. (Mônica Tavares, 12 anos, 7º ano)

“Os computadores são um grande incentivo na escrita: os escritores escrevem infinitamente mais rápido e conseguem difundir e divulgar seu trabalho com imensa facilidade. Em relação à leitura, já não sou tão a favor. Gosto de sentir o papel dos livros, cheirá-los (sim, amo o cheiro dos livros, principalmente o dos recém comprados), passar as páginas, poder marcar as frases das quais mais gosto e pretendo refletir sobre posteriormente... Eu tenho, sim, apego material pelos meus livros, envolvo-me com eles, sinto como se passasse um fragmento de mim mesma para eles a cada página. Há sim algo além do que os livros digitais possam oferecer: aqueles doloridos cortes com o papel, a dor no coração a cada amassado ou orelha que se faz... Penso que as novas tecnologias são muito frias, não há tal envolvimento com livros digitais, é muito robótico. Algumas coisas não deveriam ser tão rápidas e mecânicas, como o passar de páginas. Uma das melhores sensações é a de correr rapidamente o dedo pelo papel enquanto prende a respiração a fim de saber de uma vez a continuação de uma narrativa instigante. Muitos alegam que os e-books poupam as pessoas (principalmente as mulheres, com suas pesadas bolsas) de carregar peso. Nesse ponto, eles tem razão. **Ainda assim, sou contra os e-books e evitarei ao máximo utilizá-los, pois NADA pode substituir integralmente o bom e velho livro impresso (grifo meu).** Muitos jovens são tão fiéis adeptos à tecnologia que com certeza irão preferir utilizar modernas tecnologias para ler.” (grifo meu) (Maria Luiza, 14 anos, 9º ano)

“Em minha opinião o que muda é que os livros comprados pela internet ou os de graça são conseguidos com mais facilidade e até mais baratos, porém é muito melhor ter um livro em papel, por tablet computador etc. é muito mais prejudicial à visão.” (Giovana, 14 anos, 9º ano)

“Quanto maior a praticidade na hora de ler, maior a atração que o leitor sente... Com a tecnologia atual, você adapta a leitura ao seu gosto, o que facilita muito nossa leitura!” (Roberto, 13 anos, 7º ano)

Em análise ao resultado geral, percebo de imediato que as respostas se dividem em dois grupos: os otimistas às NTICs e os cautelosos, que apesar de reconhecerem os benefícios advindos das tecnologias, não se renderam à leitura de livros em suportes digitais.

Bem, o que primeiramente me chama a atenção em seus discursos é a reprodução de uma fala que já não representa tanto essa geração. Ouço esse mesmo discurso vindo de pessoas mais velhas que não se adaptaram às novas tecnologias ou por resistência, ou por preconceito ou por cautela, como o do ator global Tony Ramos, um leitor contumaz, que, no auge dos seus 62 anos, fez a seguinte declaração à revista Veja sobre a leitura digital: “Nada substitui o prazer quase carnal de colocar um livro nas mãos, virar suas páginas e sentir seu cheiro.” (Veja, 18/05/2011,p.107)

Não quero dizer com isso que o sentimento que esses adolescentes nutrem pelo livro impresso não seja genuíno, acredito de fato como a aluna Larissa Borges (14 anos, 8º ano) (ANEXO 1) sugeriu em seu diário de bordo que se utiliza uma determinada tecnologia para cada ação. E isso não é recorrente apenas



a este pequeno grupo de entrevistados, ainda é bastante comum a preferência pela tecnologia “livro impresso” para a leitura literária entre os adolescentes leitores, e há toda uma justificativa para esse comportamento baseada na sua **relação polissensorial** com o **livro impresso**, que vai desde o volume, o peso, o cheiro, o grifar, até outras características que o tornam um objeto concreto.

relação polissensorial

A aluna Maria Luiza (14 anos, 9º ano) em resposta à questão 10, na qual pergunto o que muda na leitura e escrita com as novas tecnologias, faz o seguinte relato:

- Os computadores são um grande incentivo na escrita: os escritores escrevem infinitamente mais rápido e conseguem difundir e divulgar seu trabalho com imensa facilidade. Em relação à leitura, já não sou tão a favor. Gosto de sentir o papel dos livros, cheirá-los (sim, amo o cheiro dos livros, principalmente o dos recém-comprados), passar as páginas, poder marcar as frases das quais mais gosto e pretendo refletir sobre posteriormente... Eu tenho, sim, apego material pelos meus livros, envolvo-me com eles, sinto como se passasse um fragmento de mim mesma para eles a cada página. Há sim algo além do que os livros digitais possam oferecer: aqueles doloridos cortes com o papel, a dor no coração a cada amassado ou orelha que se faz... Penso que as novas tecnologias são muito frias, não há tal envolvimento com livros digitais, é muito robótico. Algumas coisas não deveriam ser tão rápidas e mecânicas, como o passar de páginas. Uma das melhores sensações é a de correr rapidamente o dedo pelo papel enquanto prende a respiração a fim de saber de uma vez a continuação de uma narrativa instigante. Muitos alegam que os e-books poupam as pessoas (principalmente as mulheres, com suas pesadas bolsas) de carregar peso.

Maria Luiza fala de sensações que se traduzem num sentimento de posse, de pertencimento. E essa polissensorialidade se manifesta em nós o tempo todo. (FIM)

livro impresso

O momento de transição do livro impresso para o digital faz com que ainda usemos muitas das referências do livro físico no novo suporte, seja em relação ao formato – paginação, design de capa, folha de rosto –, seja em noções mais profundas, como os próprios conceitos de autor ou da obra como trabalho acabado, fechado, independente. Tais noções estão estreitamente ligadas à tecnologia do livro impresso, mas, perpetuadas ao longo dos séculos, acabaram se tornando naturais para nós. É por isso, segundo Chartier, que a ruptura provocada pelo livro eletrônico é tão brutal:

É por isso que esta revolução, fundada sobre uma ruptura da continuidade e sobre a necessidade de aprendizagens radicalmente novas, e, portanto, de um distanciamento com relação aos hábitos, tem muito poucos precedentes tão violentos na longa história da cultura escrita. (CHARTIER, 1998, p. 93)

Daí vêm as tentativas de imitar o livro impresso num suporte que não precisa mais de todas as suas referências. É o caso do iBooks, aplicativo de leitura de e-books para iOS2, que imita prateleiras de madeira, livros encadernados e páginas de papel. A imitação de recursos que são necessários num suporte, mas apenas decorativos no outro, serve para proporcionar a sensação de conforto e familiaridade ao leitor habituado aos livros de papel. Convém destacar que o *layout* que imita o livro físico era o único disponível até o outubro de 2012; a última versão do iBooks permite que se escolha entre a virada de páginas tradicional e o “*scroll*”, que apresenta apenas o texto acompanhado por uma barra de rolagem. A manutenção das duas opções aponta para uma tendência de aproximar-se do layout da página web mantendo, ainda, a sensação do livro.

Hoje, a convivência entre o formato impresso e o digital faz com que os sistemas de leitura eletrônica encontrem tipos diversos de leitores, alguns que procuram ler de acordo com as regras do livro impresso, outros que buscam as ferramentas específicas do hipertexto (LANDOW, 2006, p. 11). Segundo Landow, os dois suportes coexistiriam por algum tempo, até que a transição para o hipertexto se tornasse tão culturalmente dominante que o grande público aceitaria

o formato eletrônico de maneira natural, e apenas especialistas notariam a mudança ou sentiriam alguma nostalgia pelo livro impresso (idem, p. 361). Este é um fenômeno que já acontece, em certa medida, com periódicos acadêmicos, muitos dos quais só existem em formato digital, e com o consumo de notícias online. Mas, no caso da literatura, existe uma relação emocional com o objeto-livro que deve ser considerada. (FIM)

Certa vez, a bibliotecária da escola em que desenvolvi a pesquisa contou-me que à medida que avançam no ensino fundamental, os alunos solicitam a leitura de livros estilo “calhamaço”, o que pode ser uma forma de impressionar, ou de não associá-los ao estigma dos livros infanto-juvenis de pequeno volume, ou pode ainda se traduzir em um desafio para aqueles que têm pouco fôlego de leitura ou até mesmo um reflexo da tradição livresca⁸⁵ de que as boas leituras estão nas grandes brochuras.

A matéria publicada pela revista *Veja*, em 18 de maio de 2011, intitulada “Uma geração descobre o prazer de ler”⁸⁶ traz relatos interessantíssimos sobre jovens leitores que se iniciaram na leitura pelos famosos best-sellers até chegarem aos clássicos. Nessa reportagem, curiosamente, os nativos digitais estão sempre envoltos com seus livros impressos, enquanto o imigrante digital, Eduardo Ribeiro (44 anos), que acreditava que a leitura digital nunca substituiria o prazer de folhear as páginas, faz a seguinte declaração: “Descobri que a maquininha é ainda mais viciante para um leitor obsessivo”.

Como disse anteriormente, acredito que o livro impresso seja apenas uma opção (cuja origem até possa estar na cultura livresca), pois jovens como a

⁸⁵ O filósofo Jesus Martín-Barbero (2000, p.128) cita uma pesquisa realizada, na Universidad del Valle, em Cali, na Colômbia, sobre hábitos de leitura e usos sociais da televisão, em que a maioria dos entrevistados, de todas as classes sociais, associa o livro ao dever escolar. Ou seja, terminado o período escolar na vida das pessoas, o livro não teria mais função.

A fala da aluna que se esforça para ler livros que não lhe agradam e obedecer regras para a escrita que a limitam em sua criatividade se reproduz na fala do filósofo, que em outras palavras traz o mesmo tom:

Nossas escolas não estão sendo um espaço no qual a leitura seja um meio de criatividade e prazer, mas sim um espaço no qual leitura e escrita se associam à tarefa obrigatória e chata. Castradora, inclusive.
(MARTÍN-BARBERO, 2000, p.128)

Os livros não serão extintos, nunca se publicou tanto, nunca se leu tanto, e livros continuarão sendo produzidos em mídias variadas. O problema está em saber se a escola será capaz de ensinar a ler livros não só como ponto de chegada, mas também como ponto de partida⁸⁶ para outra alfabetização, a das multimídias. Isso significa que a escola está formando o cidadão que não só sabe ler livros, mas noticiários televisivos e hipertextos eletrônicos, de forma que o cidadão perceba mecanismos de manipulação e tenha autonomia para buscar a informação.

⁸⁶ Disponível em:

<http://clipping.cservice.com.br/cliente/visualizarmateria.aspx?materiaId=12893758&canalId=16647&clienteId=0P1raIDrFiE%3D&end>. Acesso em 6/12/2013.

catarinense Taíze Odelli (21 anos)⁸⁷ e a carioca Íris Figueiredo (18 anos), que estão sempre com seus livros em mãos, estendem suas leituras para seus blogs.

Ambas iniciaram sua trajetória como leitoras vorazes de Harry Potter.⁸⁸ A entrevista diz que Taíze percorreu esse trajeto por curiosidade, mas que atualmente discute com desenvoltura obras clássicas como a do russo Fiodor Dostoievski ou contemporâneas, como a do anglo-indiano Salman Rushdie. Taíze é uma exceção à regra, ao contrário da maioria dos jovens leitores, ela não teve incentivo familiar para a leitura. Segundo a jovem, o hábito pela leitura virou vício quando pegou emprestado o terceiro volume da série Harry Potter. “Desde então, não fiquei uma semana sem ler”, afirma Taíze, e complementa “A literatura ajuda a ter senso crítico”. Hoje, a jovem recebe por mês cerca de dez lançamentos de quatro editoras nacionais para resenhá-los em seu blog, onde critica dois livros por semana.

A matéria afirma que para as editoras Taíze representa uma ponte com um público que resiste aos canais tradicionais de divulgação, como jornais e revistas.

Para a garotada que acompanha seu blog, ela é um caminho alternativo: os livros, na escola, costumam ser motivo de tédio; redescobri-los como fonte de deleite, passo a passo com pessoas da mesma idade, é um papel que a internet – sim, uma daquelas invenções que iriam assassinar a leitura, segundo os pessimistas – vem desempenhando de forma espontânea e com surpreendente eficácia. (Veja, 18/05/2011, p.100)

Um outro exemplo que a matéria traz e que deve ser compartilhado é o da jovem carioca Íris Figueiredo, 18 anos⁸⁹. Em 2009, Íris criou um blog para registrar impressões dos livros que lia, e dele surgiu a ideia de reunir jovens que

⁸⁷ Taíze Odelli mantém o blog Rizenhas onde expõe resenhas de lançamentos literários. Confira em <http://rizenhas.com/>. Acesso em 16/01/2014.

⁸⁸ Tese de Doutorado de Ana Claudia Pelisoli - Do leitor invisível ao hiperleitor: uma teoria a partir de Harry Potter. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br:8080/dspace/bitstream/10923/4276/1/000431100-Texto%2bCompleto-0.pdf>. Acesso em 18/07/2012.

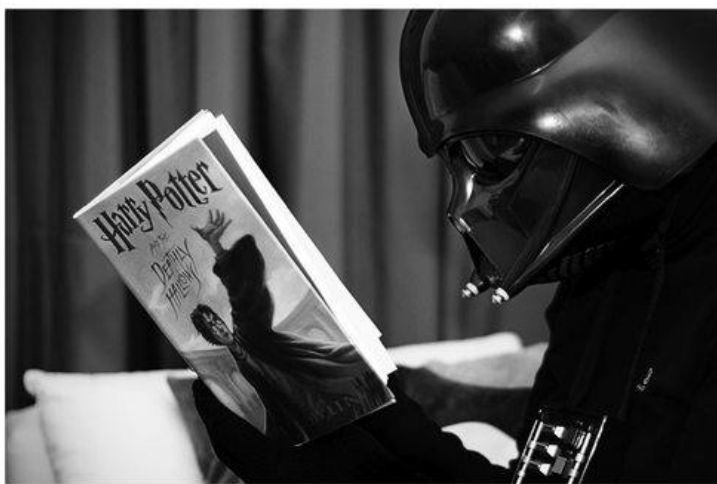
⁸⁹ Íris Figueiredo mantém o blog Literalmente Falando, em que escreve crônicas, resenhas de livros e um playlist em que a autora compartilha tudo o que gosta. Disponível em: <http://literalmentefalando.com.br/>. Acesso em: 16/01/2014.

curiosidade

A curiosidade não é um privilégio do leitor literário, do leitor de ficção, mas consiste em uma das principais características do perfil de um navegador-leitor.

Na questão 4 da pesquisa eletrônica, inseri alguns títulos de livros propostos por Ítalo Calvino, em sua obra *Se um viajante numa noite de inverno*, e perguntei com quais deles o entrevistado se identificava. Dentre todos os títulos propostos, 62,50% dos adolescentes que participaram da pesquisa se identificaram com o seguinte título: “Livros que de repente lhe inspiram uma curiosidade frenética e não claramente justificada”.

Perceber o que desperta a curiosidade dessa geração é certamente um caminho a percorrer. Mas o curioso é que eles também ainda se interessam por uma boa história, seja impressa ou digital. Mas quando essa boa história chega até eles por meio de mídias que despertam o seu lado detetivesco, o prazer pela leitura ganha status de diversão.



Para ilustrar essa nossa discussão, trago à tona dois termos: *storytelling* e *transmídia*, unidos pelo mesmo conceito: o de contar uma boa história. Atualmente, o mercado é responsável por retomá-los. No

entanto, seu uso é muito anterior às estratégias de marketing atuais que se apropriaram da arte de contar histórias para vender produtos, serviços e ideias, aproximando as pessoas das empresas.

Partindo do princípio que “story” no inglês não está relacionado a fatos reais (para este fim utiliza-se *history*), esse tipo de estrutura narrativa geralmente está ligada à ficção, mas não necessariamente. A estrutura lógica com que os eventos

de uma história se estruturam segue certos padrões. Por exemplo: uma história 1) traz sempre eventos extraordinários, promovendo uma quebra de rotina; 2) deve ter ao menos um protagonista que está sempre buscando algo e com quem as pessoas devem se identificar; 3) deve ter um antagonista que cria obstáculos ao protagonista; 4) deve existir o conflito, a tensão entre os elementos opostos como fator que forçosamente prende a atenção do leitor; e 5) deve trazer uma sequência de eventos com começo, meio e fim, passando por pelo menos um clímax, o que faz com que a história faça sentido às pessoas.

Segundo especialistas, como o psicólogo americano Jerome Bruner⁹⁰, guardamos mais facilmente uma informação quando está envelopada nessa estrutura narrativa. Foi ele quem descobriu que um fato tem 20 vezes mais chance de ser lembrado se estiver ancorado em uma história. Isso significa dizer que a nossa memória funciona de forma mais similar a uma coleção de filmes do que a um álbum de fotos.

Agora, o termo *transmídia* ou *transmedia*, que vem também do inglês, significa “além da” mídia, ou seja, o conteúdo, que sobressai à mídia, utiliza-se da *storytelling*. Na prática, significa que as diferentes mídias (os meios) irão transmitir diferentes conteúdos (as mensagens) para o público (o receptor), mas de forma que os diferentes meios se complementem. Se o receptor utilizar apenas um dos meios, vai ter apenas a mensagem parcial. Ou seja, a história (“story”) é contada por meio de diferentes mídias, sendo que cada uma exige uma narrativa específica e atinge públicos diferentes. O primeiro universo ficcional criado desde o início com esse propósito provavelmente foi o de Matrix, tendo a trilogia de filmes como o núcleo desse universo, e depois uma série de produtos que aprofundavam a história em outros meios, para uma parte mais engajada do público: animação, quadrinhos, videogame etc. Em cada um desses casos era contada uma outra parte da história, ligada ao núcleo, porém diferente dele.

Esse recurso de complementação de mídias é no mínimo criativo, e, como na coluna da matéria da revista Veja “um livro puxa outro”, posso afirmar que numa escrita hipertextual “um tema puxa outro” também. A curiosidade está muito atrelada à criatividade. E esse tópico sobressai nas respostas à questão 34:

⁹⁰ Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Jerome_Bruner. Acesso em 14/01/2014

Para você, qual o maior desafio no ato de escrever? Além das respostas que demonstram a preocupação com a clareza, correção e qualidade textuais, a criatividade é citada de várias formas como o maior desafio, como, por exemplo, esta resposta: "Criatividade. Sinto dificuldades em escrever algo inovador, que fuja do padrão da maioria dos livros cujos finais são adivinhados logo nas primeiras páginas."

A atenção exacerbada conferida às novas mídias e tecnologias não pode desprezar uma boa história, sem a qual o resto não funciona. Portanto, numa proposta de utilização das novas tecnologias para leitura e escrita, o desafio é duplo o de narrar uma boa história utilizando-se das mídias mais apropriadas. (FIM)

estavam cansados de ler as séries de ficção que lideram as vendas nas livrarias, passando a ler obras de grande autores. Conforme a reportagem, a jovem obteve rapidamente 30 respostas a seu apelo.

No mês seguinte, o evento teve início com 20 adolescentes com um encontro marcado no Museu de Arte Contemporânea de Niterói. Segundo a adolescente, cada um que foi ao encontro trazia debaixo do braço um exemplar de *Orgulho e Preconceito*, da inglesa Jane Austen. A dinâmica se deu da seguinte forma: durante duas horas, leram os trechos de sua preferência, analisaram a influência da autora sobre escritores contemporâneos (descobriram, por exemplo, que certas frases do romance foram emuladas em diálogos da série *O Diário de Bridget Jones*, de Helen Fielding, o que certamente já os aproxima de uma realidade compartilhada) e destrincharam os dilemas pelos quais passaram a vivaz Elizabeth Bennett e o arrogante Mr. Darcy, os protagonistas do romance. Em suas reuniões, já foram abordados títulos como *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, 1984, de George Orwell, e *Feliz Ano Novo*, de Rubem Fonseca.

Taíze e Íris são ótimos exemplos que refutam a tese, encabeçada pelo crítico americano Harold Bloom, de que a série *Harry Potter* só formaria mais leitores de *Harry Potter*⁹¹. Para o crítico, os livros da inglesa J.K. Rowling seriam incapazes de conduzir a outras leituras e propiciar a evolução desses iniciantes.

Desmitificando a “tese de Bloom”, a reportagem especial da Veja incluiu cinco murais de leitura, intitulado “Um livro puxa outro”, em que mostra sugestões de leitura, incluindo clássicos e contemporâneos, que traz como ponto de partida sempre um best-seller. A ideia é a seguinte: “Se o seu ponto de partida é...a série *Harry Potter*, da inglesa J.K. Rowling, ‘certamente terá interesse em ler

⁹¹ Nas férias, enquanto escrevia esta dissertação, conheci Juliana (10 anos), estudante do 6º ano de uma instituição tradicional de Niterói. Juliana contou-me o quanto é grata à série *Harry Potter*, pois a considera responsável por despertar nela o prazer pela leitura. A partir da leitura da série, manifestou o interesse em assistir a todos os filmes de cada volume, e passou a recomendar aos amigos. Hoje, Juliana pode ser considerada uma leitora contumaz, e traz um lindo brilho nos olhos, excelente vocabulário e satisfação em comentar os livros que tem lido. Ela disse já ter influenciado muitos amigos, dizendo: você precisa ler a série *Harry Potter*, depois que li nunca mais parei de ler.

Taíze, a menina de 21 anos da matéria, hoje provavelmente com seus 23 anos, pertence a uma geração que sofreu o “boom” da série *Harry Potter*. E passados esses anos, esta mesma leitura continua formando leitores.

os seguintes livros”⁹², e aí o mural de leitura divulga todos os possíveis títulos que um leitor de *Harry Potter* teria interesse em ler. E nos outros murais, a matéria considera como ponto de partida a saga *Crepúsculo*, da americana Stephenie Meyer, os romances adocicados do americano Nicholas Sparks, o livro de autoajuda *A Cabana*, do canadense William P. Young, e, por fim, *A menina que roubava livros*, do australiano Markus Zusak. Todos livros populares, inseridos na categoria *best-sellers*.

Bloom, na obra *Como e por que ler* (2001), parece contrariar a própria “tese”, quando associa o valor de uma obra literária ao quanto ela nos diz respeito. Ou seja, o valor de uma obra literária pode ser modificado de uma época para outra, e como afirma Eagleton (1997, p.14) “qualquer coisa pode ser literatura, e qualquer coisa que é considerada literatura, inalterável e inquestionavelmente pode deixar de sê-lo”, pois os juízos de valor são maleáveis e transitivos, pois emergem de uma concepção sociológica, relacionando a obra ao seu meio sociocultural de produção.

Essa matéria teve grande repercussão entre os blogueiros⁹³ que, em um exercício hipertextual, trataram de ampliar os títulos sugeridos pela edição, acrescentando uma infinidade de leituras às já indicadas.

A matéria publicada na *Veja* apesar da ênfase, logo no texto de capa da publicação⁹⁴, sobre a utilidade da leitura, não põe seu foco no bom vocabulário, na boa escrita e no senso crítico como competências decorrentes da leitura, mas, sobretudo, no prazer de ler:

Ler é prazer. E, uma vez que se prova desse deleite, ele é mais e mais desejado. Basta um pequeno empurrãozinho (...) para que o leitor potencial deslanche e, guiado por sua curiosidade, se aventure pelos

⁹² Acessar a Revista, disponível em: <http://clipping.cservice.com.br/cliente/visualizarmateria.aspx?materialId=12893758&canalId=16647&clienteId=0P1raIDrFiE%3D&end>. Acesso em: 30/06/2011.

⁹³ Confira no seguinte blog: <http://nossaestante-br.blogspot.com.br/2011/05/uma-geracao-descobre-o-prazer-de-ler.html>. Acesso em 16/01/2014.

⁹⁴ A razão por que a leitura parece estar em baixa é que estamos em plena era da internet. Só parece. Pois o que se vê é a multiplicação dos jovens que gostam de ler, reconhecendo que um bom texto ainda é, para a vida pessoal e profissional, um instrumento decisivo. (capa da *Veja* 18/05/2011).

caminhos infinitos que, em 3000 anos de criação literária, incontáveis autores foram abrindo para seus pares. (Veja, 18/05/2011, p.100)

Considerar a leitura uma atividade prazerosa (questão 32 do formulário de pesquisa) é uma percepção da maioria dos entrevistados da pesquisa eletrônica, mas apenas a metade classifica suas competências de leitura⁹⁵ (questão 33 do formulário de pesquisa) como excelentes. Ainda assim, grande parte dos participantes reconhece que a leitura contribuiu consideravelmente para as suas competências de escrita (questão 46 do formulário de pesquisa), **o que põe habilidades tão simultâneas na era digital – ler e escrever – em posição antagônica.**

Quando me refiro à leitura, não restrinjo à prática da leitura, mas quero falar sobre a leitura do mundo que precede a leitura da palavra, como afirma Freire (1997, p.11):

Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

O que propicia a criatividade é o diálogo da realidade com a fantasia. Ao desprezar as vivências do cotidiano dos alunos, a escola dissocia a realidade da fantasia, logo a leitura da escrita. Acredito que o fato de o leitor ser capaz, por meio da literatura, de visualizar aspectos de sua prática cotidiana de modo diferenciado é justamente o que provoca a experiência, pois “a função social somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativas de sua vida prática”. (JAUSS, 1994, p. 50).

A ampliação do conceito de leitura não se dá somente pela leitura de mundo como sugeriu Freire, mas considerando as novas práticas de ler e escrever, observamos que estas habilidades se compactam em uma, a *escreitura*. A nossa leitura, eletrônica ou não, é sempre hipertextual, o que representa a forma como pensamos. No entanto, a escrita na rede se dá simultaneamente de duas formas,

⁹⁵ As estatísticas nacionais quanto à leitura indicam que os brasileiros leem pouco e que a compreensão leitora de nossas crianças, jovens e adultos revela enormes dificuldades em relação à análise, interpretação e produção de textos.

o que põe habilidades tão simultâneas na era digital – ler e escrever – em posição antagônica

Não sou adepta à tese de que quem lê muito escreve bem. Trata-se de duas habilidades correlacionadas, porém não necessariamente quem tem o hábito de ler se torna um exímio escritor, são habilidades diferentes. Para atingir a condição de escritor hábil e fluente, pesa a capacidade de desenvolver raciocínio de leitura lógico, coerente e coeso, apresentando maior clareza de ideias. Mas certamente a leitura é propulsora de habilidades cognitivas indispensáveis à formação humana. Segundo a pesquisa eletrônica, o maior desafio da escrita se dá em produzir um texto criativo, conforme vemos nas respostas dadas à questão 34:

34. Para você, qual o maior desafio no ato de escrever?

Texto de resposta, respostas: 15x, Não respondido: 1x

- | | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none"> • A norma culta da língua • Colocar tudo no papel. Às vezes há confusão de muitas idéias que não se encaixam do jeito que deveriam. • Criar todo um enredo baseado em ações fictícias. • Criatividade • Criatividade. Sinto dificuldades em escrever algo inovador, que fuja do padrão da maioria dos livros cujos finais são adivinhados logo nas primeiras páginas. • Escrever algo original que todos gostem e não seja desrespeitoso ao declarar opiniões e ter ideias geniais. • Inspiração, auto avaliação do texto e busca por qualidade. • MEU MAIOR DESAFIO NA HORA DE ESCREVER É SABER SE A PESSOA VAI ENTENDER O QUE EU | <p>ESTOU ESCREVENDO, SE O MEU TEXTO ESTA CLARO.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Não possuo desafio. • Ter ideias para o início de um texto, depois que começo acaba sendo fácil - ou quase. Por isso procuro escrever em dupla. • Tudo..Fazer adaptações e expressar as palavras,usa-las corretamente • Um pouco de dificuldade com o começo, meio e fim, mas poucas vezes. • eu sei como começar, mas nao sei como desenvolver a historia para que fique mais original • nenhuma • É você saber escrever algo que sabe que o leitor vai gostar de ler. |
|---|---|

O ato da escrita é sem dúvida uma habilidade de grande complexidade. A avaliação de uma redação, por exemplo, envolve a análise de elementos linguísticos e extralinguísticos. E existem vários níveis de leitura e escrita.

Sendo a escrita fruto de uma experiência de leitura, e as competências de leitura não reconhecidas pelos alunos como satisfatórias, ainda que devidamente asseguram que a leitura tenha alavancado as competências de escrita, algumas considerações podem ser feitas:

No imaginário do aluno, a competência de escrita (habilidade escolarizada) está sempre associada ao escrever bem, ao domínio da norma culta, à coesão,

coerência etc. E isso parece que a leitura os supre. No entanto, quando questionados sobre o maior desafio da escrita, quase que unanimemente escolhem a criatividade.

O que propicia a criatividade é o diálogo da realidade com a fantasia. Ao desprezar as vivências do cotidiano dos alunos, a escola dissocia a realidade da fantasia, logo a leitura da escrita. Acredito que o fato de o leitor ser capaz, por meio da literatura, de visualizar aspectos de sua prática cotidiana de modo diferenciado é justamente o que provoca a experiência, pois “a função social somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativas de sua vida prática”. (JAUSS, 1994, p. 50). (FIM)

sequencial e linear, pois qualquer texto para ser inteligível tem por princípio a organização das ideias, clareza, coesão, coerência dentre outros fatores, e, além disso, muitos que escrevem na rede não utilizam o recurso de *hyperlinks*; a outra forma é a hipertextual⁹⁶, que pode ser realizada pela inserção de *hyperlinks* em um texto, garantindo assim uma navegação fragmentada em muitos outros “textos”.

Ou seja, à medida que o navegador-leitor lê, ele também escreve por meio do percurso selecionado, ainda que literalmente não tenha escrito sequer uma linha. Na escrita “tradicional”, o máximo de inserção hipertextual se dá por meio dos itens de referência que são as notas de rodapé, notas de fim, índices, bibliografias, que é uma leitura hipertextual limitada, pois não permite uma infinidade de inserções.

A experiência de escrita hipertextual desta dissertação⁹⁷, por exemplo, julgo ter sido um exercício extremamente desafiador, pois condicionada à escrita sequencial e lógica, não-multilinearizada, com inserções que se limitam aos itens de referência, à medida que avançava na escrita, novos hipertextos surgiam em

⁹⁶ Marcuschi afirma que mesmo a escrita hipertextual não é totalmente deslinearizada, pois a língua segue uma sequência lógica, sem a qual a informação não será recebida.

⁹⁷ A escrita hipertextual dessa dissertação é um protótipo de leitura em rede. Porém, os temas aqui discutidos, apesar de promoverem uma leitura hipertextual, não propõem uma leitura infinita. O máximo de extensão da leitura digital aqui proposta se dá por meio do acesso aos links aqui utilizados que levam a outros links.

Criar um link em um texto significa estabelecer uma ligação com outra página, outro texto, que pode ser aberta pelo leitor ao clicar numa palavra, grupo de palavras, áudio, vídeo ou imagem. Um link funciona como uma simplificação da ideia de Thomas Nelson, pois na internet atual só o autor (ou administrador) da página pode inserir links, e eles têm apenas uma direção: um documento apontando outro, o que foi bem difícil para resolver, pois um link estava ligado a duas ou três partes da dissertação. Para Nelson, uma das propriedades principais do hipertexto seria permitir ao leitor decidir onde colocar os links, ou seja, as associações seriam realizadas também pelo leitor, não apenas pelo autor do texto. Assim sendo, os links são ligações que nos permitem saltar para outra parte:

- do mesmo documento (outra parte na mesma página);
- de outro documento do mesmo site;
- de outro documento, em qualquer computador da rede;
- pode-se também criar links para endereços de correio eletrônico; e
- o link pode apontar para qualquer recurso disponível: uma imagem, um áudio, um vídeo, outro texto etc.

Nesta dissertação, quando se clica no link, de certa forma ainda é possível navegar em assuntos que se correlacionam. Na rede, isso não é possível. É comum clicarmos em links que não apresentam uma relação direta com o assunto pesquisado. Numa escrita hipertextual, é preciso atentar para a questão da *relevância* na continuidade tópica, pois nem tudo pode estar no texto central, e isto deve ter uma previsão mínima. Mas como prever ou impedir escolhas de outrem quando essa liberdade é precisamente o diferencial do espaço hipertextual em relação ao livro? O que parece a maior virtude do hipertexto é também seu maior perigo.

minha mente. No entanto, interromper o curso do texto e retomar o fio da discussão não é uma tarefa fácil para quem lê e muito menos para quem escreve.

Enquanto na leitura hipertextual acessamos uma infinidade de textos, o mesmo não acontece com os livros didáticos, nos quais encontramos uma limitação do conteúdo, e, por vezes, até uma informação ultrapassada! De um lado, o professor, munido com seus manuais, do outro, o aluno imerso em outras linguagens, saberes, textos que circulam pela sociedade. Esses saberes-mosaico, feito de fragmentos, não impede esses jovens de terem um conhecimento mais atualizado em física e geografia, por exemplo, do que o seu próprio professor.

A informação está sempre em um espaço circunscrito, e inevitavelmente lembramos da escola, instituição que, por excelência, deveria viabilizar o acesso dos alunos ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los, respeitando a autonomia do aluno e **a nova perspectiva do leitor digital em sua relação de autoridade com o texto.**

Na pesquisa eletrônica (questão 15), verificamos que os textos literários, por exemplo, são trabalhados em primeiríssimo lugar como atividade específica da disciplina de língua portuguesa⁹⁸, seguida por literatura. Este é só um exemplo de uma visão fragmentada do conhecimento⁹⁹ que impregna não somente a escola, mas muitas instituições.

Esta visão fragmentada, que formou especialistas somente do assunto que leciona, não dialoga com o saber difuso e descentrado que hoje circula na sociedade, que acaba sendo, segundo o filósofo Jesus Martín-Barbero, a via de acesso a uma concepção mais democrática e eficiente, isto é, criadora e produtiva.

⁹⁸ A pesquisa eletrônica aponta esta particularidade nas questões 13, 14 e 15

⁹⁹ Atualmente, é bem evidente a falta de reflexão sobre o conhecimento científico na sociedade que, embora regida por tudo o que é produzido e proposto cientificamente, permanece alheia aos princípios lógicos e ideológicos que orientam a ciência. Historicamente, podemos perceber que a ciência vem se configurando de forma disciplinar e, hoje, culmina no alto nível de Esta compartimentalização do conhecimento que, segundo Edgar Morin, teve a sua maior expressão na divisão do trabalho, trouxe de um lado muitas vantagens, mas de outro uma tendência ao enclausuramento ou fragmentação do saber, e está retratada em nossa sociedade pela recorrência frequente a especialistas, como sendo estes os detentores do saber. Morin complementa esta ideia ao declarar que “O próprio especialista torna-se ignorante de tudo especialização do conhecimento. aquilo que não concerne a sua disciplina e o não-especialista renuncia prematuramente a toda possibilidade de refletir sobre o mundo, a vida, a sociedade, deixando esse cuidado aos cientistas”

a nova perspectiva do leitor digital em sua relação de autoridade com o texto

Em uma de minhas conversas com a adolescente Ana Guedes (6º ano, 12 anos), a aluna desabafou sobre sua insatisfação quanto à avaliação de uma prova de literatura. A tarefa era a seguinte: interpretar a poesia “No Ano 3000...” da autora Roseana Murray, que segue transcrita:

No ano 3000
Os homens já vão ter
se cansado das máquinas
e as casas serão novamente românticas
O tempo vai ser usado sem pressa:
gerânios enfeitarão as janelas,
amigos escreverão longas cartas.
Cientistas inventarão novamente
o bonde, a charrete como antigamente.
Pianos de cauda encherão as tardes de música
e a Terra flutuará no céu
muito mais leve, muito mais leve

Logo de início, verifico que todas as questões de uma prova de interpretação textual foi elaborada de forma objetiva, ou seja, toda estruturada em múltipla escolha, não dando margem ao aluno de se expressar ou de ter uma outra interpretação que não estivesse elencada nas sugestões apresentadas. Ok. Em uma das questões, a professora indaga sobre o sentimento que tivera a autora em relação ao poema. A aluna responde que era um sentimento nostálgico, no entanto, na concepção da professora, seria um sentimento de planejar o futuro, prevalecendo esta resposta como a correta.

A correção da professora foi literalmente oposta à interpretação da aluna, sem uma justificativa plausível para a interpretação impostamente “correta”. Essa atitude de interpretar conforme a leitura da professora, segundo a aluna, gerou insegurança nos alunos, mas, sobretudo, desconfiança da competência da professora em suas avaliações.

Conforme Bartolomeu, esta frase é muito comum entre aqueles que estão diretamente envolvidos com a formação do leitor: “Não dou esse livro para as crianças porque elas não vão entender o que o autor quis dizer.” O autor diz que aí está a vantagem e o diferencial da literatura, pois seja lá quem for, professor, orientador, pais, cada um lê no texto a sua experiência. A literatura propicia as

divergências de sentimentos, entendimentos e emoções. A palavra é para abrir portas e não para pintar uma única paisagem:

Cresci lendo paredes da casa de meu avô. Ele nunca escreveu para os seus netinhos. Ele escrevia para não deixar morrer os fatos de uma cidade que ele amava. E nós líamos e entediávamos tudo, de acordo, com as nossas possibilidades, como todo leitor.
(Bartolomeu Campos de Queirós, p. 8)

Quando a correção é tão contundente como o caso exposto, é mais fácil ocorrer o desafeto, e o conseqüente desrespeito pelo professor, do que a insegurança do aluno. Como o próprio Bartolomeu desabafa: “(...) o que mais me apavora na escola é o exercício que se tem de igualar todo mundo, de exigir de todo mundo a mesma resposta, e de ter um conceito para todas as crianças”.

Comigo não foi diferente! Tive excelentes professores que despertaram em mim o prazer pela leitura e sempre verbalizavam de alguma forma o apreço por minha escrita, o que me deixava bastante confiante na minha decisão de ingressar na faculdade de Letras.

No entanto, quando entrei para cursar Letras na UFRJ, estava diante dos meus pares, e vi que de fato eu não escrevia tão bem assim. A escrita poética sem dúvida era algo que me atraía, e alguns professores são inesquecíveis, um deles foi um professor de teoria literária, grande poeta, escritor e crítico literário. Na verdade, eu nada sabia sobre ele. Quando soube no decorrer do curso quem era ele, eu já estava apaixonada por suas aulas. Estudávamos algumas antologias poéticas, e decidi fazer como monografia de final do curso uma análise de alguns poemas de Gregório de Matos. Sempre gostei de relacionar o que leio a temas do meu interesse, que geralmente se associam a algum aspecto da contemporaneidade. Então, pus-me a fazer uma análise comparativa do homem barroco e o homem contemporâneo.

Constantemente, o professor, que agora ocupa uma das cadeiras da Academia Brasileira de Letras, dizia que eu extrapolava em minhas interpretações, e com esse trabalho não havia sido diferente. Dali em diante, “extrapolação” era a palavra que eu mais ouvia, mesmo quando não era

pronunciada. Aquela dura crítica vinda de um professor por quem nutria tamanha admiração foi um balde de água fria, afinal ele era um crítico e devia saber muito bem o que estava falando, apesar da minha consciência de que havia feito um grande trabalho. Passaram-se 15 anos, e ano passado (em 2013) tive o grato prazer de reecontrá-lo pelo facebook, por conta de uma amiga em comum, que era sua orientanda de doutorado.

Apresentei-me por meio de mensagem instantânea do facebook solicitando sua amizade, e disse a ele que provavelmente não se lembraria de mim, pois eu já não sabia em que ano havia sido sua aluna. O agora imortal, mais vivo do que nunca, como em fração de segundos, que mais parecia ter "dado um Google em minha vida", respondeu-me online dizendo o ano, o semestre em que havia estudado, e tecendo elogios a minha monografia final, arrematou: como poderia esquecer aquele brilhante trabalho sobre Gregório de Matos? Aquilo foi libertador, sempre questioneei as duras críticas que tive àquele trabalho, lamentável que tenham se passado 15 anos para ouvir isso, mas compreendo que a nova sociedade em rede permitiu à crítica literária uma abertura que não tínhamos 15 anos atrás.

Compartilhar em plena era digital, por meio do relato dessa aluna, essa mesma experiência, - em que o professor se impõe como autoridade interpretativa ou se esconde atrás de uma suposta interpretação do autor ao dizer: "não foi isso o que o autor estava pensando ao escrever" ou "você está extrapolando" - é no mínimo um retrocesso, trazendo uma preocupação altíssima sobre os rumos da educação nos dias atuais.

A escola, nesse mecanismo de não valorizar o que o aluno traz do seu cotidiano, como autoridade interpretativa sobrepõe o conhecimento global à história privada.

Jorge Larossa, que é especialista em leitura e filosofia da educação, da Universidade de Barcelona – ministrou o curso na PUC-Rio, em outubro de 2012, intitulado “Vir ao mundo, entrar na escola: A hospitalidade da leitura” – traz uma excelente contribuição ao debate. Na ocasião, Larossa exibiu alguns filmes que

constituem uma fenomenologia da Escola. 11 de setembro¹⁰⁰ foi um desses filmes, uma produção que consiste em 11 curta-metragens, em que seus diretores tiveram a liberdade artística para refletir sobre o atentado obedecendo cada um a duração de 11 minutos, 9 segundos e 1 frame – ou 11'09"01. A diretora Samira Makhmalbaf mostra uma professora afegã que tenta explicar o ataque a um grupo de crianças. Um filme simples e complexo, repleto de lições.

Larossa ao exibir o filme 11 de setembro ressalta como aparece no filme o dispositivo Escola. O curta-metragem se passa no Afeganistão, e inicia mostrando crianças ao redor de um poço, que tinha por finalidade construir tijolos para fazer abrigos subterrâneos. A professora sabe que os tijolos e a Escola não vão salvar ninguém, mas entra em cena chamando as crianças para a Escola, e para esse deslocamento utiliza o livro como isca, dizendo que só daria livros se eles se deslocassem para a “sala de aula”. Já dentro do ambiente escolar, a professora se dirige aos alunos se eles tinham ciência de algum fato importante que havia ocorrido no mundo. A Escola com frequência faz esse movimento, desloca as crianças de suas histórias particulares para uma História que não tem uma relação com a realidade delas.

Um aluno interrompe e diz: Eu sei de uma coisa, mas vou dizer ao ouvido! A professora pede para que o aluno fale em voz alta. A Escola não é o lugar das confidências, mas o lugar em que as coisas devem se tornar públicas.

Uma outra criança ouve e torna a informação pública, já com um sorriso no rosto ameniza o caráter traumático da informação e diz que a tia do colega foi apedrejada até a morte.

A professora continua com o mesmo tom, fala que houve uma grande catástrofe nos Estados Unidos e que dois aviões haviam se chocado contra as torres gêmeas. Então, mais uma vez, desloca os alunos para fora, levando-os a olhar para a torre, que está acabando com a água do poço. Nesse momento, Larossa diz: Nós vivemos construindo torres e destruindo poços!

A Escola não é o mundo, mas o lugar que representa o mundo. O mundo não pode ser vivido, mas a Escola é o lugar que a criança tem a oportunidade de

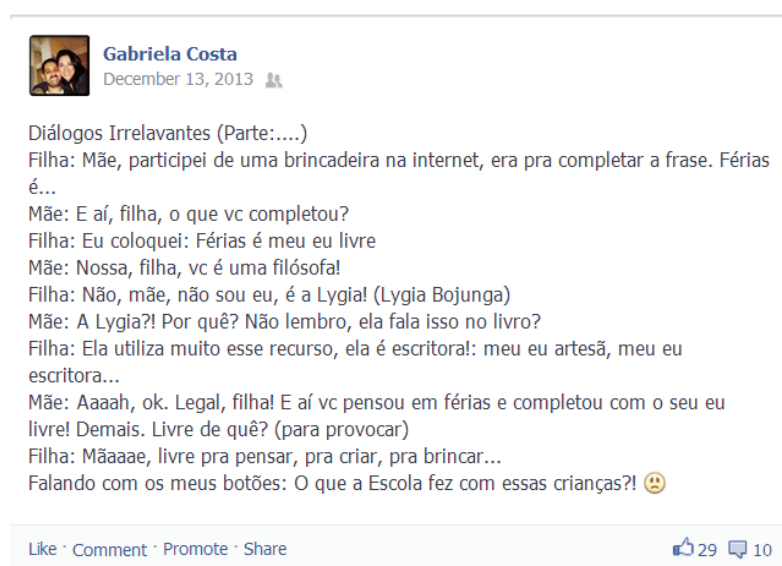
¹⁰⁰ Disponível em: <http://youtu.be/igFX1znIx1o>. Acesso em 13/12/2012.

brincar com o mundo. Como a Escola é uma representação do mundo, coloca a materialidade dominante do mundo a distância: - Alguém sabe o que é uma torre? Olhem para fora!

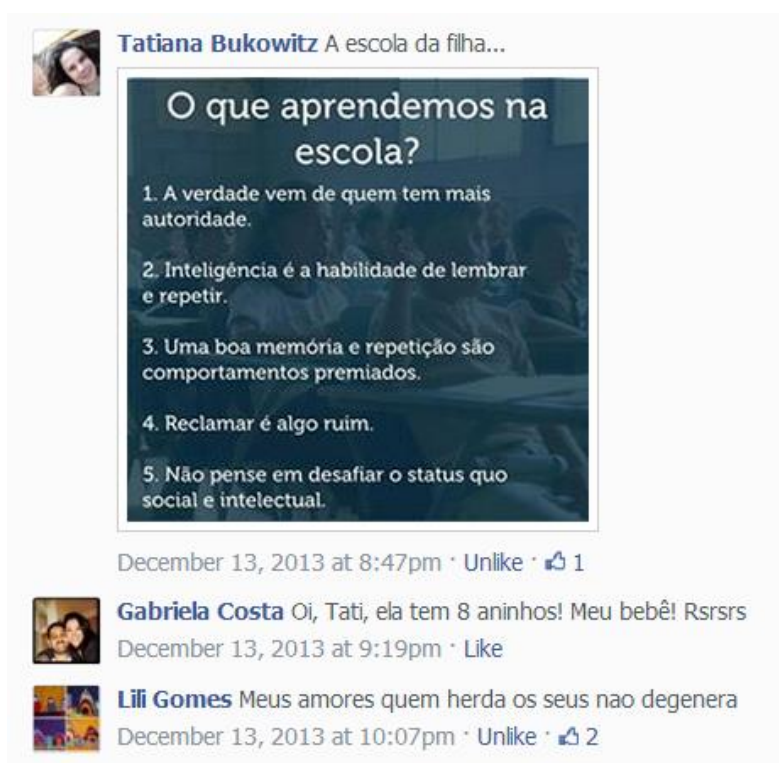
Ao retornarem para a “sala de aula”, no esforço de fazê-los perceber a gravidade do atentado ocorrido, a professora desenha um relógio no quadro negro, e impõe um minuto de silêncio, fazendo lentamente o movimento do relógio. Nesta cena, identificamos a tirania do tempo, impondo um ritmo que não é o das crianças que logo iniciam um debate teológico se Deus teria ou não derrubado as torres, argumentando que Deus precisaria matar pessoas para nascer gente nova no mundo. A professora não presta atenção à experiência dos alunos e ignora a conversa.

Larossa finaliza essa discussão expondo a Escola como o lugar do deslocamento, para onde as pessoas têm que ir. E diz que “tão importante como entrar na Escola, é sair dela”. “A Escola é um dispositivo artificial, onde se produz uma relação totalmente diferente com o mundo”.

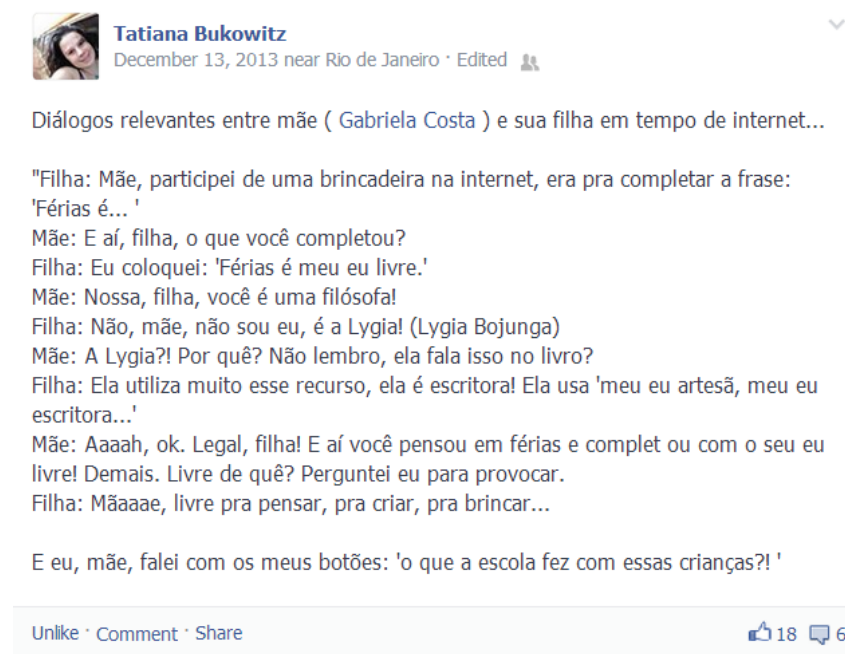
Trouxe à memória essa reflexão sobre a Escola, logo após a publicação de uma crônica no facebook, baseada em um diálogo ocorrido entre eu e a minha filha nas férias de final de ano:



E os comentários vieram sob diversas formas:



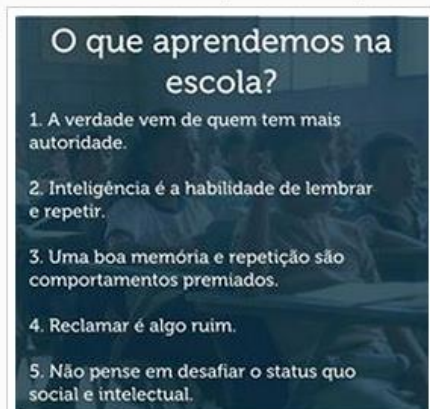
Essa crônica foi compartilhada por Tatiana Bukowicz em seu status, gerando uma nova discussão:



Tatiana Bukowitz A Tati aqui lê a pérola e conclui: esta escola onde a menina estuda impede-a de pensar, impede-a de criar, impede-a de agir, ou seja ALIENA-a! Vamos tacar essa crônica de autoria de Gabriela Costa e de sua filha nas crianças, que elas vão entender o conceito ALIENAÇÃO sem ler Marx, e vão revolucionar as escolas de dentro pra fora! De "baixo" pra cima!! Vão reivindicar SEUS EUS LIVRES!!! Hi hi hi!
December 13, 2013 at 8:18pm · Unlike · 6

A-M-E-I
December 13, 2013 at 8:31pm · Unlike · 2

Tatiana Bukowitz O que a menina aprende na escola...



6. O importante é a nota, independente de ter realmente aprendido.
December 13, 2013 at 8:55pm · Like

Concordo plenamente com as críticas. Mas, tão ou mais importante do que tacar mais uma pedra naquilo que eu já não concordo absolutamente, me preocupa o que construímos como alternativa. Tenho visto, não poucos professores, tornarem sinônimos, rebeldia criativa e preguiça intelectual. Me lembro sempre do filme "Patch Adams", no qual mostra que a crítica ao sistema acadêmico não implica na ausência de capacidade intelectual, muito pelo contrário. Por outro lado, alguns professores premiam aqueles que "reconhecem a sua autoridade de verdadeiros revolucionários"; "repetem chavões contestadores", "desafiam o status quo apenas através desses chavões". Como bem fala Sérvulo Figueira, apenas inverter a lógica da dominação, não a destrói, mas a reforça por outros meios ...
December 13, 2013 at 9:34pm · Like · 1

É inegável o potencial do ciberespaço na circulação de saberes, tanto pela liberdade de expressão quanto pelo ambiente hipertextual. Mesmo que não haja hiperlinks no texto que te levem a outro texto, os comentários presentes nesta discussão podem nos despertar a curiosidade para muitos outros links, como, por exemplo, compreender o conceito de alienação em Marx, fazer o download do filme Patch Adams, para quem não viu ou quer ver novamente, ou ainda simplesmente "dar um Google" para descobrir quem é Sérvulo Figueira. E a internet, nesse ponto, com um simples toque, permite abrir uma nova página para buscar a informação sem ter a necessidade de se desconectar da discussão.

Nessa discussão, a imagem compartilhada por Tatiana Bukowitz “O que aprendemos na Escola?” enumera o aprendizado em 5 itens, sendo o 3º item o

seguinte: uma boa memória e repetição são comportamentos premiados. E este “aprendizado” remete a uma escola de 2014! Como uma discussão puxa outra, lembrei-me de ter escrito Travessias, no qual relato uma experiência pessoal de valorização da repetição e da boa memória:

"Nunca me esqueço dos elogios que recebia das professoras por decorar textos enormes para peças de teatro, jograis e ensaios para o mês dedicado ao folclore brasileiro. Lembro da minha mãe me falando que eu conseguia contar histórias inteiras sem desafinar no ritmo dos pontos. Já ao estudar línguas estrangeiras, os professores frequentemente me falavam: - você tem uma memória auditiva muito boa e deve aproveitar esse dom! De alguma maneira, percebia isso na forma como aprendia as coisas, lembrava da música dos textos e podia repeti-los na íntegra depois de passados muitos anos."
(Travessias, Gabriela Costa)

Este texto relata uma experiência vivenciada há 35 anos, e, para meu espanto, enquadra-se perfeitamente em uma percepção atual da escola, tendo em vista que os participantes da discussão na rede são todos educadores. Afinal, o que aprendemos na Escola? Tanto no desabafo da aluna do 6º ano, Ana Guedes (12 anos), como no filme 11 de setembro, identifico ainda um outro item sugerido no post de Tatiana: 1. “A ‘verdade’ vem de quem tem mais autoridade”, sendo certamente a ordem desses itens não aleatória. (FIM)

Roland Barthes, em *Aula*, expõe a Literatura como uma possível saída do enclausuramento que vive o conhecimento na sociedade moderna, designando-a como um eixo que faz girar os saberes:

Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. Entretanto, e nisso verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis — insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta (...)

Em um discurso bem barthesiano, as universidades americanas atrelam o grande potencial de inovação tecnológica dos Estados Unidos à importância de se enfatizar o ensino das ciências humanas. Thomas Friedman, autor de *O Mundo é Plano*, diz que os jovens precisam desde cedo aprender a pensar horizontalmente e a ligar pontos desconexos. Ele reforça esta tese ao afirmar que as ciências humanas constituem uma forma horizontal de educação, cujo desafio seria fazer ligações entre história, artes, literatura, política e ciências. Segundo o autor, uma das razões pelas quais os Estados Unidos sempre foram líderes na inovação de novos produtos e serviços – do IBM aos iPods – deve-se ao fato da sociedade norte-americana sempre ter valorizado tanto as ciências quanto as humanidades. Na sequência, Friedman cita Marc Tucker, diretor do Centro Nacional de Educação e Economia, que numa palestra fala acerca da criatividade fazendo referência a dois ícones de ciências aparentemente desconexas:

O que sabemos sobre a criatividade é que ela ocorre quando pessoas dominam dois ou mais campos bem diferentes usam a estrutura de um para pensar o outro de uma forma nova. Intuitivamente, você sabe que isso é assim. Leonardo da Vinci foi um grande artista, cientista e inventor, e uma especialidade alimentava a outra. Ele foi um grande pensador lateral. Mas, se você passa a vida toda em um silo, nunca terá o conhecimento nem a agilidade mental para fazer a síntese, conectar os

pontos, que é geralmente onde está a próxima grande transformação. (FRIEDMAN, 2009, p.332)

Seria a Literatura¹⁰¹, então, essencial para a criatividade? Não tenho dúvida disso!

É nas tramas do texto literário que somos livres para voar, outorgando-nos assim outros grandes benefícios, como o da autonomia, senso crítico e, sobretudo, o de nos humanizar, como bem traduz o poeta Bartolomeu Campos de Queirós¹⁰², em seu Manifesto por um Brasil Literário:

É no mundo possível da ficção que o homem se encontra realmente livre para pensar, configurar alternativas, deixar agir a fantasia. Na literatura que, liberto do agir prático e da necessidade, o sujeito viaja por outro mundo possível. Sem preconceitos em sua construção, daí sua possibilidade intrínseca de inclusão, a literatura nos acolhe sem ignorar nossa incompletude.

É o que a literatura oferece e abre a todo aquele que deseja entregar-se à fantasia. Democratiza-se assim o poder de criar, imaginar, recriar, romper o limite do provável. Sua fundação reflexiva possibilita ao leitor dobrar-se sobre si mesmo e estabelecer uma prosa entre o real e o idealizado.

A leitura literária é um direito de todos e que ainda não está escrito. O sujeito anseia por conhecimentos e possui a necessidade de estender suas intuições criadoras aos espaços em que convive. Compreendendo a

¹⁰¹ Segundo o escritor Bartolomeu Campos de Queirós, um dos impasses à boa penetração da literatura na escola seria a sobreposição do exercício à experiência da leitura:

A escola é servil. Ela está a serviço de determinadas causas e ideologias. A literatura (arte) não é servil. Ela só existe em liberdade, e seu compromisso é para com a revelação. Para tanto persegue a beleza. Daí, todas as vezes que a escola lança mão da literatura, quer transformá-la em “instrumento pedagógico”, mesmo cortando as asas do leitor para um voo amplo, desmedido, desfronteirado. A escola reduz as funções maiores do texto literário e o transforma em objeto de convergência, sem escrúpulo. Se o texto é usado para saber aonde o autor quis chegar, é melhor pegar o telefone e perguntar direto ao escritor. Se ele souber, ele responderá e não haverá desperdício de tempo.

¹⁰² O poeta Bartolomeu Campos de Queirós¹⁰² foi o idealizador do movimento Por um Brasil Literário, sua vida e obra nos traz a experiência de olhar para todos os lados e sentir¹⁰² a literatura. O autor, tanto em seus livros quanto em seu engajamento político pelo fomento à leitura literária no Brasil, mantém o tom de sua prosa poética, onde já não há distinção entre teoria e literatura, entre a literatura da teoria e a poesia. Um dos objetivos do movimento era sensibilizar a sociedade para a leitura literária, sendo uma de suas iniciativas imprimir juntamente com a conta de luz um fragmento literário. Este movimento representava a luz chegando nos dois sentidos: para o corpo e para a alma.

literatura como capaz de abrir um diálogo subjetivo entre o leitor e a obra, entre o vivido e o sonhado, entre o conhecido e o ainda por conhecer; considerando que este diálogo das diferenças, inerente à literatura, nos confirma como redes de relações; reconhecendo que a maleabilidade do pensamento concorre para a construção de novos desafios para a sociedade; afirmando que a literatura, pela sua configuração, acolhe a todos e concorre para o exercício de um pensamento crítico, ágil e inventivo; compreendendo que a metáfora literária abriga as experiências do leitor e não ignora suas singularidades.

Outorgando a si mesmo o privilégio de idealizar outro cotidiano em liberdade, e movido pela intimidade maior de sua fantasia, um conhecimento mais amplo e diverso do mundo ganha corpo, e se instala no desejo dos homens e mulheres promovendo os indivíduos a sujeitos e responsáveis pela sua própria humanidade. De consumidores passa-se a investidores na arte da humanidade. Por ser assim, persegue-se uma sociedade em que a qualidade da existência humana é buscada como um bem inalienável.

Fonte: <http://www2.brasilliterario.org.br/pt/manifesto/o-manifesto>.

Essa literatura que se reflete em nós e em tudo que se projeta, nos convida à experiência literária.

Evocar a literatura para o foco da discussão me conduz ao início do meu processo de investigação, quando identifiquei a falta de leitura literária nas produções textuais de alunos do ensino médio, concluindo por fim o quanto a literatura não ocupava no cotidiano daqueles alunos um lugar de experiência, que trouxesse significação a assuntos contemporâneos.

A pesquisa eletrônica, logo no início, trazia uma pergunta que se fazia urgente, queria saber de imediato o que eles gostavam de ler, e ao sugerir uma lista bem eclética que incluía desde HQ (história em quadrinhos), games, romances, ficção, fanfictions até romances, entre outros, acredito tê-los deixado à vontade quanto ao conceito de leitura. A ficção, ainda que sob a forma de romance, é uma preferência dessa faixa etária. A fama de Harry Potter não é gratuita, trata-se de uma ficção muito bem tecida em suas tramas.

A literatura nos permite esse diálogo com a fantasia, uma vez que somos feitos de real e de fantasia. Bartolomeu, nosso poeta-filósofo, já afirma que:

(...) a fantasia é o que existe de mais importante na construção do mundo. Se existe o novo é porque ele foi fantasiado anteriormente, então nós devemos à fantasia todo o desenvolvimento do mundo. A educação não pode estar somente em informar o que já foi feito. A educação também tem que abrir uma porta para que o sujeito possa fantasiar o futuro e dar corpo à fantasia. Então vejo que a literatura é importante para a Educação e se confirma também como o lugar da transformação e não apenas o lugar da informação. A gente só suporta o dia de hoje porque temos uma perspectiva do amanhã, então isso tudo está no campo da fantasia. Não há como viver sem fantasiar. O próprio dia vivido de ontem, quando eu lembro dele, eu lembro com a fantasia. É quando eu digo: eu gostaria que meu pai fosse assim, assim, assim, é que eu me pergunto como ele é, é a fantasia que me remete ao real, e é o peso do real que me remete à fantasia.

Ler é dialogar com a fantasia do escritor...o fenômeno literário talvez seja a fantasia do escritor dialogando com a fantasia do leitor e construindo uma terceira obra, que, segundo Bartolomeu, nunca seria escrita. Agora com a era digital, não é só escrita como também compartilhada.

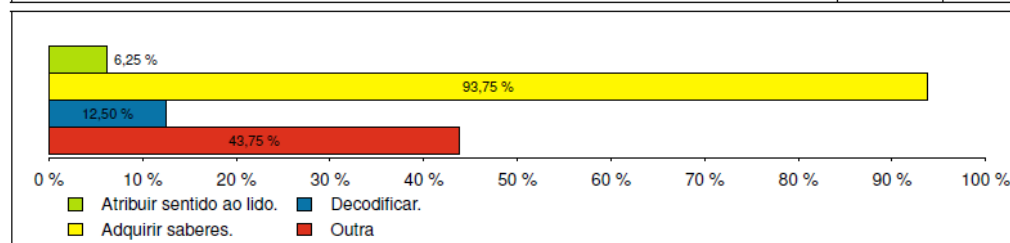
Ao permitir o conflito entre a realidade e a ficção, a literatura desperta nos escritores e leitores o sonho de uma outra realidade e o de construir uma outra.

Quando pergunto aos participantes da pesquisa “o que é ler” para eles, coloco algumas sugestões de resposta, mas dou-lhes a chance de responderem o que quiserem na alternativa Outros. E nesta 4ª opção, as respostas foram surpreendentes, pois todas apontavam para o entretenimento, a diversão, sendo duas delas inusitadas por evocar o literário, como se pode ver no grifo:

11. Para você, ler é...

Múltipla escolha com a opção "Outros", respostas: 16x, Não respondido: 0x

Resposta	Respostas	Ratio
Atribuir sentido ao lido.	1	6,25 %
Adquirir saberes.	15	93,75 %
Decodificar.	2	12,50 %
Outros. O quê?	7	43,75 %



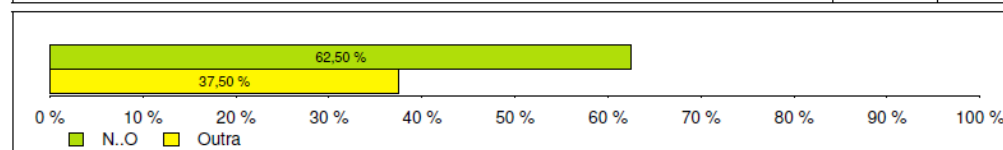
- é voce entrar naquela historia imaginar tudo o que esta escrito como voce quiser porque nada é estipulado é voce viajar no mundo da leitura é voce viajar mesmo estando parado
- Entreterimento
- entretenimento.
- DIVERSÃO, INTRETENIMENTO
- Entrar em novos mundos, conhecer novas pessoas, alimantar o cérebro.

Na pesquisa eletrônica, observe que as questões se dividem entre os dois eixos: 1º) aluno, leitura/escrita, literatura e tecnologias (questões 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 16,17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 32, 33, 34, 37, 41, 42, 43, 45 e 46) e 2º) escola, leitura/escrita, literatura e tecnologias (questões 13, 14, 15, 18, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 35, 36 e 44). E esses dois eixos se dividem em outras unidades de registros.

16. Você conhece algum aplicativo ou outros recursos tecnológicos associados à leitura e escrita?

Escolha única com a opção "Outros", respostas: 16x, Não respondido: 0x

Resposta	Respostas	Ratio
NÃO	10	62,50 %
Outra	6	37,50 %



- E-BOOK
- Microsoft Word, Evernote...
- Os leitores de ebook que vem no tablet e no celular e blogs.
- Sites de fanfictions, rede social para debates, avaliações, resenhas e trocas de livros.
- Sites de fanfiction
- Sites por onde baixo livros

17. Você participa de alguma comunidade virtual, blog, site, fórum de discussão em que escreve regularmente? Qual/Quais?

Texto de resposta, respostas: 16x, Não respondido: 0x

- Eu tenho cadastro no Nyah!Fanfiction e posto em duas fanfics atualmente.
- Eu tenho um blog com uma amiga, está bem no início ainda não escrevemos muito, porém eu estou escrevendo meu livro com ajuda da minha professora e a mesma amiga.
- GRUPOS NO FACEBOOK QUE DISCUTEM SOBRE

LIVROS QUE ESTAMOS LENDO OU JÁ LEMOS.
<https://www.facebook.com/groups/106450312863294/>

- Nyah! Fanfiction, onde eu escrevo fanfictions.
Também no Twitter (em apenas 140 caracteres).
- Não 3x

- Não, quando estou na internet aproveito para ficar jogando, rrsrs.
- Não, eu não exponho muito minhas opiniões na internet
- O site Skoob e grupos no Facebook.
- Sim, eu e minha melhor amiga criamos um blog, por diversão. Postamos regularmente e fazemos vídeos também.
www.ultimatesecret13.blogspot.com
- Sim, eu participo de dois sites chamados "Amantes da Literatura Romântica" e "Central de Mangás". No

primeiro site, eu baixo pequenos livrinhos de antigos romances. Já no segundo, eu apenas leio as histórias que gosto.

- Sim, facebook
- Sim, o Skoob (rede social citada anteriormente):
<http://www.skoob.com.br/>
 Site de fanfictions: <http://fanfiction.com.br/>
- Sim, um blog literário chamado Imaginário Literário.
- não

Apenas 37,50% dizem conhecer algum tipo de aplicativo ou outro recurso tecnológico associados à leitura/escrita, enquanto a maioria 62,50% dos participantes afirmam desconhecer aplicativos ou recursos tecnológicos.

No entanto, na análise individual dos formulários, observo que apenas 3 participantes respondem “Não” às questões 16 e 17, ou seja, não conheciam nenhum aplicativo ou recurso tecnológico e também não participavam de nenhum blog, site ou rede social etc. Ou seja, a maioria, que afirmou desconhecer aplicativos ou recursos tecnológicos que estivessem associados à leitura e escrita, participa de alguma comunidade, site, blog etc. em que leem e escrevem regularmente.

Certamente, a visão oblíqua sobre o uso de aplicativos ou recursos tecnológicos associados à leitura e escrita está nas respostas dadas na questão 18:

18. O colégio adota o uso de algum recurso tecnológico que favoreça à leitura e à escrita? Você já realizou alguma atividade no colégio que associe a leitura e a escrita às novas tecnologias? Fale sobre a atividade.

Texto de resposta, respostas: 16x, Não respondido: 0x

- ALGUMAS DAS NOSSAS PRODUÇÕES TEXTUAIS FORAM FEITAS NO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA. TAMBÉM TIVEMOS QUE FAZER UM TRABALHO DE PORTUGUÊS SOBRE O LIVRO 'A DROGA DA OBEDIÊNCIA' QUE FIZEMOS UM POWER POINT CONTANDO A HISTÓRIA DE UMA MANEIRA RESUMIDA.
- Minha escola está promovendo uma chance para novos autores juvenis mostrarem suas ideias, com certeza participarei!
- Não 2x
- Não, o colégio onde estudo não fornece nenhum recurso tecnológico.
- Não. 2x
- Não. Só um ano passado onde tínhamos que escrever uma história no portal educacional e ela foi impressa depois, recebendo inclusive uma capa.
- O colégio apenas fornece a biblioteca que eu uso sempre.
- Sim, concursos de redação no site da escola concorrendo a prêmios.
- Sim, nas aulas de português vamos para a sala de informática para produzir as produções textuais.
- Sim. Na minha escola há um Laboratório de Informática, onde fazemos nossas produções textuais.
- Sim. Sim, usamos o computador para fazer as produções textuais
- Tem a sala de Informática, onde nós vamos quando precisamos fazer algumas produções textuais.
- nao,fazemos somente as producoes textuais no computador , mas nao usamos nenhum aplicativo ou algo parecido.
- não

A escola limita as produções textuais ao formato “redação”, tendo como mediador tecnológico o Word, um editor de texto que não oferece recursos de escrita colaborativa e nem recursos que tornem a atividade interessante. O laboratório de informática se apresenta como o *locus* da tecnologia. Sendo o Word tudo o que conhecem para ler e escrever, e a tecnologia legitimada pela escola, tudo o que parece estar fora dessa tecnologia não é reconhecido como um recurso associado à leitura e escrita.

A publicação da Revista Época cuja capa é as “800 inovações que mudaram o mundo” traz as maiores transformações por quais o mundo passou ao longo dos anos. Na área de Educação, a matéria expõe o que mudou na sala de aula quanto a dispositivos tecnológicos e pedagógicos, citando alguns deles:

O quadro-negro – Em 1814, houve o primeiro registro de aula com o uso de lousa e giz na escola. Antes disso, cada aluno tinha a sua, do tamanho de um tablete. A novidade fortaleceu as aulas em classes lotadas.

Carteira – Veio dos EUA, em 1881, para acomodar os alunos (cabiam até três num móvel só) e seus cadernos.

Cartilha – A primeira é de 1870. Antes, o beabá no Brasil era ensinado com trechos da Constituição.

Múltipla Escolha – Herdada de testes no Exército americano (1914), facilitou a correção de provas em massa.

Construtivismo – Inspirado no trabalho do biólogo Jean Piaget, trouxe uma ideia revolucionária: as crianças aprendem com suas experiências.

Prova – Do século XVIII, quando livros e bibliotecas se tornaram mais acessíveis.

Apostila – Exclusiva do Brasil, organiza os conteúdos em roteiros de aulas. Deu um chega para lá no livro didático.

Lousa digital – A tela branca conectada a um computador se popularizou na década passada.

Livro didático digital – Chegou às escolas em 2012, com lições e exercícios interativos. (Revista Época, Edição Especial nº800, p.88)

Ao perguntar à aluna Ana Guedes (6ª ano, 12 anos) se o colégio havia feito alguma aquisição de recursos tecnológicos além do laboratório de informática, ela responde dizendo que sim, a escola havia comprado uma lousa digital, na qual exibía filmes e complementa: “os professores utilizam às vezes o datashow com aulas no power point achando que vão chamar a nossa atenção”. Utilizar a tecnologia apenas para transpor o que usualmente se usa no quadro branco para uma projeção não faz sentido se não for oferecido nada além do que o usual ofereceria.

Os recursos tecnológicos não estão ainda devidamente inseridos em uma proposta pedagógica na instituição à qual pertencem os alunos. Vejamos, então, como funciona o dispositivo biblioteca como um recurso tecnológico de apoio à leitura (questões 25, 26, 27, 28, 29 e 31). É importante ressaltar que houve maior interesse em participar do formulário de pesquisa sobre Leitura, Escrita, Literatura e Tecnologias por parte de alunos já leitores. Então, as respostas referentes à utilização de biblioteca têm toda a influência de um comportamento já adquirido, diferente de outras questões relacionadas às novas práticas de leitura e escrita ou até mesmo a outras questões que independem da condição de leitor ou não-leitor.

A começar pela motivação (questão 25), ou seja, o que leva o aluno à biblioteca. Em primeiríssimo lugar está a opção “ler livros da minha escolha”; em segundo lugar estão as duas opções: “estudar” e “realizar trabalhos de grupo”; e em terceiro lugar, as opções: “pesquisas escolares” e “ler livros recomendados pela professora”.

Considero todas as atividades legítimas e necessárias, mas confesso que o uso da biblioteca para ler livros da escolha do aluno é maravilhoso, o aluno está ali e associa o local ao prazer, sem ter necessariamente uma atividade escolar como a motivação.

Embora a frequência (questão 26) à biblioteca indique em primeiro lugar a opção “uma ou duas vezes por semana”, acredito mesmo que o terceiro lugar destinado à opção “muito raramente e de forma irregular” seja a que melhor represente a faixa etária de 11 a 14 anos. Paralela a essa questão, temos a questão 29, que traz a frequência com que os alunos pegam livros. A primeira opção escolhida é a “uma ou duas vezes por mês”, o que indica uma ótima frequência para desenvolver o hábito de leituras, embora acredite que a opção “uma ou duas vezes ao ano” é a que prevalece por falta da opção “nunca”.

Analisando a frequência da biblioteca; e as situações em que o aluno mais utiliza o espaço físico da biblioteca para atividades de leitura – “depois das aulas”; o auxílio de profissionais como bibliotecário e professores nas sugestões de leitura – “às vezes”; e as atividades de leitura promovida pela biblioteca junto ao programa pedagógico – “pouco – 50%/ nada – 50%”. Tais respostas apontam para uma subutilização do espaço chamado biblioteca. No imaginário dos adolescentes, a biblioteca é um depósito de livros, e nada de interessante ocorre lá. Uma revitalização da biblioteca não passa somente pela inserção de novas tecnologias, como tentaram fazer com a instalação de dois computadores conectados à rede. Mas além de haver a necessidade de um programa de acesso ao acervo da biblioteca do colégio, outras atividades de leitura e escrita poderiam ser realizadas em horário de aulas, com a recomendação de leituras referentes a temas variados, e não apenas indicados por professores de língua portuguesa.

A questão 14 aponta que os professores com frequência indicam a leitura de artigos, livros, notícias. No entanto, na questão 30, ao perguntar se os professores incentivam à leitura, ocorre o empate entre: 50% muito e 50% pouco. Não sei se unindo os dois seria “Muito Pouco”, e certamente um professor não-leitor forma não-leitores, pois não há o brilho nos olhos e a paixão que exala pela leitura, como diz Bartolomeu Campos de Queirós:

E a escola pra mim, ela deveria se dedicar mais à leitura literária, porque o professor exerce sobre a criança uma função muito grande, a palavra professor para nós, socialmente, significa aquele que sabe, professor é aquele que tem o que ensinar. A pessoa que lê, ela deixa vir à tona em qualquer conversa a sua ligação com a palavra. E o professor que não tem

isso, esse encantamento pela palavra e pelo texto literário, ele nunca vai fazer uma formação de leitor.

Do meu ponto de vista, e na minha experiência, ela aprende apenas para ser amada pelo professor, e todos nós queremos ser amados por quem sabe. Então, se o professor é um leitor, indiscutivelmente ela vai querer ler.

A escola não vai formar sozinha o leitor literário, a criança precisa ver como os pais, a sociedade se relacionam com os livros.

O que é mais necessário é fazer chegar o livro na mão do leitor, quando o leitor descobre um livro que conversa com ele, que ele tem a sua experiência pessoal, e é preciso também que o livro converse com ele, quando o livro tem um assunto que me pega, tem um texto que me move mais, então, quando ele descobre esse livro, ele vira leitor.

Quando pergunto, nas questões 35, 36 e 37, se há eventos dentro ou fora da Escola que os motivem a ler mais; quais eventos os auxiliam na busca por livros interessantes e ainda sobre a participação deles em atividades relacionadas à leitura e escrita, o resultado é catastrófico.

Quanto à motivação (questão 35), a maioria dos alunos reconhece não haver eventos dentro e fora da escola que os incentivem a ler mais. Por outro lado, a minoria, que responde afirmativamente, cita eventos fora da escola, como Bienal do Livro, Clubes de Leitura etc.

Já na questão 36, a maioria responde afirmativamente dizendo que há eventos que os ajudam na busca por livros interessantes. No entanto, esses eventos também não estão confinados à Escola, mas principalmente associados à rede, como grupos na internet, grupos literários etc.

Na questão 37, lista-se uma série de atividades relacionadas à leitura e escrita em que o participante deveria sinalizar de quais atividades já participou, e é nesse ponto que eles voltam para Escola ao escolherem como primeira opção o “concurso de redação” tão familiar às escolas. É interessante notar que a motivação para ler e buscar livros interessantes pode vir de fora da escola, mas quando se trata de leitura e escrita, parecem ser estas atividades que eles reconhecem como uma referência da Escola.

Então, penso o quanto à leitura está um pouco mais livre do que a escrita. A leitura com frequência acontece fora da escola, por meio de contação de histórias, projetos de leitura, assistir a um filme, mas a escrita nasce da Escola. Escrever

fora da Escola, sem dúvida, é uma prática da geração digital, mas ainda não “canonizada” pela Escola. Talvez, por isso, a sugestão isolada na opção Outros da aluna Maria Luiza (14 anos, 9º ano), que responde “concurso de fanfictions”.

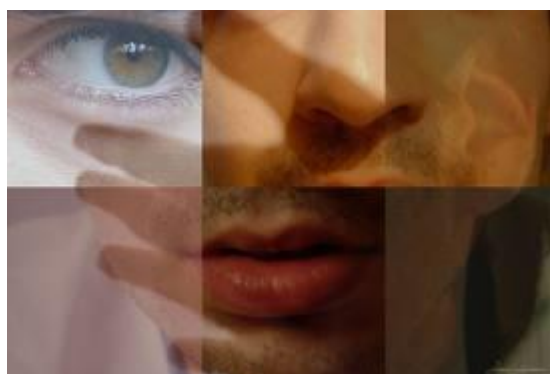
As questões 23 e 24 vêm exatamente buscar se a experiência com a literatura acontece em suas navegações pela internet e como se dá essa experiência literária. Bem, a maioria reconhece haver uma experiência com a literatura na internet (questão 23), mas ainda há os que respondem enfaticamente “Não”, ou seja, não tenho experiência com a literatura na internet. propositalmente, a questão seguinte (questão 24) lista uma série de opções de experiências literárias presentes na internet.

É nesse momento que o participante que já havia marcado “Não, não tenho experiência com a literatura na Internet” descobre que ele não só tem experiências literárias como cita outras opções. Ou seja, ele se descobre um leitor de literatura, mas de uma literatura que certamente não foi “canonizada” pela Escola.

A Escola, portanto, ao pretender uma educação permanente, não pode ignorar a literatura, seja por que meio for.

Ler é somar-se ao outro, é conhecer a legenda que o outro aplicou ao mundo. Ler é ampliar a legenda, passando também pelo coração do homem. É tempo de acreditar que não houve somente avanços tecnológicos no mundo. Ampliou-se, e muito, o conceito também de homem, de existência. Um currículo escolar não tem como abrigar todo o conhecimento produzido. A função de uma escola, hoje, é a de criar leitores para, independentes, inteirarem-se da cultura existente. Se o leitor se interessar pela literatura, tanto melhor. Vai saber do mundo e do sentimento do homem diante dele. (Bartolomeu Campos de Queirós)

6.

OS CINCO SENTIDOS DA GERAÇÃO *TOUCH*¹⁰³

se olho demoradamente para uma palavra descubro, dentro dela, outras tantas palavras. Assim, cada palavra contém muitas leituras e sentidos. O meu texto surge, algumas vezes a partir de uma palavra que, ao me encantar, também me dirige. E vou descobrindo, desdobrando, criando relações entre as novas palavras que dela vão surgindo. Por isso digo sempre: é a palavra que me escreve.

Bartolomeu Campos Queiróz - “Diário de Classe”

É interessante como numa proposta metalinguística, a língua pode servir ela própria como meio de comunicação sobre si mesma, as imagens não. Logo, o discurso verbal sempre será necessário ao desenvolvimento de uma teoria da imagem. Entretanto, o código verbal não existe sem imagens. Sendo assim, uma teoria da imagem sempre evocará imagens. Aliás a palavra teoria, como afirma Santaella, em sua etimologia significa “vista”, o que já remete a uma imagem. “Teoria” vem do grego *theorein*: “ver, olhar, contemplar ou mirar”.

Considerando a geração digital como a que melhor decifra imagens, habilidade incentivada pelo **apelo iconográfico**¹⁰⁴ do sistema computacional, é possível afirmar que a imagem em si é também um hipertexto potencializado na leitura digital, pois além de todas as imagens evocadas em uma leitura convencional, tem-se a hipertextualização da imagem, que é um texto.

¹⁰³ A habilidade viso-motora da geração digital é incentivada pelo apelo iconográfico presente no ciberespaço. A tecnologia *touch* veio reforçar a relação tátil com o objeto, migrando da mediação à integração. O conceito de interatividade imprime a tecnologia como uma extensão do humano. A visualidade presente na cibercultura é dotada de experiência poética, seja na música, na poesia ou na prosa.

¹⁰⁴ E quanto a isso, temos um conflito no sistema educacional, Jesus Martín-Barbero nos fala que:

(...) enquanto o ensino transcorre através do mundo do manual, o professor sente-se fortalecido, mas quando aparece o mundo da imagem, o professor perde a estabilidade, porque o aluno sabe muito mais e, sobretudo, porque maneja muito melhor a língua da imagem que o professor.(...)

Ante esse desmoronamento de sua autoridade diante do aluno, a escola reage desautorizando os saberes que passam pela imagem.

apelo iconográfico

Poesia, entre a palavra e a imagem

Tratando-se de imagem, acredito que a poesia esteja mais próxima da visualidade e da música do que da linguagem verbal. O poeta, portanto, seria um designer da linguagem, e retomando a tese de Décio Pignatari (1974), o poema seria um ícone.

É na poesia que os interstícios da palavra e da imagem visual e sonora sempre foram levados a níveis de engenhosidade surpreendentes. Muito antes de a linguística ter colocado em evidência (graças, aliás, às prodigiosas aventuras do poético) os regramentos significantes que comandam o engendramento dos signos linguísticos, a poesia trazia, desde suas origens, à flor da pele da linguagem, os labirínticos jogos de palavras, fragmentos de palavras, quase-palavras, fluxos e refluxos de vocábulos, forças de atração e repulsão do som, da letra e do sentido que constituem o campo magnético da poesia. (PIGNATARI, Décio. *Semiótica e literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1974)

Pode-se afirmar que a poesia concreta foi o primeiro movimento a trazer à discussão a visualidade na poesia, como também a criação de poemas com seus diagramas de som e de sentidos múltiplos, formas que desenhavam significados, de onde o poético extrai a essência do seu caráter. Antecipando a explosão das variadas manifestações da poesia visual (poema processo, poesia experimental, alternativa, arte postal, gestual, poesia visiva, grafismo, letrismo), a poesia concreta, especialmente nos desdobramentos por que viria passar na obra de Augusto de Campos que antecipou também o pulsar dos movimentos em luz ou som de uma poética eletrônica na era digital¹⁰⁵.

¹⁰⁵ Poema 2ª via – (1985). Disponível em: http://www2.uol.com.br/augustodecampos/07_01.htm. Acesso em 03/11/2013.

Sem saída – Disponível em: <http://www2.uol.com.br/augustodecampos/semsaida.htm>. Acesso em 03/11/2013.

Poema O Pulsar – (1975). Disponível em: http://www2.uol.com.br/augustodecampos/06_07.htm. Acesso em 03/11/2013.

Poema Instante – Disponível em: <http://www2.uol.com.br/augustodecampos/ininstante.htm>. Acesso em 03/11/2013.

Poema Rever – Disponível em: <http://www2.uol.com.br/augustodecampos/rever.htm>. Acesso em 03/11/2013.

Heidegger, o filósofo-poeta já dizia que o pensamento segue seu caminho na vizinhança da poesia. [...] Ambos, poesia e pensamento, precisam um do outro ao extremo, precisam de cada um em sua vizinhança. (HEIDEGGER, 2003, p. 133).

O anseio de validar o pensamento com tratados cognitivos, linguísticos, enfim, científicos, é, segundo Heidegger, uma das crises da modernidade, que atrela o pensar à representação. Esta seria uma das razões para o pensamento estar sempre a serviço de uma ação, o que produz a quebra da experiência do pensamento. O nominalismo linguístico foi o segundo maior embate do filósofo depois do triunfo da técnica.

Para ele, o pressuposto presente no nominalismo linguístico é de que o ser humano está condicionado a uma esfera de signos autorreferentes, cujas regras de funcionamento são definidas, não com base numa forma lógica fixa ou numa substância do mundo, mas na arbitrariedade do seu uso social e científico. Para Heidegger, como aparece em sua primeira citação neste trabalho, se a linguagem tivesse uma razão para ser, que fosse para a experiência poética. No entanto, para o filósofo, a “prosa também é poesia”, sendo “prosa” todo texto escrito. Deste ponto, interpreto que toda construção humana é poesia, não havendo texto escrito que não seja poético. O retorno ao pensamento original seria o retorno ao ser esquecido na formação do pensamento moderno. O poeta Octavio Paz é sem dúvida um contemporâneo que reflete sobre essa questão. Para ele, poesia e sociedade são signos em rotação, que se retroalimentam e giram em torno de um único eixo: o ser no mundo.

(...) Uma sociedade sem poesia careceria de linguagem: todos diriam a mesma coisa ou ninguém falaria, sociedade transumana em que todos seriam um ou cada um seria um todo auto-suficiente. Uma poesia sem sociedade seria um poema sem autor, sem leitor e, a rigor, sem palavras. Condenados a uma perpétua conjunção que se resolve em instantânea discórdia, os dois termos buscam uma conversação mútua. Transformação da sociedade em comunidade criadora, em poema vivo: e do poema em vida social, em imagem encarnada. (...) (PAZ, 2003, p. 96-97)

Octávio Paz, que também está entre os poetas-filósofos, em sua obra traz a poesia para um lugar privilegiado, onde se faz possível a experiência de alteridade e a recuperação de um tempo sagrado, que engendra, paradoxalmente, a consciência profunda da temporalidade e contingência que somos. (FIM)

A teoria da imagem pode também ser chamada de teoria da percepção, dos sentidos, do corpo. Segundo Barthes (2003, p.33) “A leitura seria o gesto do corpo (é com o corpo, certamente, que se lê) que, com um mesmo movimento, coloca e perverte a sua ordem: um suplemento interior de perversão”. Lúcia Santaella (2004, p.131-172) nos traz uma contribuição valiosa sobre os sentidos como sistemas perceptivos complexos na navegação, a prontidão perceptiva e a polissensorialidade do internauta, que culminam nos níveis de interatividade, palavra imprescindível à era digital.

A autora ao delinear o perfil cognitivo do leitor imersivo elege os sentidos, sistemas perceptivos complexos, para nos auxiliar na leitura deste novo tipo de leitor, que livremente e de forma autônoma estabelece por meio da navegação sua ordem textual apoiando-se na desordem dos fragmentos.

A aluna Maria Luiza (14 anos, 9º ano) em resposta à questão 10, na qual pergunto o que muda na leitura e escrita com as novas tecnologias, faz o seguinte relato:

- Os computadores são um grande incentivo na escrita: os escritores escrevem infinitamente mais rápido e conseguem difundir e divulgar seu trabalho com imensa facilidade. Em relação à leitura, já não sou tão a favor. Gosto de sentir o papel dos livros, cheirá-los (sim, amo o cheiro dos livros, principalmente o dos recém-comprados), passar as páginas, poder marcar as frases das quais mais gosto e pretendo refletir sobre posteriormente... Eu tenho, sim, apego material pelos meus livros, envolvo-me com eles, sinto como se passasse um fragmento de mim mesma para eles a cada página. Há sim algo além do que os livros digitais possam oferecer: aqueles doloridos cortes com o papel, a dor no coração a cada amassado ou orelha que se faz... Penso que as novas tecnologias são muito frias, não há tal envolvimento com livros digitais, é muito robótico. Algumas coisas não deveriam ser tão rápidas e mecânicas, como o passar de páginas. Uma das melhores sensações é a de correr rapidamente o dedo pelo papel enquanto prende a respiração a fim de saber de uma vez a continuação de uma narrativa instigante. Muitos alegam que os e-books poupam as pessoas (principalmente as mulheres, com suas pesadas bolsas) de carregar peso.

Maria Luiza fala de sensações que se traduzem num sentimento de posse, de pertencimento. E essa polissensorialidade se manifesta em nós o tempo todo.

Por que quando pensamos em sorvete ficamos com água na boca? Por que quando escutamos uma música, ficamos com o corpo arrepiado? Por que quando olhamos o mundo sentimos, em muitos momentos, um calafrio no corpo? Por quê? Essas podem ser, e são algumas formas indicadas e lúdicas, das muitas e várias perguntas que nossos sentidos nos proporcionam.

O poeta Bartolomeu Campos de Queirós em sua obra os Cinco Sentidos¹⁰⁶ inicia com a seguinte afirmação: “Por meio dos sentidos suspeitamos o mundo” (2000, p.3).

O curioso é que o relato da Maria Luiza fala da tecnologia livro. Isso demonstra que o ser humano, independente da tecnologia¹⁰⁷, é *touch*.

Numa análise reflexiva sobre a revolução tecnológica pela qual passamos, percebemos que as novas máquinas, já produzidas com a tecnologia *touch*, trazem uma relação mais íntima tanto com o consumo quanto com a comunicação, deixando de ser um mero instrumento para se tornarem



¹⁰⁶ A lista dos cinco sentidos, que foi estabelecida por Aristóteles, é hoje considerada incompleta, visto que outras espécies de experiências perceptivas foram encontradas. Junto com os órgãos sensores exteroceptores (olho, ouvido, pele, nariz, boca), há os proprioceptores (nos músculos, juntas e ouvido interno) e interoceptores (terminações nervosas nos órgãos viscerais) com três tipos de sensações por eles provocadas, respectivamente: sensações de origem externa ou percepções, sensações de movimento ou cinestesia e vagas sensações de origem interna, localizando-se aqui talvez os sentimentos e emoções. As imagens do livro Cinco Sentidos, de Bartolomeu Campos de Queirós, contribuem para uma certa “sinestesia da percepção”, porque as sensações despertam, em inúmeros cruzamentos de outros sentidos, um mundo semiológico. O corpo, portanto, interage através do intelecto, com diversas linguagens e códigos que usa, querendo ou não, percebendo ou não, sejam através dos olhos, dos ouvidos, do nariz, da boca, da pele, da audição e de muito outros mecanismos.

¹⁰⁷ O fato desta relação material estar presente tanto no livro impresso quanto no livro digital, não quer dizer que o ambiente digital esteja no mesmo nível polissensorial do livro impresso, não! O ambiente digital favorece uma combinação de *inputs* que potencializam a percepção sensorial.

grandes companheiras. Esse comportamento é nítido entre adolescentes e outras faixas etárias. É muito comum ouvirmos: toda minha vida está no celular, e certamente para esta geração, *touch* e celular são quase sinônimos!

Foi o analista de mercado móvel Horace Dediu, criador do site Asymco, que fez a seguinte previsão “As crianças não usarão mais o mouse”. Com os tablets e smartphones, esse contato é direto. O analista diz que as crianças que estão nascendo hoje vão crescer sem nunca terem usado um mouse. Comandar a tela usando somente os dedos é muito mais intuitivo do que usando um meio indireto. E cada vez mais, a tecnologia se aproxima da mente humana, são “n” aplicativos¹⁰⁸, “n” recursos tecnológicos desenvolvidos para tornar a tecnologia tão intrínseca ao nosso cotidiano como ar que respiramos.

Definitivamente, os *tablets* e os *smartphones*, que agora são lançados em telas maiores, os chamados *phonepads*, estão mudando a forma de nos relacionarmos com as tecnologias, é pelo olhar, pelo toque ou por simples movimentos que já podemos “manusear” dados na tela.¹⁰⁹

Quando afirmamos que esta é a geração que melhor lê imagens, não pretendo impor uma soberania dos olhos aos demais sentidos, mas ao contrário, reafirmar o que diz Bartô: “Em cada sentido moram outros sentidos” (2000, p.15).

Na obra *Os Cinco Sentidos*, lemos que os olhos têm raízes pelo corpo inteiro, assim ocorre com os ouvidos, o nariz e a boca, **sendo a pele a própria raiz que cobre o corpo inteiro** (grifo meu). Os órgãos sensores – olhos, ouvidos, nariz, boca e pele – são responsáveis pelos modos de exploração, investigação e orientação, e se caracterizam por serem modos de atenção capazes de isolar a informação pertinente. Eu diria que essa suspeita do mundo pelos sentidos nos ajuda a conceituar o que é leitura de uma forma mais ampla.

No entanto, o enfoque aqui está na pele, no sistema háptico ou tátil, que não constitui um órgão específico de sentido, antes um complexo de subsistemas,

¹⁰⁸ Jackson Feijó, 30 anos, brasileiro, cientista da computação, desenvolveu o programa Facelock, responsável por reconhecer o rosto do próprio dono. A ideia é substituir as senhas que algumas pessoas usam para bloquear o telefone. O Facelock segue o mesmo princípio de comunicação visual entre humanos e seus aparelhos já utilizado na criação do Kinect do X-Box.

¹⁰⁹ Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EIT1225-16091,00.html>. Acesso em 7/01/2014.

receptores nos tecidos espalhados por toda a parte do corpo. Estaria eu, depois de imersa por tanto tempo em ambiente hipertextual, vendo hipertexto onde não existe? ou você há de concordar comigo que o sistema háptico é uma experiência sensorial hipertextual?

Lúcia Santaella (2004, p.140) afirma que há um aspecto bem importante do sistema háptico, o que faz da pele¹¹⁰ um hipertexto: todas as extremidades do corpo, mãos, pés, boca e mesmo a língua, nas quais a sensibilidade tátil se concentra, especialmente a ponta dos dedos da mão e do pé, são órgãos sensórios, exploratórios e, ao mesmo tempo, órgãos motores, performativos. Isto quer dizer que o equipamento para sentir, tocar, apalpar é anatomicamente o mesmo equipamento para se fazer coisas, agir no ambiente. Esta particularidade faz toda a diferença! No sistema visual, podemos explorar coisas com os olhos, mas não alteramos o ambiente com os olhos. O mesmo sucede ao sistema auditivo.

É comum ouvirmos a seguinte pergunta quanto ao ato de navegação: Qual parte cognitiva o usuário mais utiliza para navegar? Certamente, uma boa competência semiótica, da qual resultam tanto a prontidão perceptiva quanto a agilidade das inferências mentais, grande parte delas abduativas, ou seja, baseadas na arte da adivinhação, mas também indutivas, baseadas na habilidade de seguir pistas, e mesmo dedutivas, baseadas na capacidade de prever.

Entretanto, não só de percepções e inferências mentais vive o cibernauta, a navegação responde às suas escolhas que se efetuam por meio de movimentações físicas do usuário no ambiente hipermediático, para que o trânsito informacional se realize.

A autora diz que “a imagem que se costuma ter do cibernauta é de alguém que, imobilizado, absorvido visualmente à tela até as raíais da hipnose, aperta reiteradamente o *mouse* para produzir efeitos na tela”¹¹¹. Lúcia Santaella cita o *mouse*, que na ocasião em que escreveu o livro *Corpo e Comunicação* ainda

¹¹⁰ Os outros órgãos sensoriais: olho, boca, ouvido e nariz, como declara o poeta, possuem raízes pelo corpo inteiro. Mas que fique bem claro, essas raízes só existem porque a pele é a própria raiz que cobre o corpo inteiro.

¹¹¹ Boa parte desta imagem de inércia associada ao internauta tem o seu ponto de partida no filme *Matrix*, que traz a ideia do corpo plugado. O filme mostra que a mente de todos os seres humanos estaria aprisionada em um sonho interminável, que simula a vida real, sonho este controlado por programas computacionais.

representava um instrumento de mediação, a forma do homem interagir com a tela. Agora imagine, a tecnologia *touch*?! Que não requer mais intermediários, através da qual você pode por meio de movimentos com as pontas dos dedos ampliar e deslocar imagens, folhear páginas, acionar vídeos, compartilhar mensagens e tantos outros poderes concentrados na ponta dos dedos!

O toque na tela depende de uma coordenação viso-motora aprimorada do infonauta, e o tato e a visão, quando combinados, podem especificar uma impressionante variedade de fatos sobre o mundo adjacente.

O cibernauta enquanto navega, além de considerar todas as movimentações perceptivas e as inferências mentais, por meio do toque na tela não só se movimenta fisicamente, mentalmente no ambiente, como também age sobre ele.

E nesse contexto, a mão desempenha uma função especialíssima. É por meio da palpabilidade manipuladora da mão que se produz a sensação de um espaço, no caso o ciberespaço, que vai além dos limites da tela. Portanto, a absorção hipnótica, que aparentemente a navegação produz, não vem apenas da percepção visual, mas também da sensorialidade háptica, pois ambas estão indissoluvelmente ligadas aos movimentos lógicos do pensamento. Como se pode ver, por trás da sutileza de um toque na tela, está a agitação muscular, invisível, mas nem por isso menos ativa, que é disparada para que o toque se efetue.

Segundo Gibson (*apud* Santaella, 2004, p.148), o tipo de ação que rege o toque na tela é uma ação propositada que desencadeia, em primeiro lugar, a ação do sistema postural, visando ao equilíbrio do corpo tanto com relação ao chão do ambiente físico em que o usuário se encontra, como também aos objetos que se movimentam na tela. Além disso, está em operação o sistema investigativo de orientação, com seus ajustamentos de cabeça, olhos e mãos, e o sistema de locomoção, que faz o usuário buscar as posições mais favoráveis à percepção dos ambientes do ciberespaço. Por isso mesmo, busca-se a aproximação da informação visual por meio do *zoom*, como também desvia-se de uma informação para outra, por exemplo. Para isso, o sistema performativo deve estar acionado, e de fato está tendo em vista ser este um sistema que depende inteiramente das mãos.

Como resultado da ação contínua da ponta do dedo na tela, os estímulos nervosos vindos de fora que, em situação normal, independeriam do observador, passam também a depender inteiramente de sua ação. A isto chamamos interação, termo que na era digital foi rebatizado por “interatividade”. Segundo Santaella (2004, p.149), a base da interação não está localizada apenas na exploração sensório-motora do ambiente, mas na compreensão e avaliação semiótica do conteúdo informacional e conceitual desse ambiente.

Diante de uma tela, em uma simples navegação, já ocorre a interação. E se isso é verdade para o nível mais baixo de imersão, imagine a experiência numa Cave¹¹², por exemplo, onde há uma integração do sensório, perceptivo e mental que ocorre no nível mais elevado da imersão.

A tecnologia *touch*, a meu ver, veio reforçar a relação tátil tão necessária que nos une a qualquer objeto, em certo nível o mesmo sentimento da adolescente em sua relação com o livro impresso. Esta sensação pode assumir diversas significações dependendo da intenção na comunicação do falante. Dentre elas, está o complexo código que é a linguagem amorosa, onde os sistemas semiológicos (olfação, tato, gestual) se misturam profundamente para dar origem a um grande código de comunicação sensorial, que ainda é dominado pelos códigos linguísticos e visuais. “Se pegarmos na mão da pessoa amada, nosso coração dispara/e nosso corpo entra em festa.” (QUEIRÓS, 1999, p.13).

A sensação desejosa do tato tenta perceber o mundo, muitas vezes, transgredindo alguns códigos. O tato sempre procura a suavidade, o calor, a beleza, ou contrariamente, a dureza, a aspereza, a textura do mundo. As significações táteis permitem classificar várias zonas significantes do universo, das coisas percebidas por este sentido, o que certamente é também uma forma de ler.

¹¹² Uma cave é um espaço cúbico com cerca de 3 metros de aresta onde as faces e o chão são telas de projeção. As caves utilizam multiprojeções sincronizadas de uma mesma imagem dividida entre quatro a seis projetores (backprojection). No interior de uma cave o participante está rodeado de imagens e a imersão no ambiente remete à metáfora da representação da realidade através de sombras, sugerindo que a percepção está filtrada pelo véu da ilusão. As sensações vividas através de imagens e interfaces de conexão com o ambiente virtual se constituem em experiências de existir entre o real e o virtual. O nome é também uma referência à alegoria da caverna de Platão, quando o filósofo se refere à percepção, à realidade e à ilusão. Disponível em <http://fga.unb.br/lart/o-que-e-uma-cave>. Acesso em 03/01/2014.

Por toda essa complexidade, não há um significante que resuma o tato, ele é mesmo, como diz o poeta-filósofo: a pele, a própria raiz cobrindo o corpo inteiro”.

6.1

Nas raias da interatividade

A wikipedia inicia a sua definição sobre o termo interatividade dizendo ser este um conceito que quase sempre está associado às novas mídias de comunicação. Interatividade, portanto, pode ser definida como:

“uma medida do potencial de habilidade de uma mídia permitir que o usuário exerça influência sobre o conteúdo ou a forma da comunicação mediada.”

Porém ainda há a perspectiva sociológica do termo que seria:

“a relação entre duas ou mais pessoas que, em determinada situação, adaptam seus comportamentos e ações uns aos outros”.

A wiki ainda diz ser este um termo que não é comumente encontrado em dicionários. A única referência encontrada foi no Dicionário de Inglês de Oxford que diz:

- a) Uma atividade que envolve interação;
- b) Propriedade de ser interativo.

A ideia de interatividade, que tem em seu embrião a noção de interação, segundo Santaella, já estava presente nos anos 30, em Bertold Brecht¹¹³, ao falar sobre o potencial do sistema radiofônico, em que se referia à inserção democrática dos meios de comunicação com a participação direta dos cidadãos. Mais adiante, nos anos 70, Hans M. Enzensberger¹¹⁴ falava sobre a superação dos meios de comunicação unidirecionais (rádio, jornal e televisão) em favor de um sistema de

¹¹³ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Bertolt_Brecht Acesso em: 01/02/2014.

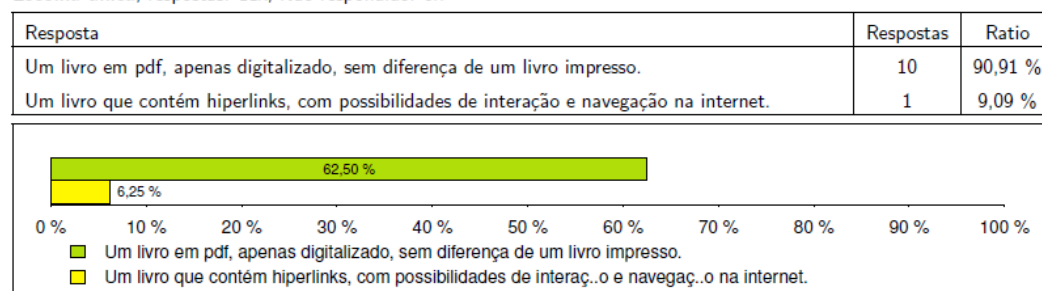
¹¹⁴ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Hans_Magnus_Enzensberger. Acesso em: 01/02/2014.

trocas, de conversação e feedback. Mas foi Raymond Williams¹¹⁵ quem denunciou a natureza reativa das tecnologias vendidas como interativas.

Hoje em dia, é muito comum atribuir tudo o que é digital ao conceito de interatividade. Na questão 20 do formulário de pesquisa, a fim de observar o que seria de fato um livro digital para eles, verifica-se a seguinte resposta:

20. Esse livro digital é...

Escolha única, respostas: 11x, Não respondido: 5x



O livro digital para esta geração ainda é uma virtualização do conteúdo, que não traz a noção de interatividade.

A partir de 1980, o termo interatividade foi usado ao ponto máximo de banalização, a palavra passou a ser aplicada a qualquer situação na qual o conteúdo da mídia é selecionável pelo usuário.

Na obra Navegar no Ciberespaço, Lúcia Santaella (2004, pp.151-172) trata à exaustão sobre a interatividade e traz contribuições de vários autores sobre o tema, definindo-a em gradações, tipos e modalidades. No entanto, a autora faz um longo percurso até chegar a noção de interatividade relacionada às novas tecnologias.

Considerando que o termo interatividade surge na França, nos anos 70, com o objetivo de diferenciar, no âmbito da telemática¹¹⁶, os serviços interativos dos serviços difundidos, escolho a definição de Pierre Lèvy (2008, p.79), segundo o qual “A possibilidade de reapropriação e de recombinação material da mensagem por seu receptor é um parâmetro fundamental para avaliar o grau de interatividade do produto”.

¹¹⁵ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Raymond_Williams. Acesso em: 01/02/2014.

¹¹⁶ Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Telem%C3%A1tica>. Acesso em: 01/02/2014.

Lèvy (2008) ainda sugere este mesmo parâmetro para outras mídias, ao elaborar as seguintes perguntas:

Podemos acrescentar nós e links a um hiperdocumento? Podemos conectar esse hiperdocumento a outros? No caso da televisão, a digitalização poderia aumentar ainda mais as possibilidades de reapropriação e personalização da mensagem ao permitir, por exemplo, uma descentralização da emissora do lado do receptor: escolha da câmera que filma um evento, possibilidade de ampliar imagens e comentários, seleção dos comentaristas etc. (LÉVY, 2008, p. 79)

Com base nesse parâmetro, Lèvy propõe eixos para medir o grau de interatividade de uma mídia ou de um dispositivo de comunicação, a saber:

- As possibilidades de apropriação e de personalização da mensagem recebida, seja qual for a natureza dessa mensagem;

Relação com a mensagem	Mensagem linear não-alterável em tempo real	Interrupção e reorientação do fluxo informacional em tempo real	Implicação do participante na mensagem
Dispositivo de Comunicação			
Difusão unilateral	Imprensa Rádio Televisão Cinema	- Bancos de dados multimodais - Hiperdocumentos fixos - Simulações sem imersão nem possibilidade de modificar o modelo	- Videogames com um só participante - Simulações com imersão (simulador de voo) sem modificação possível do modelo
Diálogo, reciprocidade	Correspondência postal entre duas pessoas	- Telefone - Videofone	Diálogos através de mundo virtuais, cibersexo
Diálogo entre vários participantes	- Rede de correspondência - Sistema das publicações em uma comunidade de pesquisa - Correio eletrônico - Conferências eletrônicas	- Teleconferência ou videoconferência com vários participantes - Hiperdocumentos abertos acessíveis on-line, frutos da escrita/leitura de uma comunidade - Simulações (com possibilidade de atuar sobre o modelo) como de suporte de debates de uma comunidade	- RPG multiusuário no ciberespaço - Videogame em “realidade virtual” com vários participantes - Comunicação em mundos virtuais, negociação contínua dos participantes sobre suas imagens de sua situação comum

Fonte: Pierre Lèvy. Ciberultura, 2008 p.83

- A reciprocidade da comunicação (a saber, um dispositivo comunicacional “um-um” ou “todos-todos”);

A virtualidade, que enfatiza aqui o cálculo da mensagem em tempo real em função de um modelo e de dados de entrada;

- A implicação da imagem dos participantes nas mensagens; e
- A telepresença.

A modalidade interativa de comunicação provocou transformações significativas no esquema clássico da comunicação, pois muda o estatuto do receptor por meio da participação da intervenção, muda a natureza da mensagem e muda o papel do emissor.

O emissor não mais emite mensagens, mas constrói um sistema com rotas de navegação e conexões. A mensagem, então, passa a ser um programa interativo que se define pela maneira como é consultado, de modo que a mensagem se modifica pelas solicitações daquele que manipula o programa.

O receptor, por sua vez, transforma-se em usuário e organiza sua navegação como quiser em um campo de possibilidades cujas proporções são suficientemente grandes para dar a impressão de infinitude.

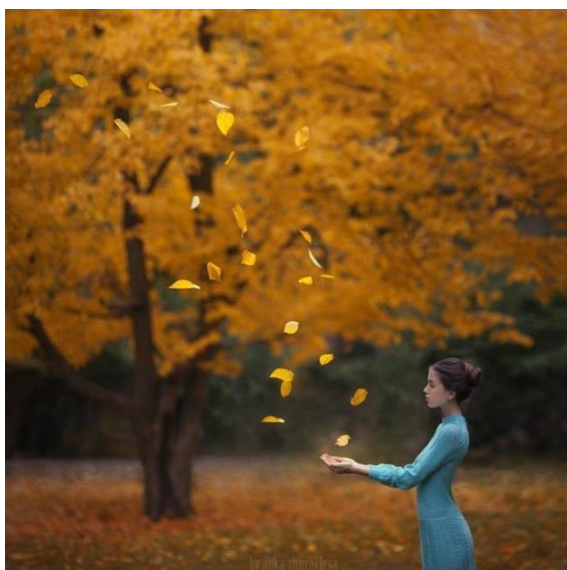
Atualmente, a interatividade existente na rede permite que acessemos informações à distância em caminhos não lineares pelos hipertextos e em ambientes hipermídia; realizar ações colaborativas na rede; experimentar a telepresença; visualizar espaços remotos; coexistir em espaços reais e virtuais; interagir em ambientes que simulam vida e se auto-organizam; pertencer a comunidades virtuais com interação e por imersão em ambientes virtuais com múltiplos usuários.

Plaza (2001, p.36) afirma que “a interatividade não é somente uma comodidade técnica e funcional; ela implica física, psicológica e sensivelmente o espectador em uma prática de transformação.” O princípio que rege a interatividade nas redes é o da mutabilidade, da efemeridade, do vir-a-ser em processos que demandam a reciprocidade, a colaboração, a partilha. A interatividade que ocorre no ciberespaço, à qual cotidianamente estamos expostos,

não seria possível sem a competência semiótica do usuário para lidar com as interfaces computacionais.

E a essa competência semiótica, diz a autora Santaella (2004,p.166) implica vigilância, receptividade, escolha, colaboração, controle, desvios, reenquadramentos em estados de imprevisibilidades, de acasos, desordens, adaptabilidade que são, entre outras, as condições exigidas para quem prevê um sistema interativo e para quem o experimenta.

7. CONSIDERAÇÕES SEM FIM...



Dois caminhos se separaram em um bosque e eu... Eu escolhi o menos percorrido. E isso fez toda a diferença. (Robert Lee Frost)¹¹⁷

Quando penso no desafio de pensar esta dissertação, “organizando” esse pensamento em uma escrita hipertextual, muitas vezes bifurcada, chego até aqui com uma única certeza de que nem mesmo mais quatro anos de pesquisa amenizariam o sentimento de que

deveria ter lido mais, ter escrito mais, ter feito muitas outras conexões. A infinidade de “textos” que surgem a partir dos caminhos escolhidos, faz-me crer que cada leitor produzirá um novo texto.

Uma investigação que tem como motivação o nosso cotidiano certamente é o caminho que faz toda a diferença. Durante o processo de escrita desta dissertação, vi-me perdida muitas vezes, ou extenuada pelos caminhos bifurcados, ou pelas longas interrupções na escrita, ou por sentir-me literalmente em um

¹¹⁷ O caminho não escolhido
 Num bosque amarelo dois caminhos se separavam,
 E lamentando não poder seguir os dois
 E sendo apenas um viajante, fiquei muito tempo parado
 E olhei pra um deles tão distante quanto pude
 Até que se perdia na mata;
 Então segui o outro, como sendo mais merecedor.
 E vendo talvez melhor direito.
 Porque coberto de mato e querendo uso
 Embora os que passaram por lá
 Os tenham percorrido de igual forma,
 E ambos ficaram essa manhã
 Com folhas que passo nenhum pisou.
 Oh, guardei o primeiro para outro dia!
 Embora sabendo como um caminho leva pra longe,
 Duvidasse que algum dia voltasse novamente.
 Direi isso suspirando
 Em algum lugar, daqui a muito e muito tempo:
 Dois caminhos se separaram em um bosque e eu...
 Eu escolhi o menos percorrido
 E isso fez toda a diferença.
 Robert Frost, 1916

labirinto. Posso afirmar que o hiperlink Minha Experiência de Leitura foi o fio de Ariadne para a escrita, minha inspiração. Ali me abasteci, recebi fôlego novo para retomar o prumo, incansáveis vezes.

A verdade é que há uma saturação de dissertações de mestrados, teses de doutorado, artigos científicos e publicações que evocam a relação de novas tecnologias-escola-adolescentes. A minha intenção, portanto, não era trazer algo diferente, ou propriamente novo, mas a oportunidade de dialogar com as minhas inquietações, que não são poucas, mas estão todas inseridas nessa questão: o que toca essa geração *touch*?

A princípio fiquei preocupada em desenvolver uma obra tão autobiográfica, mas no avançar da escrita percebi que este estudo tem a ver com o que dissera Salles (1992), citando Calvino, que quanto mais a obra tende para a multiplicidade, menos ela se distancia daquele *unicum* que é o *self* de quem escreve a sinceridade interior, ou seja, a descoberta de sua própria verdade. Ao contrário,

(...) quem somos nós senão uma combinatória de experiências, informações, de leitura, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma mostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis. (SALLES, 1998, p.103).

Ampliando, "seria a relação dialógica em que o significado poético remete a outros signos discursivos, de modo a serem legíveis no enunciado poético outros discursos". (KRISTEVA citada por LIMA, 1993, p. 153).

Relembrar a experiência de escrita coletiva, realizada em Campinas, pela professora Melina Custódio, comparando-a com a que vivenciei quando estagiária no ensino de língua portuguesa, em uma escola municipal do Rio de Janeiro, faz-me entender o porquê de não ter optado em traçar os rumos desta pesquisa sob a forma de experimento. Sim, esta investigação é motivada como tantas outras pela prática do magistério. Entretanto, entendi não ser este o momento de fazer o movimento “da teoria à prática”, muito peculiar àqueles que estão envolvidos com o tema estudado até o pescoço.

Isso não quer dizer que de fato o pesquisador que assim procede esteja buscando a teoria a fim de avaliar suas práticas, mas, na maioria das vezes, a busca se dá para justificar suas práticas, o que certamente é muito danoso ao conhecimento.

A prática muitas vezes nos convence de algo que não entendemos, “experimentei, e vi que funciona” é o que mais ouvimos. Inevitavelmente, sem perceber, sobrepomos a prática a qualquer outro conhecimento, e por fim reforçamos o discurso dos resultados.

Ao fazer o percurso inverso da prática à teoria, entendi que o conceito de experiência, vulneravelmente associado à prática, é profundamente vivenciado na teoria, que, por sua vez, descortina a prática e nos faz revê-la com novos olhos, tão necessários para enxergar além do objetivo.

Seria mais ou menos assim: a prática é uma história que se torna bela quando bem pontuada pela teoria. Por sua vez, os pontos da teoria não contam por si só uma bela história. Ambas são experiências que se complementam. E ainda que o senso comum tente dissociá-las, uma não existe sem a outra.

O que toca essa geração *touch*? É uma questão que traz em si mesma muitas outras. Quais são as práticas dessa geração? O que lhes afeta? Que identidades surgem deste cenário? Como os adolescentes se relacionam? Como a Escola os vê e como a Escola é vista por eles? Desse dilúvio de perguntas, outras se introduzem, e se afunilam, tendo em vista as particularidades da pesquisa: Como se dá a experiência literária desses adolescentes? As tecnologias são mediações ou estão integradas? O hipertexto como núcleo dessas novas práticas constitui uma nova relação com o saber? Que lições a Escola pode apreender do cotidiano dessa geração? Enfim, há uma infinidade de questões que pululam o pensar sob a forma de janelas, portas e tudo o que se possa dar passagem para uma outra perspectiva.

Logo, no início da pesquisa, tive uma percepção de ser um peixe fora d'água no programa, como se lesse nas entrelinhas, o que você faz aqui? Aqui estudamos literatura, o seu projeto é excelente para educação. Percebo que parte desse pensamento está ainda arraigado na compartimentalização dos saberes, que culmina, como bem afirma Morin, na especialização do conhecimento.

Há ainda aqueles que interpretam o tema como um modismo ou nas palavras de um colega: você chegará ao fim de sua pesquisa e verá que não há diferenças entre leitura impressa e digital, é tudo igual, só muda o meio, o que, lamentavelmente, me faz lembrar da parábola Viajantes do Tempo de Seymour Papert.

Não, não é a mesmíssima coisa! É um leitor revolucionariamente novo. Como bem afirma Chartier:

O fluxo sequencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler. (CHARTIER, 1998, p. 13)

Definitivamente, navegar é uma atividade mais complexa do que ler um livro ou ver um programa de TV, não quero com isso reforçar a tese de Landow, a qual afirma ser a leitura digital mais ativa do que a impressa, e esta simplesmente ativa. Entretanto, acredito que essa dicotomia ativo-passivo não seria a mais apropriada para caracterizar a complexidade da navegação, mas sim a exposição hipermidiática, na qual o internauta está imerso, o que demanda um estado permanente de prontidão perceptiva, devendo estar a sua atividade mental em perfeita sintonia com as partes motora e cognitiva.

Tratar, portanto, de assuntos que dizem respeito a “modismos” como as tecnologias, segundo essa perspectiva, caberia à ciência. Como não-especialista, decidi não deixar esse cuidado aos cientistas e agarrei-me à literatura pela possibilidade que ela me dá de refletir sobre o mundo, sobre a vida e a sociedade. Como diria Guimarães Rosa, a gente só sabe bem aquilo que não entende. Respostas, tenho algumas, mas as perguntas devo falar que aumentaram hipertextualmente.

A Literatura no Pavilhão de Espelhos reflete o entendimento de que entre as muitas possibilidades de textos que podem ser adotados no trabalho com a leitura

e escrita, a literatura merece atenção toda especial para uma formação horizontal do leitor, no sentido de conectar a outros saberes. Além disso, não há como desconsiderar suas três funções essenciais, como tão bem as caracterizou Antonio Candido (CANDIDO, 1972, p.805-806): a) a capacidade que a literatura tem de atender à nossa imensa necessidade de ficção e fantasia; b) sua natureza essencialmente formativa, que afeta o consciente e o inconsciente dos leitores, de maneira bastante complexa e dialética, como a própria vida, em oposição ao caráter pedagógico e doutrinador de outros textos; c) seu potencial de oferecer ao leitor um conhecimento profundo do mundo, tal como faz, por outro caminho, a ciência.

O nosso poeta-filósofo, Bartolomeu Campos de Queirós, e fundador do movimento por um Brasil literário, nos fala o quanto a literatura agrega à condição humana:

A literatura concorre para uma sociedade mais harmoniosa, porque no texto literário você começa a ver que o mundo vai além de você, eu acho que você aprende com o texto literário a democratizar a razão, e democratizar a razão é saber que o outro também tem razão, a razão não é sua, a minha razão depende da razão do outro. Então, essa capacidade que a literatura tem de trazer um novo olhar sobre as coisas, esse olhar que me surpreende, porque eu não tinha visto isso assim. É a literatura que me traz como o outro enxerga as coisas, como o outro trabalha esse mesmo mundo que eu estou, ela me faz mais atencioso, mais cuidadoso, eu escuto melhor, porque ler é escutar, ler também é escutar. Você escuta o que o autor tem a dizer.

O texto literário, segundo reflexão do poeta, torna-se um bem inalienável para a formação humana. É, portanto, muito preocupante que estudiosos sobre a vida digital, como Don Tapscott, por exemplo, afirmem com base em pesquisas e relatórios que essa geração leia de tudo menos literatura.

Ao verificar, por meio de outros estudos e desta pesquisa, que esta informação não mais reflete, em parte, a atual realidade da geração digital, senti-me aliviada e esperançosa, pois vislumbro mudanças com relação à questão do desinteresse pela leitura literária canonizada pela Escola, fato este ainda constatado no segundo ciclo do ensino fundamental (do 6º ao 9º ano)

Os adolescentes que participaram da pesquisa eletrônica quando questionados (pergunta 17) se faziam parte de alguma comunidade virtual em que escrevessem regularmente, todas as respostas afirmativas associaram esta atividade a uma experiência literária. Tal fato revela a associação cada vez mais intrínseca entre literatura e tecnologias. Um alerta para a Escola, que poderia não só adotar práticas de leitura e escrita já inseridas no cotidiano dos alunos, como também implementar propostas pedagógicas que introduzissem **a literatura como mediadora dessas novas práticas** (grifo meu).

Penso nisso pelas recorrentes críticas às tecnologias. Daniel Goleman, autor de “Inteligência Emocional”, lançado em meados dos anos 90, publicou após este *best-seller* outros livros que reforçavam a capacidade de lidar bem com os sentimentos como um ativo de maior importância do que a inteligência. Em entrevista à Revista Época, em matéria intitulada “A tecnologia degrada nossa concentração”, Goleman introduz seu novo livro “Foco”, defendendo a relevância da concentração num mundo distraído pelas tecnologias, e destacando a atenção como o maior ativo do século, “que precisa ser exercitada a fim de ser fortalecida”.

O novo livro de Goleman defende a existência de três tipos de foco. 1º) O foco em nós mesmos; 2º) O foco nas pessoas que convivem conosco; e 3º) O foco no mundo a nossa volta. E o autor complementa: “É entender como você afeta o mundo e como ele o afeta”, qualquer semelhança com o título desta dissertação, “O que toca essa geração *touch*?”, é mera coincidência.

Não quero dizer com isso que a navegação hipermidiática não promova a desatenção. Estou plenamente de acordo, como eu mesma já disse em “Minha Experiência de Leitura” quando relato o que deflagrou o meu interesse pela investigação:

No primeiro dia de aula, não foi difícil perceber que os alunos de fato não eram mais os mesmos da minha época escolar, percebi que a atenção seria o ativo de maior valor a conquistar, tecnófilos e certamente muito mais informados e engajados em causas políticas e sociais, ali estava uma geração diferente, precisava lê-los. (Minha experiência de Leitura – Gabriela Costa)

Reconhecendo esses “Navegadores-leitores no mar de possibilidades mil”, a autora Lúcia Santaella sugere três perfis cognitivos dos leitores imersivos, o errante, o detetivesco e o providente. Segundo a autora, o navegador-leitor ideal seria uma composição dos três perfis, ou seja, aquele que não se entrega às rotinas sem imaginação do providente, mas se abre para as surpresas entregando-se às errâncias, para poder, enfim, voltar a vestir a roupagem de detetive, farejando pistas. Ao alcançar a mobilidade entre esses três níveis de navegação, a tão temida falta de atenção estaria superada?

A resposta a essa pergunta talvez esteja na relação entre a tipologia dos focos, proposta por Goleman, e a experiência literária. Ao retomarmos a Tríade do Reconhecimento, revisitada no hiperlink Facebook: uma leitura de nós, é inevitável a associação da tipologia dos focos à literatura. A experiência literária, ao promover o reconhecimento de si, afirma o leitor como sujeito capaz de se designar, de agir, de narrar a própria história e de se apresentar e assumir como autor responsável pelos seus atos. É nesse ponto, ao atingir o conhecimento de nós mesmos, que somos levados ao reconhecimento do outro. Como afirma Bartolomeu, “a fundação reflexiva da literatura possibilita ao leitor dobrar-se sobre si mesmo e estabelecer uma prosa entre o real e o idealizado, instigando, assim, nos escritores e leitores um diálogo com o mundo.”

Nesse sentido, a literatura exerce uma função social importante. É através dela que o indivíduo abandona temporariamente sua própria disposição e preocupa-se com algo que até então não experimentara. Traz para o primeiro plano algo diferente dele, momento em que vivencia a alteridade como se fosse ele mesmo. (ZILBERMAN, 1999, p.84). Assim, a experiência vivenciada pelo leitor literário está diretamente relacionada ao horizonte de sua expectativa, em sua compreensão do mundo, como ao seu comportamento social.

A formação humana, já declarada por Cândido e reforçada por Bartolomeu, a tipologia dos focos de Goleman e a tríade do reconhecimento de Ricouer constituem uma polifonia que seguem o mesmo percurso da formação do leitor literário, por meio de princípios já presentes na tradição judaico-cristã, que tem na cruz seu maior símbolo, cuja haste vertical significa o conhecimento de

Deus relacionado ao conhecimento de si mesmo, e a horizontal, o conhecimento do outro, sendo a ligação entre os homens o que efetivamente religa Deus aos homens. Ou ainda no célebre mandamento em que o “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo” é descobrir-se no mundo.

A formação humana, já declarada por Cândido

Antônio Cândido, em *O direito à literatura*, retoma suas reflexões anteriores e reafirma a ideia de que a literatura tem como principal função a humanização do ser humano, explicando-nos de maneira clara e decisiva o que isso quer dizer.

Entendo aqui por humanização (...) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 1995, p.249).

Dessa forma, a literatura contribui fortemente para a formação integral da pessoa. Ela é imprescindível e deve fazer parte da vida das pessoas de maneira constante, pois fornece a base cultural necessária ao indivíduo para viver plenamente sua subjetividade integrada à sua vida prática.

O texto literário não constitui, a priori, um texto utilitário. São os leitores que, a partir do diálogo com o mesmo, lhe atribuem diferentes funções ou finalidades. A Escola, muitas vezes, reserva à literatura um papel equivocado, o de ser, acima de tudo, um instrumento de aperfeiçoamento linguístico. Ao contrário dessa perspectiva, o texto literário oferece inúmeras funções mais importantes. Com ele aprende-se, compara-se, questiona-se, diverte-se, amadurece-se, transforma-se, vive-se, desenvolve-se a sensibilidade estética, contata-se com as mais diferentes visões de mundo etc.

A literatura não dá somente informação ao seu leitor, mas principalmente a formação de seu espírito, de tal modo que a ação sobre o mundo se faça impregnada dessa riqueza. Diante da literatura, abrem-se inúmeras virtualidades cognitivas do texto, pois como seres singulares, temos reais condições de interpretar de maneiras diversas. Esse contato com o texto literário é riquíssimo para o desenvolvimento cognitivo e emocional dos indivíduos, para que eles possam constituir-se cada vez mais seres humanos reflexivos e críticos. Não há

uma leitura pronta e única desse tipo de texto, quer dizer, produz-se leitura no pleno diálogo leitor-texto-autor.

Uma das necessidades fundamentais do homem é dar sentido ao mundo e a si mesmo, e a literatura permanece como veículo primordial para esse diálogo. O texto literário é a modalidade textual que faz a descoberta de sentidos de forma mais abrangente.

Vivemos numa sociedade que dialoga pouco, mas que fala muito consigo mesma, que não consegue, efetivamente, colocar-se na pele do outro. E essa é uma possibilidade que a literatura nos dá. A literatura nos mostra como vive outra gente, como pensa, como sente. Nesse sentido, a literatura possibilita um alargamento de horizontes, já que oportuniza aos indivíduos uma posição crítica à diversidade vivenciada pelo leitor.

Os pressupostos de Goleman, cada vez mais recorrentes em matérias, artigos e pesquisas, fazem com que a sociedade e a Escola reproduzam um discurso que mais se aproxima da tecnofobia. Um exemplo bem recente aconteceu comigo, nas duas primeiras reuniões deste ano letivo na Escola da minha filha.

Primeiramente, a coordenadora pedagógica alerta aos pais quanto ao déficit de oralidade das crianças, alegando que os *games* estavam bloqueando a expressão oral das crianças, o que, sinceramente, não percebo entre os nativos digitais, tendo em vista que os jogos que mais atraem esta geração são *games* com narrativa, por meio dos quais eles precisam se comunicar o tempo todo, adquirindo até mesmo um extenso vocabulário.

Na segunda reunião, realizada no mesmo dia, agora com a professora que assumiria a classe, perguntei se o motivo da Escola ter adotado livros com versões digitais significaria a existência de uma proposta pedagógica para isso, ou, ao menos, a fim de evitar o excesso de peso nos dias de prova, o aluno poderia utilizar o material digital em casa. Enfim, a resposta foi: “nem um e nem outro, o livro digital é para quem quiser usar, mas todo o nosso trabalho está pautado no livro impresso. Os nossos bebês cresceram, mas eles ainda são crianças, e como crianças não podem utilizar novas tecnologias em sala de aula, pois ficarão disputando pelo melhor aplicativo e configurações dos suportes.”

Interpelada pela segunda vez, sobre o uso do portal educacional do colégio como fonte de informações e contato entre pais, professores e alunos, a professora hesitou alegando que o uso do portal, onde cada professor mantém um blog, poderia desresponsabilizar o aluno de suas tarefas. Enfim, o eco que não quis se calar é de que as tecnologias não estariam mesmo a nosso favor!

Uma coisa é certa, como já afirmara Lèvy na obra *Tecnologias da Inteligência* (1993), alguém que condena as tecnologias, não pensaria jamais em criticar a impressão e menos ainda a escrita. Isto porque tanto a impressão quanto a escrita (que são técnicas!) o constituem intrinsecamente para apontá-las como estrangeiras.

Essa dissociação constante entre diversão e aprendizado, apontada na reunião escolar da minha filha, revela um preconceito que não se dá apenas com os games, **o próprio Facebook, é visto apenas como entretenimento e um espaço para bobagens, sendo, no entanto, um ciberespaço propício para a inteligência coletiva, como vimos nas intensas trocas aqui relatadas**. As fanfictions, fenômeno literário que surge na era digital, é uma prova disso. Fãs de Harry Potter, Crepúsculo, Crônicas de Nárnia, Machado de Assis, Game of Thrones, de Mangás, História em Quadrinhos, acessam a rede, para acompanhar os próximos capítulos de sua série favorita, e muitos são os que a reescrevem e compartilham. O slogan das fanfictions é “Just for fun”, “Só pra se divertir”, e aí ocorre a interação e a aprendizagem, sob o estigma do entretenimento.

É evidente que a falta de propostas pedagógicas nesse sentido fará sempre com que a moldura se sobreponha à pintura. Tendo em vista que tanto a literatura quanto as tecnologias, ambas constituem ferramentas de emancipação e criatividade do homem, a Escola, ao desprezar as vivências do cotidiano dos alunos, e entre elas estão as tecnologias, dissocia a realidade da fantasia. Considerando que o atrito entre o real e a ficção produz a centelha da criatividade, que segundo a pesquisa eletrônica constitui o maior desafio para a escrita, uma outra separação é constatada, desta vez entre a leitura e a escrita.

Na obra *S/Z*, Barthes tece considerações entre o texto legível e o texto escrevível:

o próprio Facebook, é visto apenas como entretenimento e um espaço para bobagens, sendo, no entanto, um ciberespaço propício para a inteligência coletiva, como vimos nas intensas trocas aqui relatadas

Pensando sobre essa relação Escola e novas tecnologias, lembrei de uma experiência que tive enquanto escrevia esta dissertação. O cenário sobre a mesa do escritório era assustador, pilhas de livros, duas telas de computador conectadas uma à outra, e-books no tablet, verificação automática de e-mails de trabalho no smartphone, e ainda com muitas abas de páginas abertas nas duas telas, entre elas o facebook. Submeter-me a toda essa exposição foi uma tarefa árdua, estressante e muito desafiadora.

Boa parte do material colhido para utilizar como exemplos veio do facebook. Pelo facebook, contactei informantes, selecionei discussões, mas não foram poucas as vezes que me vi navegando sem rumo, guiada por uma ou outra curiosidade. E quando me dava conta de que estava perdida no labirinto hipertextual, segurava firme o fio de Ariadne e retornava ao foco.

Num desses desvios de rota, encontrei um post no facebook interessante de uma colega da área de Educação. Esse post recebeu inúmeros comentários, dele surgiram novos debates, indicação de leituras sobre autores que tratam temas sobre a geração digital, incluindo autores como Don Tapscott e Mark Prensky, utilizados nesta pesquisa. O que percebemos, ao final, é que, no tom bem-humorado e informal das redes sociais, há uma intensa troca de saberes, e talvez esses movimentos se façam naturalmente presentes pela forma despretensiosa de adquirir conhecimentos. Ou seja, as pessoas não se conectam à rede com o pensamento: o que vamos aprender hoje? Mas o aprendizado ocorre, porque essa é uma das características da sociedade em rede, uma inteligência coletiva compartilhada em todo tempo.



Eliane Garcia

September 24

Uma das minhas turmas de melhor aproveitamento.

Isso! Eles tiram ótimas notas!

Isso! Eles assistem aula munidos de seus smartphones.

Isso mesmo! Eles não são obrigados a copiar a matéria do quadro. Podem fotografar, se

quiserem.

Sim! Eu apoio!

Sim! Somos felizes assim!

Mas sei que há por aí colegas que brigam com os celulares dos alunos! Remam contra a corrente!

A tecnologia está aí, caminho sem volta!!!!

Difícil é dar uma aula mais atraente e interessante que as notícias do facebook!

Belo desafio!

Adoro desafios!

Bora, que hoje temos "logaritmos"!

Bom dia!



Like · · Sharemmmm

Thaís Lima and 290 others like this.

Filipe Casé Essa é a minha professora!!

Camila Castro Vc é padrão! Que pena na minha época não ter nem um celular! No máximo um "teletrim"... Hoje o smartphone é comum, o face tb... Difícil é encontrar professor como vc: disposto a se reinventar e se desmontar para alcançar o aluno. Isso sem contar o domínio da matéria! Ao mestre com carinho...

Ana Rocha Só um detalhe, minha amiga, não se briga contra o celular por si só, briga-se contra o seu uso indiscriminado em sala de aula; briga-se contra a falta de bom senso. O uso que você descreve é muito diferente do que se vê entre a maioria dos estudantes, que usam o aparelho para atender ou fazer ligações, tirar fotos, não prestando atenção às explicações dos mestres e tirando a de seus colegas. Acredito que disseminar colas em dias de prova também não seja uma boa forma de usar esse meio valiosíssimo de comunicação. Uso produtivo do celular, sim. Desrespeito, não! De resto, estamos de acordo! Viva a tecnologia, e a usemos a nosso favor!



Eliane Garcia A falta de elegância e de critérios para o uso da tecnologia é um "defeito" de algumas pessoas. De muitos adultos tb! Mas essa aula a gente dá em dois minutos, né?

Ana Rocha Com certeza! Adultos dão os piores exemplos, mesmo aqueles que são professores. Qualquer aluno que queira usar as tecnologias a serviço do aprimoramento do seu aprendizado será muito bem-vindo!

Michelle Goulart Eliane Garcia vá se preparando mesmo, pois quando chegar a época de você dar aula para Beatriz, os smartphones serão coisa do passado. Na época dela será microchip implantado.... Na minha singela opinião, ao fazer isso você está ensinando, além de matemática, noções de respeito à coletividade e de responsabilidade. Coisa muito rara nas crianças da geração digital.



Eliane Garcia Como sempre lhe digo, Michelle, estou estudando! Não voltei pra escola para, simplesmente, "ganhar" um título de doutora. Voltei pra escola para continuar amando minha profissão. E quem é ou foi meu aluno sabe que "elegância" É palavra de ordem!



Eliane Garcia De qq forma, INFELIZMENTE, quando Biazinha chegar ao Ensino Médio, estarei tomando sopinha em Conservatória... Mas quero fazer isso de consciência tranquila, certa de que estive sempre ciente do público que assiste minhas aulas.

Michelle Goulart INFELIZMENTE EU nunca fui sua aluna, mas da elegância eu sempre soube. E seu trabalho com certeza está abrindo as portas e as mentes dos professores que irão te substituir no quadro negro da Beatriz.

Luiz Carlos saudades de você professora!!! bons tempos XD

Danilo Boechat Saudades de professores assim!! Aulas de matematica sempre LOTADAS de alunos!! Parabens pela inovacao professora!! Orgulho de ter sido seu aluno prof!!! ;D

Thaís Lima Quero assistir suas aulas de novo!

Eliane Garcia Vem!

Thaís Lima Tipo de coisa que eu e Jane Guarilha apoiamos!

Jane Guarilha Que legal, Marcia! Quero também, assistir as suas aulas! Bjs para as duas! Rsr

Andréa Borges Garanto, sem sombra de dúvida, que suas aulas são bem mais interessantes que o facebook! Beijos.



Eliane Garcia Bora! Basta atravessar a rua!



Eliane Garcia Andréa, me esforço pra ganhar a atenção deles. Fácil mesmo seria proibir os celulares etc. Seria fácil, mas não teria a mínima graça!

Andréa Borges Não teria mesmo Eliane Garcia!

Anna Faria Uhul

Bruno Pereira logaritimando sempre!

Pedro Gangemi Pqp, vc como sempre sendo vc(Sensacional)! Por isso q foi a nossa patrona! Te amo e que saudades das suas aulas! Bjs

Juliana Guberman As aulas da senhora são muito mais MUITO MAIS interessantes que facebook! s2

Anne Matoso Por essas e outras que não tem como não te amar



Eliane Garcia Nem tente!

Monique Fradique Amei *_*

Thaís Amaro Que saudade das suas aulas..

Fernando Moreira Saudades, professora!



Eliane Garcia Tb

Leandro Silva Esse assunto muito me interessa, Professora. Também acho a tecnologia deve ser vista como aliada e não como inimiga. Precisamos conversar sobre isso. Queria umas dicas...

Gabriel Rosa kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk

Diego Machado Aí, Prof. Alba, uma outra educadora que pensa como você!



Eliane Garcia Leandro, eu me afino muito, especialmente, com dois autores: Don Tapscott (dele sugiro "A Hora da Geração Digital") e Marc Prensky ("Não me atrapalhe, mãe - Eu Estou Aprendendo"). Temos estudado e debatido muito sobre o tema, desde a época do mestrado, no nosso Programa de Pesquisa (PPFH - Políticas Públicas e Formação Humana - UERJ). Hoje, não tenho mais dúvidas: quando o meu neto estiver no Ensino Médio, as pessoas vão rir de coisas como "copiar do quadro" e "proibição do uso de aparatos tecnológicos pelos alunos durante a aula". Não me surpreendo com os críticos radicais ao assunto. Todas as mudanças revolucionárias foram, de um modo ou de outro, combatidas pelo povo. Além disso, o nosso povão gosta mesmo é de dar palpite. Sentar a bunda na cadeira e estudar para saber do que se fala poucos querem, mas isso já é outra conversa! Beijos, menino! Orgulho de ter sido a sua professora!

Jéssica Parker Você é demais, Eliane! Orgulho de ter sido sua "Felipa"! Saudades!



Eliane Garcia Bonitinha! Saudades!

Flávia Valadares Larissa Ribeiro, Thalita Alves, Iu Gomes, Marcelo Pimenta, Thiago Santo

Juliana Perrut Nossa, que saudade de vc!

Igor Souza Nao tinha face na minha época, mas a Eliane Garcia já existia. Saudades de uma professora que se divertia dando aula!



Eliane Garcia Ainda me divirto muito! Saudades!

Mariana Sampaio Eh... suas aulas eram muito boas mesmo. Aulas divertidas e matéria bem explicada.



Eliane Garcia Oba! Tantos elogios, que estou engordando de felicidade!

Luísa Montenegro hahaha, você é a melhor! Saudade das suas aulas.



Eliane Garcia Ai ai...

Chris Santiago ihhhh qto confete...kkkk tá bom, tenho q admitir...rsrs Te amo!!!



Eliane Garcia Eba!

Mariana Sampaio Elogios merecidos. E muito inteligente e sensata sua postura de aceitar os smartphones... Estresse e dor de cabeça em uma luta perdida dos que nao aceitam



Eliane Garcia Minha postura também me dá muito trabalho, mas não temos escolha, na verdade. É um prazer estar "na ativa" e vivenciar essa revolução.

Priscila Schimdt Eh, negadaaaa! Era bom d+! A aula de logaritmo c datashow, e a "sonoplastia" das setinhas... Kkkkk



Eliane Garcia Olha só do que ela se lembra!

Priscila Schimdt Mtas saudades! Tudo q é bom, vale a pena ser lembrado!

Márcia Moreira A minha bonitinha só na trilha do sucesso!!!!



Eliane Garcia Culpa sua!

Márcia Moreira rrsrrs...lisonjeada....rrrs

(FIM)

Por que o escrevível é nosso valor? Porque o que está em jogo no trabalho literário (da literatura como trabalho) é fazer do leitor não mais um consumidor, mas um produtor do texto. Nossa literatura está marcada pelo divórcio impiedoso que a instituição literária mantém entre o fabricante e o usuário do texto, seu proprietário e seu cliente, seu autor e seu leitor. Esse leitor está, então, mergulhado em uma espécie de ócio, de intransitividade e, resumindo, de seriedade: ao invés de agir, de aceder plenamente ao encantamento do significante, à volúpia de escrever, tudo que lhe resta é a pobre liberdade de receber ou de rejeitar o texto: a leitura nada mais é do que um *referendum*. Diante do texto escrevível ergue-se seu contravalor, seu valor negativo, reativo: aquilo que pode ser lido, mas não escrito: o legível. (1992, p. 38)

A leitura ideal, portanto, é uma ocupação ativa, que não se faz sem a escrita. É nesse sentido que Landow faz uma distinção entre o leitor ativo – aquele que interfere na narrativa ao escolher seu caminho dentro do texto – e o leitor *muito* ativo, que não apenas lê, mas (re)escreve. Este tipo de leitor esteve presente ao longo da história da literatura através da reescritura de obras consagradas (Virgílio leu e reescreveu Homero; Dante leu e reescreveu tanto Homero quanto Virgílio); hoje, seu trabalho é potencializado pela web, especialmente com o surgimento de sites dedicados à *fanfiction*, ou seja, à apropriação de personagens, ambientações e linhas narrativas para a criação de novas histórias.

O fato de as novas tecnologias potencializarem a leitura e a escrita, ou seja, a escreitura, não é inteiramente novo, visto que o desenvolvimento da técnica não surge com a era digital. Desde o início da história do homem sobre a Terra, aparecem evidências de que, para aumentar sua possibilidade de sobrevivência, o homem primitivo utilizou a intuição e a experimentação, empregando os meios à disposição na natureza, para inventar instrumentos que aumentassem sua capacidade de ação e o ajudassem na árdua luta pela vida.

Por isso mesmo, podemos considerar, desde aqueles instrumentos primitivos até nossos dias, que os artefatos tecnológicos são, na verdade, uma extensão dos nossos sentidos, ampliando nossa capacidade de ação para melhor nos posicionarmos como espécie privilegiada da criação. O carro, o barco e o avião servem como uma extensão do corpo para o transporte; os óculos, microscópios e telescópios servem de ampliação do sentido da visão; o telefone, o rádio, a televisão de extensão à audição e assim por diante.

Já a tecnologia dos anos 80, cola-se à pele, responde ao toque: o computador pessoal, o walkman, o telefone portátil, as lentes de contato. Alguns temas centrais emergem repetidamente como o da invasão dos corpos: membros protéticos, circuito implantado, cirurgia plástica, alteração genética. O tema ainda mais poderoso da invasão da mente: interfaces.

O sistema háptico, por sua vez, evidencia uma polissensorialidade que conecta os cinco sentidos da geração *touch*. A tecnologia *touch* é mais do que uma inovação do mercado, a meu ver a mediação¹¹⁸, ao passar pelas raias da interatividade, recebe o nome de integração, evocando a imagem de uma prótese, que se transforma numa extensão do corpo. Seria isto o pós-humano?

Essa interatividade tão presente na cibercultura também está na linguagem do mundo digital, que só existe quando o usuário atua e interfere na mensagem, como sugere Landow, configurando-se, assim, a escrileitura.

Nesta dissertação, muitas das vezes, vi-me pulando de um texto ao outro, escrevendo um texto que confronta a ideia do texto anterior, ou abrindo uma outra janela a fim de expor minhas conjecturas sobre o assunto. Como na rede, há textos informativos e textos de opinião. No entanto, ambos contribuem para a produção de um novo texto.

Definitivamente, não é uma tarefa nada fácil essa tal de escrileitura digital, que se dá pela navegação não linear entre os hiperlinks que são constituídos de textos lineares. Não basta, portanto, a coerência e coesão pertinentes a cada texto, pois é somente na navegação que uma nova coerência e coesão se formam, não conferida pelos autores dos textos, mas pelo navegador-leitor, tudo depende do elo pensado.

O hipertexto e seus labirintos na era digital nos traz o “velho” e o “novo” do hipertexto que, elevado ao *status* de núcleo da circulação de saberes e inserido na convergência de mídias, segundo Pelisoli (2011), envolveria até mesmo a reconfiguração do próprio sistema literário. E não só isso, mas o princípio da

¹¹⁸ Não me refiro à mediação postulada em Vygotsky, mas à mediação do aparato tecnológico mencionada pelo analista de mercado móvel Horace Dediu, que fez a seguinte previsão “As crianças não usarão mais o mouse”. Qualquer aparato tecnológico que se interponha entre o navegador-leitor e a tecnologia utilizada não representa essa geração digital, que entende as novas tecnologias como integradas ao corpo.

coerência textual deve ser revisto quando a leitura é a navegação que tem na hipermídia a representação do mundo.¹¹⁹

Não é aleatória, portanto, a escolha do título Máquinas Literárias para a obra de Theodor Nelson, tendo em vista a intertextualidade presente tanto na literatura quanto no hipertexto, cujas características fundantes são: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência. Mas não seriam estas as Seis propostas para a literatura no próximo milênio de Italo Calvino?

Todas essas *especificidades* literárias que, segundo Calvino, merecem ser preservadas no curso do próximo milênio, estão presentes na obra *Se um viajante numa noite de inverno*. E como num pavilhão de espelhos, é possível identificá-las no hipertexto eletrônico.

1ª) **leveza**: a leveza é um artifício buscado “como reação ao peso do viver” (p. 39). Na literatura, esta característica estaria associada ao despojamento da linguagem que, aos olhos do leitor parece ser natural e leve. No entanto, é resultado de um trabalho quase artesanal na busca pelo constante polimento do texto. Na tecnologia, a leveza está representada na descentralização presente na não-linearidade do hipertexto, ao permitir a escolha de caminhos diversos.

2ª) **rapidez**: “uma escrita propensa às divagações, a saltar de um assunto para outro, a perder o fio do relato para reencontrá-lo ao fim de inumeráveis circunlóquios” (CALVINO, 2010, p. 59). Segundo Calvino, a rapidez na literatura refere-se às contrações e dilatações do tempo na narrativa. O estilo ágil e conciso, conforme o autor, abre espaço no texto para a imaginação. Entretanto, a rapidez de que fala Calvino não se refere ao encurtamento dos textos propriamente dito, mas à

¹¹⁹ Além da reconfiguração do sistema literário, uma questão pouco tratada com relação ao hipertexto é a coerência. Na organização de ideias e ordenação de conteúdos, a coerência desempenha um papel fundamental. Pesquisas revelam que estudantes que leram o mesmo texto uns na ordem hipertextual e outros na ordem básica impressa, estes tiveram melhor rendimento na compreensão do texto e memorização informacional.

A fragilidade do hipertexto reconhecida nas sugestões de conexões para a continuidade é uma das causas de maior problema para a compreensão e implicações cognitivas. Além disso, essa falta de uma predefinição clara de continuidade cria problemas sérios de relevância informacional.

Manter a coerência em um texto linear ficará sempre a cargo primeiro do autor, depois do leitor. No caso do hipertexto, o leitor tem a sua disposição um número ilimitado de possibilidades continuativas, sendo que nem todas as sugestões são dadas pelo autor. A questão da macrocoerência deve estar presente para um produtor de hipertexto, pois é ele que tomará a decisão quanto às sugestões a serem dadas ao navegador-leitor. A exigência cognitiva de um navegador-leitor é sensivelmente maior tendo em vista a multiplicidade de textos acessados e o desafio de relacioná-los.

agilidade do pensamento, que consiste na capacidade de apresentar ideias simultâneas em linguagem concisa, algo que a literatura faz de maneira muito particular, diversa daquela produzida por uma imagem ou vídeo:

Numa época em que outros *media* triunfam, dotados de uma velocidade espantosa e de um raio de ação extremamente extenso, arriscando reduzir toda comunicação a uma crosta uniforme e homogênea, a função da literatura é a comunicação entre o que é diverso pelo fato de ser diverso, não embotando mas antes exaltando a diferença, segundo a vocação própria da linguagem escrita. (CALVINO, 2010, p. 58).

Ou como ainda afirma o autor: “Nos tempos cada vez mais congestionados que nos esperam, a necessidade de literatura deverá focalizar-se na máxima concentração da poesia e do pensamento” (CALVINO, 2010, p. 64).

Um exemplo clássico que une rapidez, tecnologia e literatura é o Twitter que ajudou a popularizar o formato do microconto, uma narrativa em até 140 caracteres. O Twitter também já foi usado como plataforma para publicações seriadas: foi o caso do conto *Black Box*, da premiada autora americana Jennifer Egan, publicado no perfil de ficção da revista New Yorker¹²⁰ entre 24 de maio e 2 de junho de 2012. A cada dia, foi publicada uma série de *tweets* durante uma hora; depois, todos foram agrupados numa edição impressa da revista.

No meio digital, a “multiplicação do tempo no interior da obra” se liberta das limitações da página impressa, e é potencializada pelo hiperlink, através do qual o autor pode indicar caminhos que conduzam o leitor por trilhas diversas, dentro e fora da obra.

Lévy destaca a rapidez como uma das características do hipertexto que garantem a ele maior especificidade:

O que torna o hipertexto tão específico? A velocidade como sempre. A reação ao clique sobre um botão (lugar da tela de onde é possível chamar um outro nó) leva menos de um segundo. A quase instantaneidade da passagem de um nó a outro permite generalizar e utilizar em toda a sua extensão o princípio da não-linearidade. Isto se torna a norma, um novo

¹²⁰ Disponível em <http://www.twitter.com/NYerFiction>. Acesso em 11 de novembro de 2013.

sistema de escrita, uma metamorfose da leitura, batizada de navegação. (LÉVY, 1993, p.37)

3ª) **exatidão**: A exatidão descrita por Calvino supõe a figura de um autor que já saiba precisamente onde quer chegar com a obra e como encadear suas partes, formando uma estrutura coerente, ainda que não necessariamente linear. O autor usa como exemplo sua obra *Cidades invisíveis*¹²¹, “uma estrutura facetada em que cada texto curto está próximo dos outros numa sucessão que não implica uma consequencialidade ou uma hierarquia, mas uma rede dentro da qual se podem traçar múltiplos percursos e extrair conclusões múltiplas e ramificadas” (2010, p. 86).

4ª) **visibilidade**: Este tópico trata sobretudo o papel da imaginação. Calvino confronta o bombardeio midiático de informações visuais pré-fabricadas, e especula sobre o impacto que este fenômeno terá sobre nossa capacidade pessoal e subjetiva de evocar imagens.

Antigamente a memória visiva de um indivíduo estava limitada ao patrimônio de suas experiências diretas e a um reduzido repertório de imagens refletidas pela cultura; a possibilidade de dar forma a mitos pessoais nascia do modo pelo qual os fragmentos dessa memória se combinavam entre si em abordagens inesperadas e sugestivas. Hoje somos bombardeados por uma tal quantidade de imagens a ponto de não podermos distinguir mais a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos na televisão. Em nossa memória se depositam, por estratos sucessivos, mil estilhaços de imagens, semelhantes a um depósito de lixo, onde é cada vez menos provável que uma delas adquira relevo. (2010, p. 107)

A transposição de uma obra literária impressa para a tela ou para qualquer outro suporte nos permite pensar em sua *desmaterialização*. Por um lado, a obra tem uma identidade própria que é reconhecível independentemente da forma em que seja apresentada (livro impresso, filme, e-book, aplicativo etc.); por outro, as

¹²¹ Ainda que relativamente independentes uns dos outros, os pequenos textos que compõem *Cidades invisíveis* se relacionam de forma a constituir um *projeto* da obra. Já no espaço digital, a noção de um todo fechado é bastante relativizada: tudo pode ser potencialmente incluído, se não no corpo principal da obra, por meio de links externos ou de comentários adicionais.

visibilidade

Talvez um dos exemplos mais radicais da opção pela imagem visiva em detrimento da palavra seja o livro *Chopsticks*, uma parceria entre a autora Jessica Anthony e o designer de livros Rodrigo Corral. O livro foi lançado em fevereiro de 2012, tanto no formato impresso quanto no digital – mas é neste último que a narrativa toma sua forma realmente multissensorial, inserindo recursos audiovisuais e valendo-se da conexão à internet para incorporar elementos externos. Voltado para o público juvenil, o livro conta a história de Glory, uma pianista adolescente que se apaixona por um vizinho e desaparece misteriosamente da instituição para músicos-prodígio onde vivia.

A partir de fotos, vídeos, sons, imagens de objetos e outras pistas, o leitor é conduzido pela narrativa, que tem pouco texto verbal – as palavras são usadas apenas dentro de recortes de jornal, cartas ou mensagens de texto trocadas pelos personagens. Talvez o melhor aproveitamento dos recursos do tablet esteja na passagem em que Glory ouve uma velha fita gravada por sua mãe: o áudio disponível para o leitor é bem utilizado, num recurso emocional que não pode ser imitado pela versão impressa.

Paradoxalmente, enquanto anunciam a interatividade como grande vantagem em relação ao livro físico, aplicativos como *Chopsticks* acabam mostrando-se anti-hipertextuais: afinal, a interação do leitor limita-se a tocar a tela para que o app execute ações predeterminadas, como iniciar uma música ou vídeo ou movimentar imagens. Não há espaço para as inscrições do leitor. Não há links para fora do livro, porque o aplicativo é fechado em si mesmo: os recursos externos, músicas e vídeos extraídos da internet, não exigem que o leitor saia do app, mas são incorporados à sua interface. A única interferência real permitida por *Chopsticks* é a escolha de ler o livro numa ordem diferente – mesmo assim, a sequência é gerada aleatoriamente, e não escolhida pelo leitor. (FIM)

especificidades de cada formato agregam significados diferentes, fazendo com que a experiência de leitura esteja intimamente ligada ao suporte.¹²²

5ª) **multiplicidade**: Esta característica para Calvino representa a excessiva ambição de propósitos que pode ser reprovada em muitos campos da atividade humana, mas não na literatura. “A literatura só pode viver se se propõe a objetivos desmesurados, até mesmo para além de suas possibilidades de realização” (p. 126). Aproximando-se ao máximo do hipertexto, Calvino define o romance contemporâneo “como enciclopédia, como método de conhecimento, e principalmente como rede de conexões entre os fatos, entre as pessoas, entre as coisas do mundo” (2010, p. 121). O uso do termo “rede” nos remete diretamente à web, aos hiperlinks, às redes de compartilhamento de informação.

6ª) **consistência**: Este tópico não chegou a ser escrito por Calvino, mas com base em propostas anteriores, entende-se esta conferência como a estrutura coesiva que articula todos os elementos da obra.

Calvino nunca deixa de destacar que suas propostas não são normas obrigatórias: ao abordar a leveza, não nega o valor do peso; ao defender a rapidez, não despreza o retardamento. Cada proposta remete a uma escolha possível para o autor, que deverá ser articulada aos demais elementos do texto, de forma a construir uma narrativa *consistente*.

A consistência não descarta a possibilidade de contradições internas dentro da obra, mas é a construção racional de uma certa unidade de escrita que se apreende do texto e que constrói-se dentro do próprio texto. Essa característica remete ao ato da navegação, por meio da qual praticamos esta esrileitura.

¹²² Na atualidade, muitas obras literárias já são concebidas tendo em vista uma adaptação cinematográfica; hoje começam a despontar obras pensadas também para outras mídias, como aplicativos ou projetos *transmídia*, isto é, que incluem o livro impresso, games, uma experiência online ou outros suportes. Se estas novas maneiras de narrar podem ou não ser chamadas de *literatura* é uma outra questão. Alguns estudiosos já intitulam esse formato de literatura digital de narrativas. Mas o fato de cada formato dar margem a uma experiência de leitura diferente abre a possibilidade para que o autor ou o editor (ou ambos em conjunto) faça uso das ferramentas específicas de um ou outro meio para visar com cada um diferentes públicos e diferentes leituras. Os formatos, assim, não seriam concorrentes, mas complementares.

multiplicidade:

Calvino, não só neste romance, mas em toda a sua obra, buscou representar o mundo como um emaranhado de elementos heterogêneos que valoriza e concorre para a complexidade inextricável de cada evento. Nos seus textos, bem como em cada episódio de *Se um viajante numa noite de Inverno*, cada objeto mínimo é visto como o centro de uma rede de relações da qual o escritor não consegue se esquivar, multiplicando os detalhes a ponto de suas descrições e divagações se tornarem infinitas. De qualquer ponto que parta, seu discurso se alarga de modo a compreender horizontes sempre mais vastos, e se pudesse desenvolver-se em todas as direções acabaria por abraçar o universo inteiro.

Em nossa época a literatura vem se impregnando dessa ambição de representar a multiplicidade das relações, em ato e potencialidade [...] O que toma forma nos grandes romances do século XX é a idéia de uma enciclopédia aberta, adjetivo que certamente contradiz o substantivo enciclopédia, etimologicamente nascido da pretensão de exaurir o conhecimento do mundo encerrando-o num círculo. Hoje em dia não é mais pensável uma totalidade que não seja potencial, conjectural, múltiplice. (CALVINO, 1998, p. 127-131).

Temos, então, a forma da busca pela multiplicidade, a *fórmula* da busca pela memória das leituras, o *motivo* da busca pelo leitor, o *efeito* da busca pela interatividade da leitura com o leitor, da escrita com o escritor, da obra com o criador. Este é um perfeito exemplo de *consistência* interna que se elabora por meio do poder da prática discursiva da *metalinguagem*, da linguagem sobre a linguagem, via o exercício da *intertextualidade*, ou mais precisamente o diálogo do texto com o próprio texto.

Esta consistente multiplicidade exaustivamente trabalhada por Calvino favorece a ampliação da relação dialógica e da *transtextualidade* em *Se um viajante...* A partir da noção, já clássica, de intertextualidade, que vem, principalmente, de Debray - Genette e de Julia Kristeva, firma-se a acepção de *transtextualidade*. Pois, não há texto sem *transcendência textual*, isto é, tudo que coloca um texto em relação manifesta ou secreta com outros textos. (FIM)

Esta análise comparativa entre literatura e tecnologias faz-me lembrar de um inesquecível debate entre o pedagogo brasileiro, Paulo Freire, e o educador sul-africano, Seymour Papert. O sul-africano defendia a ideia de que a educação formal como conhecida estava no fim de seu ciclo, pois a tecnologia eliminaria professores e escolas tradicionais. Já o brasileiro defendia uma mudança profunda na Educação¹²³. Durante o debate, os dois foram brilhantes em seus pontos de vista, mas não chegaram propriamente a um consenso.

Após a esse debate, algumas décadas se passaram, e vê-se que a maior parte das instituições de ensino ainda continua utilizando o modelo de educação de séculos atrás, em que prevalece a hierarquia de um que ensina e quarenta que aprendem. Muitos professores ainda acreditam que os estudantes são sacos vazios ansiosos pelo preenchimento de conhecimentos.

Neste cenário, a internet reconfigura o papel do professor, que agora é mediador do conhecimento, e considerando este novo espaço onde circula os saberes, o diálogo é predominante. O internauta não está mais apenas na condição de aprendiz, mas também de professor.

Essa mudança tão radical impõe grandes desafios ao sistema educacional e, possivelmente, esta nova postura do aluno cause tanto estresse aos professores que acabam estes desembocando na resistência à inserção das novas tecnologias.

O debate entre Seymour Papert e Paulo Freire hoje, graças à tecnologia, está disponível no YouTube¹²⁴. Papert estava certo quanto à tecnologia, mas foi Freire quem anunciava as pedagogias do século 21, baseadas no diálogo, colaboração e problematização da realidade.

A educação 2.0 é, portanto, o conjunto das pedagogias freirianas, entre outras, viabilizadas pelo avanço tecnológico, disponível para toda a humanidade.

¹²³ Paulo Freire em sua obra propôs a Pedagogia do Diálogo, em que o educador e o educando se tornam parceiros no crescimento humano. O educando passa a ter voz ativa no processo de aprendizagem, o que contribui para sua autonomia de pensamento. Freire também defendeu a pedagogia do oprimido. Ao analisar a pedagogia tradicional, demonstrou seu viés político no sentido de padronização dos estudantes por meio de uma cultura da opressão. Sua pedagogia, por outro lado, priorizava a leitura crítica do mundo por parte do próprio educando.

¹²⁴ Disponível em: <http://youtu.be/BejbAwuEBGs>. Acesso em 18/09/2013

As pedagogias de Freire, para quem “a importância do ato de ler precede à leitura da palavra”, são obras sobretudo literárias, pelas quais o saber da experiência, que nos ensina a viver humanamente, se faz presente.

Engana-se quem pensa que Freire se opunha às tecnologias. Em um diálogo com Papert, cujo tema foi o futuro da escola e os novos meios de comunicação no modelo de escola atual, Paulo Freire faz a seguinte constatação:

a minha questão não é acabar com escola, é mudá-la completamente, é radicalmente fazer que nasça dela um novo ser tão atual quanto a tecnologia. Eu continuo lutando no sentido de pôr a escola à altura do seu tempo. E pôr a escola à altura do seu tempo não é soterrá-la, mas refazê-la. (FREIRE & PAPERT, 1996)

Freire defendia a atuação docente em ambientes interativos, com a utilização de recursos audiovisuais como o vídeo, a televisão e a informática no processo de ensino e de aprendizagem, ou seja, com os recursos de sua época. Mas não aceitava a sua utilização de forma acrítica. Quanto às tecnologias na prática pedagógica, Freire se posicionava: “nunca fui ingênuo apreciador da tecnologia: não a divinizo, de um lado, nem a demonologizo, de outro. Por isso, sempre estive em paz para lidar com ela.” (Freire, 1996, p. 97)

A pedagogia preconizada por Paulo Freire (1993) caracteriza-se por uma prática pedagógica reflexiva e transformadora. A educação, nesta proposta, busca contribuir no processo de transformação social. Ser professor, para Freire (1998), implica em um compromisso constante com as práticas sociais.

Moulthrop e Kaplan (1994, p.221) ao tratarem sobre o núcleo deste saber que circula no ciberespaço, ou seja, o hipertexto, particularmente citando sua categorização realizada por Michael Joyce em hipertexto exploratório e hipertexto construtivo, ponderam sobre ambas as categorias, e afirmam que o hipertexto exploratório mantém uma certa autonomia do autor do texto original, mantendo essa alternativa muito da passividade do texto escrito. Já o construtivo, o texto original deve ser tão aberto que permita interconexões e controle do usuário. A pergunta que se põe à Escola é sugerida pelos autores:

“Que valor têm essas mudanças para os estudantes e professores de texto? O que podemos nós e nossos alunos fazer com hipertextos construtivos em sala de aula?”

A primeira resposta dada pelos autores é que as fronteiras entre ler e escrever se tornam mais tênues. Entretanto, muitos dos mitos que envolvem o hipertexto são derrubados. Na atividade hipertextual, não há a passagem de um discurso finito, tal qual no livro impresso, para um discurso infinito, como sugerem alguns teóricos. Embora a característica do hipertexto permita sempre uma nova ligação, fazendo com que o texto não seja completamente fechado, isso sugere que o seu fechamento se dê no momento em que se desejar. Quanto à noção de autoria, pode-se dizer que se alteram as relações hierárquicas entre livro, autor e leitor, contudo a autoria não é extinta por completo.

O hipertexto, portanto, altera profundamente as relações do saber a partir do momento que viabiliza vários níveis de tratamento de um tema, oferecendo numa proposta rizomática múltiplos graus de profundidade simultaneamente já que não têm sequência, nem topicidade definida, mas liga textos não necessariamente correlacionados.

Se consideramos o incessante convite a escolhas muitas vezes inconsequentes, é possível afirmar que uma leitura proveitosa do hipertexto exige um maior grau de conhecimentos prévios e maior consciência quanto ao buscado. Se considerarmos o stress cognitivo que a sobrecarga hipertextual pode causar ao aluno, faz-se importante uma reflexão prévia antes de utilizar o hipertexto como instrumento de ensino em sala de aula, pois exigirá cognitivamente do aluno muito mais do que o livro impresso.

Certamente, um longo e extenuante caminho de reflexões se abre aqui, tendo em vista que a produção hipertextual, para o ensino relacionado à produção e compreensão de textos, é incontornável, já que a era digital é um caminho sem volta. Com isso, surgem profícuos estudos sobre a cognição dos navegadores-leitores, e muitos desafios como prevê Marcuschi (2011, p.108):

É provável que, no futuro, exigências ainda mais complexas que hoje serão feitas aos usuários do hipertexto, e para os teóricos isto representa um esforço de desenvolver uma nova teoria da compreensão que

considere em especial os processos inferenciais para além das relações intratextuais.

O autor ainda sinaliza que certamente um dos desafios mais sérios do hipertexto se dará na área da produção e educação, pois na tecnologia seus princípios já estão claramente definidos, o mesmo não ocorre na Educação. Marcuschi, então, complementa sua previsão:

O hipertexto acarretará redefinições curriculares, revisão e identificação de fontes e estabelecimento de um corpo de conhecimentos que possibilite a ordenação do fragmentário. Exigirá a solução dos problemas relativos à noção de relevância, e, não por último, teremos que rever nossos sistemas de classificação e ligação dos conhecimentos. (MARCUSCHI, 2001, p. 108,109)

A internet como as novas tecnologias são ferramentas que fazem parte da sociedade atual, mas a sua utilização na educação requer uma pedagogia crítica e reflexiva. Acredito, portanto, que a escola que ainda não introduziu as novas tecnologias em sua proposta pedagógica, por cautela ou preconceito, procedem bem em não fazê-lo.

Pierre Lèvy (1993), ao propor um diálogo sobre a “introdução” dos computadores nas escolas, ele cita o caso específico da França, onde foi investido uma quantia significativa tanto em equipamentos quanto na formação de professores. O filósofo argumenta que apesar de haver diversas experiências positivas no país, o resultado no todo foi muito decepcionante.

Ele atribui a isso o fato da instituição Escola se basear no falar/ditar do mestre, na escrita manuscrita do aluno e, há quatro séculos, em seu uso moderado da impressão. Nada diferente de uma realidade global.

A **questão 13** do formulário de pesquisa na qual faço a seguinte pergunta:

13. Quais as atividades realizadas no seu ano escolar que envolvem leitura e escrita de textos? Algumas dessas atividades te incentivaram a ler mais ou a escrever mais?

Texto de resposta, respostas: 16x, Não respondido: 0x

A aluna Teresa Suarez (13 anos, 8º ano) responde pontualmente:

- Na escola temos que escrever textos e ler livros. Sim, eu sempre leio os livros que a escola pede.

Uma declaração dessas tão enfática, me fez lembrar o livro *Ler, Escrever e Fazer conta de cabeça*, de Bartolomeu Campos de Queirós. Parece que estamos na Escola pra isso e ponto. De um lado, temos a automatização da escrita, e, de outro, a tradição livresca, ou melhor, a tirania do livro, sempre associados às atividades escolares, projetos de leitura, desafios de leitura, produções textuais que seguem as regras de exames nacionais de ingresso à universidade.

Segundo Lèvy, o fracasso na introdução tecnológica na França deve-se, de um lado, à iniciativa do governo em providenciar material da pior qualidade, defeituoso, fracamente interativo, e pouco adequado aos usos pedagógicos. De outro lado, ele aponta a limitação na formação de professores, que se limitou aos rudimentos da programação, como se fosse a única possibilidade de uso do computador.

Ao referenciar a literatura por seus atributos como uma potencial mediadora das novas tecnologias, não há a pretensão de associar o prazer do texto aos recursos que promovem a interatividade, como se as tecnologias fossem a panaceia da Educação. Não! É provável, como afirma Chartier, que seja apenas uma questão de tempo a adoção da cultura digital para leitura/escrita. Por outro lado, as novas práticas de leitura e escrita na era digital impuseram desafios também à literatura, e intrinsecamente ao mercado editorial, que hoje, seja livro-isca ou objeto-livro, transforma a publicação em objetos de consumo, cujo foco está na arte da diagramação, encadernação, enfim no design e nem tanto no conteúdo.

Na obra *Tecnologias da Inteligência*, logo em sua introdução, Lèvy magistralmente traduz com precisão e de forma sintética o meu percurso nos estudos sobre a era digital:

Novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática. As relações entre os homens, o trabalho, a própria inteligência dependem, na verdade, da metamorfose incessante de dispositivos informacionais de todos os tipos.

Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada. Não se pode mais conceber a pesquisa científica sem uma aparelhagem complexa que redistribui as antigas divisões entre experiência e teoria. Emerge, neste final do século XX, um conhecimento por simulação que os epistemologistas ainda não o inventariaram. (LÉVY, 1993, p.7)

O fato é que essa geração *touch* não toca apenas em suportes tecnológicos, mas ao navegarmos nos hiperlinks desta dissertação, podemos constatar o quanto os adolescentes, alvo desta pesquisa, desmitificam toda frivolidade, dentre outros preconceitos, atribuídos às novas tecnologias, ao compartilharem suas experiências literárias que ocorrem dentro e fora da rede.

O entrelaçamento da literatura e hipertexto é perfeito, como sugere Calvino na Obra “Seis propostas para o próximo milênio”, visto que o hipertexto constitui uma metáfora válida para todas as esferas da realidade em que significações estejam em jogo.

No ciberespaço ou não, eles também são tocados pelo prazer do texto, este não se ensina, como diz Rubem Alves, em belíssima crônica, parafraseando Barthes: “(...) cada texto literário tem também o seu próprio tempo. Há textos que devem ser lidos ao ritmo de uma criança pulando corda e dando risadas”.

Nesta crônica intitulada “Como ensinar o prazer de ler”¹²⁵, Rubem Alves conta sua experiência de leitura em sala de aula do poema O caminho não escolhido de Robert Frost:

O poema pede para ser lido vagarosamente. Terminada a leitura, não me atrevi a dizer nada. É preciso que haja silêncio. A música só existe sobre um fundo de silêncio. É no silêncio que a beleza coloca os seus ovos. É no silêncio que as palavras são chocadas.

Passados alguns momentos de silêncio, Rubem Alves diz ter lido novamente o mesmo poema, com a mesma música. E aí, então, no silêncio que se seguiu à segunda leitura, ouviu um soluço no fundo da sala, uma aluna que chorava. Diante

¹²⁵ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u778.shtml>. Acesso em: 15/07/2013.

do soluço, diz ele que o poema não mais importava, dirigiu-se, então, à moça e perguntou o que estava acontecendo, e ela respondeu que não sabia, mas aquele poema a fez chorar.

Rubem Alves diz na crônica que a beleza e o mistério daquele momento se justificam por ele não ter se disposto a interpretar o poema, o que certamente representa uma quase obsessão dos programas escolares atuais, e o escritor arremata:

Se o meu propósito fosse interpretar o poema de Frost, para aproveitar o tempo, eu o teria lido um pouco mais depressa, teria desprezado o silêncio e não teria repetido a leitura. Essas coisas nada têm a ver com a interpretação. A interpretação acontece a partir daquilo que está escrito, - se devagar ou depressa, não importa. Minha primeira pergunta teria sido: "O que é que Robert Frost queria dizer?". Toda interpretação começa com essa pergunta. É a pergunta que surge numa zona de obscuridade: há sombras no texto. O intérprete é um ser luminoso. Não suporta sombras. Ele traz suas lanternas, suas ideias claras e distintas, e trata de iluminar os bosques sombrios... Não percebe que, ao tentar iluminar os bosques, dele fogem as criaturas encantadas que habitam as sombras. Esquecem-se do que disse Gaston Bachelard: "Parece que existem em nós cantos sombrios que toleram apenas uma luz bruxuleante...". O inconsciente é um bosque sombrio...

E assim acontece o fenômeno literário, quando a fantasia do leitor dialoga com a fantasia do escritor, e escreve-se, então, a terceira obra...Por isso, se julgamos uma obra pelo prazer do texto, não é possível dizer se ela é boa ou ruim, mas entende-la o que ela significa para nós enquanto leitores de uma determinada época. O que certamente, podemos afirmar, como Bloom (2001) é que não existe só um modo de ler, mas uma razão para ler. Para o autor, lemos em busca de prazer e devido à satisfação de interesses pessoais. A fórmula de leitura, então, é “encontrar algo que nos diga respeito, que possa ser utilizada como base para avaliar, refletir, que pareça ser fruto de uma natureza semelhante a nossa, e que seja livre da tirania do tempo” (BLOOM, 2001, p.18).

Nesse sentido, a Escola tem uma grande responsabilidade, no entanto, como diz Bartô, suas pretensões é menos do que a arte possibilita. “A escola empobrece a literatura quando interrompe o voo permitido por ela.”

Minha experiência de leitura passa pelo hipertexto e seus labirintos na era digital, sendo um deles o Facebook, que, além de ser uma leitura de nós, também

se faz um importante *locus* das novas práticas de leitura e escrita; dos escreitores Web 2.0, que experimentam a literatura como no pavilhão de espelhos, projetando-se neles e além deles, na forma como são tocados por meio dos cinco sentidos dessa geração *touch*. “Que história lá embaixo espera o fim? – pede, ansioso (o Leitor) por ouvir a narrativa.”

Entretanto, esta narrativa hipertextual – que, como no poema de Frost, se bifurca em tantas outras leituras, – não terá fim, será reescrita por você, mas só terá sentido se escrevê-la à moda Rubem Alves...

8.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ELETRÔNICAS

AMORIM, Galeno (org.). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008. 232p.

AQUINO, Maria Clara. **O Hipertexto como Estrutura Editorial Básica da Internet: Construção Coletiva e Interatividade na Escrita Hipertextual**. 2004.

ALVES, Rubem. Como ensinar o prazer de ler. Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u778.shtml>. Acesso 15/07/2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Editora Cultrix, 1984.

_____. **O prazer do texto**. Tradução J. Guinsburg. 4ªed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1996.

_____. **S/Z**. Edições 70, 1999.

BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Tradução José Roberto O'shea. Rio de Janeiro.

BORGES, Jorge Luis. **Obras completas**. vol. 3. São Paulo: Globo, 1999. 576 p. 381.

BUSH, Vannevar. **As we may think**. Atlantic Monthly, n. 1, p.101-108, July 1945. Disponível em:
<http://www.ps.unisb.de/~duchier/pub/vbush/vbushall.shtml>]. Acesso em 10/08/2012.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: **Ciência e cultura**. São Paulo. USP, 1972.

CANDIDO, Antonio. **O direito a literatura; O esquema de machado de Assis**. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Companhia das Letras, 1990. 1ªed. [Lezioni americane Sei proposte per il prossimo millennio, 1988]. Tradução Ivo Barroso. →

_____. **Se um viajante numa noite de inverno**. Companhia das Letras, 1990, 1ªed. [Se una notte d'inverno un viaggiatore, 1979]. Tradução: Nilson Moulin.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Leitores, Espectadores e Internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CAILLÉ, Alain. **Antropologia do Dom. O terceiro paradigma**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CHARTIER, Roger. **Aventura do livro – Do leitor ao navegador**. São Paulo, UNESP, 1998.

_____. **Os desafios da escrita**. Trad. Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: UNESP, 2002.

CHALHUB, Samira. **A metalinguagem**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1998.

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da Citação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. →

FNLIJ. Homenagem a Bartolomeu Campos de Queirós. Disponível em: <http://www.fnlij.org.br/site/publicacoes-em-pdf/item/307-exposi%C3%A7%C3%A3o-bartolomeu-campos-de-queiroz.html>. Acesso em 02/03/2014.

_____. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. 57 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. →

_____. **A importância do ato de ler: em três ensaios que se completam**. 27 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

FRIEDMAN, Thomas L. **O mundo é plano**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HALLIDAY, M. A. K. **Literacy and linguistics: a functional perspective**. In R. HASAN & G. WILLIAMS (Eds.). *Literacy in Society*. London and New York, Longman, pp. 339-376, 1996.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. **A que chamamos pensar?** Tradução de Edgar Lyra, Max Niemeyer, 1954.

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, v. 1.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JENKINS, H. **Cultura de convergência**. Tradução Suzana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

KRISTEVA, Julia. **Semiótica do romance**. Tradução de Fernando Cabral Martins, Lisboa: Arcádia, 1978.

LANDOW, George P. **Hypertext 2.0. Hypertext: the convergence of contemporary Critical Theory and technology**. Maryland: The John Hopkins University Press, 1997.

LARROSA, Jorge. **Estudar**. Oficina Escrita e experimentação. DIF/Grupo de Currículo de Porto Alegre, UFRGS, 2003 [impresso].

_____. Vir ao mundo, entrar na escola: a hospitalidade da leitura. Seminário na PUC-Rio, out/2012.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na área da informática**. São Paulo: Editora 34, 1993.

_____. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000. →

LIMA, Mads. **Análise de conteúdo: estudo e aplicação**. Rev Logos 1993, p.53.

Manifesto por um Brasil Literário. Disponível em: <http://www2.brasilliterario.org.br/pt/manifesto/o-manifesto>. Acesso em: 13/07/2013.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula**. Linguagem & Ensino, vol. 4, nº1, 2001, pp. 79-111.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Desafios culturais da comunicação e educomunicação**. In: Revista Comunicação & Educação, nº18, maio/agosto de 2000.

MAUSS, Marcel. **O ensaio da dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2008.

MIELNICZUK, Luciana; PALACIOS, Marcos. **Considerações para um estudo sobre o formato da notícia na web: o link como elemento paratextual**. In: MOTTA, Luiz Gonzaga et al. Estratégias e culturas da comunicação. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. (Comunicação; v.1). *Revista Comunicação & Educação*, nº18, 2000.

MOWERY, David C.; ROSENBERG, Nathan. **Trajetórias da inovação**. A mudança tecnológica nos Estados Unidos da América no século XX. Trad. Marcelo Knobel. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2005. (Clássicos da Inovação).

NADKARNI, A.; HOFMANN, S.G. **Why do people use Facebook? Personality and Individual Differences**, p. 243-249, 52, 2012.

NUNES, José Mauro. **Fundamentos da Psicologia: Linguagem e Cognição**. Ed. LTC, 2006.

PALACIOS, MARCOS. **Jornalismo literatura: Combinando pesquisas com experiências didáticas**. In: Revista Texto digital. Ano 2 n.1 2006. Disponível em <http://www.textodigital.ufsc.br/num02/palacios.htm>.

PAPERT, Seymour M. **A Máquina das Crianças: Repensando a escola na era da informática** (edição revisada). Nova tradução, prefácio e notas de Paulo Gileno Cysneiros. Porto Alegre, RS: Editora Artmed, 2007.

PAZ, Octávio. **Signos em rotação**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2003.

PELISOLI, Ana Cláudia Munari Domingos. **Do leitor invisível ao hiperleitor. Uma teoria a partir de Harry Potter**. Tese de doutorado, PUC-RS, jan/2011.

PESSOA, F. O Guardador de Rebanhos. In: **Poemas de Alberto Caeiro**. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 10ª ed. 1993, p.50.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica e literatura**. São Paulo: Perspectiva, 1974

PLAZA, Julio. **Arte e interatividade: autor-obra-recepção**. In: Arte e Tecnologia da Imagem, 2001, p. 29-42.

PRENSKY, Mark. **Não me atrapalhe, mãe – Estou aprendendo!** São Paulo: Phorte Editora, 2010.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira; RECUERO, Raquel da Cunha. **Hipertexto Cooperativo: Uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia**. In: VII Seminário Internacional da Comunicação 2003, Porto Alegre, Anais. Porto Alegre, 2003.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Os cinco sentidos**. Belo Horizonte: Miguilim, 1999.

_____. **Menino temporão**. In: O jogo do livro infantil. Belo Horizonte: Editora Dimensão, 1997. p.41-43. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/umberto-eco-bartolomeu.pdf>. Acesso em 01/10/2013.

_____. **Ler, Escrever e Fazer conta de cabeça**. São Paulo: Global, 2004.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. Disponível em

<http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/redessociaisnainternetrecuero.pdf>. Acesso em: 27/06/2013.

RICOUER, Paul. **Percurso do Reconhecimento**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

RYAN, T., & XENOS, S. **Who uses Facebook?** An investigation into the relationship between the Big Five, shyness, narcissism, loneliness, and Facebook usage. *Computers in Human Behavior*, 27(5), 2011.

SALDANHA, F.A.M. **Do Sujeito capaz ao sujeito de direito: um percurso pela filosofia de Paul Ricoeur**. Tese de Doutorado em Filosofia. Coimbra: Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2009.

Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/11211>. Acesso em 05/07/2013.

SALLES, Cecília. **Crítica Genética**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 1992.

SANTAELLA, Lúcia & NÖTH, Winfried. **Imagem: Cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2001.

_____. **Navegar no ciberespaço. O perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2008.

_____. **Pós-humano, por quê?** Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/74/09-luciasantaella.pdf>. Acesso em 07/09/2013.

SNYDER, Ilana. **Hypertext. The electronic labyrinth**. Washington, New York University Press. SPERBER, Dan & Deirdre WILSON. 1986. *Relevance. Communication and Cognition*. Oxford, Blackwell, 1997.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital**. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

TAYLOR, Charles. **A política do reconhecimento**. In: *Argumentos filosóficos*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 241-274.

YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (orgs.). **A experiência da Leitura**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Dunya, 1997.

VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

XAVIER, A.C. **Hipertexto: novo paradigma textual?** In: *Investigações: Linguística e Teoria Literária*, Vol. 12 pp. 177-192. Recife: Editora da UFPE, 2000.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura literária e outras leituras.** In: *Leitura-práticas, impressos, letramentos.* (Org.) BATISTA, Antônio Augusto. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

PERIÓDICOS

Revista Época – Edição Especial Digital, 25 de abril de 2011. A nova infância do computador.

Revista Época – Edição 683, 20 de junho de 2011. O Ensino Digital Funciona.

Revista Época – Edição 702, 31 de outubro de 2011. A Internet faz mal ao cérebro.

Revista Época – Edição Especial nº800, 23 de setembro de 2013. 800 Inovações que Mudaram o Mundo.

Revista Época – Edição 815, 13 de janeiro de 2014. Quem são e o que pensam os novos adolescentes.

Revista Época – Edição 816, 20 de janeiro de 2014. Entrevista “A tecnologia degrada a nossa concentração”.

Revista Época – Edição 817, 27 de janeiro de 2014. Matéria: “Elas largaram o Facebook”.

Revista Veja – Edição Especial nº2125, 12 de agosto de 2009. O Big Bang da Internet.

Revista Veja – Edição nº2217, 18 de maio de 2011. Por que Ler ainda é Decisivo.

Revista Veja – Edição nº2300, 19 de dezembro de 2012. Ler e Escrever na Era Digital.

Revista Veja Rio – 23 de outubro de 2013. Os Instachatos.

Revista Info exame – Dezembro/2009. Overdose de Informação.

ANEXOS

ANEXO 1 – Diários de Bordo

Diario de Bordo- Mônica

Por: Mônica Tavares

12 anos

Aluna do 7 ano do Colégio XXX de XXX

O diário foi redigido no word.

Agradeço a oportunidade.

 **Diário de Bordo.docx**
15K [Visualizar](#) [Baixar](#)

Diário de Bordo

Por Mônica Tavares 12 anos

Aluna do Colégio xxx - xxx, 7 ano.

Horário: 20:00

Nessa meia hora visitei sites de minha banda e cantor favorito (Little Mix e Luan Santana respectivamente), querendo saber das atualizações de ambas carreiras, entrei também no site do canal E! (E! online Brasil) a fim de saber das notícias mundiais.

Visitei minhas redes sociais (Twitter, Instagram, Facebook...), dei uma olhada no site da minha escola para confirmar minhas tarefas.

Entre em uma loja de livros online para saber o preço de alguns livros que estou desejando ler. Fiz também algumas pesquisas sobre ecologia, que é um assunto que me interessa bastante e visitei o site da Globo para fazer isso.

Alternei entre esses sites durante essa meia hora.

Durante minha navegação pude aprender muitas coisas produtivas e também vi como nossa sociedade parece regredir ao em vez de evoluir, violência é um assunto cada vez mais presente em noticiários. Fora isso a internet é um ótimo lugar para leitores, pois a muito do que se informar e aprender.

Eu estou querendo escrever meu próprio livro e ao ler sobre variados assuntos me deixa mais segura para escrever, ler bastante em minha opinião, faz com que os jovens de hoje fiquem por dentro de tudo para melhor se preparem para o futuro.

Estou encaminhando o diário de bordo.

 **Diário de Bordo.docx**
14K [Visualizar](#) [Baixar](#)

Diário de Bordo

Meu nome é Brenda Rocha, tenho 13 anos e estou no 7º ano do ensino fundamental do Colégio xxx, xxx.

Comecei minha navegação as 18:15, acessando pelo meu notebook HP, entrando na minha página do facebook, onde vi as notícias mais recentes dos meus amigos.

Entrei no site www.hollywoodlife.com , para ver novidades dos famosos.

Entrei no site br.eonline.com para checar as novidades dos famosos, principalmente sobre todos os rumores da separação de Khloe Kardashian e Lamar Odom. As vezes me estresso vendo essas reportagens, pois as pessoas criam cada rumor idiota sobre coisas totalmente nada a ver.

Entrei no site www.mileybr.com para ver as novidades sobre a cantora Miley Cyrus, que é minha ídola.

Entrei no site www.littlemixbrasil.com para ver as novidades da banda Little Mix, que eu também sou fã, e vejo que em uma entrevista as meninas defenderam a Miley em torno de toda a polêmica causada pelo videoclipe de We Can't Stop, Wrecking Ball e a performance no VMA.

Entrei no www.youtube.com e vi vídeos da Little Mix e da Miley.

Para finalizar a navegação entrei no site de fanfics www.fanfiction.com.br e acessei minha conta para ver as atualizações das fanfics que eu acompanho.

Olá Gabriela ^^ Como você está?

Acabei de responder o seu questionário. Sinceramente, eu adorei fazê-lo!!!

Vou aproveitar esta mensagem para fazer o meu "Diário de Bordo" de hoje:

19:26 - Youtube;

19:28 - Improvável - Troca;

19:37 - Improvável - Troca;

19:41 - Central de Mangás (Naruto Shippuuden 585);

19:44 - Central de Mangás (Naruto Shippuuden 586);

19:48 - Central de Mangás (Naruto Shippuuden 587);

19:51 - Wish - Get amazing offers on products you love;

19:54 - Wish - Get amazing offers on products you love;

19:56 - Wish - Get amazing offers on products you love;

Desculpe-me pela demora, ando meio ocupada esses dias.

Beijos, muito prazer ^^ e obrigada!!!

Paula Paladini ^.^

Diario de bordo da internet

Olá, bom dia! Meu nome é Roberto de Carvalho, tenho 13 anos, e estudo no Colégio xxx. No momento estou usando o Microsoft Office Word. Como eu não posso mexer na internet agora (pois estou de castigo) escreverei aqui o que faço geralmente. Bem, Quando eu entro na internet, fico + ou - 4 horas mexendo no computador. Minha atividade favorita são os jogos do Facebook,

principalmente o jogo “Marvel: Avengers Alliance”. Fico o tempo todo nesse jogo, mas às vezes eu enjoô, aí vou jogar “Dragon City”... Quando eu não estou no Facebook, com certeza ou estou pesquisando sobre Matemática, ou vendo videos no YouTube no canal “Manual do Mundo”, um canal que mostra e ensina a fazer muitos experimentos científicos. Estou sempre fazendo o que aqui foi declarado, não costumo fazer outra coisa. Um abraço, e tchau! Boa sorte com a pesquisa!

Roberto de Carvalho

aki esta o diario de bordo. Larissa Borges

 DDDDDDDDD.doc
22K [Visualizar](#) [Baixar](#)

**BOM AQUI ESTA O DIARIO DE BORDO ESPERO QUE
ESTEJA BOM !**

Bom , em meia hora de internet no ipod entro no facebook , instagram , viber , snapchat , no Google pra ver novidades de unhas decoradas , no youtube para ver vídeos da Zoela , Alfie ... No computador acesso menos coisas como o facebook, instagram bem raramente, Google , vagalume ... Eu gosto bastante de entrar na internet, ficar sabendo das novidades e das fofocas (risos) !

ANEXO 2 – Pesquisa eletrônica Survio



www.survio.com

Pesquisa sobre Leitura, Literatura, Escrita e as Novas Tecnologias

Tabela de Conteúdos

1 Geral	3
2 Visualizar pesquisa	4
3 Visitas do questionário	14
4 Respostas do questionário	15
1. Qual é o seu Nome (se quiser use um nome fictício)?	15
2. Qual é a sua idade?	15
3. Frequento o seguinte ano escolar:	15
4. (1 / 2) Ítalo Calvino, escritor italiano, em sua obra Se um viajante numa noite de inverno, coloca-se no lugar do leitor e entra em uma livraria para escolher o próximo livro que vai ler. O autor cria uma série de títulos que refletem seus sentimentos com relação à leitura e não ao nome do livro. Com quais títulos você se identifica?	15
4. (2 / 2) Ítalo Calvino, escritor italiano, em sua obra Se um viajante numa noite de inverno, coloca-se no lugar do leitor e entra em uma livraria para escolher o próximo livro que vai ler. O autor cria uma série de títulos que refletem seus sentimentos com relação à leitura e não ao nome do livro. Com quais títulos você se identifica?	17
5. O que eu mais gosto de ler é...	17
6. Qual o tipo de texto que você mais gosta de escrever?	18
7. Qualquer maneira de ler vale à pena! Prefiro ler no...	19
Utilizo mais para me comunicar...	19
Referente à pergunta anterior, a escolha deste veículo de comunicação deve-se a qual/quais características?	20
J. THE E-BOOK IS ON THE TABLET Nos dias atuais, são muitas as formas de ler e interagir com os textos. Na sua opinião, o que muda na leitura e escrita com os novos suportes digitais? Quais são os principais atrativos das novas tecnologias no incentivo da leitura e da escrita?	21
L. Para você, ler é...	22
2. Para você, escrever é...	23
3. Quais as atividades realizadas no seu ano escolar que envolvem leitura e escrita de textos? Algumas dessas atividades te incentivaram a ler mais ou a escrever mais?	23
4. Os professores em geral recomendam leituras de livros, artigos, notícias...?	24
5. A recomendação de leitura de textos literários em geral é feita por professores de quais disciplinas?	24
6. Você conhece algum aplicativo ou outros recursos tecnológicos associados à leitura e escrita?	25
7. Você participa de alguma comunidade virtual, blog, site, fórum de discussão em que escreve regularmente? Qual/Quais?	25
18. O colégio adota o uso de algum recurso tecnológico que favoreça à leitura e à escrita? Você já realizou alguma atividade no colégio que associe a leitura e a escrita às novas tecnologias? Fale sobre a atividade.	26
19. Você já leu algum livro em suporte digital?	26
20. Esse livro digital é...	27
21. Os livros digitais são lidos por meio de...	27
22. Como se dá sua experiência de leitura digital?	27
23. Em suas navegações na internet, você tem alguma experiência com a literatura?	28
24. A sua experiência literária na internet se dá por meio de...	28
25. Vou à biblioteca da escola para:	29
26. Frequento a biblioteca da escola:	29
27. Em que situações você mais utiliza a biblioteca para atividades de leitura? (pode assinalar uma ou várias hipóteses).	30
28. Com que frequência você pega livros na biblioteca da escola ou em ambientes virtuais?	31
29. Quando você vai à biblioteca para ler ou pegar um livro, a bibliotecária ou professor(a) dá sugestões de leitura?	31
30. Os professores incentivam à leitura?	31
31. Você costuma participar em atividades de leitura na biblioteca acompanhada/o do professor e de colegas?	32

32. Para você, ler é uma tarefa:	32
33. Como você classificaria suas competências de leitura?	32
34. Para você, qual o maior desafio no ato de escrever?	33
35. Há atividades na escola ou fora dela que o motivam a ler mais?	33
36. Há atividades na escola ou fora dela que o ajudam a encontrar livros interessantes?	34
37. Você já participou em algumas destas atividades?	34
38. Agora leio mais livros.	35
39. Agora leio mais depressa.	35
40. Agora leio livros com textos mais longos.	35
41. Agora leio qualquer tipo de texto e compreendo melhor o que leio.	36
42. Agora fico menos perdido/a, quando procuro informação na Internet.	36
43. Agora estou mais à vontade para discutir sobre preferências de leitura ou outros assuntos.	36
44. Agora tenho melhores resultados escolares, porque estou mais à vontade na leitura.	37
45. Em que medida você considera que a leitura contribuiu para as suas competências de escrita?	37
46. Escrever na web, por meio de redes sociais, blogs e fóruns, representa para você:	37

1 Geral

Nome da pesquisa	Pesquisa sobre Leitura, Literatura, Escrita e as Novas Tecnologias
URL da pesquisa	http://www.surveio.com/survey/d/R2K4X8R5G3G2J7T9L
Início da pesquisa	15. 09. 2013 00:00
Fim da pesquisa	
Descrição	Pergunte aos membros da turma de finalistas sobre a sua experiência na faculdade ou universidade.

2 Visualizar pesquisa

Pesquisa sobre Leitura, Literatura, Escrita e as Novas Tecnologias

Apresentação da Pesquisa

Meu nome é Gabriela Costa. Estou finalizando minha pesquisa de mestrado em novas práticas de leitura e escrita na era digital. A questão central da minha investigação é *O que toca essa geração touch?* E aqui o *tocar* tem dois significados, como você certamente já percebeu. O primeiro seria: o que faz essa geração touch? Quais são suas práticas? e o segundo: O que afeta essa geração touch?

A pesquisa é destinada apenas a alunos que frequentam os 6º, 7º, 8º e 9º anos do ensino fundamental, período em que pretendo analisar as relações da leitura, literatura, escrita e tecnologias. Os dados aqui compartilhados serão utilizados somente para fins desta pesquisa de mestrado, e os nomes serão substituídos por nomes fictícios, a fim de preservar a identidade de todos os participantes.

Muito obrigada por particip@r!

Um abraço,

Gabriela Costa

(Se houver dúvidas no preenchimento deste formulário, você pode enviar um e-mail para ggcosta@gmail.com)

1. Qual é o seu Nome (se quiser use um nome fictício)?

. Qual é a sua idade?

. Frequento o seguinte ano escolar:

- ☐ 6
☐ 7
☐ 8
☐ 9

4. **Italo Calvino, escritor italiano, em sua obra *Se um viajante numa noite de inverno*, coloca-se no lugar do leitor e entra em uma livraria para escolher o próximo livro que vai ler. O autor cria uma série de títulos que refletem seus sentimentos com relação à leitura e não ao nome do livro. Com quais títulos você se identifica?**

- ☐ Livros Que Você Não Leu.
- ☐ Livros Que Tem A Intenção De Ler Mas Antes Deve Ler Outros
- ☐ Livros Demasiado Caros Que Podem Esperar Para Ser Comprados Quando Forem Revendidos Pela Metade do Preço
- ☐ Livros Que Poderia Pedir Emprestados A Alguém
- ☐ Livros Que Todo Mundo Leu E É Como Se Você Também Os Tivesse Lido
- ☐ Livros Que Há Tempos Você Pretende Ler
- ☐ Livros Que Dizem Respeito A Algo Que O Ocupa Neste Momento
- ☐ Livros Que Gostaria De Separar Para Ler Neste Verão
- ☐ Livros Que De Repente Lhe Inspiram Uma Curiosidade Frenética E Não Claramente Justificada.
- ☐ Livros Que Você Leu Há Muito Tempo E Que Já Seria Hora De Reler
- ☐ Livros Que Sempre Fingiu Ter Lido E Que Já Seria Hora De Decidir-se A Lê-los Realmente
- ☐ Novidades Em Que O Autor Ou O Tema São Atraentes
- ☐ Novidades De Autores Ou Temas Já Conhecidos (por você ou por todos)
- ☐ Novidades De Autores Ou Temas Completamente Desconhecidos (ao menos por você)

O que eu mais gosto de ler é...

- ☐ HQ
- ☐ Romance
- ☐ Biografia
- ☐ Ficção
- ☐ Fanfictions
- ☐ Poesia
- ☐ Canções
- ☐ Games
- ☐ Crônicas
- ☐ Notícias
- ☐ Contos
- ☐ Outros

6. **Qual o tipo de texto que você mais gosta de escrever?**

7. Qualquer maneira de ler vale à pena! Pretiro ler no...

- ☐ Smartphone
- ☐ Livro impresso
- ☐ Tablet
- ☐ Desktop
- ☐ Netbook
- ☐ Outros

8. Utilizo mais para me comunicar...

- ☐ SMS
- ☐ Facebook
- ☐ Snapchat
- ☐ Twitter
- ☐ Instagram
- ☐ Tumblr
- ☐ Flickr
- ☐ Blog
- ☐ Viber
- ☐ Whatsapp
- ☐ Skype
- ☐ Retrica
- ☐ Outros

Referente à pergunta anterior, a escolha deste veículo de comunicação deve-se a qual/quais características?

- ☐ Usabilidade
- ☐ Praticidade
- ☐ Rapidez
- ☐ Recursos tecnológicos: Quais?

10. THE E-BOOK IS ON THE TABLET Nos dias atuais, são muitas as formas de ler e interagir com os textos. Na sua opinião, o que muda na leitura e escrita com os novos suportes digitais? Quais são os principais atrativos das novas tecnologias no incentivo da leitura e da escrita?

11. Para você, ler é...☐ Atribuir sentido ao lido.☐ Adquirir saberes.☐ Decodificar.☐ Outros. O quê? **12. Para você, escrever é...**☐ Expressão/ Comunicação☐ Autoria/ Autonomia☐ Codificar☐ Outros. O quê? **13. Quais as atividades realizadas no seu ano escolar que envolvem leitura e escrita de textos? Algumas dessas atividades te incentivaram a ler mais ou a escrever mais?****4. Os professores em geral recomendam leituras de livros, artigos, notícias...?**☐ SIM☐ NÃO**5. A recomendação de leitura de textos literários em geral é feita por professores de quais disciplinas?**☐ Geografia☐ História☐ Matemática☐ Língua Portuguesa☐ Ciências☐ Literatura☐ Língua estrangeira☐ Outras. Qual/Quais?

16. Você conhece algum aplicativo ou outros recursos tecnológicos associados à leitura e escrita?

☐ NÃO

☐ SIM Quais?

17. Você participa de alguma comunidade virtual, blog, site, fórum de discussão em que escreve regularmente? Qual/Quais?

18. O colégio adota o uso de algum recurso tecnológico que favoreça à leitura e à escrita? Você já realizou alguma atividade no colégio que associe a leitura e a escrita às novas tecnologias? Fale sobre a atividade.

9. Você já leu algum livro em suporte digital?

☐ NÃO

☐ SIM. Quais?

0. Esse livro digital é...

☐ Um livro em pdf, apenas digitalizado, sem diferença de um livro impresso.

☐ Um livro que contém hiperlinks, com possibilidades de interação e navegação na internet.

21. Os livros digitais são lidos por meio de...

☐ Downloads gratuitos.

☐ Compartilhamento de colegas.

☐ Compras pela internet.

☐ Bibliotecas digitais. Qual ou Quais?

22. Como se dá sua experiência de leitura digital?

- ☐ Lê o livro inteiro.
- ☐ Lê partes do livro.
- ☐ Vai direto ao ponto que te interessa.
- ☐ Lê na ordem sequencial.
- ☐ Lê capítulos fora da ordem.

23. Em suas navegações na internet, você tem alguma experiência com a literatura?

- ☐ SIM
- ☐ NÃO

24. A sua experiência literária na internet se dá por meio de...

- ☐ citações
- ☐ poesias
- ☐ posts sobre livros
- ☐ críticas
- ☐ canções
- ☐ Outros. Qual/Quais?

5. Vou à biblioteca da escola para:

- ☐ Pesquisas escolares.
- ☐ Estudar.
- ☐ Ler livros da minha escolha.
- ☐ Ler livros recomendados pela professora.
- ☐ Realizar trabalho de grupo.
- ☐ Outros. Qual/Quais?

26. Frequento a biblioteca da escola:

- ☐ Diariamente
- ☐ Uma ou duas vezes por semana
- ☐ Uma ou duas vezes por mês
- ☐ Uma ou duas vezes durante cada período
- ☐ Muito raramente e de forma irregular

27. Em que situações você mais utiliza a biblioteca para atividades de leitura? (pode assinalar uma ou várias hipóteses).

- ☐ Sozinho/a
- ☐ Com o/a professor/a
- ☐ Em atividades que a biblioteca organiza
- ☐ Depois das aulas
- ☐ No intervalo do recreio.
- ☐ Nas férias
- ☐ Outros. Qual/Quais?

28. Com que frequência você pega livros na biblioteca da escola ou em ambientes virtuais?

- ☐ Diariamente
- ☐ Uma ou duas vezes por semana
- ☐ Uma ou duas vezes por mês
- ☐ Uma ou duas vezes durante cada período

9. Quando você vai à biblioteca para ler ou pegar um livro, a bibliotecária ou professor(a) dá sugestões de leitura?

- ☐ Sempre
- ☐ Geralmente
- ☐ Às vezes
- ☐ Nunca

0. Os professores incentivam à leitura?

- ☐ Muito
- ☐ Pouco
- ☐ Nada

31. Você costuma participar em atividades de leitura na biblioteca acompanhada/o do professor e de colegas?

- ☐ Muito
- ☐ Pouco
- ☐ Nada

32. Para você, ler é uma tarefa:

- ☐ Prazerosa
- ☐ Desinteressante
- ☐ Cansativa
- ☐ Difícil

33. Como você classificaria suas competências de leitura?

- ☐ Excelentes
- ☐ Boas
- ☐ Médias
- ☐ Fracas

34. Para você, qual o maior desafio no ato de escrever?

5. Há atividades na escola ou fora dela que o motivam a ler mais?

- ☐ NÃO
- ☐ SIM. Qual/Quais?

6. Há atividades na escola ou fora dela que o ajudam a encontrar livros interessantes?

- ☐ NÃO
- ☐ SIM. Qual/Quais?

37. Você já participou em algumas destas atividades?

- ☐ Contação de Histórias
- ☐ Projetos de leitura
- ☐ Realização de oficinas de escrita criativa
- ☐ Elaboração de Jornal/ Newsletter
- ☐ Blog/ Fórum de discussão
- ☐ Concursos de leitura
- ☐ Concursos de Redação
- ☐ Clubes de leitura
- ☐ Outras. Qual/Quais?

<strong style="font-size: 15px;">Comparando suas atividades de leitura agora com as atividades no início do ano, é possível afirmar que...

38. Agora leio mais livros.

- ☐ SIM
- ☐ NÃO

9. Agora leio mais depressa.

- ☐ SIM
- ☐ NÃO

0. Agora leio livros com textos mais longos.

- ☐ SIM
- ☐ NÃO

41. Agora leio qualquer tipo de texto e compreendo melhor o que leio.

- ☐ SIM
- ☐ NÃO

42. Agora fico menos perdido/a, quando procuro informação na Internet.

- ☐ SIM
- ☐ NÃO

43. Agora estou mais à vontade para discutir sobre preferências de leitura ou outros assuntos.

- ☐ SIM
- ☐ NÃO

44. Agora tenho melhores resultados escolares, porque estou mais à vontade na leitura.

- ☐ SIM
- ☐ NÃO

45. Em que medida você considera que a leitura contribuiu para as suas competências de escrita?

- ☐ Muito
- ☐ Pouco
- ☐ Nada

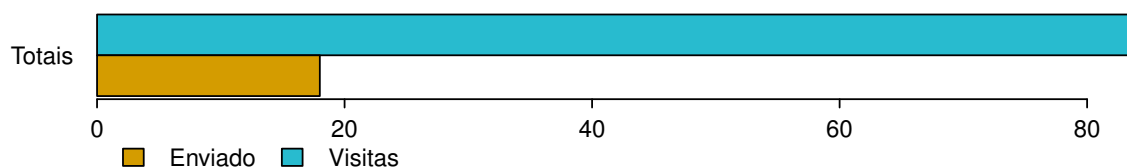
46. Escrever na web, por meio de redes sociais, blogs e fóruns, representa para você:

- ☐ Uma forma de expressão
- ☐ Compartilhar opinião
- ☐ Fomentar o debate de uma questão
- ☐ Um espaço para ser ouvido(a)
- ☐ Outros. Quais?

Obrigado pela sua resposta e pelo seu tempo.

3 Visitas do questionário

Página de questionário	Visitas	Enviado	Enviado %
Totais	84	18	21,43



4 Respostas do questionário

1. Qual é o seu Nome (se quiser use um nome fictício)?

Texto de resposta, respostas: 16x, Não respondido: 0x

- Arthur
- Bruna Jesus
- Carolina Guimarães Tavares.
- Diana
- João vitor peres pimentel
- Julia Chagas
- Júlia
- Laura R.
- Letícia
- Lilian
- Luísa Pinheiro
- Maria Eduarda de Medeiros Simonassi
- Maria Eduarda ou Larissa
- Rebeca Rodrigues Rocha Faria
- Ricardo Carvalho
- Teresa Suarez

2. Qual é a sua idade?

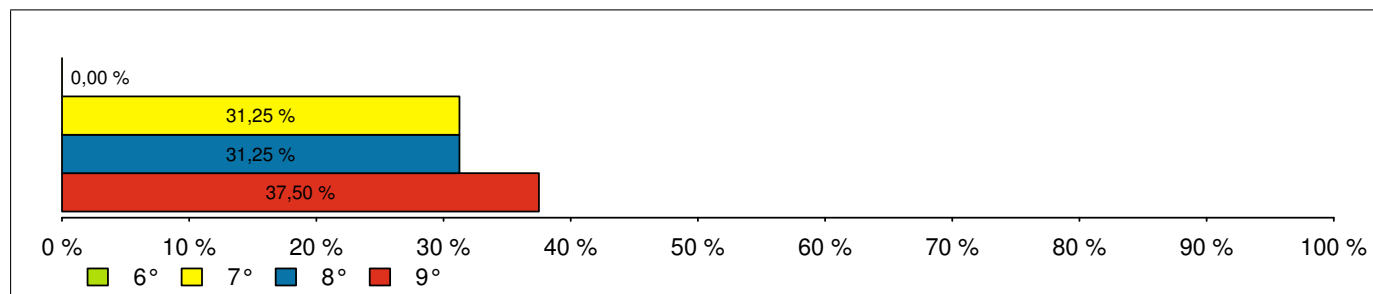
Texto de resposta, respostas: 16x, Não respondido: 0x

- 12 anos
- 13 5x
- 13 anos 3x
- 14 anos 2x
- 14 anos e 10 meses
- 14 2x
- 15 2x

Pré-requisito o seguinte ano escolar:

Resposta única, respostas: 16x, Não respondido: 0x

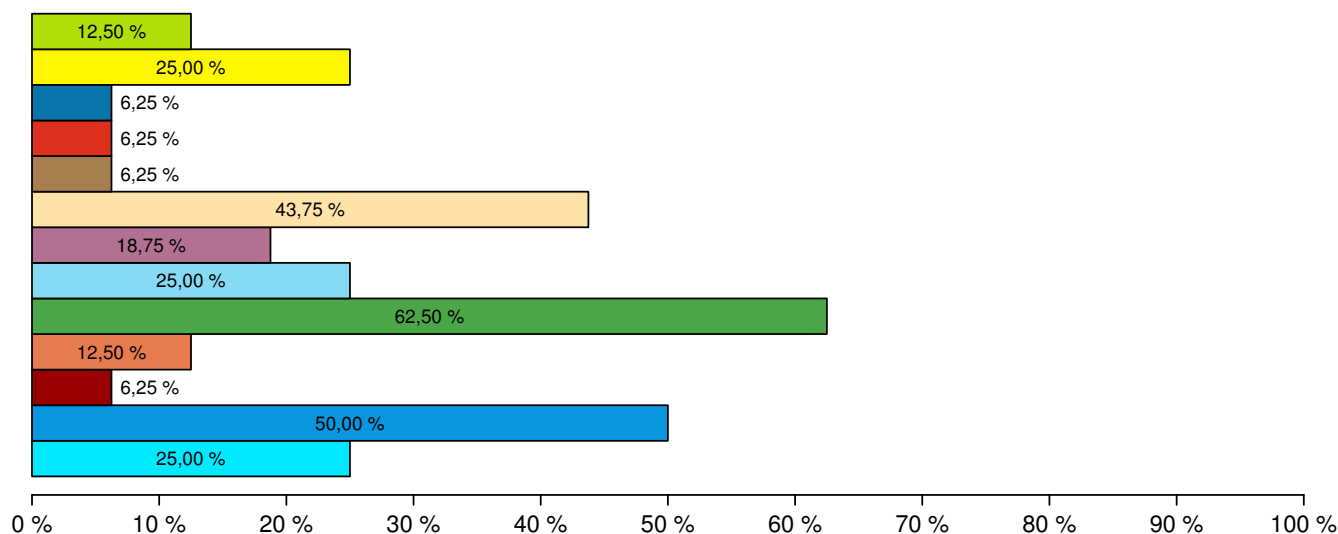
Resposta	Respostas	Ratio
6	0	0,00 %
7	5	31,25 %
8	5	31,25 %
9	6	37,50 %



4. (1 / 2) Ítalo Calvino, escritor italiano, em sua obra *Se um viajante numa noite de inverno*, coloca-se no lugar do leitor e entra em uma livraria para escolher o próximo livro que vai ler. O autor cria uma série de títulos que refletem seus sentimentos com relação à leitura e não ao nome do livro. Com quais títulos você se identifica?

Múltipla escolha, zodpovězeno: 16x, nezodpovězeno: 0x

Resposta	Respostas	Ratio
Livros Que Você Não Leu.	2	12,50 %
Livros Que Tem A Intenção De Ler Mas Antes Deve Ler Outros	4	25,00 %
Livros Demasiado Caros Que Podem Esperar Para Ser Comprados Quando Forem Revendidos Pela Metade do Preço	1	6,25 %
Livros Que Poderia Pedir Emprestados A Alguém	1	6,25 %
Livros Que Todo Mundo Leu E É Como Se Você Também Os Tivesse Lido	1	6,25 %
Livros Que Há Tempos Você Pretende Ler	7	43,75 %
Livros Que Dizem Respeito A Algo Que O Ocupa Neste Momento	3	18,75 %
Livros Que Gostaria De Separar Para Ler Neste Verão	4	25,00 %
Livros Que De Repente Lhe Inspiram Uma Curiosidade Frenética E Não Claramente Justificada.	10	62,50 %
Livros Que Você Leu Há Muito Tempo E Que Já Seria Hora De Rerler	2	12,50 %
Livros Que Sempre Fingiu Ter Lido E Que Já Seria Hora De Decidir-se A Lê-los Realmente	1	6,25 %
Livros Que Dizem Respeito A Algo Que O Ocupa Neste Momento	8	50,00 %
Livros Que Gostaria De Separar Para Ler Neste Verão	4	25,00 %



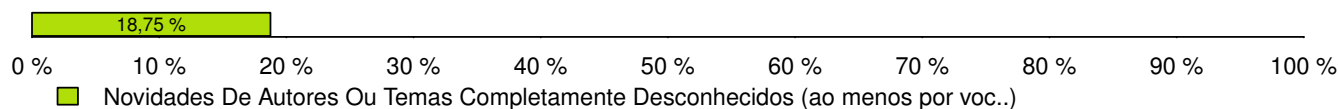
- Livros Que Voc.. N..o Leu.
- Livros Que Tem A Intenç..o De Ler Mas Antes Deve Ler Outros
- Livros Demasiado Caros Que Podem Esperar Para Ser Comprados Quando Forem Revendidos Pela Metade do Preço
- Livros Que Poderia Pedir Emprestados A Alguém
- Livros Que Todo Mundo Leu E É Como Se Voc.. Também Os Tivesse Lido
- Livros Que Há Tempos Voc.. Pretende Ler
- Livros Que Dizem Respeito A Algo Que O Ocupa Neste Momento
- Livros Que Gostaria De Separar Para Ler Neste Ver..o
- Livros Que De Repente Lhe Inspiram Uma Curiosidade Frenética E N..o Claramente Justificada.
- Livros Que Voc.. Leu Há Muito Tempo E Que Já Seria Hora De Reler
- Livros Que Sempre Fingiu Ter Lido E Que Já Seria Hora De Decidir-se A L...-los Realmente
- Novidades Em Que O Autor Ou O Tema S..o Atraentes
- Novidades De Autores Ou Temas Já Conhecidos (por voc.. ou por todos)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1211725/CA

2 / 2) Ítalo Calvino, escritor italiano, em sua obra *Se um viajante numa noite de inverno*, coloca-se no lugar do leitor e entra em uma livraria para escolher o próximo livro que vai ler. O autor cria uma série de títulos que refletem seus sentimentos com relação à leitura e não ao nome do livro. Com quais títulos você se identifica?

Múltipla escolha, zodpovězeno: 16x, nezodpovězeno: 0x

Resposta	Respostas	Ratio
Novidades De Autores Ou Temas Completamente Desconhecidos (ao menos por você)	3	18,75 %



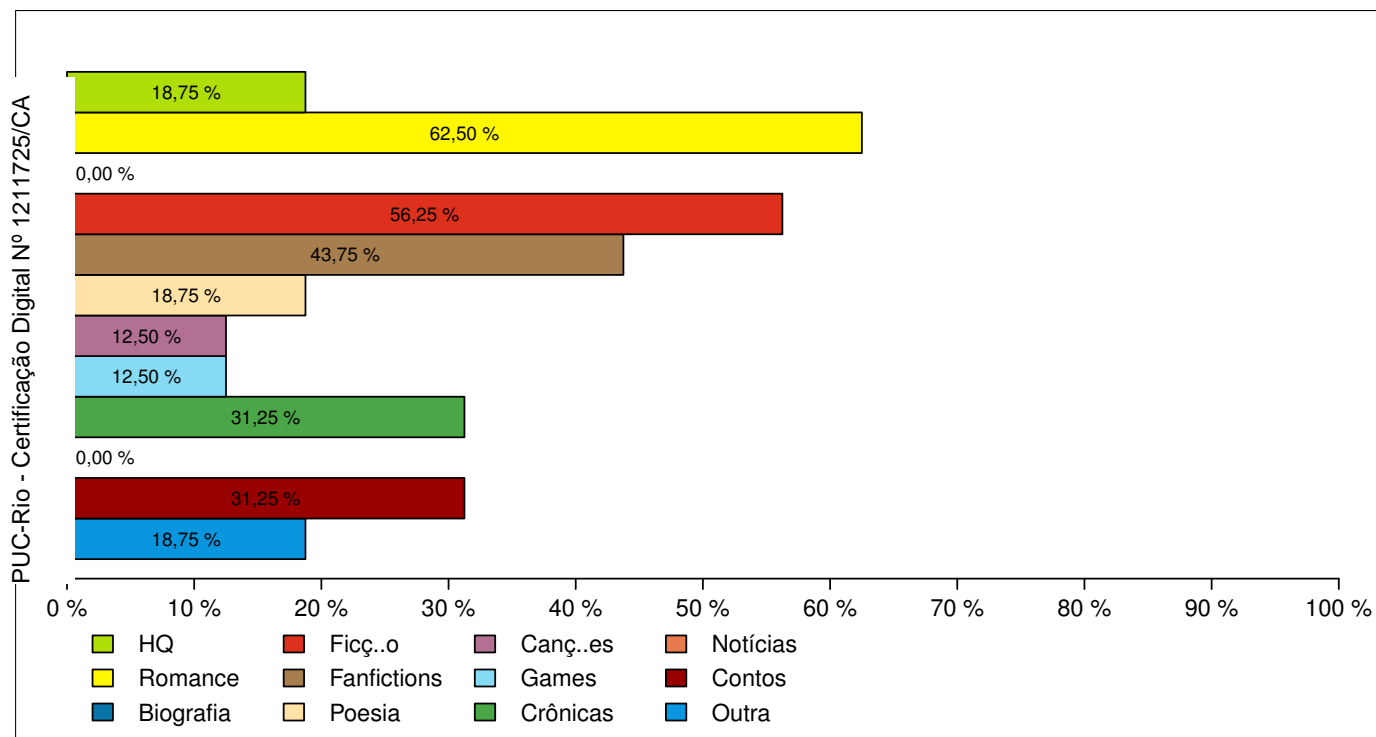
Minhas notas de rodapé

Há um visível interesse pelos títulos "Livros Que De Repente Lhe Inspiram Uma Curiosidade Frenética E Não Claramente Justificada" e Novidades Em Que O Autor Ou O Tema São Atraentes. Ambos situam-se no âmbito da curiosidade, da atração, de algo que lhes desperta o interesse, que lhes toca.

5. O que eu mais gosto de ler é...

Múltipla escolha com a opção "Outros", respostas: 16x, Não respondido: 0x

Resposta	Respostas	Ratio
HQ	3	18,75 %
Romance	10	62,50 %
Biografia	0	0,00 %
Ficção	9	56,25 %
Fanfictions	7	43,75 %
Poesia	3	18,75 %
Canções	2	12,50 %
Games	2	12,50 %
Crônicas	5	31,25 %
Notícias	0	0,00 %
Contos	5	31,25 %
Outros	3	18,75 %



- Mangás
- Fantasia
- Livros Matemáticos

Minhas notas de rodapé

Romances, Fanfictions, Crônicas e Contos. O que predomina é o romance.

6. Qual o tipo de texto que você mais gosta de escrever?

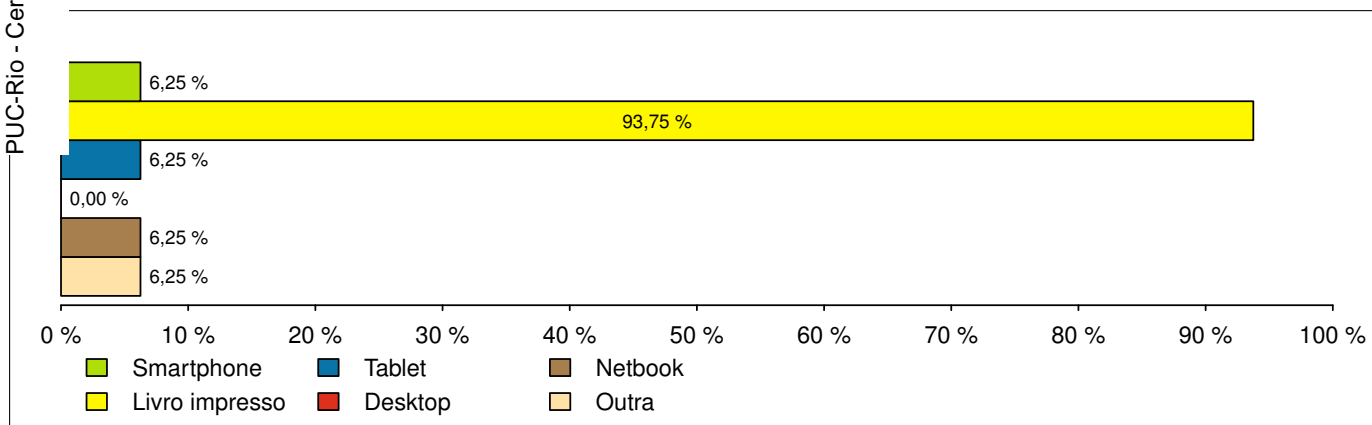
Texto de resposta, respostas: 16x, Não respondido: 0x

- Artigos de opinião
- Drama
- Escrevo fanfictions originais frequentemente e obtenho certo reconhecimento dos outros escritores jovens nos sites que hospedam fanfictions e que costumo visitar. Também trabalho em um livro de ficção que futuramente pretendo publicar. Gosto muito de poesia e canções, e meu sonho é conseguir escrevê-las satisfatoriamente, pois nunca consigo atingir algo que eu considere aceitavelmente bom.
- FICTÍCIOS
- Fantasia (de vez em quando escrevo fanfictions - mas é raro)
- Gosto de escrever histórias sobre o meu dia-a-dia, ocultando nomes. Gosto também de escrever ficções e fanfictions.
- Gosto muito de escrever poesias.
- Narrativos, Dissertativo, entre outros
- Não gosto de escrever, apenas ler
- Poema
- Poesias, e histórias de aventura e ação.
- Redação
- dissertativo argumentativo.
- gosto de textos que falam de amor
- romance
- textos que tem a ver comigo com a minha idade com os meus interesses

7. Qualquer maneira de ler vale à pena! Prefiro ler no...

Múltipla escolha com a opção "Outros", respostas: 16x, Não respondido: 0x

posta	Respostas	Ratio
Smartphone	1	6,25 %
Livro impresso	15	93,75 %
Tablet	1	6,25 %
Desktop	0	0,00 %
Netbook	1	6,25 %
Outra	1	6,25 %

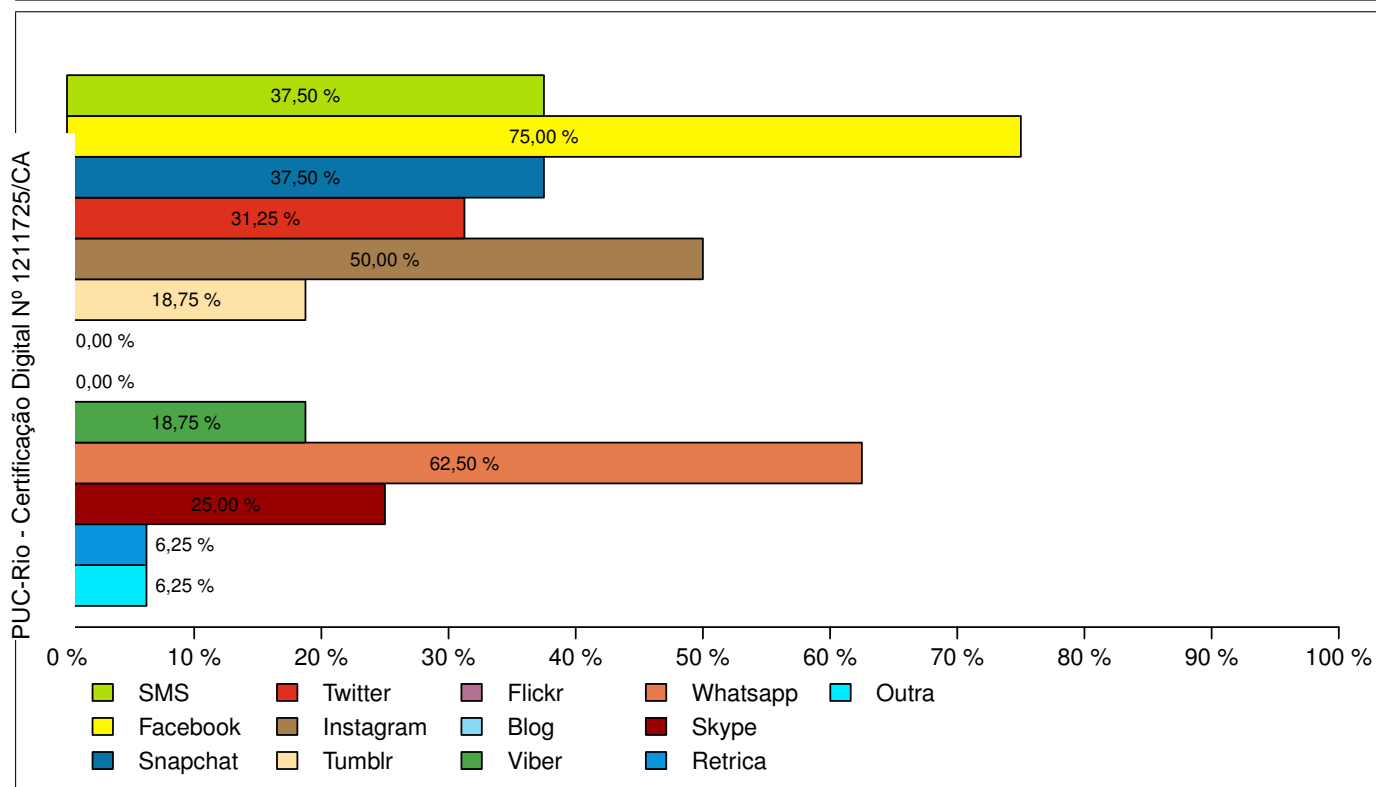


- poesia em postes e muros nas ruas, seja em cartazes, grafites ou panfletos pendurados

8. Utilizo mais para me comunicar...

Múltipla escolha com a opção "Outros", respostas: 16x, Não respondido: 0x

Resposta	Respostas	Ratio
SMS	6	37,50 %
Facebook	12	75,00 %
Snapchat	6	37,50 %
Twitter	5	31,25 %
Instagram	8	50,00 %
Tumblr	3	18,75 %
Flickr	0	0,00 %
Blog	0	0,00 %
Viber	3	18,75 %
Whatsapp	10	62,50 %
Skype	4	25,00 %
Retrica	1	6,25 %
Outros	1	6,25 %

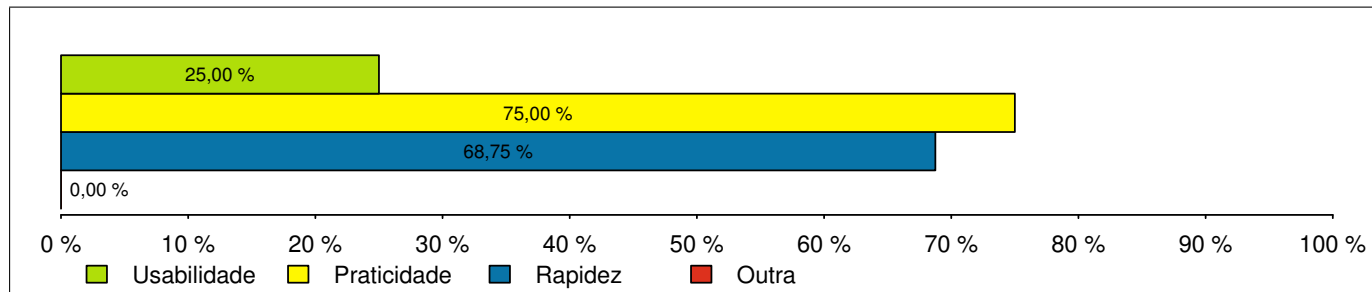


- Email

9. Referente à pergunta anterior, a escolha deste veículo de comunicação deve-se a qual/quais características?

Múltipla escolha com a opção "Outros", respostas: 16x, Não respondido: 0x

Resposta	Respostas	Ratio
Usabilidade	4	25,00 %
Praticidade	12	75,00 %
Rapidez	11	68,75 %
Recursos tecnológicos: Quais?	0	0,00 %



10. THE E-BOOK IS ON THE TABLET Nos dias atuais, são muitas as formas de ler e interagir com os textos. Na sua opinião, o que muda na leitura e escrita com os novos suportes digitais? Quais são os principais atrativos das novas tecnologias no incentivo a leitura e da escrita?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1211725/CA

o de resposta, respostas: 14x, Não respondido: 2x

A praticidade por serem menores e disponíveis a qualquer momento ou local

A qualquer momento você pode pegar o telefone, ou tablet por exemplo, e ler um livro. Não é mais necessário ter uma cópia impressa. Com o telefone é bem fácil de carregar e manusear.

Com os novos suportes digitais é bem mais prático se escrever (e ler). As lojas online, blogs com livros online (eu, particularmente, não leio online, mas conheço muitas pessoas que leem).

- Com os novos suportes digitais, na minha opinião, a escrita fica um pouco prejudicada pelo fato dos programas (como o "Word", por exemplo) corrigirem os erros ortográficos cometidos. No entanto, em relação à leitura, penso que há um ponto positivo nisso pois, com a facilidade dos meios tecnológicos e mesmo o livro não sendo impresso, as pessoas não deixarão de ler por causa disso. Além disso, a escrita torna-se mais prática, "barata" e, também, evita o consumo de papel.
- Em minha opinião o que muda é que os livros comprados pela internet ou os de graça são conseguidos com mais facilidade e até mais baratos, porém é muito melhor ter um livro em papel, por tablet computador etc é muito mais prejudicial à visão
- Eu acho que força um pouco mais a vista e dificulta um pouco mais. Porém por outro lado facilita o acesso e você poderá ler em qualquer lugar, além de ser mais

fácil de encontrar certos livros, mas nada substitui o prazer de virar as páginas...

- Eu não gosto muito de livros digitais e essas coisas. Prefiro a emoção de juntar seu dinheiro, ir até a livraria, avaliar o projeto impresso, comprá-lo e agradecer ao funcionário pela ajuda. É um sentimento único e emocionante. O trabalho do autor fica mais valorizado e concreto. Ir até um site e baixar o livro é... chato. Para mim, ler é uma paixão. Se você ama ler, você quer sentir a história em suas mãos. E os livros existem desde sempre! Não há nada como, por exemplo, o cheiro de um livro novinho. Essa é a minha opinião. Mas ter um livro em seu celular ou notebook é maravilhoso também. Os suportes digitais deixam tudo mais fácil e acessível. Você pode ler enquanto está em uma fila, ou enquanto está em um aeroporto, qualquer lugar, pois enquanto você carregar o seu celular ou o seu notebook, a história estará ali, esperando para ser lida. E assim, mais pessoas têm acesso à leitura. Pessoas que, talvez, não tenham tempo ou disposição para ir até uma livraria, apoiam as tecnologias de livros armazenados em eletrônicos. Também com os autores. Para o leitor, os suportes digitais são um meio de comunicação com o autor, e com outros leitores. Novas ideias aparecem, outras pessoas se interessam, e assim, a leitura vai se expandindo.
- Na internet você pode ser mais informal
- O que muda é a facilidade com que o leitor/escritor pode se informar e escrever/ler melhor. A praticidade,

mais informação e a facilidade em que os livros são dispostos.

- Os computadores são um grande incentivo na escrita: os escritores escrevem infinitamente mais rápido e conseguem difundir e divulgar seu trabalho com imensa facilidade. Em relação à leitura, já não sou tão a favor. Gosto de sentir o papel dos livros, cheirá-los (sim, amo o cheiro dos livros, principalmente o dos recém-comprados), passar as páginas, poder marcar as frases das quais mais gosto e pretendo refletir sobre posteriormente... Eu tenho, sim, apego material pelos meus livros, envolvo-me com eles, sinto como se passasse um fragmento de mim mesma para eles a cada página. Há sim algo além do que os livros digitais possam oferecer: aqueles doloridos cortes com o papel, a dor no coração a cada amassado ou orelha que se faz... Penso que as novas tecnologias são muito frias, não há tal envolvimento com livros digitais, é muito robótico. Algumas coisas não deveriam ser tão rápidas e mecânicas, como o passar de páginas. Uma das melhores sensações é a de correr rapidamente o dedo pelo papel enquanto prende a respiração a fim de saber de uma vez a continuação de uma narrativa instigante. Muitos alegam que os e-books poupam as pessoas (principalmente as mulheres, com suas pesadas bolsas) de carregar peso. Nesse ponto, eles tem razão. Ainda assim, sou contra os e-books e evitarei ao máximo utilizá-los, pois NADA pode substituir integralmente o bom e velho livro im-

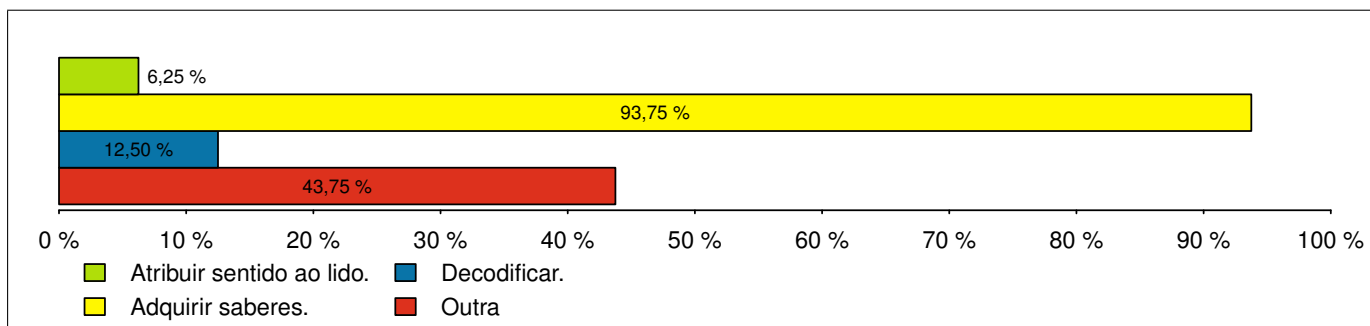
presso. Muitos jovens são tão fiéis adeptos à tecnologia que com certeza irão preferir utilizar modernas tecnologias para ler.

- Os e-books, além de mais baratos, são mais práticos pra levar para os lugares.
- Quanto maior a praticidade na hora de ler, maior a atração que o leitor sente... Com a tecnologia atual, você adapta a leitura ao seu gosto, o que facilita muito nossa leitura!
- UMA PESSOA QUE NÃO SE INTERESSA PELA LEITURA NUNCA VAI SE INTERESSAR POIS TUDO O QUE ELA SUPOSTAMENTE LERIA É MAIS PRATICO ACHAR NA INTERNET .COM AS TECNOLOGIAS É MUITO MAIS PRATICO ENCONTRAR O QUE VOCÊ PROCURA.
- bom, acho que hoje em dia, muitas redes de comunicação, como os blogs e até mesmo o facebook permitem que voce se expresse, mas confesso que gosto da moda antiga mesma de ler os livros impressos, gosto muito de escrever também, apesar de nao praticar muito, com esses suportes digitais que proporcionam a leitura facilitam que as pessoas se informem, que leiam mais , afinal leitura é cultura, na minha opniao só nao lê quem nao quer ou quem nao tem recursos ou que é analfabeto .

Para você, ler é...

ipla escolha com a opção "Outros", respostas: 16x, Não respondido: 0x

posta	Respostas	Ratio
buir sentido ao lido.	1	6,25 %
uirir saberes.	15	93,75 %
Decodificar.	2	12,50 %
Outros. O quê?	7	43,75 %



- é voce entrar naquela historia imaginar tudo o que esta escrito como voce quiser porque nada é estipulado é voce viajar no mundo da leitura é voce viajar mesmo estando parado
- Entreterimento

- entretenimento.
- DIVERSÃO, INTRETENIMENTO
- Entrar em novos mundos, conhecer novas pessoas, alimentar o cérebro.

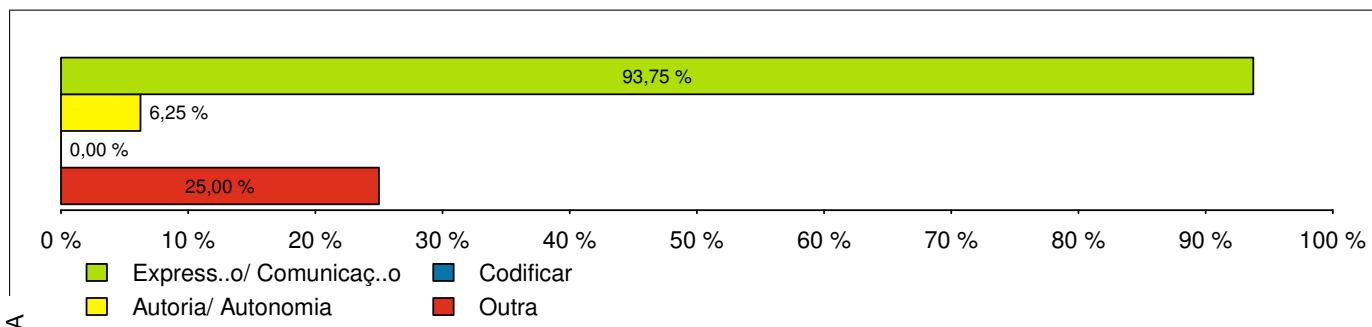
- Se divertir e viajar.

- Lazer

12. Para você, escrever é...

Múltipla escolha com a opção "Outros", respostas: 16x, Não respondido: 0x

Resposta	Respostas	Ratio
Expressão/ Comunicação	15	93,75 %
Autoria/ Autonomia	1	6,25 %
Codificar	0	0,00 %
Outros. O quê?	4	25,00 %



expressar o que esta sentindo o que voce quer informar

Arte.

- DIVERSÃO

- Expressar seus sentimentos, pôr sua criatividade para fora.

Quais as atividades realizadas no seu ano escolar que envolvem leitura e escrita de os? Algumas dessas atividades te incentivaram a ler mais ou a escrever mais?

o de resposta, respostas: 16x, Não respondido: 0x

A CADA BIMESTRE É NECESSÁRIO FAZER 2 PRODUÇÕES TEXTUAIS NA DISCIPLINA DE PORTUGUÊS . NENHUMA DESSAS ATIVIDADES ME INCENTIVARAM A ESCREVER MAIS

- As atividades escolares costumam envolver clássicos literários, o que não me influencia a ler mais porque não acho o tipo de livro atrativo para o adolescente. Nas aulas de redação há um trabalho com diferentes generos textuais de maneira ampla o que facilita a escrita futura.
- As produções textuais e os livros paradidáticos (mas a maioria deles são chatos). Não.
- As produções textuais, trabalhos baseados em livros lidos e o desafio de leitura, onde leio um livro da biblioteca por semana e resumo-o. Essas atividades me deixam com mais vontade de ler livros novos e me deixam inspirada para a criação de histórias.
- Clube do livro.sim

- Durante o meu ano escolar, em cada bimestre lemos um livro. Também, durante as atividades de, praticamente todas as matérias que compõem as ciências da natureza (e outras), é necessária a leitura de textos para uma boa compreensão. Isso me incetiva, não somente a ler ou escrever mais mas sim, a ler com mais segurança, a escrever corretamente e a estudar com mais dedicação.
- Em minha escola, temos uma lista de livros de leitura obrigatória. Em geral, os escolhidos não agradam muito aos estudantes, mas eu procuro ser flexível e aprender a gostar de todos os estilos. Tento não pensar neles como obrigação, e sim como curiosidade de conhecer outras realidades da literatura. Mensalmente realizamos produções textuais, com as quais me sinto limitada. Entendo que precisamos ser preparados para as redações de vestibulares, mas é frustrante não poder expor certas opiniões e me contentar com um número máximo de linhas a serem escritas. Perdoe-me a expressão, mas considero uma castração.

- Fazemos trabalhos sobre os livros lidos ao longo do bimestre e depois vendo o tema dos livros produzimos textos envolvendo tal assunto. Sim ao longo deste ano li alguns livros do Walcyr Carrasco (um autor que nunca imaginei ler) porque trabalhamos uma de suas obras em sala de aula, não só com esse autor mas descobri muitos livros legais de outros autores, Pedro Bandeira...
- Na escola temos que escrever textos e ler livros. Sim, eu sempre leio os livros que a escola pede.
- O estudo da literatura e das escolas literárias me ajudam a entender as linguagens e o porque dessas linguagens serem usadas, me ajudaram a desenvolver a vontade de ler livros antigos pois só lia livros atuais.
- Produção Textual. Não
- Seria o projeto de leitura e ele não me incentivou a ler, pois só indicam livros chatos, mas eu gosto muito de ler
- Tem um "Desafio de leitura", que incentiva os alunos a lerem determinado número de livros em um bimestre

e fazer um resumo de cada um, em troca de pontos no final do bimestre.

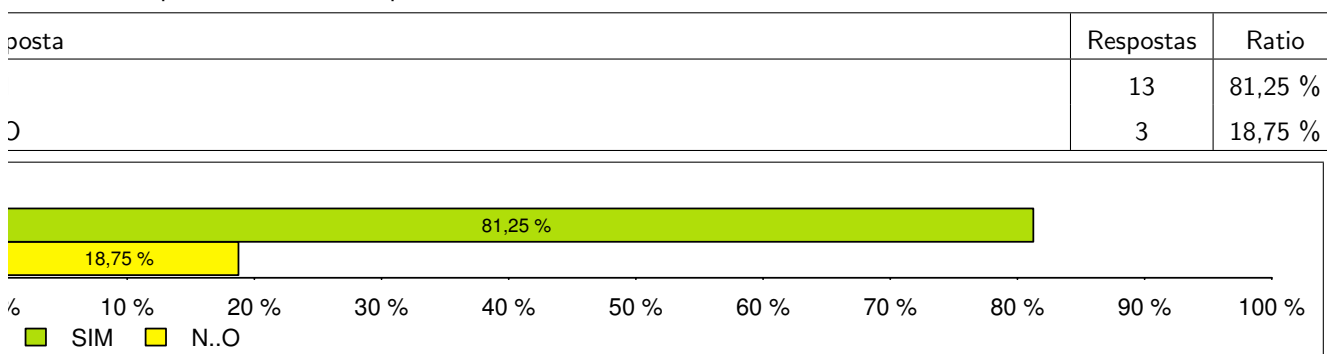
- Trabalhos sobre livros, como: teatros, resumos, paródias. Além de produções textuais sobre: conto maravilhoso, texto teatral, texto argumentativo, entre outros.

Creio que não. Ler sempre foi parte de mim, uma coisa que não aprendi na escola, nem com ninguém. Ler é um refúgio do mundo real.

- Trabalhos, que me obrigam a ler um livro em uma semana, e me incentivam a ler mais.
- na escola na materia de portugues realizamos producoes textuais onde escrevemos varios temas, minha melhor amiga tambem me incentiva porque ela escreve fanfictions, e ela escreve muito bem pra falar a verdade, ela escreve bastante tambem, eu tenho bastante vontade de escrever mas confesso que sou muito preguiçosa e tambem não tem tanta habilidade para a escrita, mas quem sabe daqui algum tempo eu escreva algumas historias ?(risos)

Os professores em geral recomendam leituras de livros, artigos, notícias...?

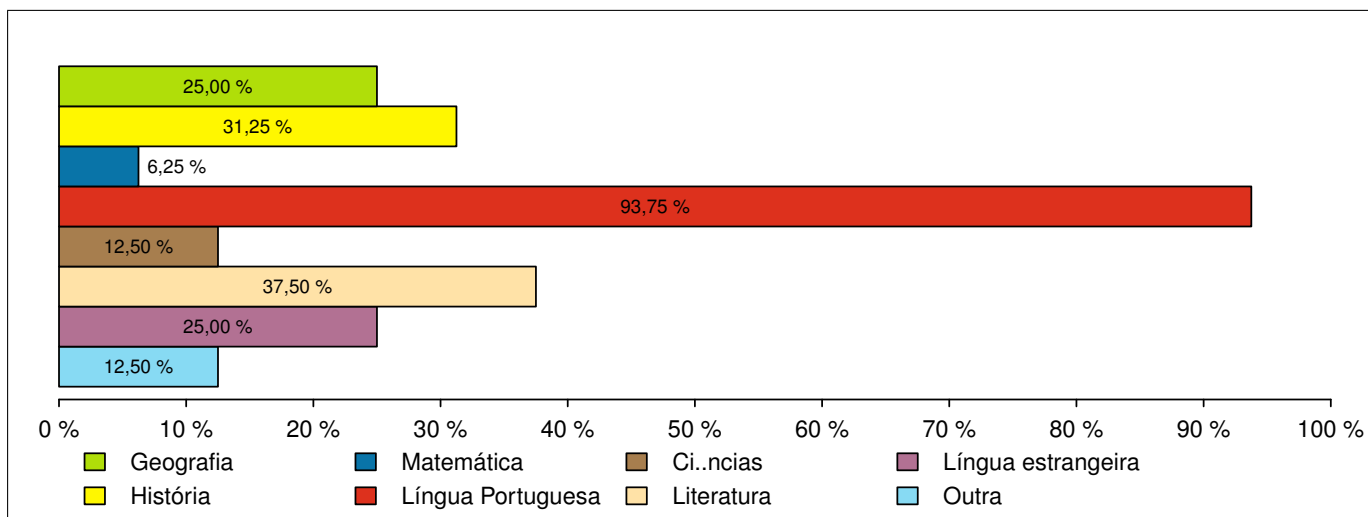
Resposta única, respostas: 16x, Não respondido: 0x



15. A recomendação de leitura de textos literários em geral é feita por professores de quais disciplinas?

Múltipla escolha com a opção "Outros", respostas: 16x, Não respondido: 0x

Resposta	Respostas	Ratio
Geografia	4	25,00 %
História	5	31,25 %
Matemática	1	6,25 %
Língua Portuguesa	15	93,75 %
Ciências	2	12,50 %
Literatura	6	37,50 %
Língua estrangeira	4	25,00 %
Outras. Qual/Quais?	2	12,50 %



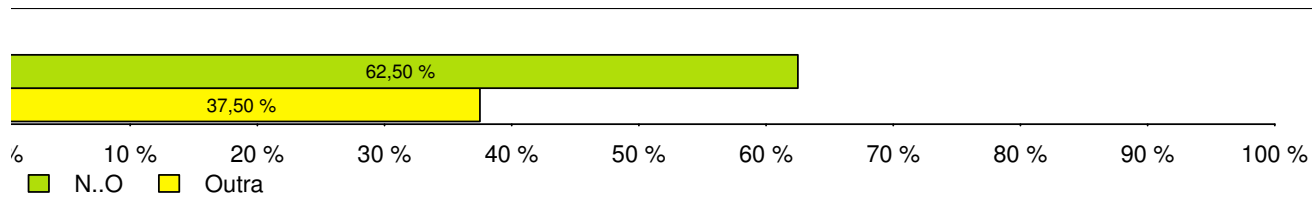
• Filosofia e Religião

• Redação

16. Você conhece algum aplicativo ou outros recursos tecnológicos associados à leitura e escrita?

Resposta única com a opção "Outros", respostas: 16x, Não respondido: 0x

Resposta	Respostas	Ratio
Não	10	62,50 %
Sim	6	37,50 %



E-BOOK

Microsoft Word, Evernote...

- Os leitores de ebook que vem no tablet e no celular e blogs.

- Sites de fanfictions, rede social para debates, avaliações, resenhas e trocas de livros.

- Sites de fanfiction
- Sites por onde baixo livros

17. Você participa de alguma comunidade virtual, blog, site, fórum de discussão em que escreve regularmente? Qual/Quais?

Texto de resposta, respostas: 16x, Não respondido: 0x

- Eu tenho cadastro no Nyah!Fanfiction e posto em duas fanfics atualmente.
- Eu tenho um blog com uma amiga, está bem no início ainda não escrevemos muito, porém eu estou escrevendo meu livro com ajuda da minha professora e a mesma amiga.
- GRUPOS NO FACEBOOK QUE DISCUTEM SOBRE

LIVROS QUE ESTAMOS LENDO OU JÁ LEMOS.
<https://www.facebook.com/groups/106450312863294/>

- Nyah! Fanfiction, onde eu escrevo fanfictions.
- Também no Twitter (em apenas 140 caracteres).
- Não 3x

- Não, quando estou na internet aproveito para ficar jogando, rsrsrs.
- Não, eu não exponho muito minhas opiniões na internet
- O site Skoob e grupos no Facebook.
- Sim, eu e minha melhor amiga criamos um blog, por diversão. Postamos regularmente e fazemos vídeos também.
www.ultimatesecret13.blogspot.com
- Sim, eu participo de dois sites chamados "Amantes da Literatura Romântica" e "Central de Mangás". No

primeiro site, eu baixo pequenos livrinhos de antigos romances. Já no segundo, eu apenas leio as histórias que gosto.

- Sim, facebook
- Sim, o Skoob (rede social citada anteriormente): <http://www.skoob.com.br/>
Site de fanfictions: <http://fanfiction.com.br/>
- Sim, um blog literário chamado Imaginário Literário.
- não

18. O colégio adota o uso de algum recurso tecnológico que favoreça à leitura e à escrita? Você já realizou alguma atividade no colégio que associe a leitura e a escrita às novas tecnologias? Fale sobre a atividade.

Texto de resposta, respostas: 16x, Não respondido: 0x

- ALGUMAS DAS NOSSAS PRODUÇÕES TEXTUAIS FORAM FEITAS NO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA. TAMBÉM TIVEMOS QUE FAZER UM TRABALHO DE PORTUGUÊS SOBRE O LIVRO 'A DROGA DA OBEDIÊNCIA' QUE FIZEMOS UM POWER POINT CONTANDO A HISTÓRIA DE UMA MANEIRA RESUMIDA.

Minha escola está promovendo uma chance para novos autores juvenis mostrarem suas ideias, com certeza participarei!

Não 2x

Não, o colégio onde estudo não fornece nenhum recurso tecnológico.

Não. 2x

Não. Só um ano passado onde tínhamos que escrever uma história no portal educacional e ela foi impressa depois, recebendo inclusive uma capa.

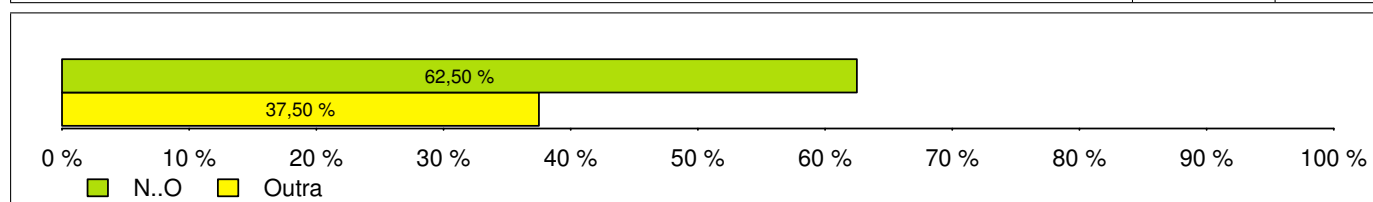
- O colégio apenas fornece a biblioteca que eu uso sempre.
- Sim, concursos de redação no site da escola concorrendo a prêmios.
- Sim, nas aulas de português vamos para a sala de informática para produzir as produções textuais.
- Sim. Na minha escola há um Laboratório de Informática, onde fazemos nossas produções textuais.
- Sim. Sim, usamos o computador para fazer as produções textuais
- Tem a sala de Informática, onde nós vamos quando precisamos fazer algumas produções textuais.
- não, fazemos somente as produções textuais no computador, mas não usamos nenhum aplicativo ou algo parecido.
- não

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1211725/CA

19. Você já leu algum livro em suporte digital?

Escolha única com a opção "Outros", respostas: 16x, Não respondido: 0x

Resposta	Respostas	Ratio
NÃO	10	62,50 %
Outra	6	37,50 %

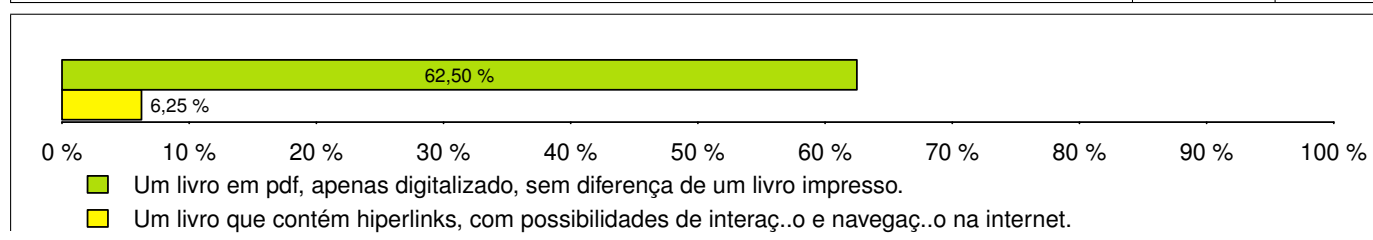


- As vantagens de ser invisível
- O Príncipe da Kiera Cass e O Filho de Sobek do Rick Riordan (eles não foram impressos)
- Em Chamas - Suzanne Collins. Lido em formato pdf no computador.
- Let It Snow
- Vários
- Sussurro

20. Esse livro digital é...

Escolha única, respostas: 11x, Não respondido: 5x

Resposta	Respostas	Ratio
Um livro em pdf, apenas digitalizado, sem diferença de um livro impresso.	10	90,91 %
Um livro que contém hiperlinks, com possibilidades de interação e navegação na internet.	1	9,09 %

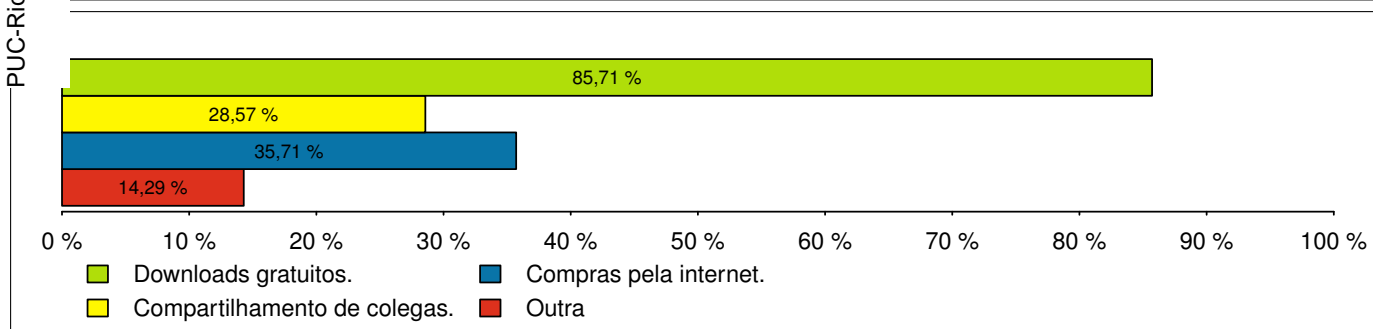


PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1211725/CA

Os livros digitais são lidos por meio de...

Escolha múltipla com a opção "Outros", respostas: 14x, Não respondido: 2x

Resposta	Respostas	Ratio
Downloads gratuitos.	12	85,71 %
Compartilhamento de colegas.	4	28,57 %
Compras pela internet.	5	35,71 %
Bibliotecas digitais. Qual ou Quais?	2	14,29 %

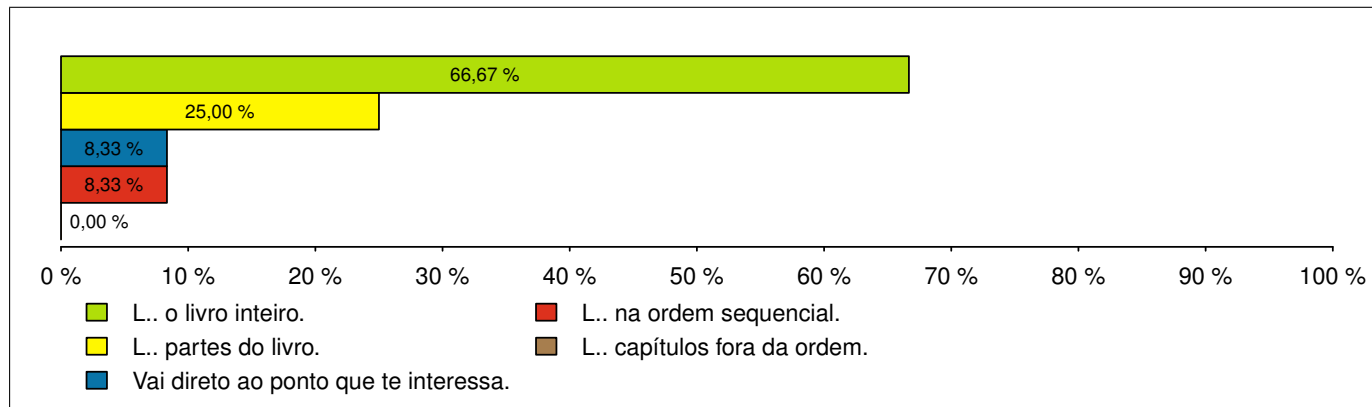


- O site da editora seguinte (foi para um app de ler ebook que não lembro o nome e a saraiva digital)
- não lembro do nome

22. Como se dá sua experiência de leitura digital?

Múltipla escolha, respostas: 12x, Não respondido: 4x

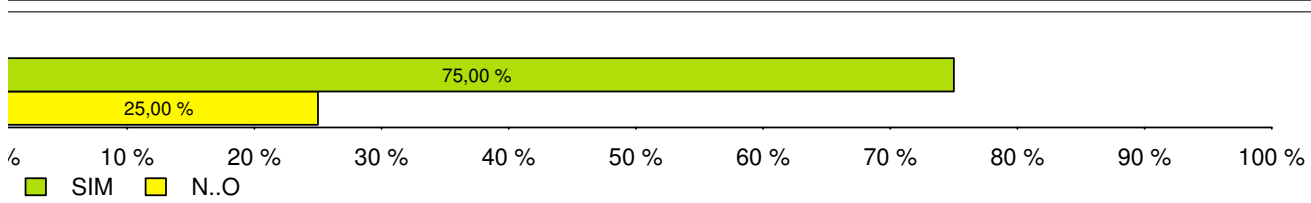
Resposta	Respostas	Ratio
Lê o livro inteiro.	8	66,67 %
Lê partes do livro.	3	25,00 %
Vai direto ao ponto que te interessa.	1	8,33 %
Lê na ordem sequencial.	1	8,33 %
Lê capítulos fora da ordem.	0	0,00 %



Em suas navegações na internet, você tem alguma experiência com a literatura?

Única, respostas: 16x, Não respondido: 0x

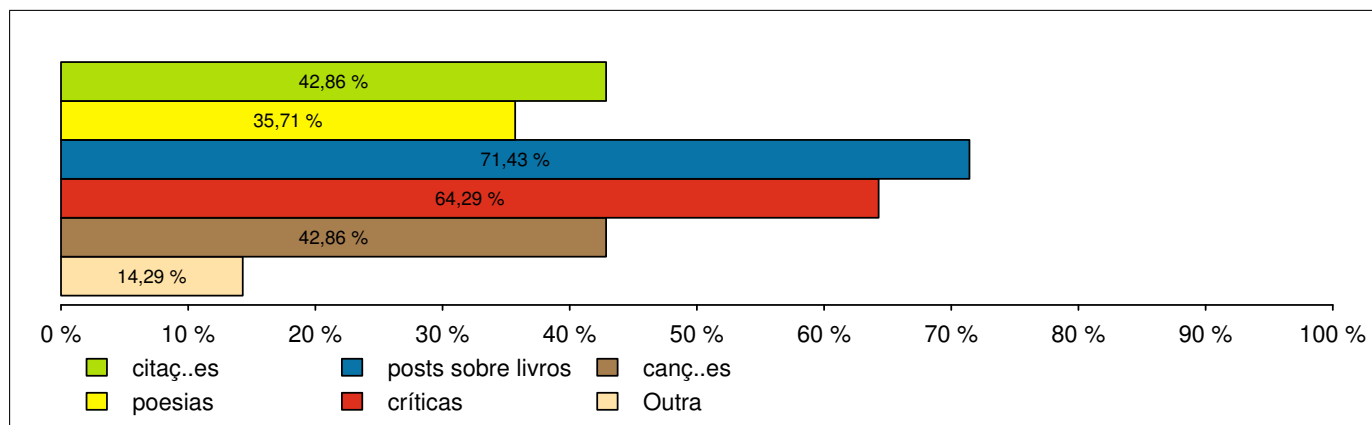
Resposta	Respostas	Ratio
Sim	12	75,00 %
Não	4	25,00 %



24. A sua experiência literária na internet se dá por meio de...

Múltipla escolha com a opção "Outros", respostas: 14x, Não respondido: 2x

Resposta	Respostas	Ratio
citações	6	42,86 %
poesias	5	35,71 %
posts sobre livros	10	71,43 %
críticas	9	64,29 %
canções	6	42,86 %
Outros. Qual/Quais?	2	14,29 %

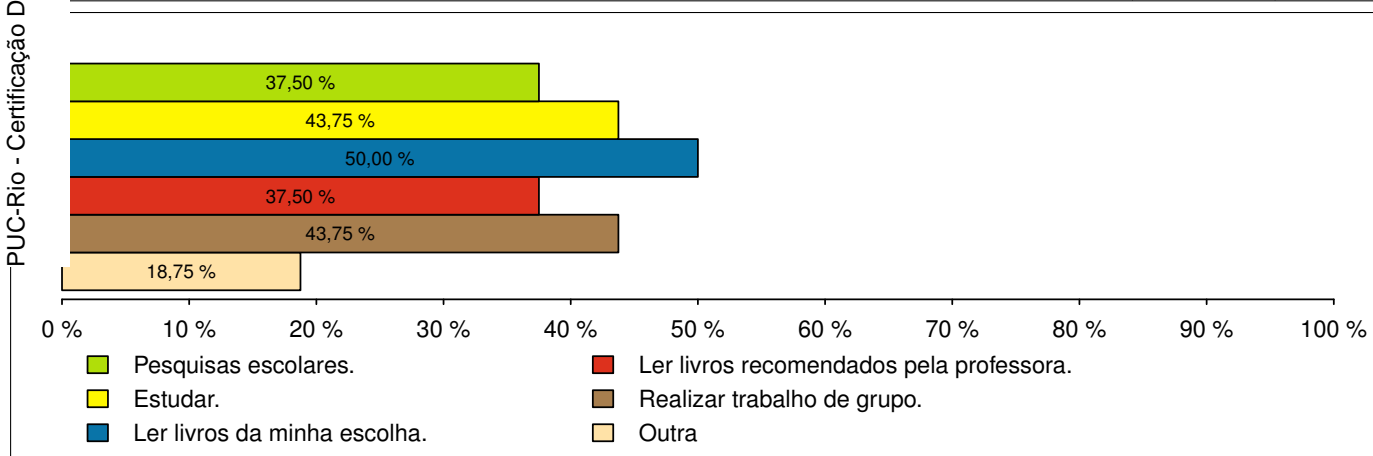


- fanfictions 2x

25. Vou à biblioteca da escola para:

Múltipla escolha com a opção "Outros", respostas: 16x, Não respondido: 0x

Resposta	Respostas	Ratio
Pesquisas escolares.	6	37,50 %
Estudar.	7	43,75 %
livros da minha escolha.	8	50,00 %
livros recomendados pela professora.	6	37,50 %
Realizar trabalho de grupo.	7	43,75 %
Outros. Qual/Quais?	3	18,75 %

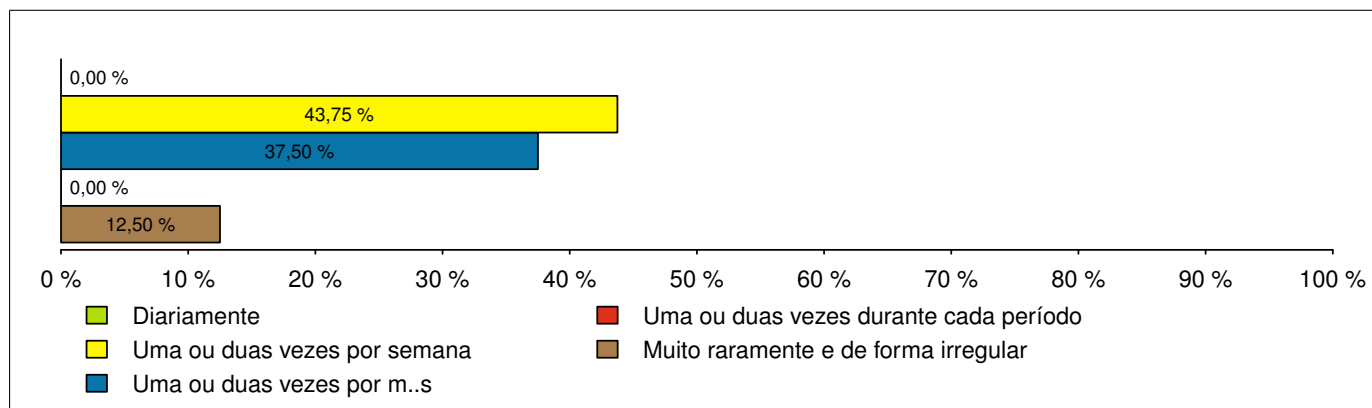


- ler os livros pedidos para trabalhos escolares
- Fazer dever de casa (raro)
- Não há biblioteca

26. Frequento a biblioteca da escola:

Escolha única, respostas: 15x, Não respondido: 1x

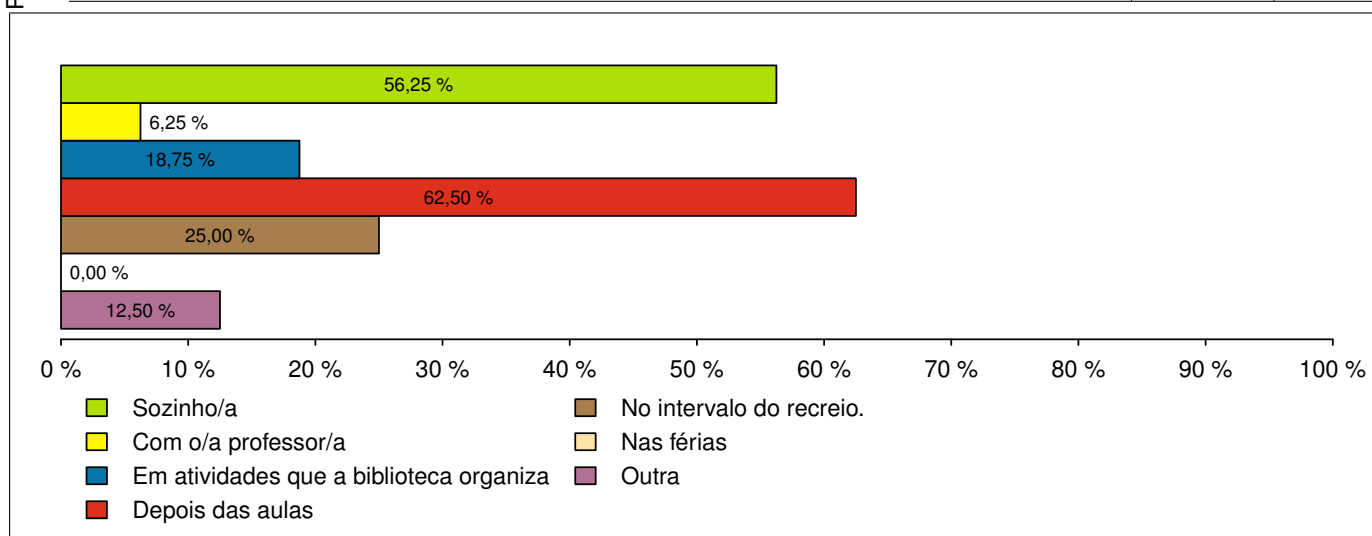
Resposta	Respostas	Ratio
Diariamente	0	0,00 %
Uma ou duas vezes por semana	7	46,67 %
Uma ou duas vezes por mês	6	40,00 %
Uma ou duas vezes durante cada período	0	0,00 %
Muito raramente e de forma irregular	2	13,33 %



Em que situações você mais utiliza a biblioteca para atividades de leitura? (pode nalar uma ou várias hipóteses).

ipla escolha com a opção "Outros", respostas: 16x, Não respondido: 0x

Resposta	Respostas	Ratio
sozinho/a	9	56,25 %
Com o/a professor/a	1	6,25 %
Em atividades que a biblioteca organiza	3	18,75 %
Depois das aulas	10	62,50 %
No intervalo do recreio.	4	25,00 %
Nas férias	0	0,00 %
Outros. Qual/Quais?	2	12,50 %



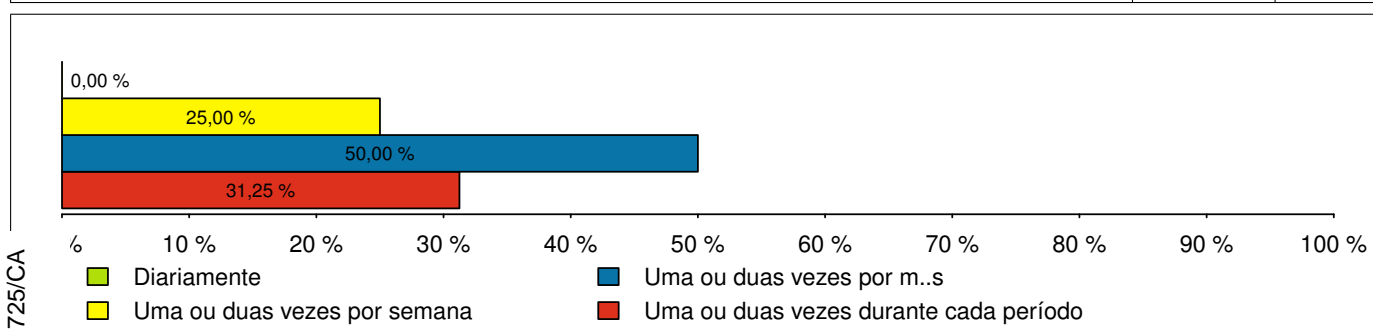
- PREFIRO LER EM CASA

- Quando alguma amiga minha precisa fazer alguma coisa lá

28. Com que frequência você pega livros na biblioteca da escola ou em ambientes virtuais?

Múltipla escolha, respostas: 16x, Não respondido: 0x

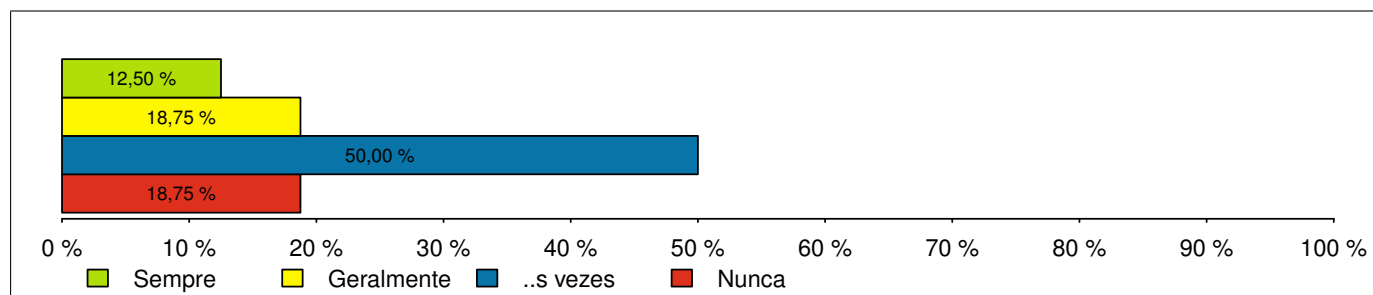
Resposta	Respostas	Ratio
Diariamente	0	0,00 %
Uma ou duas vezes por semana	4	25,00 %
Uma ou duas vezes por mês	8	50,00 %
Uma ou duas vezes durante cada período	5	31,25 %



Quando você vai à biblioteca para ler ou pegar um livro, a bibliotecária ou professora dá sugestões de leitura?

Escolha única, respostas: 16x, Não respondido: 0x

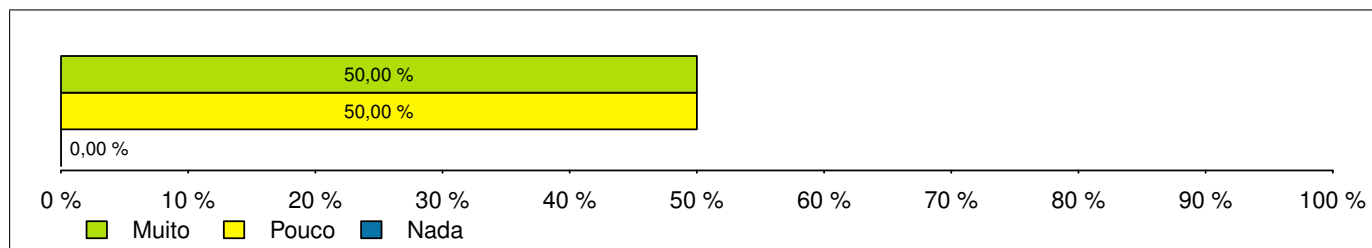
Resposta	Respostas	Ratio
Sempre	2	12,50 %
Geralmente	3	18,75 %
Às vezes	8	50,00 %
Nunca	3	18,75 %



30. Os professores incentivam à leitura?

Escolha única, respostas: 16x, Não respondido: 0x

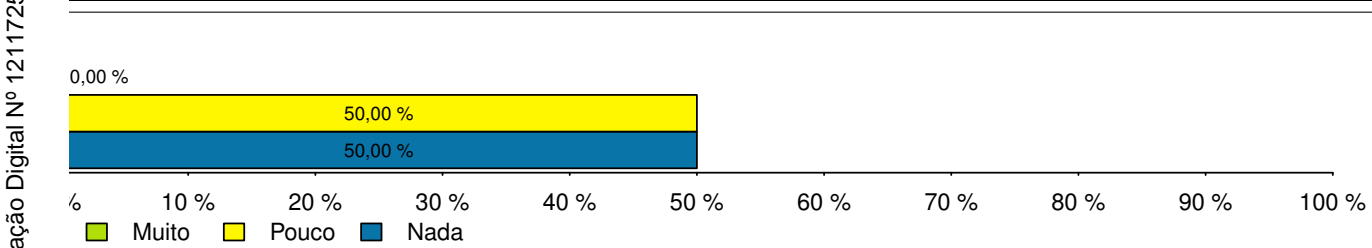
Resposta	Respostas	Ratio
Muito	8	50,00 %
Pouco	8	50,00 %
Nada	0	0,00 %



31. Você costuma participar em atividades de leitura na biblioteca acompanhada/o do professor e de colegas?

Escolha única, respostas: 16x, Não respondido: 0x

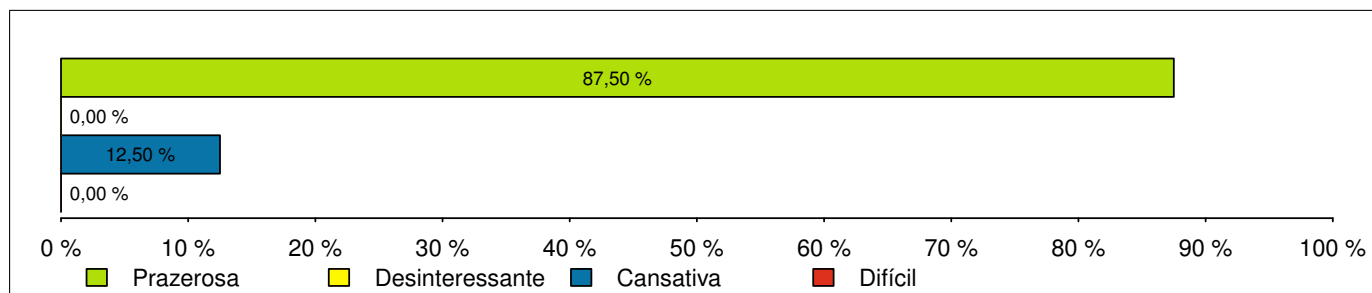
Resposta	Respostas	Ratio
Muito	0	0,00 %
Pouco	8	50,00 %
Nada	8	50,00 %



Para você, ler é uma tarefa:

Escolha única, respostas: 16x, Não respondido: 0x

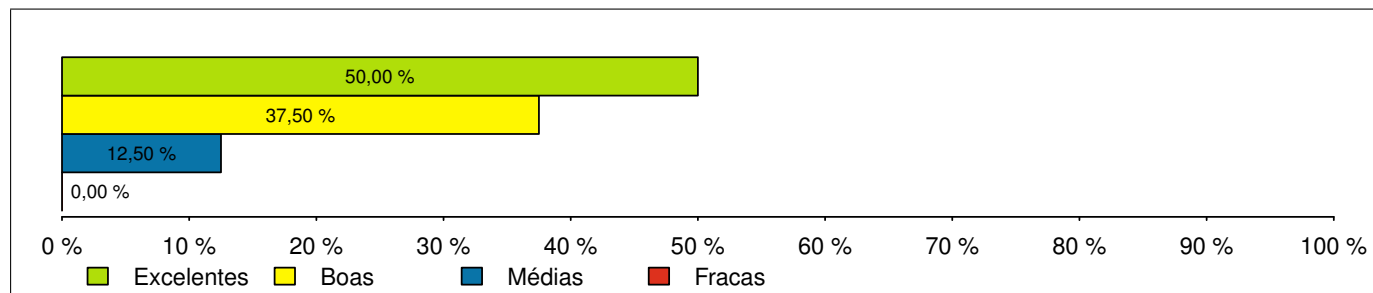
Resposta	Respostas	Ratio
Prazerosa	14	87,50 %
Desinteressante	0	0,00 %
Cansativa	2	12,50 %
Difícil	0	0,00 %



33. Como você classificaria suas competências de leitura?

Escolha única, respostas: 16x, Não respondido: 0x

Resposta	Respostas	Ratio
Excelentes	8	50,00 %
Boas	6	37,50 %
Médias	2	12,50 %
Fracas	0	0,00 %



34. Para você, qual o maior desafio no ato de escrever?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1211725/CA

o de resposta, respostas: 15x, Não respondido: 1x

A norma culta da lingua

Colocar tudo no papel. Às vezes há confusão de muitas idéias que não se encaixam do jeito que deveriam.

Criar todo um enredo baseado em ações fictícias.

Criatividade

Criatividade. Sinto dificuldades em escrever algo inovador, que fuja do padrão da maioria dos livros cujos finais são adivinhados logo nas primeiras páginas.

Escrever algo original que todos gostem e não seja desrespeitoso ao declarar opiniões e ter ideias geniais.

- Inspiração, auto avaliação do texto e busca por qualidade.
- MEU MAIOR DESAFIO NA HORA DE ESCREVER É SABER SE A PESSOA VAI ENTENDER O QUE EU

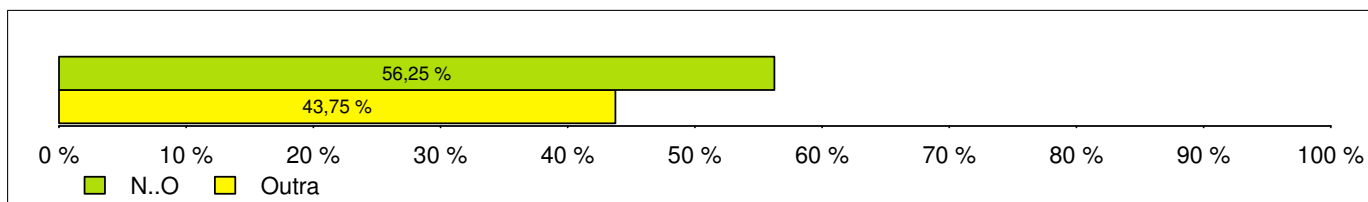
ESTOU ESCREVENDO, SE O MEU TEXTO ESTA CLARO.

- Não possuo desafio.
- Ter ideias para o inicio de um texto, depois que começo acaba sendo fácil - ou quase. Por isso procuro escrever em dupla.
- Tudo..Fazer adaptações e expressar as palavras,usa-las corretamente
- Um pouco de dificuldade com o começo, meio e fim, mas poucas vezes.
- eu sei como começar, mas nao sei como desenvolver a historia para que fique mais original
- nenhuma
- É você saber escrever algo que sabe que o leitor vai gostar de ler.

35. Há atividades na escola ou fora dela que o motivam a ler mais?

Escolha única com a opção "Outros", respostas: 16x, Não respondido: 0x

Resposta	Respostas	Ratio
NÃO	9	56,25 %
Outra	7	43,75 %



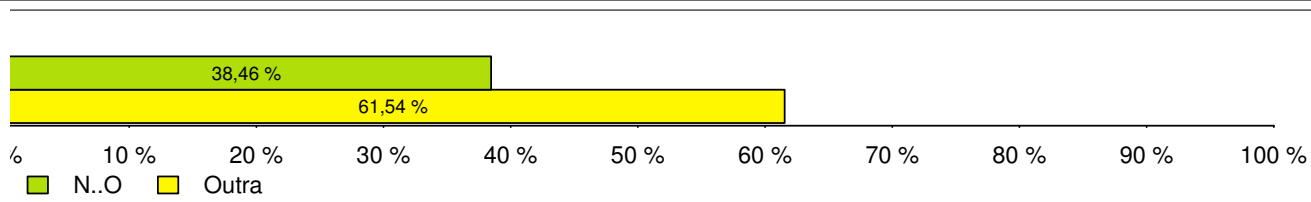
- teatros sobre os livros etc
- Bienal do livro
- As feiras do livro em meu colégio e a Bienal do livro.
- Minhas experiencias com diversos autores.
- Desafio de Leitura, resumo um livro por semana e recebo pontuação direto na média final
- Atividades gerais que envolvem livros, geralmente recomendados pelos professores.
- Clubes de Leitura

36. Há atividades na escola ou fora dela que o ajudam a encontrar livros interessantes?

Escolha única com a opção "Outros", respostas: 13x, Não respondido: 3x

Resposta	Respostas	Ratio
NÃO	5	38,46 %
Outra	8	61,54 %

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1211725/CA



um desfi do livro quem lesse um livro por semana e fizesse um resumo do mesmo ganhava meio ponto dse fosse moderno e se o livro fosse classico ganhava 0.6

Bienal do livro

experiencias com livros

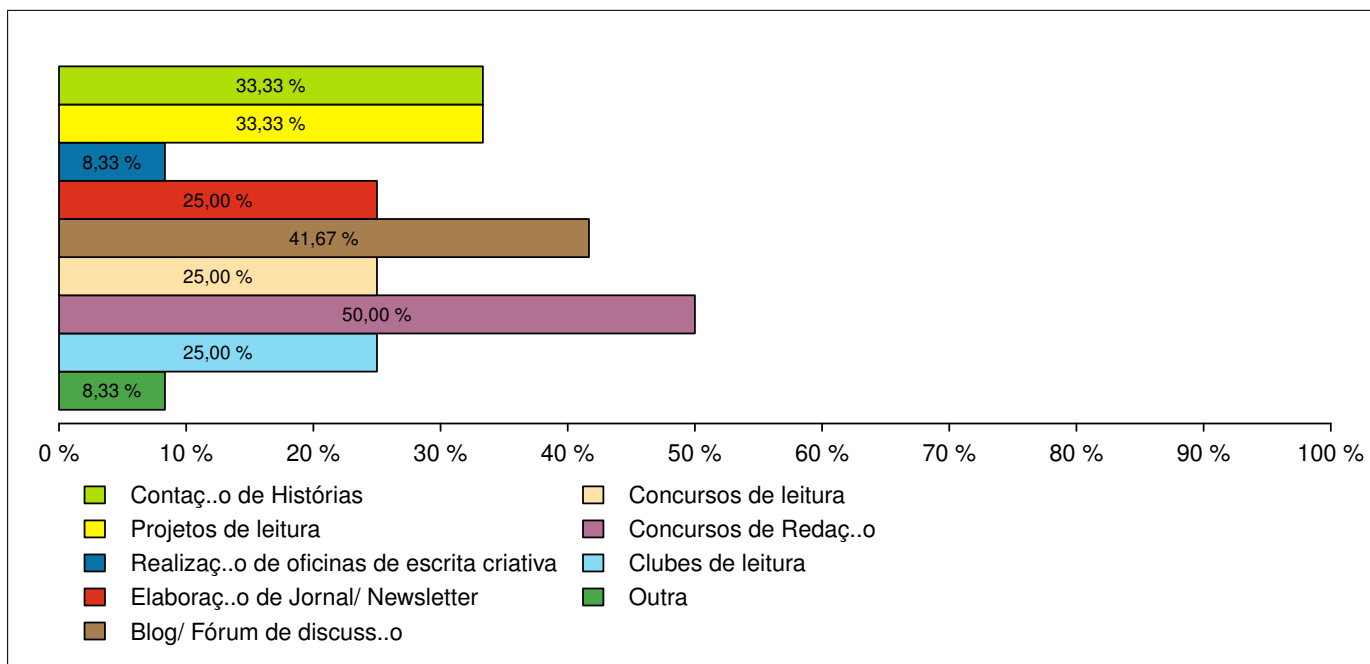
GRUPOS NA INTERNET

- Às vezes, os livros que são pedidos para os trabalhos são interessantes, ou o autor é interessante.
- Encontros de PJO, muitas pessoas recomendam livros ótimos.
- Clubes de Leitura (fora da escola)
- Sugestões de amigos e em grupos literários

37. Você já participou em algumas destas atividades?

Múltipla escolha com a opção "Outros", respostas: 12x, Não respondido: 4x

Resposta	Respostas	Ratio
Contação de Histórias	4	33,33 %
Projetos de leitura	4	33,33 %
Realização de oficinas de escrita criativa	1	8,33 %
Elaboração de Jornal/ Newsletter	3	25,00 %
Blog/ Fórum de discussão	5	41,67 %
Concursos de leitura	3	25,00 %
Concursos de Redação	6	50,00 %
Clubes de leitura	3	25,00 %
Outras. Qual/Quais?	1	8,33 %



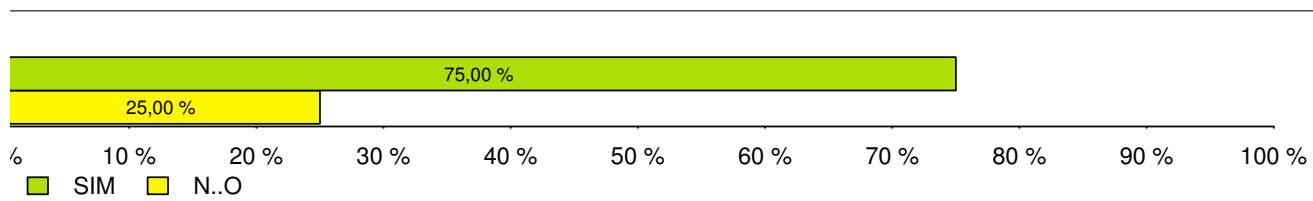
- concurso de fanfictions

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1211725/CA

Agora leio mais livros.

Escolha única, respostas: 16x, Não respondido: 0x

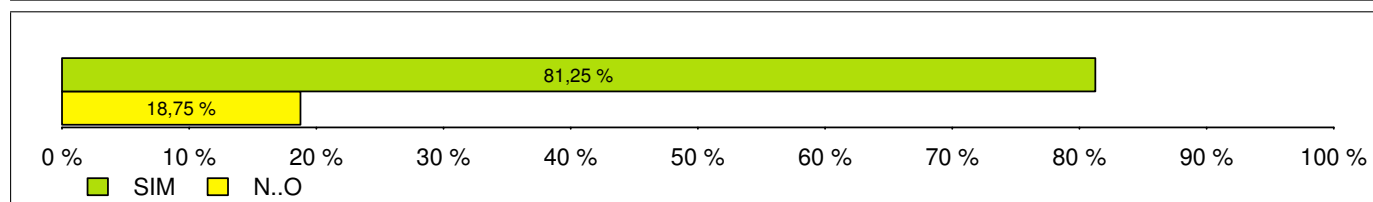
Resposta	Respostas	Ratio
SIM	12	75,00 %
NÃO	4	25,00 %



39. Agora leio mais depressa.

Escolha única, respostas: 16x, Não respondido: 0x

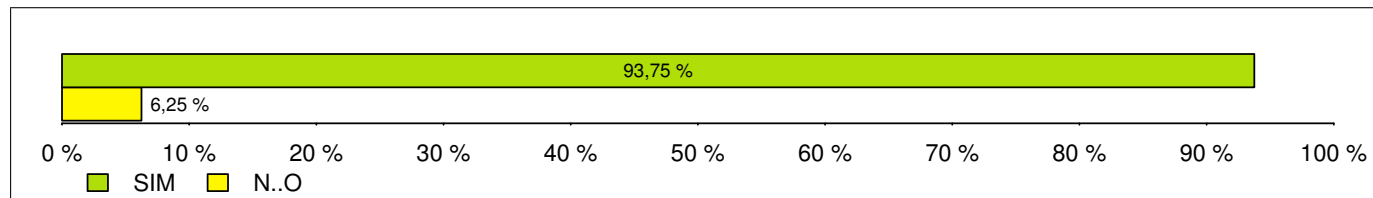
Resposta	Respostas	Ratio
SIM	13	81,25 %
NÃO	3	18,75 %



40. Agora leio livros com textos mais longos.

Escolha única, respostas: 16x, Não respondido: 0x

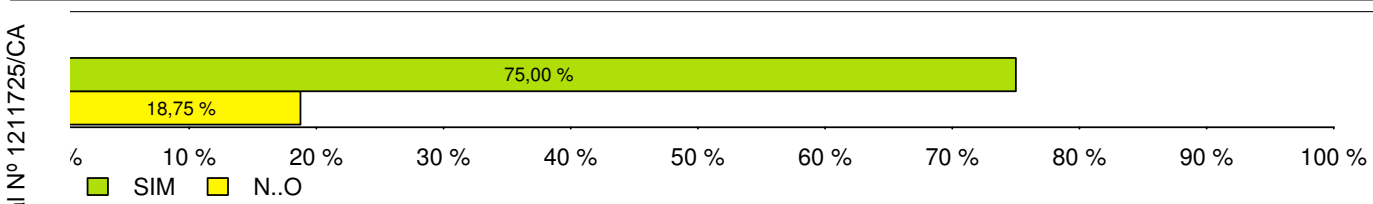
Resposta	Respostas	Ratio
SIM	15	93,75 %
NÃO	1	6,25 %



41. Agora leio qualquer tipo de texto e compreendo melhor o que leio.

Escolha única, respostas: 15x, Não respondido: 1x

Resposta	Respostas	Ratio
SIM	12	80,00 %
NÃO	3	20,00 %

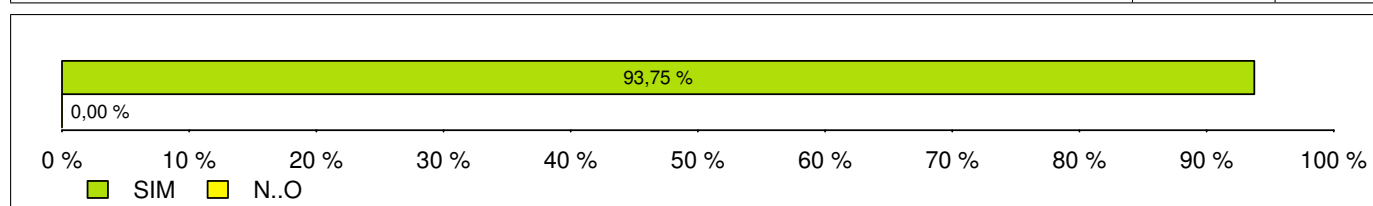


PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1211725/CA

Agora fico menos perdido/a, quando procuro informação na Internet.

Escolha única, respostas: 15x, Não respondido: 1x

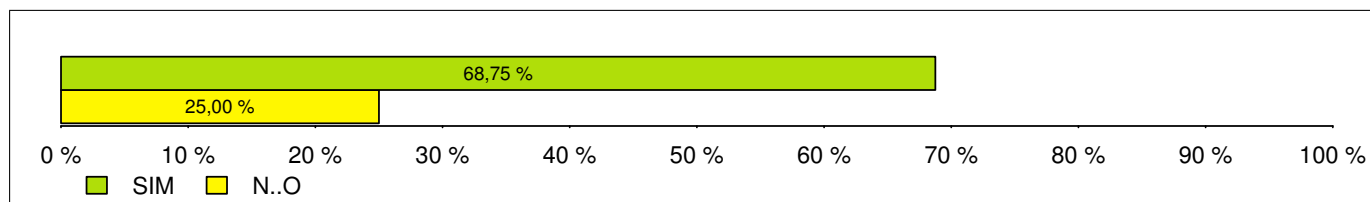
Resposta	Respostas	Ratio
SIM	15	100,00 %
NÃO	0	0,00 %



43. Agora estou mais à vontade para discutir sobre preferências de leitura ou outros assuntos.

Escolha única, respostas: 15x, Não respondido: 1x

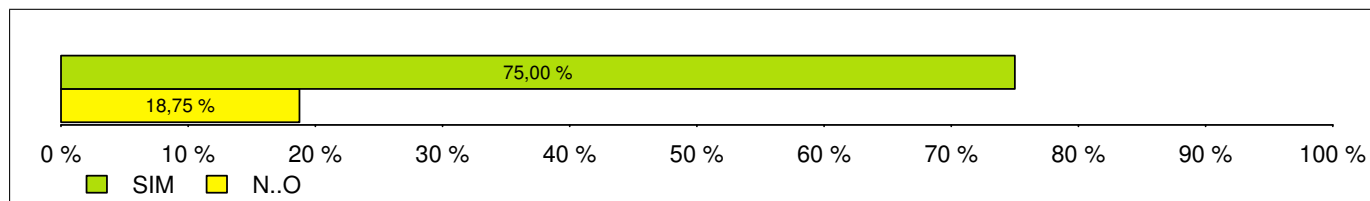
Resposta	Respostas	Ratio
SIM	11	73,33 %
NÃO	4	26,67 %



44. Agora tenho melhores resultados escolares, porque estou mais à vontade na leitura.

Escolha única, respostas: 15x, Não respondido: 1x

Resposta	Respostas	Ratio
SIM	12	80,00 %
NÃO	3	20,00 %

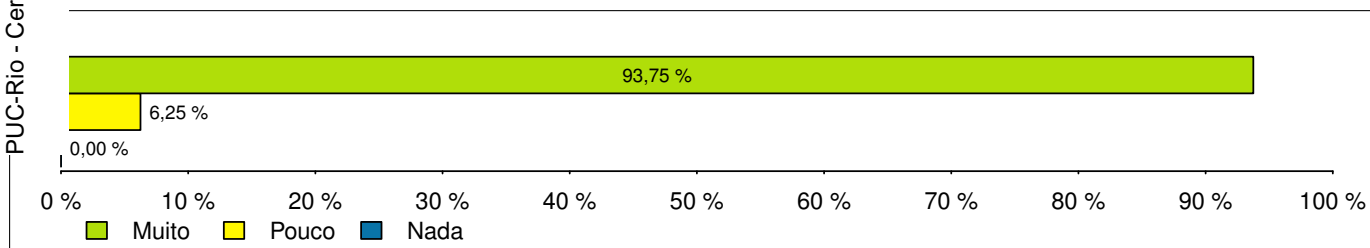


PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1211725/CA

Em que medida você considera que a leitura contribuiu para as suas competências de escrita?

Escolha única, respostas: 16x, Não respondido: 0x

Resposta	Respostas	Ratio
Muito	15	93,75 %
Pouco	1	6,25 %
Nada	0	0,00 %



46. Escrever na web, por meio de redes sociais, blogs e fóruns, representa para você:

Escolha única com a opção "Outros", respostas: 16x, Não respondido: 0x

Resposta	Respostas	Ratio
Uma forma de expressão	9	56,25 %
Compartilhar opinião	5	31,25 %
Fomentar o debate de uma questão	0	0,00 %
Um espaço para ser ouvido(a)	2	12,50 %
Outra	0	0,00 %

